

# ÍNDICE

NOTA EXPLICATIVA .....	2
PRIMEIRO PREFÁCIO.....	3
SEGUNDO PREFÁCIO .....	6

**PRIMEIRA PARTE:  
INTRODUÇÃO À DOCTRINA DO  
ESPÍRITO, DA ALMA E DO CORPO**

1. Espírito, Alma e Corpo.....	10
2. O Espírito e a Alma .....	14
3. A Queda do Homem.....	20
4. A Salvação.....	25

**SEGUNDA PARTE: A CARNE**

5. A Carne e a Salvação.....	32
6. O Crente Carnal .....	38
7. A Cruz e o Espírito Santo .....	43
8. A Ostentação da Carne .....	49
9. A Atitude Definitiva do Crente Para com a Carne.....	54

**TERCEIRA PARTE: A ALMA**

10. Libertos do Pecado e da Vida da Alma.....	61
11. A Experiência dos Crentes da Alma .....	69
12. Os Perigos da Vida da Alma .....	75
13. A Cruz e a Alma .....	80
14. Os Crentes Espirituais e a Alma .....	86

## NOTA EXPLICATIVA

O Sr. Watchman Nee tornou-se bastante conhecido através de muitos livros, que são transcrições de suas mensagens. Alguns provêm de conferências especiais sobre temas específicos. Outros são compilações de várias mensagens, proferidas em ocasiões diversas e agrupadas por assunto. O *Homem Espiritual* foi o único que ele escreveu de próprio punho. Nos dois prefácios que se seguem, o Sr. Nee relata essa experiência com riqueza de detalhes. Quando este livro estava para ser impresso pela segunda vez em chinês, o Sr. Nee manifestou um sentimento contrário a isso, temendo que, pela forma da abordagem, os leitores o tomassem como simples manual de princípios, e não

como um guia de experiência cristã. Entretanto os filhos de Deus apresentavam uma necessidade urgente de ajuda, tanto no que diz respeito à vida espiritual como à batalha espiritual. Como nosso irmão sempre foi submisso aos caminhos do Senhor, e desejoso de servir aos filhos de Deus com tudo aquilo que o Senhor lhe deu, estamos certos de que ele concordaria com sua publicação em outras línguas.

Nosso desejo é que os leitores recebam, com alegria e oração, essas preciosas verdades, que o Senhor tão graciosamente permitiu que chegassem até nós, e que o Espírito Santo nos conduza a toda a verdade, produzindo em nós a tão necessária experiência.

## OBSERVAÇÃO MUITO IMPORTANTE

O original em inglês apresenta dois adjetivos, *soulical* e *soulish*, que não possuem equivalentes em português. Assim, não tivemos outra alternativa senão usar expressões correlatas, que não contêm toda a carga conotativa do original. Por essa razão, essas expressões vêm sempre acompanhadas de um (\*) ou de dois (\*\*) asteriscos, e devem ser entendidas da seguinte maneira:

(\* - *Soulical*) - indica qualidades, funções e expressões próprias, legítimas e naturais da alma do homem; aquilo que Deus pretendeu, desde o início, que ela possuísse ou manifestasse.

(\*\* - *Soulish*) - indica o caráter do homem que é totalmente governado pela alma, de maneira que todo o seu ser assume as características e a expressão dela.

# PRIMEIRO PREFÁCIO

Ao Senhor a quem sirvo apresento minha sincera gratidão por ter me concedido o privilégio de escrever este livro. Esperava que alguém mais capacitado pudesse realizar esta obra. Todavia foi do agrado do Senhor colocá-la em minhas mãos. Se me fosse dado escolher, seria eu a última pessoa a escrevê-la, pois não tenho o menor desejo de fazê-lo. Essa relutância de minha parte não é um anseio de me esquivar da obrigação. Ela brota do reconhecimento de que um livro desse teor, que aborda o caminho da vida espiritual e das estratégias da batalha espiritual, certamente se acha além das possibilidades de alguém cuja experiência com o Senhor tem menos de dez anos. A Bíblia permite ao crente relatar sua experiência, e o Espírito Santo até mesmo o induz a fazê-lo. E será muito melhor, ainda, que experiências como ser "arreatado até ao terceiro céu" sejam mencionadas somente depois de "catorze anos". Não tenho nenhuma experiência de "terceiro céu". Tampouco recebi grandes revelações do Senhor. No entanto, pela sua graça, tenho aprendido a segui-lo nos pequenos detalhes do viver diário. Desse modo, meu propósito nesta obra é apenas comunicar aos filhos de Deus aquilo que ao longo dos anos tenho recebido.

Foi há mais ou menos quatro anos que me senti chamado a escrever este livro. Naquela ocasião, estava descansando, por motivo de fraqueza física, numa pequena cabana perto do rio, orando e lendo a Palavra. Senti que havia uma necessidade urgente de um livro, baseado na Palavra e na experiência cristã, que desse aos filhos de Deus um entendimento claro da vida espiritual. Precisávamos de um livro que o Espírito Santo pudesse usar para ajudar os crentes a prosseguirem na sua caminhada, sem ficar tateando nas trevas. Então entendi que o Senhor estava me comissionando para realizar essa tarefa. Comecei a preparar os capítulos que tratam da distinção entre espírito, alma e corpo, um capítulo sobre o corpo, e também a primeira parte do capítulo que trata da vida da alma. Entretanto, pouco depois, parei de escrever. Além desse trabalho, outras atividades exigiam meu tempo. Contudo esse não era o principal empecilho, pois tinha tempo para escrever. O principal motivo para a interrupção foi que, até essa ocasião, ainda não havia comprovado experimentalmente muitas das verdades sobre as quais eu deveria escrever. Reconhecia que essa falta iria diminuir o valor da obra bem como o poder dela. Preferi esperar para aprender mais, diante do

Senhor, e viver suas verdades na prática. Assim, o que eu escrevesse seriam realidades espirituais, não meras teorias. Então suspendi o trabalho por três anos.

Posso afirmar, porém, que durante todo esse tempo este livro estava diariamente em meu coração. Embora alguns talvez achassem que sua publicação já estava atrasada, percebi claramente a mão do Senhor nisso. Nesses poucos anos, vimos as verdades contidas neste livro, principalmente as do último volume, libertando muitas vidas do poder das trevas, comprovando que havíamos descoberto realidades espirituais. A graça especial do Senhor capacitou-me a entender mais do propósito da redenção divina, que é separar a nova criatura da velha. Louvo a Deus por isso. Ele me concedeu também a oportunidade de conhecer, durante minhas viagens, muitos dos seus mais diletos servos. Com isso pude aumentar minhas observações, meu conhecimento e minha experiência. No contato com as pessoas, o Senhor me mostrou, não apenas o que verdadeiramente está faltando entre seus filhos, mas também a solução revelada na sua Palavra. Portanto quero dizer aos leitores que este livro é um guia sobre a vida espiritual, cujos ensinamentos podem ser comprovados experimentalmente.

Devido à experiência especial que passei em meu corpo durante esses últimos anos, foi-me dado conhecer mais sobre a realidade da eternidade, bem como sobre a grande dívida que tenho para com a igreja de Deus. Desse modo, eu esperava poder concluir este livro dentro de um curto período de tempo. Graças a Deus, o Pai, e a alguns dos meus amigos no Senhor, consegui um lugar tranquilo para descansar e escrever. Com poucos meses, pude terminar da primeira à quarta parte. Embora ainda não tenha iniciado as outras, tenho certeza de que, em tempo oportuno, Deus, o Pai, me concederá a graça necessária.

Este volume está para ser publicado em breve; os outros logo o seguirão. Permita-me então falar francamente. Não foi fácil aprender as verdades contidas neste livro. E escrevê-las foi mais difícil ainda. Posso dizer que, durante dois meses, vivi diariamente nas mandíbulas de Satanás. Que batalha! Que oposição! Tive de lançar mão de todos os poderes do espírito, da alma e do corpo para lutar contra o inferno. No momento, tais batalhas se acham temporariamente suspensas, mas ainda tenho de es-

crever as outras partes. Aqueles que são como Moisés no monte, por favor, não se esqueçam do Josué que está lutando na planície. Sei que o inimigo odeia esta obra profundamente. Ele vai usar todos os meios para impedir que ela chegue às mãos dos leitores, para que não a leiam. Não permitamos que nosso adversário tenha sucesso nisso.

Este livro, a ser publicado em três volumes, não é escrito em forma de sermão, nem de forma expositiva. Como os leitores hão de observar, tratei alguns assuntos de maneira mais extensa que outros. Todos os volumes tratam de vida espiritual e da batalha espiritual. Contudo, em algumas partes, enfatizamos mais a vida espiritual; e em outras, a batalha espiritual. O livro, como um todo, tem por objetivo oferecer orientação espiritual. Desse modo, nossa maior preocupação é ensinar a andar nesse caminho, e não persuadir as pessoas a entrarem nele. Nossa meta não é tanto levar OS indivíduos a buscarem o caminho espiritual, mas ajudar os que já estão procurando conhecê-lo. Que todos aqueles, cujo coração se acha voltado para o Senhor, possam encontrar auxílio nestas páginas.

Sabemos perfeitamente que os leitores deste livro podem estar em níveis espirituais bem diferentes. Assim, se alguém encontrar pontos difíceis de entender, por favor, não os rejeite de todo, nem tente compreendê-los com a mente. Deixe para estudar tais verdades numa fase mais madura. Relendo essa parte difícil mais tarde (digamos, umas duas semanas, ou um mês depois), talvez possa compreendê-la melhor. Não obstante, em todo este livro, focalizamos a vida espiritual como uma experiência. Não se pode entendê-la de nenhuma outra forma. O que no início parece não ter sabor, mais adiante pode tornar-se mais precioso. Quando o leitor alcançar esse estágio, então compreenderá. Mas será que teremos de esperar alcançá-lo para só depois entender? Sendo assim, qual é a utilidade deste livro? Um grande mistério cerca a experiência espiritual do crente. O Senhor nos concede sempre o antegozo de uma vida mais profunda já no momento em que a vislumbramos, antes de a gozarmos completamente. Muitos confundem o antegozo com a plenitude, não percebendo que Deus está apenas começando a guiá-los à posse dessa vida. O que ensinamos neste livro satisfaz às necessidades daqueles que já a provaram, mas ainda não beberam dela plenamente.

Uma prática devemos evitar: usar o conhecimento adquirido neste livro como auxílio para efetuarmos uma auto-análise. Se na luz de Deus vemos a luz, então conheceremos a nós mesmos sem perder a liberdade que temos no Senhor. No entanto, se passarmos o tempo todo nos analisando, dissecando nossos pensamentos e sentimentos, não poderemos

descansar em Cristo de modo completo. Somente poderemos ter um verdadeiro conhecimento de nós mesmos se formos profundamente instruídos pelo Senhor. A introspecção e a busca do autoconhecimento são prejudiciais à vida espiritual.

Será muito proveitoso meditar sobre o plano redentor de Deus. O propósito divino é que, através da nova vida, que recebemos por ocasião da regeneração, o Senhor possa nos livrar do pecado, do natural e do sobrenatural, isto é, do poder satânico do mal, no plano invisível. Precisamos ser libertos desses três fatores. Não podemos omitir nenhum deles. Se um cristão limitar a obra redentora de Deus, contentando-se apenas em vencer o pecado, por exemplo, ficará aquém do propósito de Deus. Temos de vencer a vida natural (o bom ego) da mesma maneira que precisamos derrotar o inimigo sobrenatural. Obviamente é muito bom vencer o pecado, mas, se não subjugarmos o ego mesquinho e o mal sobrenatural, a obra não estará completa. A cruz pode nos conceder essa vitória. Espero, pela graça de Deus, poder enfatizar esses pontos, à medida que avançarmos.

Com exceção da parte final do último volume, em que vamos focalizar o corpo, este livro pode ser considerado um tratado de psicologia bíblica. Tudo aqui está baseado na Bíblia e comprovado através da experiência espiritual. Descobrimos, tanto pelo estudo da Palavra, como pelo viver, que a toda experiência espiritual (como o novo nascimento, por exemplo) corresponde uma mudança em nosso homem interior. Concluimos que a Bíblia divide o homem em espírito, alma e corpo. Mais adiante veremos como esses três elementos diferem no que diz respeito às suas funções e esfera de atuação, particularmente o espírito e a alma. A propósito disso, precisamos dizer algumas palavras referentes à primeira parte deste primeiro volume. Aqueles que buscam crescer na vida espiritual precisam aprender a distinguir entre espírito e alma, e entre suas funções. Só depois de sabermos o que é o espírito e o que é espiritual, é que poderemos andar em espírito. A carência desses ensinamentos é muito grande, por isso procurei dar uma explicação detalhada do assunto. Os crentes que possuem alguma experiência não vão achar nenhuma dificuldade nesta primeira parte. Aqueles que não estão familiarizados com esse estudo precisam reter apenas as conclusões, podendo, em seguida, passar à segunda. Na primeira parte, não tratamos especificamente da vida espiritual. Só fornecemos alguns conhecimentos básicos, que são necessários a ela. Voltando a esta parte, depois de concluir a leitura deste livro, o leitor irá compreendê-la melhor.

Não sou o primeiro a ensinar a distinção entre alma e espírito. Andrew Murray disse certa vez que

o que a igreja e os indivíduos devem temer é uma atividade desordenada da alma, com o poder que ela possui, devido à mente e à vontade. F. B. Meyer declarou que, se não tivesse aprendido a distinguir o espírito da alma, não sabia como teria sido sua vida espiritual. Muitos outros, como Otto Stochmayer, Jessic Penn-Lewis, Evan Roberts e Madame Guyon, deram o mesmo testemunho. Fiz muitas citações dos escritos deles, pois todos recebemos a mesma comissão do Senhor; desse modo, resolvi não anotar as referências a eles.<sup>1</sup>

Escrevemos este livro não somente para crentes como esses, mas também para aqueles que são mais novos do que eu no serviço do Senhor. Nós, que somos responsáveis pela vida espiritual de outros, devemos saber de onde os estamos tirando e para onde os estamos conduzindo. Será que o Senhor quer apenas que ajudemos as pessoas a se livrarem do pecado e a se tornarem mais fiéis? Ou será que existe algo mais profundo? Eu, pessoalmente, acho que a Bíblia já deu a resposta definitiva. O propósito de Deus é que seus filhos sejam totalmente libertos da velha criatura e assumam plenamente a nova. Não importa o que a velha criatura possa parecer ao homem, ela se acha inapelavelmente condenada por Deus. Se nós, obreiros, soubermos o que precisa ser destruído e o que deve ser edificado, não estaremos como cegos guiando cegos.

O ponto de partida de toda vida espiritual é o novo nascimento, o recebimento da própria vida de Deus. Se a finalidade de nosso estudo, de toda a nossa exortação, de toda nossa persuasão, de nossa argumentação, nossa explanação, for apenas um sentimento, um entendimento intelectual e uma determinação da vontade, tudo será inútil. Isso não ajuda ninguém a receber a vida de Deus em seu espírito. Nós, que somos responsáveis pela pregação do evangelho, precisamos fazer com que as pessoas recebam a vida de Deus no fundo do seu ser. Se não receberem, não teremos realizado nada de proveitoso. Se verdadeiramente entendermos bem esse fato, ocorrerá uma mudança drástica em nosso trabalho. Na verdade, com tal conhecimento, iremos reconhecer que muitos que professam crer no Senhor

Jesus realmente nunca o fizeram. As lágrimas, as orações, as mudanças, o zelo e o trabalho não são as características genuínas de um cristão. Felizes de nós, se compreendermos que nossa responsabilidade é levar o homem a receber a vida não-criada de Deus!

Quando me lembro de como o inimigo tentou impedir-me de aprender as verdades que apresento no último volume, sinto-me receoso de que ele venha a impedir alguns de ler este livro. Temo ainda que, se chegarem a lê-lo, talvez venham a se esquecer dele em pouco tempo. Por isso, quero fazer uma advertência ao leitor: Amigo, peça a Deus que não permita que Satanás o impeça de lê-lo. Leia-o em espírito de oração; transforme em oração tudo o que ler. Ore para que Deus o cubra com o capacete da salvação, para que não se esqueça do que leu, ou não se limite a encher a mente de um grande número de teorias.

Precisamos dizer algumas palavras também àqueles que já estão de posse das verdades apresentadas nas páginas que se seguem. Se Deus, pela sua graça, o tem livrado da carne e do poder das trevas, você, por sua vez, deve levar essas verdades a outros. Portanto, depois de digerir o livro completamente, apropriando-se de seus ensinamentos, deverá reunir alguns crentes e ensinar-lhes essas verdades. Se o livro todo for demais, já será bom ensinar uma ou duas partes. Esperamos que as verdades aqui contidas não passem despercebidas. Será muito proveitoso até mesmo emprestar o livro a outros para que o leiam.

Agora este pequeno tratado está nas mãos do Senhor. Se for da vontade dele, possa ele abençoá-lo para o meu crescimento e minha vitória espiritual, bem como de muitos dos meus irmãos. Que a vontade de Deus seja feita. Que o inimigo seja derrotado. Que o Senhor Jesus possa voltar logo para reinar. Amém.

Shanghai

4 de junho de 1927

Watchman Nee

## SEGUNDO PREFÁCIO

Sinto-me muito feliz hoje porque completei a última parte do livro. Recordo que, quando escrevi o primeiro prefácio, eu havia concluído apenas as primeiras quatro partes. Terminadas essas últimas seis, percebo que ainda tenho muito para compartilhar com os leitores. Daí, este segundo prefácio.

Muitos meses se passaram desde que comecei a escrever esta porção final do livro. Verdadeiramente posso dizer que, durante esse período, tenho sentido o encargo desta obra todos os dias. É natural que o inimigo odeie a divulgação da verdade de Deus. Em conseqüência, ele tem me atacado incessantemente. Devo render graças ao Senhor porque até agora a sua graça me tem sustentado. Muitas vezes cheguei a pensar que seria impossível continuar escrevendo, porque a pressão sobre meu espírito era muito forte e a resistência do meu corpo, por demais pequena. Na verdade, cheguei a perder a esperança da própria vida. Entretanto, sempre que o desespero me atingia, eu era fortalecido pelo Deus a quem sirvo, segundo suas promessas e com a ajuda das orações de muitos. Ao ver, agora, a tarefa concluída, sinto-me aliviado do encargo. Que conforto posso experimentar neste momento!

Hoje, reverentemente, ofereço este livro ao nosso Deus. Ele concluiu aquilo que começou. Por isso, minha oração é que o Senhor possa abençoar estas páginas, de modo que cumpram, na igreja, a missão designada por ele. Peço a Deus que abençoe cada leitor, fazendo com que encontre seus retos caminhos e siga o Senhor de modo perfeito. Meu espírito e minha oração, daqui por diante, acompanham esta obra. Que Deus possa usá-la segundo a sua excelente vontade.

Irmãos, não é recomendável que um escritor demonstre demasiado entusiasmo pela própria obra. Contudo agora vou pôr de lado essa formalidade humana. Faço isso não por ser o autor do livro, mas por causa do depósito de verdade que há nele. Se outro o tivesse escrito, eu me sentiria ainda mais livre para conclamar todos a lê-lo. Portanto devo pedir desculpas por tomar meu partido. Sei da importância das verdades aqui contidas e, de acordo com o conhecimento que tenho da vontade de Deus, sinto que elas irão suprir a necessidades prementes do ser humano em nossos dias. Mesmo que eu esteja errado em outras questões, de uma estou certo: eu não tinha a menor intenção de realizar essa tarefa. Só escrevi este livro porque o Senhor me ordenou

isso. As verdades nele contidas não são minhas; foram-me dadas por Deus. Ainda quando eu estava escrevendo, ele me agraciou com muitas bênçãos novas.

Faço questão de que os leitores entendam perfeitamente que esta obra não deve, de modo nenhum, ser considerada um tratado *teórico* sobre a vida espiritual e a batalha espiritual. Eu mesmo posso testemunhar que aprendi essas verdades através de muito sofrimento, ensaios e erros. Creio que posso dizer que cada um dos ensinamentos aqui registrados foi marcado com fogo. E não digo essas palavras de maneira leviana, não; elas procedem do fundo do meu coração. Deus sabe de onde provêm essas verdades.

Ao compor estes volumes, não tive a preocupação de agrupar os princípios similares, relacionados entre si. Simplesmente os fui mencionando à medida que a necessidade ia surgindo. Devido à extrema importância de algumas verdades, posso tê-las mencionado repetidas vezes, esperando que, dessa forma, os filhos de Deus as fixem melhor. Somente pela repetição se retém a verdade, e só pela revisão se consegue aprendê-la. "Assim, pois, a palavra do Senhor lhes será preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali." (Is 28.13.)

Reconheço que existem diversas aparentes incoerências nesta obra. Entretanto o leitor deve lembrar-se de que na verdade elas são apenas aparentes, não reais. Pelo fato de este livro tratar de assuntos do reino espiritual, certamente haverá muitas contradições teóricas aparentes. As questões espirituais freqüentemente parecem contraditórias (2 Co 4.8,9). Entretanto todas elas encontram perfeita harmonia na experiência cristã. Por isso, embora haja pontos que parecem difíceis de entender, peço que o leitor se esforce ao máximo para compreendê-los. Se alguém quiser distorcer esses ensinamentos, sem dúvida poderá "ler" nestas páginas conceitos que não pretendi dizer.

Estou plenamente convicto de que só um tipo de pessoa irá realmente entender este livro. Meu propósito original era o de atender às necessidades espirituais de muitos crentes. É que, obviamente, só os que têm necessidade estarão em condições de apreciá-lo. Estes encontrarão aqui um roteiro. Os demais, ou verão estas verdades como meros ideais, ou as criticarão julgando-as erradas. Cada crente

entenderá o que aqui está escrito de acordo com a medida de sua necessidade. Aquele que não tiver necessidades pessoais não encontrará nenhuma solução para seus problemas na leitura destas páginas. É disso que o leitor deve se acautelar.

Quanto mais profunda a verdade, mais facilmente ela se transforma em teoria. Sem a operação do Espírito Santo, ninguém pode entender as verdades mais profundas. Por isso, alguns vão enxergar estes princípios como uma espécie de ideal. Sejamos cuidadosos, portanto, para que não venhamos a aceitar os ensinamentos deste livro apenas com a mente, e nos enganar a nós mesmos achando que assim já os possuímos. Isso é por demais perigoso, pois o engano que vem da carne e do maligno crescerá a cada dia.

O leitor deve estar vigilante, também, para não utilizar mal o conhecimento obtido nestas páginas, criticando os outros. É muito fácil passarmos a dizer que isto é do espírito e aquilo, da carne. Será que não sabemos que nós mesmos não constituímos exceção? Deus nos concede a verdade para nos libertar, e não para apontarmos os erros de outros. Ao criticar, provamos que não somos nem um pouquinho menos carnis nem vivemos menos pela alma do que aqueles a quem criticamos. O perigo é muito sério; por isso precisamos exercitar muita cautela.

No primeiro prefácio, mencionei um assunto que preciso repetir e ampliar mais aqui. É da maior importância que não tentemos nunca analisar a nós mesmos. Após lermos um tratado como este, podemos, inconscientemente, exagerar na auto-análise. Observando a condição da nossa vida interior, tendemos a analisar demais nossos pensamentos e sentimentos e as mudanças que se passam em nosso interior. Isso pode resultar em aparente crescimento espiritual. Na realidade, porém, só serve para dificultar a solução do problema da vida ego-cêntrica. Se persistentemente nos voltarmos para dentro de nós mesmos, perderemos completamente a paz, pois logo descobriremos a diferença entre o que queremos ser e aquilo que realmente somos. Esperamos ser cheios de santidade, mas descobrimos a ausência dela. Isso nos deixa insatisfeitos. Deus nunca pede para sermos introspectivos. A introspecção constitui uma das principais causas da estagnação espiritual. Nosso descanso está em olhar para o Senhor, e não para nós mesmos. Na proporção em que olhamos para ele, vamos sendo libertos do ego. Descansamos na obra consumada pelo Senhor Jesus Cristo, e não na nossa experiência que é inconstante. A vida espiritual verdadeira não se baseia em sondarmos nossos sentimentos e pensamentos desde o amanhecer até ao anoitecer, mas no olharmos "firmemente" para o Salvador!

Meu desejo é que nenhum leitor se engane, pensando que deve resistir a todo acontecimento sobrenatural. Meu propósito é simplesmente chamar a atenção para a necessidade de provarmos se o evento sobrenatural é de Deus ou não. Sinceramente creio que muitas experiências sobrenaturais vêm de Deus; tenho testemunhado grande número delas. Entretanto devo reconhecer que vários fenômenos sobrenaturais, hoje, são falsos e enganosos. Não tenho a menor intenção de persuadir ninguém a rejeitar tudo que é sobrenatural. Neste livro, simplesmente quero ressaltar as diferenças básicas entre esses dois tipos de manifestação. Quando um crente se defronta com um fenômeno sobrenatural qualquer, deve examiná-lo cuidadosamente, conforme os princípios revelados na Bíblia, antes de decidir se o aceitará ou rejeitará.

Quanto à questão da alma, percebo que muitos cristãos oscilam de um extremo ao outro. Por um lado, costumamos achar que as emoções são provenientes da alma (\*\*). Por isso, é comum dizermos que aqueles que se movem ou se entusiasma com facilidade agem guiados pela alma (\*\*). Por outro lado, esquecemo-nos de que o fato de alguém ser *racional* não o torna espiritual. Devemos evitar o erro de espiritualizar uma vida racional, assim como temos de nos precaver para não achar que uma vida predominantemente emotiva é espiritual. Indo um pouco mais adiante, jamais devemos reduzir as funções da nossa alma a uma inatividade mortal. É possível que nunca tenhamos olhado com preocupação os sentimentos e o entusiasmo de nossa alma, e por isso temos andado segundo eles. Mais tarde, porém, reconhecendo esse erro, reprimimos todas essas emoções. Tal atitude pode parecer correta, mas não nos tornará nem um pouquinho mais espirituais. Tenho certeza de que, se o leitor tiver qualquer dúvida acerca disso, ainda que insignificante, sua vida se tornará "morta". Por que isso? Porque seu espírito, sem nenhuma oportunidade de se expressar, estará aprisionado por uma emoção amortecida. Além disso, há ainda um perigo: o crente que reprimir demasiadamente as emoções, torna-se um ser racional, mas, não, espiritual. Desse modo, ele continua sendo guiado pela alma (\*\*), embora a forma agora seja outra. Se, porém, o entusiasmo da alma expressa o sentimento do *espírito*, é extremamente válido. E se ele exprime a mente do espírito, pode ser bastante instrutivo.

Gostaria de dizer algo sobre a parte final do livro. Considerando a fragilidade do meu corpo, devo ser a pessoa menos qualificada para escrever sobre tal assunto. Por outro lado, é possível que essa minha fragilidade me proporcione uma percepção mais profunda, uma vez que sofro mais fraqueza, doença e dor que a maioria das pessoas. Por diversas vezes, minha coragem pareceu falhar, mas,

graças a Deus, pude concluir essa parte. Espero que aqueles que têm tido experiências semelhantes em seu "tabernáculo terreno" possam aceitar o que escrevi como uma luz proveniente das trevas pelas quais passei. Naturalmente as controvérsias a respeito da cura divina são inúmeras. Uma vez que este livro trata basicamente de princípios, abstenho-me de discutir com outros crentes acerca de detalhes. Neste livro, digo o que senti que eu deveria dizer, aquilo que Deus me inspirou a dizer. No tocante a doenças, peço aos leitores que procurem distinguir aquilo que vem de Deus e o que vem do ego.

Confesso que há muitas partes incompletas nesta obra. Contudo fiz o melhor que pude, e ofereço este melhor ao leitor. Conhecendo a seriedade da mensagem, pedi ao Senhor, com temor e tremor, para me guiar ao longo de todo o processo. Aquilo que escrevi apresento à consciência dos filhos de Deus, para que possam avaliar.

Reconheço que uma obra que busca descobrir as sutilezas do inimigo certamente atrairá a hostilidade do poder das trevas bem como a oposição de muitos. Não escrevi com o propósito de obter a aprovação dos homens. Portanto considero essa oposição como de nenhuma importância. Reconheço também que, se os filhos de Deus tirarem proveito da leitura deste livro, poderão pensar a meu respeito mais do que devem. Permitam-me falar com toda sinceridade. Sou apenas um homem, o mais fraco den-

tre eles. Os ensinamentos contidos nestas páginas revelam as experiências das minhas fraquezas.

Agora o livro está nas mãos dos leitores. Isso se deve unicamente à graça de Deus. Caso o leitor tenha coragem e perseverança para ler a primeira parte e ir até o fim, talvez Deus o abençoe, revelando-lhe sua verdade. Quando terminar de ler toda a obra, quero rogar-lhe que, depois de algum tempo, a leia novamente. Amados, mais uma vez voltemos o coração para nosso Pai, lancemo-nos em seus braços pela fé, buscando nele sua vida. Confessemos mais uma vez que somos pobres, mas ele é rico; que não temos nada, mas ele tem tudo. Se não nos tornamos participantes da graça divina, não passamos de pecadores perdidos. Possamos nós louvá-lo com o coração agradecido, pois o Senhor Jesus nos conferiu graça.

Pai Santo, aquilo que me confiaste está agora neste livro. Se te parecer bem, abençoa-o. Que tu possas, nestes últimos dias, guardar teus filhos da carne corrupta e dos espíritos malignos! Pai, que possas edificar o corpo do teu Filho, destruir o inimigo do teu Filho, e apressar a vinda do reino do teu Filho! Deus Pai, estou olhando para ti, sobre ti lanço meu ser, e anelo por ti!

Shanghai,

25 de junho de 1928

Watchman Nee



PRIMEIRA PARTE

INTRODUÇÃO À  
DOCTRINA DO  
ESPÍRITO, DA ALMA E  
DO CORPO



# 1

## ESPÍRITO, ALMA E CORPO

De acordo com o entendimento generalizado, os seres humanos apresentam uma constituição dualística: alma e corpo. Essa concepção estabelece que a alma é a parte espiritual, invisível, interior; enquanto o corpo é a parte corpórea, visível, exterior. Há alguma verdade nisso, entretanto não se trata de um conceito preciso. Tal opinião procede do homem decaído, não de Deus. E qualquer conceito que não vem da revelação divina não é digno de crédito.

É claro que o corpo é o revestimento exterior do homem. Não há dúvida disso. Contudo a Bíblia jamais confunde espírito e alma. Ela não os apresenta como elementos idênticos. São conceitos diferentes, e têm naturezas diversas, também. A Palavra de Deus não ensina que o homem possui duas partes, alma e corpo. Antes, mostra-o como um ser de três partes: espírito, alma e corpo. É o que lemos em 1 Tessalonicenses 5.23: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo". Esse versículo mostra de modo preciso que o homem é dividido em três partes. O apóstolo Paulo se refere aqui à santificação completa do crente, dizendo "vos santifique em tudo". Então, de acordo com o apóstolo, como é que uma pessoa é santificada em tudo? Pela conservação do seu espírito, da sua alma, e do seu corpo. Por isso podemos entender facilmente que somos constituídos dessas três partes. Esse versículo faz também uma distinção entre o espírito e a alma. Se assim não fosse, Paulo teria dito simplesmente "vossa alma". Deus fez distinção entre o espírito e a alma humana. Concluímos então que o homem é constituído não de duas, mas de três partes: espírito, alma e corpo.

Será que é importante considerar a existência de espírito e alma como duas entidades distintas? É uma questão de importância *suprema*, pois afeta grandemente nossa vida espiritual. Como é que um crente poderá entender a vida espiritual, se não souber qual é a extensão da esfera do espírito? Sem essa compreensão, como é que ele poderá crescer espiritualmente? Se não fizermos distinção entre o espírito e a alma,

não chegaremos à maturidade espiritual. Os cristãos muitas vezes vêem os aspectos da alma (\*) como sendo espirituais. Por isso deixam-se orientar pela alma (\*\*), não buscando o que é realmente espiritual. Certamente teremos prejuízo se acharmos que esses elementos que Deus separou são um só.

O conhecimento espiritual é muito importante para a vida espiritual. Entretanto tão importante quanto isso (se não mais) é que o crente seja humilde e esteja desejoso de aceitar o ensino do Espírito Santo. O Espírito concederá, a quem satisfizer essa condição, a bênção de experimentar na prática a divisão entre espírito e alma, mesmo que o conhecimento desse crente nessa área seja limitado. É certo que todo cristão, até o que não tem a menor idéia dessa doutrina, pode conhecê-la por experiência. E é certo, também, que o crente mais instruído, inteiramente versado nessa verdade, pode não tê-la experimentado. O ideal é que detenhamos tanto o conhecimento como a experiência. A maioria, porém, carece da experiência. Portanto, no início, é bom conduzir os mais novos ao conhecimento das diversas funções do espírito e da alma, para depois incentivá-los a buscar o que é espiritual.

Existem outros textos das Escrituras que fazem a mesma distinção entre espírito e alma. "Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir *alma e espírito*, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração." (Hb 4.12 - grifo do autor.) Nesse versículo, o escritor divide os elementos não-corpóreos do homem em dois: "alma e espírito". A parte corpórea aqui são as juntas e medulas - órgãos do movimento e dos sentidos. Quando o sacerdote usava a espada para cortar e dividir completamente as partes do animal imolado, nada no interior podia ficar escondido. Havia separação até entre juntas e medulas. Da mesma forma, o Senhor Jesus aplica a Palavra de Deus ao seu povo para separar tudo, para penetrar até a divisão do espírito, da alma (\*) e do corpo. A alma e o espírito podem ser divididos; logo, possuem naturezas diferentes. Desse modo, torna-se evidente que o homem é constituído de três partes.

## A CRIAÇÃO DO HOMEM

"Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente." (Gn 2.7.) No início, Deus criou o homem, formando-o do pó da terra. Depois soprou "o fôlego de vida" em suas narinas. Tão logo o fôlego de vida, que se tornou o espírito do homem, entrou em contato com o corpo, a alma foi gerada. Portanto a alma é resultado da união do corpo com o espírito. E por isso que as Escrituras chamam o homem de "alma vivente". O fôlego de vida tornou-se o espírito do homem, que é o princípio de vida que há nele. O Senhor Jesus diz que "o espírito é o que vivifica" (Jo 6.63). Esse fôlego de vida vem do Senhor da criação.

Todavia não devemos confundir o espírito *do homem* com o Espírito Santo de Deus. Este último é diferente do espírito humano. Podemos ver essa diferença em Romanos 8.16, que declara que o "Espírito testifica *com* o nosso espírito que somos filhos de Deus" (grifo do autor). O termo original traduzido como "vida" na expressão "fôlego de vida" é *chay*, e está no plural. Isso pode estar indicando que o sopro de Deus produziu uma vida dupla: a vida da alma (\*) e a do espírito. Quando o sopro de Deus entrou no corpo do homem, tornou-se o espírito do homem. Assim que o espírito interagiu com o corpo, a alma passou a existir. Essa é a origem da vida do espírito e da alma (\*). Precisamos reconhecer, porém, que esse espírito não é a *própria* vida de Deus, pois "o sopro do Todo-Poderoso me dá vida" (Jó 33.4). Também não se trata da vida eterna de Deus, nem tampouco da vida de Deus que receberemos por ocasião da regeneração. Essa vida, a que recebemos no novo nascimento, é a própria vida de Deus tipificada pela árvore da vida. Nosso espírito, embora existindo permanentemente, é destituído da "vida eterna".

A expressão "formou ao homem do pó da terra" refere-se ao corpo do homem. A frase "e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida" fala do espírito do homem, que veio de Deus. "E o homem passou a ser alma vivente" relata a criação da alma do homem, quando o corpo foi vivificado pelo espírito e ele se tornou um ser vivo e consciente de si. O homem completo é uma trindade. E composto de espírito, alma e corpo. De acordo com Gênesis 2.7, ele foi feito de apenas dois elementos independentes: o corpóreo e o espiritual. Contudo, quando Deus soprou o espírito dentro daquela estrutura de terra, a alma foi gerada. O espírito do homem, em contato com o corpo inanimado, gerou a alma. O corpo separado do espírito estava morto; com o espírito, porém, o homem passou a viver. O elemento constituinte que resultou disso foi chamado de "alma".

A frase "e o homem passou a ser alma vivente" não expressa apenas o fato de que a combinação do

espírito com o corpo produziu a alma. Indica, também, que o espírito e o corpo estavam completamente *fundidos* nessa alma. Em outras palavras, a alma e o corpo estavam juntos com o espírito, e o espírito e o corpo, fundidos na alma. "Em seu estado anterior à queda, Adão nada sabia dessas incessantes lutas entre espírito e carne, que, para nós, são experiências diárias. Suas três naturezas se *uniam* perfeitamente, formando uma só. A alma, como fator de unidade, tornou-se a base de sua individualidade, de sua existência como ser distinto." (Pember's *Earth's Earliest Age*.) O homem foi denominado "alma vivente" porque era nesta que o espírito e o corpo se encontravam, e nela também se manifestava sua individualidade. Talvez possamos usar uma ilustração, ainda que imperfeita. Se derrarmos um pouco de tintura num copo d'água, os dois elementos vão se misturar, formando algo diferente, a tinta de escrever. Da mesma forma, espírito e corpo, dois elementos independentes, unem-se tornando-se alma vivente. (A analogia não é perfeita porque a alma, gerada pela combinação do espírito com o corpo, torna-se um elemento independente e indissolúvel, tanto quanto o espírito e o corpo.)

Deus dispensou um tratamento todo especial à alma do homem. Os anjos foram criados como seres espirituais; o ser humano, predominantemente como alma vivente. O homem, além de ter corpo, possuía também o fôlego da vida. Por isso tornou-se alma vivente também. Assim é que, nas Escrituras, Deus frequentemente se refere aos homens como "almas". E por que isso? Porque aquilo que o homem é depende de como é sua alma. Esta o representa e expressa sua individualidade. É a sede do livre-arbítrio do homem, o lugar onde o espírito e o corpo se unem de maneira perfeita. Se a alma do homem quiser obedecer a Deus, permitirá que o espírito o governe, conforme ordenado por Deus. Se ela preferir, poderá, também, na condição de dominadora do homem, reprimir o espírito e deleitar-se fora do Senhor. Esta trindade, espírito, alma e corpo, pode ser ilustrada, ainda que de modo imperfeito, por meio de uma lâmpada elétrica. Dentro da lâmpada, que representa o homem total, existem a eletricidade, a luz e o filamento. O espírito seria a eletricidade; a alma, a luz; e o corpo, o filamento. A eletricidade é a causa da luz, e a luz é o efeito da eletricidade. O filamento é o elemento material que conduz a eletricidade e também manifesta a luz. A combinação do espírito com o corpo produz a alma, aquilo que é singular no homem. A eletricidade, conduzida pelo filamento, manifesta-se através da luz; do mesmo modo o espírito atua sobre a alma que, por sua vez, expressa a si mesma através do corpo.

Existe, porém, uma verdade que deve estar bem presente em nossa lembrança. Na vida atual, a alma é o ponto de convergência dos elementos constitutivos do nosso ser. Em nosso estado ressurreto, porém, o espírito será o poder governante. Isso porque a Bí-

bliã diz que "semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual" (1 Co 15.44). Todavia eis aqui um ponto vital: nós, que fomos unidos ao Senhor ressurreto, podemos, já no presente, ter nosso espírito governando todo o nosso ser. Não estamos unidos ao primeiro Adão, feito alma vivente, mas ao último, que é espírito vivificante (v. 45).

## FUNÇÕES CARACTERÍSTICAS DO ESPÍRITO, DA ALMA E DO CORPO

É através do corpo físico que o homem entra em contato com o mundo material. Portanto podemos defini-lo como o elemento que nos possibilita ter *consciência do mundo*. A alma compreende o intelecto (que nos ajuda na presente existência) e as emoções (que procedem dos sentidos). A alma pertence ao próprio ego do homem e revela sua personalidade, por isso é denominada de *autoconsciência*. É através do espírito que temos comunhão com Deus e somente por ele podemos compreendê-lo e adorá-lo. Por isso se diz que ele é o elemento que nos confere *consciência de Deus*. Deus habita no espírito; o eu, na alma; e os sentidos, no corpo.

Conforme já dissemos, a alma é o ponto de convergência do espírito e do corpo; é nela que eles se unem. Por meio do seu espírito, o homem se relaciona com o mundo espiritual e com o Espírito de Deus, recebendo e também expressando o poder e a vida do reino espiritual. Através do corpo, o homem entra em contato com o mundo exterior dos sentidos, influenciando-o e sendo influenciado por ele. A alma permanece entre esses dois mundos e pertence a ambos. Está ligada ao mundo espiritual, através do espírito, e ao material, por meio do corpo. Ela possui também o poder do livre-arbítrio, por isso é capaz de tomar decisões relacionadas com o meio em que se encontra. O espírito não pode atuar diretamente sobre o corpo. Precisa de um intermediário, a alma que, por sua vez, é gerada pelo contato do espírito com o corpo. Portanto a alma fica entre o espírito e o corpo, unindo-os. Por intermédio da alma, o espírito pode subjugar o corpo, para que obedeça a Deus. Da mesma forma, o corpo, através da alma, pode levar o espírito a ter amor pelo mundo.

Desses três elementos, o espírito é o mais nobre porque se une com Deus. O corpo é o inferior, pois está em contato com a matéria. Situada entre eles, a alma os une e recebe o caráter de ambos, como sendo dela própria. Ela também torna possível a comunicação e a cooperação entre o espírito e o corpo. A função da alma é manter esses dois elementos num relacionamento harmonioso. Isto é, o corpo, que é o inferior, fica subordinado ao espírito; e o espírito, que é o mais elevado governa o corpo através da alma. O principal elemento constituinte do homem é, sem sombra de dúvida, a alma. Ela busca no espírito aquilo que ele recebeu do Espírito Santo. Em seguida,

depois de aperfeiçoada, ela transmite ao corpo aquilo que recebeu. Assim, o corpo também poderá participar da perfeição do Espírito Santo, tornando-se corpo espiritual.

O espírito é a parte mais nobre do homem e ocupa o mais profundo do seu ser. O corpo é a menos nobre, e acha-se situado na parte mais externa. Entre os dois, encontra-se a alma, servindo de intermediária. O corpo é o abrigo dentro do qual a alma se aloja. Esta é a "capa" que reveste o espírito. O espírito transmite seu pensamento à alma, e esta capacita o corpo a obedecer ao comando do espírito. Essa é a função da alma como intermediária. Antes da queda do homem, o espírito controlava todo o ser por meio da alma.

O poder da alma é muito grande. Como o espírito e o corpo se acham unidos nela, ela se torna o centro da personalidade e da influência do homem. Antes do pecado, esse poder se concentrava completamente no espírito. A força dela, portanto, vinha do espírito. Este, por si, não pode atuar sobre o corpo; somente por intermédio da alma. Vemos isso em Lucas 1.46,47: "A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador". "A mudança no tempo verbal mostra que, primeiro, o espírito experimentou a alegria em Deus e, depois, comunicando-se com a alma, levou-a a expressar esse mesmo sentimento por meio do corpo." (Pember's *Earth's Earliest Age*.)

Repetindo, a alma é a sede da personalidade. É nela que se acham a vontade, o intelecto e as emoções. Através do espírito, o homem se comunica com o mundo espiritual, e através do Corpo, com o natural. A alma fica no meio e exercita seu poder para discernir e decidir quem deve reinar: o mundo espiritual ou o natural. Algumas vezes, também, ela mesma exerce controle sobre o homem, por meio do intelecto, criando um mundo ideal, que passa a reinar. Para que o espírito governe, a alma precisa dar seu consentimento. Caso ela não o dê, ele fica sem condições de comandar a alma e o corpo. Essa decisão, porém, cabe à alma, pois é nela que reside a personalidade do homem. Na verdade, a alma é a espinha dorsal de todo o ser, porque a vontade do homem pertence a ela. Só quando a alma se dispõe a assumir uma posição de humildade é que o espírito pode dirigir todo o homem. Se a alma se rebela contra essa tomada de posição, o espírito fica sem poder para governar. Isso mostra o que é o livre-arbítrio do homem. Este não é um autômato que deve se mover conforme a vontade divina. Pelo contrário, ele tem o poder pleno e soberano de decidir por si. Tem vontade própria, podendo deliberar entre fazer a vontade de Deus, ou resistir-lhe e seguir a Satanás. Deus quer que o espírito, como a parte mais nobre do homem, controle todo o seu ser. No entanto a vontade, a parte de sua individualidade que toma as decisões, pertence à alma. E é a vontade que determi-

na se quem deve governar é o espírito, o corpo, ou ela mesma. Além de possuir esse poder, a alma é o elemento que define a individualidade do homem; por isso a Bíblia o chama de "alma vivente".

## O TEMPLO SANTO E O HOMEM

O apóstolo Paulo escreve o seguinte: "Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1 Co 3.16.) Por uma revelação do Senhor, ele comparou o homem com o templo de Salomão. Anteriormente, Deus habitava no templo. Do mesmo modo, hoje, o Espírito Santo habita no homem. Analisando essa comparação do ser humano com o templo, podemos ver como os três elementos constitutivos do homem se manifestam de modo distinto.

Sabemos que o templo estava dividido em três partes. A primeira era o átrio externo, onde todos podiam entrar. Ali se prestava todo o culto exterior. Mais para dentro estava o Santo Lugar onde só os sacerdotes podiam entrar para oferecer a Deus o óleo, o incenso e o pão. Ali eles se achavam bem próximos de Deus, mas ainda havia certa distância entre eles e o Senhor, pois se encontravam do lado de fora do véu e, portanto, sem condições de permanecer na presença dele. Deus habitava no ponto mais profundo, bem dentro do templo, no Santo dos Santos, onde uma brilhante luz dispersava as trevas, e onde nenhum homem podia entrar. Apenas o sumo sacerdote podia entrar ali, e somente uma vez por ano. Antes de o véu ser rasgado, nenhum outro homem podia estar no Santo dos Santos.

O homem também é templo de Deus e, de igual modo, é constituído de três partes. O corpo é como o átrio exterior, e ocupa uma posição visível a todos. Nele, o homem deve obedecer a todos os mandamentos divinos. Aí o Filho de Deus morre pela humanidade como substituto dela. Por dentro, está a alma, que constitui a vida interior. Ela contém a mente, as emoções e a vontade. É o Santo Lugar de uma pessoa regenerada, pois seu amor, sua vontade e seu pensamento acham-se plenamente iluminados, para que possa servir a Deus, como fazia o sacerdote no passado. No mais interior, além do véu, está o Santo dos Santos, onde jamais penetraram a luz e o olhar humanos. É "o esconderijo do Altíssimo", a habitação de Deus. O homem só pode ter acesso a ele se o Senhor quiser rasgar o véu. É o espírito do homem, que jaz além da autoconsciência do ser humano e acima de sua sensibilidade. Aí o homem se une a Deus e tem comunhão com ele.

No Santo dos Santos, não há nenhuma lâmpada, pois Deus habita nele. No Santo Lugar existe a luz do candelabro com sete hásteas. O átrio exterior recebe a luz do dia em toda a sua plenitude. Tudo isso é imagem e figura do homem regenerado. Seu espírito é o

Santo dos Santos, onde Deus habita. Nele, tudo se realiza pela fé, e nada pela vista, pelos sentidos ou pelo entendimento do crente. A alma simboliza o Santo Lugar, amplamente iluminada por numerosos pensamentos e preceitos racionais, muito conhecimento e entendimento concernentes às coisas do mundo ideal e do material. O corpo é comparável ao átrio exterior, claramente visível a todo mundo. As ações do corpo acham-se à vista de todos.

A seqüência estabelecida por Deus para nós não deixa margem a dúvida: "vosso espírito, alma e corpo" (1 Ts 5.23). Aí não diz "alma, espírito e corpo", nem tampouco "corpo, alma e espírito". O espírito é a parte preeminente, daí ser mencionada primeiro. O corpo é a inferior, por isso é citada por último. A alma ocupa uma posição intermediária, daí o fato de ser mencionada entre os dois. Ao examinar essa ordem determinada por Deus, podemos sentir toda a sabedoria da Bíblia ao comparar o homem a um templo. Vemos que há perfeita harmonia entre o templo e o homem, tanto no tocante à ordem, quanto ao valor de cada parte.

O serviço do templo se realiza segundo a revelação no Santo dos Santos. Todas as atividades do Santo Lugar e do átrio exterior são reguladas pela presença de Deus no Santo dos Santos, o lugar mais sagrado. É para ele que os quatro cantos do templo convergem e sobre ele se apoiam. A nós pode parecer que nada se faz nesse lugar, pois é escuro como breu. Todas as atividades se desenrolam no Santo Lugar. Até mesmo as atividades do átrio exterior são controladas pelos sacerdotes no Santo Lugar. Entretanto todas as atividades do Santo Lugar, na verdade, são dirigidas pela revelação, que chega à quietude e paz total existentes no Santo dos Santos.

Não é difícil perceber a aplicação espiritual dessa figura. A alma, a sede da nossa personalidade, é composta de mente, vontade e emoção. Parece que ela é senhora de todas as ações, pois o corpo segue seu comando. Antes da queda, porém, e a despeito de suas muitas atividades, a alma era governada pelo espírito. E a seqüência desejada por Deus continua sendo primeiro o espírito, depois a alma, e por último o corpo.



## ESPÍRITO E A ALMA

### O ESPÍRITO

É essencial que o crente saiba que possui um espírito, uma vez que toda comunicação de Deus com o homem se processa por meio dele. Então vamos aprender isso. Se o crente não discerne seu espírito, certamente não terá condições de comungar com Deus em espírito. Assim, facilmente confunde as obras do espírito com os pensamentos e emoções da alma. Dessa forma, fica limitado à sua esfera exterior, sempre incapaz de alcançar a espiritual.

- Em 1 Coríntios 2.11, Paulo fala do "*espírito do homem, que nele está*" (ARC).
- Em 1 Coríntios 5.4, do "*meu espírito*".
- Em Romanos 8.16, do "*nosso espírito*".
- Em 1 Coríntios 14.14, usa a expressão "*meu espírito*".
- Em 1 Coríntios 14.32, fala dos "*espíritos dos profetas*".
- Em Provérbios 25.28, há uma referência ao "*seu próprio espírito*" (Darby).
- Em Hebreus 12.23, está registrada a expressão "*espíritos dos justos aperfeiçoados*".
- Em Zacarias 12.1, lemos que "*o Senhor... formou o espírito do homem dentro dele*".

Esses versículos das Escrituras são suficientes para provar que nós, seres humanos, possuímos um espírito. Ele não equivale à nossa alma, nem é o mesmo que o Espírito Santo. É nesse espírito que adoramos a Deus.

De acordo com o ensino da Bíblia e a experiência dos crentes, podemos dizer que o espírito humano possui três funções principais: consciência, intuição e comunhão. A *consciência* é responsável pelo discernimento. Ela é capaz de distinguir entre certo e errado. Isso não se dá, porém, pela influência do conhecimento acumulado na mente, mas por um julgamento espontâneo e direto. Frequentemente o raciocínio procura justificar atos e atitudes que nossa consciência julga errados. O trabalho da consciência é inde-

pendente e direto; ela não se curva às opiniões exteriores. Se alguém comete um erro, ela logo levanta a voz de acusação. A *intuição* é o lado sensitivo do espírito humano. É completamente diferente das sensações físicas e da sensação da alma (\*), também chamada de intuição. A intuição do espírito envolve um sentimento direto e independente de qualquer influência externa. O tipo de conhecimento que obtemos sem nenhuma participação da mente, da emoção ou da vontade vem através da intuição. Na realidade, é por meio desta que "conhecemos" tudo. A mente simplesmente nos ajuda a "entender". O crente tem ciência das revelações de Deus e de todo o mover do Espírito Santo por intermédio da intuição. Devemos, portanto, estar atentos à voz da consciência e ao ensino da intuição. A *comunhão* é adoração a Deus. As faculdades da alma são incapazes de adorar ao Senhor. Nossos pensamentos, sentimentos e intenções não podem ter percepção de Deus. Somente o espírito pode ter um conhecimento direto dele. Nossa adoração a Deus e toda comunicação de Deus para conosco ocorre *diretamente* no espírito. Acontecem no "homem interior", não na alma, nem no homem exterior.

Podemos concluir, então, que a consciência, a intuição e a comunhão são elementos intimamente relacionados, que funcionam de forma coordenada. A consciência julga segundo a intuição e condena toda conduta que não segue a orientação dada por esta. E nisso consiste a relação entre elas. A intuição se relaciona com a comunhão ou adoração, uma vez que o homem conhece a Deus pela intuição, e também por ela o Senhor lhe revela sua vontade. Jamais alcançamos o conhecimento de Deus através da expectativa ou por dedução.

Com base nos três grupos de versículos bíblicos que damos a seguir, podemos observar que nosso espírito possui a função da consciência (não estamos dizendo que o espírito *é* a consciência), da intuição (ou sentido espiritual), e da comunhão (ou adoração).

#### 1. A Função da Consciência no Espírito do Homem

- "*O Senhor, teu Deus, endurecera o seu espírito*" (Dt 2.30).

- *"Salva os de espírito oprimido" (Sl 34.18).*
- *"Renova dentro de mim um espírito inabalável" (Sl 51.10).*
- *"Ditas estas coisas, angustiou-se Jesus em espírito" (Jo 13.21).*
- *"O seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade" (At 17.16).*
- *"O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16).*
- *"Presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente" (1 Co 5.3).*
- *"Não tive, contudo, tranqüilidade no meu espírito" (2 Co 2.13).*
- *"Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia" (2 Tm 1.7).*

## **2. A Função da Intuição no Espírito do Homem**

- *"O espírito, na verdade, está pronto" (Mt 26.41).*
- *"E Jesus, percebendo logo por seu espírito" (Mc 2.8).*
- *"Jesus, porém, arrancou do íntimo do seu espírito um gemido" (Mc 8.12).*
- *"Jesus... agitou-se no espírito e comoveu-se" (Jo 11.33).*
- *"Foi Paulo impulsionado no espírito" (At 18.5 - SBTB).*
- *"Sendo fervoroso de espírito" (At 18.25).*
- *"E, agora, constrangido em meu espírito, vou para Jerusalém" (At 20.22).*
- *"Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está?" (1 Co 2.11.)*
- *"Porque trouxeram refrigério ao meu espírito e ao vosso" (1 Co 16.18).*
- *"Cujo espírito foi recreado por todos vós" (2 Co 7.13).*

## **3. A Função da Comunhão no Espírito do Homem**

- *"E o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador" (Lc 1.47).*
- *"Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade" (Jo4.23).*
- *"Deus, a quem sirvo em meu espírito" (Rm 1.9).*
- *"De modo que servimos em novidade de espírito" (Rm 7.6).*
- *"Recebestes o espírito de adoção, baseado no qual clamamos: Aba, Pai" (Rm 8.15).*

- *"O próprio Espírito testifica com o nosso espírito" (Rm 8.16).*
- *"Aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele" (1 Co 6.17).*
- *"Cantarei com o espírito" (1 Co 14.15).*
- *"E, se tu bendisseres apenas em espírito" (1 Co 14.16).*
- *"E me transportou, em espírito" (Ap 21.10).*

Essas passagens mostram que nosso espírito possui, pelo menos, essas três funções. Os incrédulos também as possuem, embora ainda não tenham vida. (E o culto deles é dirigido aos espíritos malignos.) Alguns manifestam essas funções em grau maior; outros, em menor grau. Isso não significa, porém, que não estejam mortos em seus delitos e pecados. De acordo com o Novo Testamento, um indivíduo não está salvo só por ter uma consciência dotada de sensibilidade, uma intuição aguda, ou a tendência e o interesse pelas coisas espirituais. Isso apenas constitui prova de que, além da mente, da emoção e da vontade, que constituem nossa alma, possuímos também um espírito. Antes da regeneração, o espírito está separado da vida de Deus. Só depois dela é que a vida de Deus e do Espírito Santo passam a habitar em nosso espírito, que assim é vivificado para ser instrumento do Espírito Santo.

Estudamos a importância do espírito para entender melhor o fato de que nós, seres humanos, possuímos um espírito independente. O espírito não é a mente, nem a vontade, nem a emoção do homem. Suas funções são a consciência, a intuição e a comunhão. É aí, no espírito, que Deus nos regenera, nos ensina e nos conduz ao seu descanso. Lamentavelmente, contudo, muitos cristãos conhecem bem pouco do seu espírito, por causa dos longos anos que vivem presos à alma. Devemos orar a Deus fervorosamente, pedindo-lhe que nos ensine, pela experiência, a distinguir o que é espiritual e o que é da alma (\*\*).

Antes de o crente nascer de novo, seu espírito acha-se tão imerso na alma que ele não consegue distinguir o que emana da alma do que emana do espírito. As funções deste misturam-se com as daquela. Além disso, o espírito perdeu sua função principal - a de relacionar-se com Deus - já que está morto para o Senhor. É como se ele se tivesse tornado um acessório da alma. E quando a mente, a emoção e a vontade se fortalecem, as funções do espírito ficam tão apagadas que quase se tornam desconhecidas. É por isso que, depois da regeneração, o crente precisa aprender a fazer distinção entre a alma e o espírito.

Examinando algumas passagens das Escrituras, parece-nos que o espírito não-regenerado opera do mesmo modo que a alma. Os versículos seguintes ilustram essa conclusão:

- *"Achando-se ele de espírito perturbado"* (Gn 41.8).
- *"Então o espírito deles se abrandou para com ele"* (Jz 8.3 - Darby).
- *"O que é de espírito precipitado exalta a tolice"* (Pv 14.29 - Darby).
- *"O espírito abatido faz secar os ossos"* (Pv 17.22).
- *"Os que erram de espírito"* (Is 29.24).
- *"Uivareis pela angústia de espírito"* (Is 65.14).
- *"Seu espírito se tornou soberbo e arrogante"* (Dn 5.20).

Esses textos apresentam as obras de um espírito não-regenerado e mostram a semelhança delas com as da alma. Eles mencionam o espírito, e não a alma, para descrever algo que aconteceu bem no fundo do ser. Isso mostra que o espírito veio a ser inteiramente controlado e influenciado pela alma, a ponto de passar a manifestar as obras dela. Apesar de tudo, porém, ele ainda existe, pois essas obras procedem do espírito. Embora governado pela alma, ele não deixa de ter existência própria.

## A ALMA

Além de o homem ter um espírito que o capacita à comunhão com Deus, possui também uma alma, ou a consciência de si próprio. Ele tem consciência de sua existência através da alma. Ela é a sede de sua personalidade. Os elementos que nos dão *status* de ser humano pertencem à alma. O intelecto, a mente, os ideais, o amor, a emoção, o discernimento, a capacidade de decisão, etc, são experiências da alma.

Já dissemos que o espírito e o corpo acham-se fundidos na alma, que, por sua vez, é a sede da nossa personalidade. É por isso que, às vezes, a Bíblia chama o homem de "alma", como se ele tivesse apenas esse constituinte. Em Gênesis 12.5, por exemplo, algumas versões referem-se às pessoas como "almas". Quando Jacó levou toda sua família para o Egito, novamente se registra que "todas as almas da casa de Jacó, que vieram ao Egito, foram setenta" (Gn 46.27 - ARC). Existem diversos outros exemplos, na língua original da Bíblia, em que a expressão "alma" é usada para designar "homem". Isso se dá porque a sede e a essência da personalidade é a alma. Compreender a personalidade de um indivíduo é entender sua pessoa. A existência do homem, suas características e sua vida encontram-se na alma. Por essa razão, a Bíblia chama o homem de "alma".

A personalidade do homem é constituída de três faculdades principais: a vontade, a mente e a emoção. A vontade é o instrumento que utilizamos para tomar decisões, e revela nossa capacidade de fazer escolhas. Ela manifesta se "queremos" ou "não queremos". Sem

ela, o homem ficaria reduzido a um autômato. A mente, a sede de nossos pensamentos, manifesta nossa capacidade intelectual. Dela surgem a sabedoria, o conhecimento e o raciocínio. Se não a tivesse, o homem seria tolo e irracional. O instrumento pelo qual exercitamos nossos gostos e antipatias é a emoção. Por meio dela, somos capazes de expressar amor ou ódio, e de sentir alegria, ira, tristeza ou felicidade. A falta de emoção tornaria o homem insensível como o pau ou a pedra.

Um estudo cuidadoso da Bíblia revela que essas três principais faculdades da personalidade pertencem à alma. São muitas as passagens das Escrituras que sustentam essa verdade, de modo que seria difícil citar todas elas. Por isso, damos aqui apenas algumas.

### 1. A Faculdade Volitiva da Alma

- *"Não me deixes à vontade (no original, "alma") dos meus adversários"* (Sl 27.12).
- *"Tu (Senhor) não o entregarás à vontade (no original, "alma") de seus inimigos"* (Sl 41.2 - ARC).
- *"E te entreguei à vontade (no original, "alma") das que te aborrecem"* (Ez 16.27).
- *"Deixá-la-ás ir à sua própria vontade"* (no original, "alma") (Dt21.14).
- *"Cumpriu-seo nosso desejo"* (no original, "alma") (Sl 35.25).
- *"Ou fizer juramento, ligando a sua alma"* (Nm 30.2 - ARC).
- *"Disponde, pois, agora o coração e a alma para buscardes ao Senhor, vosso Deus"* (1 Cr 22.19).
- *"A qual era grande desejo da sua alma voltar, e habitar lá"* (Jr 44.14-ARC).
- *"Aquilo que a minha alma recusava tocar"* (Jó 6.7).
- *"A minha alma escolheria antes, ser estrangulada"* (Jó 7.15 -Darby).

Os termos "desejo" e "coração" nesses textos designam a vontade humana. "Disponde o coração e a alma", "recusar" e "escolher" são todos atos da vontade, e brotam da alma.

### 2. A Faculdade Intelectual ou Mental da Alma

- *"O anelo de sua alma e a seus filhos e suas filhas"* (Ez 24.25).
- *"Não é bom que uma alma esteja sem conhecimento"* (Pv 19.2-Darby).
- *'Até quando estarei eu relutando dentro de minha alma?'* (Sl 13.2.)
- *"As tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem"* (Sl 139.14).



- *"Minha alma, continuamente, os recorda"* (Lm 3.20).
- *"O conhecimento será agradável à tua alma"* (Pv 2.10).
- *"Guarda a verdadeira sabedoria e o bom siso; porque serão vida para a tua alma "* (Pv 3.21,22).
- *"Então, sabe que assim é a sabedoria para a tua alma"*(Pv 24.14).

Nesses versículos, os termos "anelo", "conhecimento", "relutando", "recorda", etc, designam atividades do intelecto ou da mente do homem. E a Bíblia ensina que elas provêm da alma.

### **3. A Faculdade Emotiva da Alma**

#### **a) Emoções de afeto**

- *"A alma de Jônatas se ligou com a de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma"* (1 Sm 18.1).
- *"Dize-me, ó amado de minha alma"* (Ct 1.7).
- *"A minha alma engrandece ao Senhor"* (Lc 1.46).
- *"Sua vida abomina o pão, e a sua alma, a comida apetecível"* (Jó 33.20).
- *"A quem a alma de Davi aborrece"* (2 Sm 5.8).
- *"Minha alma irritou-se com elas"* (Zc 11.8 - Darby).
- *"Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força "* (Dt 6.5).
- *"Minha alma tem tédio à minha vida"* (Jó 10.1 - Darby).
- *"A sua alma aborreceu toda sorte de comida"* (Sl 107.18).

#### **b) Emoções de desejo**

- *"Esse dinheiro, dá-lo-ás por tudo o que deseja a tua alma... ou por qualquer coisa que te pedir a tua alma"* (Dt 14.26- Darby).
- *"O que tua alma disser"* (1 Sm 20.4 - Darby).
- *"A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor"* (Sl 84.2).
- *"Anelo de vossa alma"* (Ez 24.21).
- *"Assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma"* (Sl 42.1).
- *"Com minha alma suspiro de noite por ti"* (Is 26.9).
- *"A minha alma se compraz"* (Mt 12.18).

#### **c) Emoções de sentimento e de percepção**

- *"Uma espada traspassará a tua própria alma"* (Lc 2.35).
- *"O ânimo (a alma) de todo o povo estava em amargura"* (1 Sm 30.6 -ARQ).
- *"Sua alma se afligiu pela miséria de Israel"* (Jz 10.16 - Darby).
- *"A sua alma está em amargura"* (2 Rs 4.27).
- *"Até quando afligireis a minha alma?"* (Jó 19.2.)
- *"A minha alma se alegra no meu Deus "* (Is 61.10).
- *"Alegra a alma do teu servo"* (S 86.4).
- *"Desfalecia neles a alma"* (Sl 107.5).
- *"Por que estás abatida, ó minha alma?"* (Sl 42.5.)
- *"Volta, minha alma, ao teu sossego"* (Sl 116.7).
- *"Consumida está a minha alma"* (Sl 119.20).
- *"Palavras agradáveis são... doces para a alma"* (Pv 16.24).
- *"A vossa alma se deleite com a gordura"* (Is 55.2 - ARC).
- *"Quando, dentro de mim, desfalecia a minha alma"* (Jn 2.7).
- *"A minha alma está profundamente triste"* (Mt 26.38).
- *"Agora, está angustiada a minha alma"* (Jo 12.27).
- *"Atormentava a sua alma justa, cada dia"* (2 Pe 2.8).

As observações acima, concernentes às várias emoções do homem, permitem-nos concluir que a alma é capaz de amar e odiar, de desejar e aspirar, de sentir e perceber.

Com base nesse breve estudo bíblico, percebemos claramente que a alma do homem contém os aspectos que chamamos de vontade, mente ou intelecto, e emoção.

### **A VIDA DA ALMA**

De acordo com alguns estudiosos da Bíblia, existem no grego três palavras para designar "vida": *bios*, *psyché* e *zoe*. Todas elas se referem à vida, mas possuem conotações bem diferentes. O termo *bios* refere-se aos meios de vida ou de subsistência. O Senhor Jesus empregou essa palavra para elogiar a mulher que havia lançado no tesouro do templo toda a sua subsistência. O vocábulo *zoe* designa a vida mais elevada, a do espírito. Sempre que a Bíblia fala de vida eterna usa essa palavra. Já o vocábulo *psyché* aplica-se à vida animada do homem, à vida natural, à vida da alma. Encontramos esse termo na Bíblia quando se fala de vida humana.

Devemos observar aqui que no original se emprega uma só e a mesma palavra tanto com o sentido de "alma" como de "vida da alma". No Antigo Testamento, a palavra hebraica que designa "alma" - *nefesh* - é igualmente usada com o significado de "vida da alma". O Novo Testamento também emprega a palavra grega *psyché* tanto para "alma" como para "vida da alma". Desse modo, sabemos que a "alma" não apenas é um dos (rês elementos do homem, mas também sua vida natural. Muitas vezes, na Bíblia, a palavra "alma" é traduzida como Vida".

- *"Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis"* (Gn 9.4,5).
- *"A vida da carne está no sangue"* (Lv 17.11).
- *"Já morreram os que atentavam contra a vida do menino"* (Mt 120).
- *"É lícito, no sábado... salvara vida ou deixá-la perecer?"* (Lc 6.9).
- *"Homens que têm exposto a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo"* (At 15.26).
- *"Em nada considero a vida preciosa para mim mesmo"* (At 20.24).
- *"Para servir e dar a sua vida em resgate por muitos"* (Mt 20.28).
- *"O bom pastor dá a vida pelas ovelhas"* (Jo 10.11,15,17).

No original, a palavra que designa "vida", nesses versículos, é "alma". Foi traduzida assim porque de outra maneira leria mais difícil entender. A alma realmente é a própria vida do homem.

Conforme já mencionamos, a "alma" é um dos três elementos que constituem o ser humano. A "vida da alma" é a existência natural do homem, aquilo que o faz viver e que lhe dá alento. É a vida pela qual o homem vive. É o poder pelo qual ele vem a ser o que é. Uma vez que a Bíblia aplica os termos *nefesh* e *psyché* para designar tanto a alma como a vida do homem, torna-se evidente que, embora possamos distingui-las, não se pode separá-las. É possível distingui-las porque em certos lugares o termo *psyché*, por exemplo, deve ser traduzido como "alma", ou como "vida". E as traduções não podem ser intercambiadas. Em Lucas 12.19-23 e Marcos 3.4, por exemplo, "alma" e "vida" são, na verdade, a mesma palavra no original. Contudo a tradução ficaria sem sentido para nós se usássemos o mesmo termo nos dois casos. Um homem sem alma não vive. A Bíblia jamais diz que o homem natural possui outra vida além da alma. A vida do homem decorre de a alma estar residindo no corpo. Quando a alma se une ao corpo, torna-se a vida do homem. A vida é a manifestação da alma. Para a Bíblia, o corpo do homem é um "corpo de alma" (\*)

(1 Co 15.44, no texto original), pois a vida que nos

so corpo tem agora é a da alma. Portanto a vida do homem é simplesmente a expressão da soma de suas energias mentais, emocionais e volitivas. Na esfera natural, a "personalidade" engloba essas funções da alma, mas apenas elas. A vida da alma é a vida natural do homem.

É muito importante reconhecer que a alma é a vida do homem. Isso determinará a espécie de cristão que nos tornaremos, se espirituais ou da alma (\*\*). Veremos isso mais adiante.

## A ALMA E O EGO DO HOMEM

Vimos que a alma é a sede da nossa personalidade, responsável pela vontade e pela vida natural. Por isso, podemos concluir então que ela é também o "verdadeiro eu" - o próprio eu. Nosso ego é a alma. E a Bíblia pode demonstrar isso. Em Números 30, a palavra "obrigar-se" (ou ligar-se) e derivados ocorrem mais de dez vezes. No original, o sentido é "ligar sua alma". Daí podemos depreender que a alma é o próprio eu. Em muitas outras passagens, vemos que a palavra "alma" é substituída por pronomes pessoais. Vejamos os seguintes exemplos:

- *"Nem por elas vos contaminareis"* (Lv 11.43).
- *"Não vos contaminareis"* (Lv 11.44).
- *"Sobre si e sobre a sua descendência"* (Et 9.31).
- *"Oh! Tu, que te despedaças na tua ira "* (Jó 18.4).
- *"Porque se justificava a si mesmo"* (Jó 32.2 - ARC).
- *"Eles mesmos entram em cativeiro"* (Is 46.2).
- *"O que cada alma houver de comer; isso somente aprontareis para vós"* (Êx 12.16- ARC).
- *"O homicida que matar alguém (no original, "alguma alma") involuntariamente"* (Nm 35.11, 15).
- *"Que eu (no original, "minha alma") morra a morte dos justos"* (Nm 23.10).
- *"Quando alguma pessoa (no original, "alguma alma") fizer oferta de manjares ao Senhor"* (Lv 2.1).
- *"Fiz calar e sossegar a minha alma"* (Sl 131.2).
- *"Não imagines que, por estares na casa do rei, só tu (no original, "alma") escaparás"* (Et 4.13).
- *"Jurou o Senhor Deus por si mesmo"* (no original, "jurou por sua alma") (Am 6.8).

Esses textos do Antigo Testamento ensinam de várias maneiras que a alma é o próprio "eu" do homem.

O Novo Testamento transmite a mesma idéia. A palavra original que em nossa Bíblia é traduzida como pessoas em 1 Pedro 3.20 ("oito pessoas") é "almas". O mesmo pode-se dizer com relação a Atos

27.37 ("duzentas e setenta e seis *peessoas*"). Em Romanos 2.9, lemos que "tribulação e angústia virão sobre a *alma* de qualquer homem que faz o mal", e esse é o sentido também no grego. Desse modo, advertir a alma de um homem que pratica o mal é advertir o próprio homem mau. Em Tiago 5.20, salvar uma alma significa salvar um pecador. O rico insensato de Lucas 12.19, que diz palavras de conforto à sua alma, é alguém que fala a si mesmo. Está claro, portanto, que, no seu todo, a Bíblia considera a alma do homem ou a vida da alma como sendo o próprio homem.

Podemos encontrar uma confirmação desses ensinamentos nas palavras do Senhor Jesus, registradas em dois dos Evangelhos. Em Mateus 16.26, lemos: "Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma (*psychê*)? Ou que dará o homem em troca da sua alma (*psychê*)?" Já em Lucas 9.25, encontramos: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo (*eautov*)?" Os dois evangelistas registram o mesmo ensino. Todavia um emprega a palavra "alma", enquanto o outro utiliza "a si mesmo". Isso quer dizer que o Espírito Santo está usando Mateus para explicar o sentido de "a si mesmo" encontrado em Lucas, e pelo texto de Lucas, explica o sentido de "alma" que aparece em Mateus. A alma ou a vida do homem é o próprio homem, e vice-versa.

Esse estudo nos permite concluir que, por sermos humanos, temos de possuir tudo aquilo que está contido na alma do homem. Todo homem natural tem uma alma com todas as suas funções, pois ela é simplesmente a vida que todos os homens naturais possuem. Antes da regeneração, tudo aquilo que faz parte da vida - seja o ego, o viver, a força, o poder, a capacidade de decisão, o pensamento, as opiniões, o amor, os sentimentos - pertence à alma. Em outras palavras, a vida da alma é a vida que o homem recebe ao nascer. Tudo o que essa vida possui e tudo o que ela possa vir a ser encontra-se na esfera da alma. Se conseguirmos distinguir bem as coisas da alma (\*), será mais fácil, depois, reconhecer o que é espiritual. Assim poderemos fazer distinção entre o que é espiritual e o que é da alma.



## A QUEDA DO HOMEM

O homem que Deus formou era bem diferente de todas as demais criaturas. Ele possuía um espírito semelhante ao dos anjos, e ao mesmo tempo uma alma parecida com a dos animais. Quando Deus criou o homem, deu-lhe completa liberdade. Ele não o fez como um ser autômato, totalmente controlado pela vontade divina. Isso se evidencia em Gênesis 2, quando Deus instruiu o homem sobre o fruto que ele podia comer e o que não podia. O homem que Deus criou não era uma "máquina" dirigida pelo Senhor. Pelo contrário, esse ser possuía perfeita liberdade de escolha. Se decidisse obedecer a Deus, poderia; se preferisse rebelar-se, poderia fazê-lo também. O homem tinha a posse de uma soberania que lhe facultava exercitar sua vontade, e decidir se obedeceria a Deus ou não. Esse ponto é muito importante, pois precisamos entender que Deus nunca nos priva da liberdade em nossa vida espiritual. O Senhor não realizará nada por nós, a não ser que cooperemos ativamente com ele. Nem Deus nem o diabo podem fazer nada sem o nosso prévio consentimento, porque a vontade do homem é livre.

Originalmente o espírito do homem era a parte mais nobre do seu ser. A alma e o corpo deveriam submeter-se a ele. Em condições normais, o espírito é como a "dona da casa"; a alma seria como o "mordomo", e o corpo, como o "criado". A "dona da casa" dá as ordens ao "mordomo", que por sua vez manda o "criado" cumpri-las. A "dona da casa" comunica as ordens ao "mordomo" em particular. Este as transmite ao "criado" abertamente. O "mordomo" parece ser o senhor de tudo. Na realidade, porém, quem domina é a "dona da casa". Infelizmente o homem caiu; foi derrotado e pecou. Por causa disso, a hierarquia correta entre o espírito, a alma e o corpo foi invertida.

Deus concedeu ao homem um poder soberano e outorgou inúmeros dons à alma. Entre as funções mais importantes estão o pensamento e a vontade (ou intelecto e intenção). O propósito original de Deus é que a alma humana receba e assimile a verdade e a essência da vida espiritual de Deus. Ele concedeu dons aos homens para que estes pudessem receber o

conhecimento e a vontade de Deus como sendo deles mesmos. Se o espírito e a alma do homem mantivessem a perfeição, a saúde e o vigor originais, o corpo poderia continuar existindo para sempre, sem nenhuma alteração. Se ele tivesse exercitado a vontade, e comido do fruto da árvore da vida, indubitavelmente a própria vida de Deus entraria em seu espírito, permearia sua alma, transformaria completamente seu homem interior e modificaria seu corpo, dotando-o de incorruptibilidade. Assim, ele estaria, literalmente, de posse da "vida eterna". Então a vida regida pela alma (\*) se encheria totalmente da vida espiritual e o homem se transformaria por completo num ser espiritual. Por outro lado, como se inverteu a hierarquia entre o espírito e a alma, o homem se precipitou nas trevas. Agora o corpo humano não poderia resistir por muito tempo, e experimentou a corrupção.

Sabemos que a alma do homem escolheu a árvore do conhecimento do bem e do mal, em vez da árvore da vida. E não está claro que a vontade de Deus para Adão era que ele comesse do fruto da árvore da vida? Sim, porque antes de proibi-lo de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, e de adverti-lo de que no dia em que dele comesse morreria (2.17), Deus ordenou a Adão que comesse livremente de toda árvore do Éden. Mencionou propositalmente a árvore da vida no meio do jardim. Quem pode contradizer isso?

"O fruto do conhecimento do bem e do mal" eleva a alma e abafa o espírito. Deus não proibiu o homem de comer desse fruto apenas para testá-lo. Ele o proibiu por saber que, se o homem comesse dele, a vida da alma seria tão estimulada que iria abafar a vida regida pelo espírito. Isso quer dizer que o homem perderia o verdadeiro conhecimento de Deus e assim estaria morto para ele. A proibição de Deus revela seu amor. O conhecimento do bem e do mal neste mundo já é um mal em si. Tal conhecimento surge do intelecto, na alma do homem. Ele "incha" a vida regida pela alma e conseqüentemente esvazia a vida governada pelo espírito, a ponto de o homem perder todo conhecimento de Deus, tornando-se tal qual um morto.

Muitos servos de Deus entendem que essa árvore da vida é a dádiva do Pai oferecendo vida ao mundo, por meio de seu Filho, o Senhor Jesus. Isso é a vida eterna, a natureza de Deus, a vida divina, não-criada. Então, temos aqui duas árvores - uma produz vida espiritual, e a outra, a vida regida pela alma (\*\*). Em seu estado original, o homem não era nem pecaminoso, nem santo e justo. Ficava entre os dois. Ele tanto poderia aceitar a vida de Deus, tornando-se um homem espiritual, participante da natureza divina, como poderia nutrir sua vida original, passando a viver pela alma (\*\*), e assim infligindo morte ao seu espírito. Deus dotou os três elementos constituintes do homem de uma harmonia perfeita. Sempre que um deles se desenvolve além da medida, os outros ficam atrofiados.

Se compreendermos bem a origem da alma e os princípios que a regem, isso poderá ajudar muito nosso crescimento espiritual. Nosso espírito vem diretamente de Deus, pois nos é dado por ele (Nm 16.22). Já a alma não nos vem de forma tão direta. Ela é criada depois que o espírito entra no corpo. Portanto acha-se intrinsecamente relacionada com o ser criado. É a vida criada, natural. Se a alma se mantiver em seu devido lugar, como "mordomo", permitindo que o espírito seja a "dona da casa", ela terá uma utilidade muito grande. Assim o homem pode receber a vida de Deus e se relacionar com este em vida. Entretanto, se a esfera da alma (\*) se ampliar, o espírito será abafado na mesma proporção. Nessa condição, todos os atos do homem irão ficar confinados à esfera natural do ser criado, incapaz de se unir à vida de Deus que é não-criada e sobrenatural. O homem original sucumbiu à morte quando comeu do fruto do conhecimento do bem e do mal; com isso desenvolveu a vida da alma (\*) de forma exagerada.

Satanás tentou Eva com uma pergunta. Ele sabia que isso despertaria a curiosidade da mulher. Se ela estivesse sob o controle total do espírito, rejeitaria essa indagação. Ao tentar responder, ela exercitou a mente, desobedecendo ao espírito. Não resta dúvida de que a pergunta de Satanás estava cheia de erros. Sua principal motivação era simplesmente incitar Eva a fazer esforço mental. Ele esperava que a mulher até o corrigisse. Lamentavelmente, porém, na sua conversa com Satanás, ela ousou alterar a Palavra de Deus. Em consequência, o inimigo se viu estimulado a tentá-la a comer, dizendo que, se o fizesse, seus olhos se abririam e ela seria como Deus - conhecendo o bem e o mal. "Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu." (Gn 3.6.) Foi assim que Eva enxergou a questão. Primeiro Satanás provocou a curiosidade de sua alma (\*); depois avançou, apoderando-se de sua vontade. Resultado: ela caiu em pecado.

Satanás sempre usa a necessidade física como primeiro alvo de seu ataque. Ele simplesmente mencionou o comer do fruto a Eva, um ato totalmente físico. Em seguida, avançou um pouco mais, buscando seduzir a alma dela, insinuando que, pela satisfação, seus olhos ficariam abertos, e ela conheceria o bem e o mal. Essa busca do conhecimento era perfeitamente legítima. Contudo, em consequência, levou o espírito dela a uma rebelião franca contra Deus. Ela compreendeu de forma errada a proibição divina. Interpretou-a como sendo produto de más intenções por parte do Senhor. A tentação de Satanás alcança primeiro o corpo, depois, a alma, e por fim, o espírito.

Após ser tentada, Eva emitiu sua opinião. Primeiro, "a árvore era boa para se comer". Isso é a "cobiça da carne". Sua carne foi a primeira a ser despertada. Segundo, era "agradável aos olhos". Isso é a "cobiça dos olhos". Agora tanto seu corpo como sua alma haviam sido seduzidos. Terceiro, a árvore era "desejável para dar entendimento". Isso é a "soberba da vida". Tal desejo revelou que suas emoções e vontade estavam em atividade. A agitação de sua alma então encontrava-se fora de controle. Ela não mais se achava de lado, como um mero espectador, havia sido incitada a desejar o fruto. Como a situação fica perigosa quando as emoções humanas dominam!

O que foi que levou Eva a cobiçar o fruto? Além da cobiça da carne e dos olhos, ela sentiu a curiosidade de ter sabedoria. Quando buscamos a sabedoria e o conhecimento (mesmo o chamado "conhecimento espiritual"), podemos encontrar freqüentemente a atividade da alma. Quando alguém procura aumentar seus conhecimentos, fazendo "ginástica mental" nos livros, sem contudo esperar em Deus e sem buscar a direção do Espírito Santo, não há dúvida de que sua alma se acha em plena atividade. Isso vai fazer murchar sua vida espiritual. A queda do homem foi ocasionada pela busca de conhecimento. Por isso, Deus usa a loucura da cruz para "destruir a sabedoria do sábio". O intelecto foi a principal causa da queda. É por isso que, para alcançar a salvação, o homem precisa crer na loucura da Palavra da cruz, em vez de depender da própria inteligência. A árvore do conhecimento provocou a queda do homem. Então Deus emprega a árvore da loucura (1 Pe 2.24) para salvar as almas. "Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste século, faça-se estulto para se tornar sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus..." (1 Co 3.18-20; ver também 1.18-25.)

Um cuidadoso exame do relato da queda do homem mostra que, ao se rebelar contra Deus, Adão e Eva desenvolveram a alma a ponto de esta tomar o lugar do espírito. Com isso, precipitaram-se nas trevas. As principais funções da alma são a mente, a vontade e a emoção. A vontade é responsável pela

decisão, portanto, é "senhora" do homem. A mente é responsável pelo pensamento, e a emoção, pelo afeto. O apóstolo Paulo diz que "Adão não foi iludido", indicando que naquele dia fatal a mente do homem não foi confundida. Quem tinha a mente fraca era Eva: "A mulher, sendo enganada, caiu em transgressão" (1 Tm 2.14). De acordo com o relato de Gênesis, a mulher disse: "A serpente me enganou, e eu comi" (Gn 3.13). O homem respondeu: "A mulher que me deste por esposa, ela me deu (não disse "me enganou") da árvore, e eu comi" (3.12). Obviamente Adão não foi enganado. Sua mente estava lúcida, e ele sabia que se tratava do fruto da árvore proibida. Comeu por causa de sua afeição à mulher. Tinha conhecimento de que as palavras da serpente eram um engano do inimigo. Pelas palavras do apóstolo, entendemos que Adão pecou deliberadamente. Ele amava Eva mais do que a si. Fez dela o seu ídolo e, por amor a ela, estava disposto a rebelar-se contra o mandamento do seu Criador. É lamentável que sua mente tenha sido anulada pela emoção, e seu raciocínio, vencido pela afeição! Por que é que os homens "não deram crédito à verdade"? Porque "deleitaram-se com a injustiça" (2 Ts 2.12). Não é que a verdade seja irracional; o que acontece é que ela não é amada. Por isso, quando alguém verdadeiramente se volta para o Senhor, "com o coração (não com a mente) se crê para justiça" (Rm 10.10). Satanás levou Adão a pecar, apoderando-se de sua vontade, por meio da emoção. E tentou Eva apossando-se de sua vontade, através do canal de uma mente obscurecida. Quando a serpente envenenou a vontade, a mente e as emoções do homem, este seguiu a Satanás, em vez de seguir a Deus. Seu espírito, que era capaz de comungar com o Senhor, sofreu um golpe fatal. Aqui podemos ver a lei que governa a atuação de Satanás. Ele usa as coisas da carne (comer o fruto) para levar a alma do homem a pecar. Tão logo a alma peca, o espírito cai em trevas absolutas. Sua operação se dá sempre do exterior para o interior. Quando não começa pelo corpo, irada se pela mente ou pela emoção, a fim de chegar à vontade do homem. No momento em que o homem sujeita essa vontade a Satanás, este toma posse de todo o ser, causando a morte do espírito. Todavia não é assim que Deus opera. Ele atua sempre do interior para o exterior. O Senhor inicia sua obra no espírito do homem. Em seguida, ilumina sua mente, desperta suas emoções, e leva-o a exercitar a vontade sobre seu corpo, a fim de levá-lo a realizar a vontade divina. Toda obra satânica começa no exterior, e segue para o interior. Já a atuação de Deus parte do interior para o exterior. Dessa forma, podemos distinguir o que, vem de Deus daquilo que vem de Satanás. Isso tudo ensina ainda que, quando Satanás captura a vontade do homem, passa a ter controle sobre ele.

Observemos então que é na alma que o homem expressa sua vontade livre e exerce o domínio pró-

prio. Por essa razão, a Bíblia diz sempre que é a alma que peca. Exemplo disso são as expressões: "pecado da minha alma" (Mq 6.7); "a alma que pecar" (Ez 18.4,20). E nos livros de Levítico e Números, frequentemente se menciona que a alma peca. Por quê? Porque é a alma que decide pecar. Nossa definição de pecado é: "A vontade aceita a tentação". O pecar é um problema da vontade, que é uma das funções da alma. Por conseguinte, a expiação é dirigida para a alma: "Quando derem a oferta ao Senhor, para fazerdes expiação pela vossa alma" (Ex 30.15); "Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma" (Lv 17.11); "Para fazer propiciação pelas nossas almas perante o Senhor" (Nm 31.50 - ARC). É a alma que peca; logo, é a alma que precisa ser expiada. Além disso, a expiação só poderá ser feita por outra alma:

*"Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado... Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito... porquanto derramou a sua alma na morte... contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu." (Is 53.10-12.)*

Examinando a natureza do pecado de Adão, descobrimos que, além da rebelião, houve também um certo tipo de independência. Não devemos nos esquecer de que ele tinha vontade livre. E a árvore da vida implica um senso de *dependência*. Naquela ocasião, o homem não possuía a natureza de I teus. Se, porém, tivesse comido do fruto da árvore da vida, poderia ter obtido a vida de Deus; poderia ter alcançado seu ápice, possuindo a própria vida de Deus. Isso é *dependência*. Já a árvore do conhecimento do bem e do mal sugere *independência*. Isso se dá porque o homem se esforçou, através de sua vontade, para alcançar um conhecimento que Deus não lhe prometera, nem lhe havia outorgado. Com sua rebelião, ele declarou sua independência. Rebelando-se, não precisava depender de Deus. Além disso, desejando o conhecimento do bem e do mal, também manifestou sua independência, pois não estava satisfeito com o que Deus já lhe havia concedido. A diferença entre o espiritual e o que é da alma (\*\*\*) é clara. Enquanto o espiritual depende totalmente de Deus, e se satisfaz plenamente com o que Deus deu, o que é da alma (\*\*\*) foge de Deus e cobiça o que o Senhor não concedeu, principalmente o "conhecimento". A independência é uma característica especial daquilo que é da alma (\*\*\*). E qualquer ação nossa, por melhor que seja, pode assumir essa condição. Basta, para isso, que seja praticada fora da completa dependência do Criador, unicamente através da autoconfiança. O próprio culto que prestamos a Deus está sujeito a isso. A árvore da vida não pode crescer dentro de nós ao lado da árvore do conhecimento. Todo pecado cometido por crentes e incrédulos resultam de atitudes de rebelião e independência.

## O ESPÍRITO, A ALMA E O CORPO DEPOIS DA QUEDA

Adão vivia pelo fôlego de vida, que se tornou seu espírito. Pelo espírito, ele tinha percepção de Deus, conhecia a voz divina, e comungava com ele. Então possuía uma consciência muito aguda de Deus. Depois da queda, porém, seu espírito morreu.

Quando o Senhor falou com Adão, no princípio, ele lhe disse: "no dia em que dela comeres (do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal), certamente morrerás" (Gn 2.17). Entretanto Adão e Eva continuaram a viver, durante centenas de anos, mesmo depois de haver comido do fruto proibido. A conclusão lógica é que a morte a que ele se refere aqui não é a física. A morte de Adão começou em seu espírito.

Na realidade, o que vem a ser a morte? De acordo com a definição científica, é "a interrupção da comunicação com o ambiente". A morte do espírito é a interrupção da comunicação deste com Deus. A morte do corpo é a interrupção da comunicação deste com o espírito. Desse modo, dizer que o espírito está morto não significa afirmar que ele tenha deixado de existir. Quer dizer apenas que o espírito perdeu sua sensibilidade para com Deus, estando, portanto, morto para o Senhor. O problema agora é que o espírito está incapacitado de manter comunhão com Deus. Vamos usar uma ilustração. Um mudo tem boca e pulmões, mas algo está errado com suas cordas vocais, tornando-o incapaz de falar. No tocante à linguagem humana, podemos dizer que sua boca está morta. Semelhantemente, o espírito de Adão morreu por causa da sua desobediência a Deus. Ele ainda possuía espírito; todavia este estava morto para com Deus, pois havia perdido seu instinto espiritual. E ainda é assim. O espírito possuía um aguçado e intuitivo conhecimento de Deus. O pecado destruiu esse conhecimento, tornando o homem espiritualmente morto. Ele pode ser religioso, respeitável, educado, capaz, forte e sábio, mas está morto para com Deus. Ele pode até mesmo falar sobre Deus, pensar em Deus, e pregar sobre Deus, mas mesmo assim está morto para com ele. Nessas condições, o homem não pode ouvir nem sentir a voz do Espírito de Deus. Por isso, no Novo Testamento, Deus muitas vezes se refere aos que vivem na carne como seres "mortos".

A morte, que se iniciou no espírito de nosso primeiro pai, foi se espalhando gradativamente, até alcançar o corpo dele. Depois que o espírito morreu, ele permaneceu vivo, e viveu ainda muitos anos. Apesar disso, a morte continuou operando, até que sua alma e seu corpo também morreram. O corpo, que poderia ter sido transformado e glorificado, retornou ao pó. Seu homem interior precipitou-se no caos; por isso seu corpo foi condenado à destruição e à morte.

A partir daquele momento, o espírito de Adão (e também o de todos os seus descendentes) caiu sob o domínio da alma, e gradativamente foi se unindo a ela. Por fim os dois se tornaram profundamente ligados. O escritor da carta aos hebreus diz que a Palavra de Deus penetra até ao ponto de dividir alma e espírito (Hb 4.12). A separação é necessária, porque o espírito e a alma se tornaram um. Enquanto os dois estiverem ligados, vão levar o homem a mergulhar no mundo psíquico. Os preceitos do intelecto e do sentimento vão comandar todas as ações humanas. O espírito perdeu seu poder e sua capacidade de sentir, como se estivesse em profundo sono. Qualquer inclinação para conhecer e servir a Deus acha-se completamente inibida. O espírito permanece em coma, como se não existisse. Esse é o significado do versículo 19 de Judas: "naturais, não tendo espírito" (tradução literal).<sup>1</sup> Certamente isso não quer dizer que o espírito humano deixa de existir, pois em Números 16.22 se diz com toda clareza que Deus é o "Deus dos espíritos de toda carne" (ARC). Todo ser humano ainda possui um espírito, embora este se encontre obscurecido pelo pecado e incapaz de manter comunhão com Deus.

Apesar de esse espírito estar completamente morto para com Deus, pode permanecer tão ativo como a mente ou o corpo. Ele se acha morto para com Deus, mas continua muito ativo em outros aspectos. Algumas vezes, o espírito de um incrédulo pode ser até mais forte que sua alma ou seu corpo, e dominar sobre todo o seu ser. Tais pessoas são "espirituais", isto é, vivem pelo espírito, da mesma forma que outras vivem pela alma (\*) ou pelo corpo. O espírito delas é muito mais forte que o das pessoas em geral. E o caso dos feiticeiros e bruxos, que realmente mantêm contatos com o reino espiritual. Todavia eles conseguem isso através dos espíritos malignos, e não pelo Espírito Santo. Nesse caso, o espírito do homem caído está aliado com Satanás e seus espíritos malignos. Está morto para com Deus, entretanto bem vivo para Satanás, e segue os espíritos malignos que agora operam nele.

Como a alma cede aos impulsos das paixões e coibiças do corpo, ela se torna escrava do corpo dele. E isso se dá de tal forma que o Espírito Santo considera inútil lutar pelo lugar de Deus em alguém que se encontra nessa condição. É por isso que a Escritura declara: "Meu Espírito não pleiteará para sempre com o homem; porque ele é realmente carne" (Gn 6.3 - Darby). A Bíblia muitas vezes se refere à carne como sendo a união da alma não-regenerada com a vida física, embora com certa frequência mencione o pecado que está no corpo. Um homem que se acha sob o completo domínio da carne não tem possibilidade de libertar-se. A alma assumiu o lugar de autoridade que pertencia ao espírito. Então o homem age de modo independente, segundo os ditames da mente. Mesmo nas questões religiosas, quando ele busca intensa-

mente a Deus, realiza tudo pela força e pela vontade da alma, sem a revelação do Espírito Santo. Ela age independentemente do espírito, e ainda se acha sob o controle do corpo. Este a pressiona a obedecer, executar e cumprir as cobiças, paixões e exigências dele. Além de o ser humano, filho de Adão, estar morto em seu espírito, ele é "da terra, é terreno" (1 Co 15.47). Os incrédulos são inteiramente dominados pela carne, sendo movidos pelos desejos da vida que procede da alma (\*\*\*) e das paixões físicas. São incapazes de manter comunhão com Deus. Algumas vezes exibem a inteligência; outras, as paixões. O mais freqüente, porém, é exibirem tanto a inteligência como a paixão. Se a carne não sofrer restrições, ela estabelece um controle rígido sobre o homem total.

É isto que diz Judas: "... escarnecedores, andando segundo as suas ímpias paixões. Estes são os que criam divisões, homens naturais, não tendo espírito" (Jd 18,19 - Darby). Ser da alma (\*\*\*) é o contrário de ser espiritual. O espírito, o constituinte mais nobre do homem, e que é capaz de se unir a Deus, deve comandar a alma e o corpo. Contudo ele agora se encontra sob o domínio da alma, que é terrena, tanto em suas motivações como em suas metas. O espírito foi despojado da sua posição original. A condição atual do homem é anormal; por isso, Judas diz que ele não tem espírito. Quem vive pela alma (\*\*\*) torna-se escarnecedor, buscando paixões ímpias, e criando divisões.

Em 1 Coríntios 2.14, Paulo diz o seguinte sobre os incrédulos: "Ora, o homem natural (\*\*\*) não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente." Esses homens, que se encontram sob o controle da alma e cujo espírito se acha oprimido, estão em contraste direto com os espirituais. Podem até ser extremamente inteligentes, capazes de apresentar idéias ou teorias magistrais. Todavia não aceitam as verdades do Espírito de Deus. Não se acham em condições de receber a revelação do Espírito Santo, que é completamente diferente das idéias humanas. O homem pode pensar que o intelecto e o raciocínio humanos são capazes de tudo, e que o cérebro consegue compreender todas as verdades do mundo. Entretanto o que a Palavra de Deus diz sobre isso é: " vaidade de vaidades".

Embora o homem esteja vivendo pela alma (\*\*\*), freqüentemente sente a insegurança inerente ao presente século e, por isso, busca a vida eterna relacionada com o século vindouro. Entretanto, mesmo buscando-a, continua impotente para descobrir a Palavra da vida através do seu intelecto e teorias. Como o raciocínio humano é falho e indigno de nossa confiança! É comum observarmos que as pessoas muito inteligentes têm opiniões conflitantes com relação a diversos assuntos. As teorias facilmente conduzem o

homem ao erro. Não passam de castelos no ar, que atiram o ser humano nas trevas eternas.

Sem a direção do Espírito Santo, o intelecto não merece confiança e também é extremamente perigoso, pois com freqüência confunde o certo com o errado. Isso é uma grande verdade. Um pequeno descuido pode provocar não apenas perdas temporárias, mas também danos eternos. A mente obscurecida do homem muitas vezes o conduz à morte eterna. Como seria bom se as almas não-regeneradas pudessem enxergar isso!

Pelo fato de o homem ser carnal, ele pode ser controlado pela alma e ainda estar sob a influência do corpo, pois a alma e o corpo se encontram intimamente relacionados. O corpo do pecado está cheio de desejos e paixões, e por isso o homem pode cometer os pecados mais hediondos. Como o corpo é formado do pó, sua tendência natural é voltada para a terra. O veneno da serpente inoculado no corpo do homem transforma todos os seus desejos legítimos em lascívia. Depois que a alma, desobedecendo a Deus, cedeu ao corpo, vê-se compelida a ceder sempre. Por isso, os mais vis desejos do corpo muitas vezes podem manifestar-se por meio da alma. O domínio que o corpo exerce torna-se tão irresistível que a alma não consegue se livrar da condição de submisso escravo dele.

O propósito de Deus é que o espírito tenha a primazia, Isto é, governe nossa alma. No entanto, depois que o homem se torna carnal, seu espírito afunda na servidão; é escravo da alma. E maior degradação, ainda, sucede quando o homem se torna "corporal", ou seja, do corpo, pois este, o menos nobre dos três, assume a posição de soberano. Então o homem deixou de ser controlado pelo espírito e passou a ser dominado pela alma. Depois deixou de ser dirigido pela alma e passou a ser regido pelo corpo. Ele se afunda cada vez mais. O domínio da carne é algo lamentável.

O pecado matou o espírito. Assim, a morte espiritual tornou-se o quinhão de todos, pois todos estão mortos em deli-los e pecados. O pecado levou a alma a ser independente: Viver segundo a alma (\*\*\*) resulta numa vida egoísta e egocêntrica. O pecado finalmente deu autoridade ao corpo; em conseqüência, a natureza pecaminosa reina através dele.





# 4

## A SALVAÇÃO

### O CASTIGO DO CALVÁRIO

A morte entrou no mundo por meio da queda do homem. Referimo-nos aqui à morte espiritual, que separa o ser humano de Deus. Ela entrou através do pecado do primeiro homem, e continua entrando assim até o dia de hoje. A morte vem sempre por meio do pecado. Vejamos o que Paulo diz em Romanos 5.12. Primeiro, ele afirma que "por um só homem entrou o pecado no mundo". Adão pecou, introduzindo o pecado no mundo. Segundo, "e pelo pecado, (entrou no mundo) a morte". A morte é sempre resultado do pecado. E, por último, ele ensina que "a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram". A morte não apenas "atingiu a" ou "passou sobre" (Darby) todos os homens. Ela literalmente "penetrou em todos os homens" (Young). Ela permeou o espírito, a alma e o corpo de todos. Não existe parte do ser humano pela qual ela não tenha passado. É imperativo, portanto, que o homem receba a vida de Deus. O caminho da salvação não pode ser o da reforma humana, porque a "morte" é irreparável. Para que o homem seja salvo da morte, o pecado tem de ser castigado. É exatamente isso que a salvação do Senhor Jesus realiza.

O homem que pecar deve morrer. A Bíblia faz essa afirmação. Nem os animais, nem os anjos podem sofrer o castigo do pecado em lugar do homem. É a natureza triúna do homem que peca, portanto, é ele que deve morrer. Somente um homem poderia fazer expiação pelo homem. Todavia nem mesmo a morte de um homem qualquer poderia fazer expiação pelo seu pecado, pois este faz parte da condição humana. Então o Senhor Jesus veio e tomou sobre si a natureza humana, para assim ser castigado no lugar da humanidade. Como ele jamais cometeu pecado, por ter uma natureza humana santa, podia, por sua morte, fazer expiação pela humanidade pecaminosa. Ele morreu como nosso substituto. Sofreu o castigo de todo o pecado, e ofereceu a vida como resgate por muitos. Conseqüentemente todo aquele que nele crer não será mais julgado (Jo 5.24).

Quando o Verbo se fez carne, alcançou toda carne. Como a transgressão de Adão representa a transgres-

são de toda a humanidade, assim também a obra de um só homem, Cristo, representa a obra de todos. Precisamos compreender a abrangência da obra de Cristo, para que possamos entender a redenção. Por que o pecado de um só homem, Adão, pode ser considerado o pecado de todos os homens do presente e do passado? Porque Adão é o cabeça da humanidade, através de quem todos os demais homens vieram ao inundo. Semelhantemente a obediência de um só homem, Cristo, torna-se a justiça de muitos, tanto do presente como do passado. É que Cristo constitui a cabeça de uma nova humanidade, à qual temos acesso por meio do novo nascimento.

O episódio narrado no capítulo 7 da epístola aos hebreus pode esclarecer essa questão. Para provar que o sacerdócio de Melquisedeque é superior ao de Levi, o escritor relembra que Abraão pagou o dízimo a Melquisedeque, e que este o abençoou. A partir daí conclui que tanto o dízimo de Abraão como a bênção eram de Levi. Como assim? "Porque aquele (Levi) ainda não tinha sido gerado por seu pai (Abraão), quando Melquisedeque saiu ao encontro deste" (v. 10). Sabemos que Abraão gerou a Isaque, Isaque gerou a Jacó e Jacó gerou a Levi. Portanto Levi era bisneto de Abraão. Quando Abraão deu o dízimo e recebeu a bênção, Levi ainda não havia nascido, nem seu pai, nem seu avô. Todavia a Bíblia considera o dízimo e a bênção de Abraão como sendo dada a Levi. Como Abraão é menor do que Melquisedeque, Levi também é menos importante do que aquele rei. Esse episódio nos ajuda a compreender por que o pecado de Adão é o pecado de todos, e por que o castigo que Cristo sofreu é considerado o de todos. E simplesmente porque, na ocasião em que Adão pecou, todos os homens ainda estavam presentes nele. Da mesma forma, quando Cristo foi castigado, todos os que vão ser regenerados estavam presentes nele. Desse modo, seu castigo é considerado como a punição de todos, e quem crer em Cristo não será mais julgado.

A humanidade deve ser castigada, por isso o Filho de Deus, o homem Jesus Cristo, sofreu, lá na cruz, pelos pecados do mundo, tanto em seu espírito como em sua alma e em seu corpo.

Consideremos, primeiro, seu sofrimento físico. O homem peca através do corpo e nele desfruta temporariamente dos prazeres do pecado. Conseqüentemente o corpo deve | ser objeto de punição. Quem pode avaliar os sofrimentos físicos do Senhor Jesus na cruz? Os sofrimentos de Cristo no corpo estão claramente preditos nos textos messiânicos. "Traspassaram-me as mãos e os pés." (SI 22.16.) O profeta Zacarias chamou a atenção para "aquele a quem traspassaram" (12.10). Suas mãos, seus pés, sua frente, seu lado e seu coração foram traspassados pelos homens, *pela* humanidade pecaminosa e *em favor* dela. Ele recebeu muitos ferimentos. Teve febre bem alta, pois o peso do seu corpo, totalmente pendurado na cruz, sem apoio, impedia que o sangue circulasse livremente. Sofreu uma sede extremamente aguda e por isso clamou: "A língua se me apega ao céu da boca"; "Na minha sede me deram a beber vinagre" (SI 22.15; 69.21). As mãos precisam ser perfuradas, porque elas amam o pecado. A boca deve sofrer, porque ama o pecado. Os pés devem ser traspassados, porque amam o pecado. A frente tem de ser coroada com espinhos, porque ela também ama o pecado. Tudo o que o corpo humano precisa sofrer foi aplicado ao corpo dele. Assim ele sofreu fisicamente até a morte. É fato que ele poderia escapar desses sofrimentos, pois isso estava ao seu alcance. Todavia ele ofereceu voluntariamente o seu corpo para suportar provas e dores incalculáveis, e não recuou nem por um momento, enquanto não viu que "tudo já estava consumado" (To 19.28). Só então entregou o espírito.

Entretanto não foi apenas o seu corpo que sofreu, mas sua alma também. A alma é responsável pela nossa consciência pessoal. Antes da crucificação, deram a Cristo vinho misturado com mirra, como sedativo para aliviar a dor, mas ele não aceitou. É que não queria perder os sentidos. A alma humana tem desfrutado dos prazeres do pecado em toda a sua plenitude, por isso Jesus precisava sofrer a dor dos nossos pecados em sua alma. Ele preferiu beber o cálice que Deus lhe deu, a beber o cálice que entorpece os sentidos.

E como é vergonhoso o castigo na cruz! Ela era usada para executar escravos fugidos. Um escravo não tinha nem propriedades, nem direitos. Seu corpo pertencia ao seu dono. Portanto poderia ser castigado na cruz mais vergonhosa. O Senhor Jesus tomou o lugar de um escravo e foi crucificado. Isaías chamou-o de "o servo". Paulo afirma que ele tomou a forma de escravo. E, como escravo, ele veio para livrar a nós, que estamos sujeitos a uma vida inteira de escravidão ao pecado e a Satanás. Somos escravos das paixões, do temperamento, dos hábitos e do mundo. Somos "vendidos" ao pecado. Contudo ele morreu por causa da nossa escravidão e levou sobre si toda a nossa vergonha.

A Bíblia diz que os soldados "tomaram" as roupas

do Senhor Jesus (Jo 19.23). Portanto ele estava quase nu quando foi crucificado. Essa é uma das vergonhas da cruz. O pecado tira nossa bela roupa e nos deixa despidos. O Senhor Jesus foi despido diante de Pilatos e, novamente, no Calvário. Como será que sua alma santa se sentiu diante de tal afronta? Isso não era um insulto à santidade de sua pessoa, uma agressão que o cobriu de ignomínia? Quem é capaz de entender seus sentimentos naquele momento trágico? Todo homem havia desfrutado da aparente glória do pecado, por isso o Salvador teve de suportar a real vergonha do pecado. Verdadeiramente tu (Deus) "o cobriste de ignomínia... com que, Senhor, os teus inimigos têm vilipendiado, sim, vilipendiado os passos do teu ungido"; não obstante, ele "suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia" (SI 89.45,51; Hb 12.2).

Ninguém jamais poderá avaliar o extremo sofrimento por I que passou a alma do Salvador na cruz. Muitas vezes avaliamos seu sofrimento físico, mas não atentamos para o sentimento de sua alma. Uma semana antes da Páscoa, ele disse: "Agora, está angustiada a minha alma" (Jo 12.27). Isso é referência à cruz. Quando ele estava no Jardim do Getsêmani, novamente afirmou: "A minha alma está profundamente triste até à morte" (Mt 26.38). Não fosse por essas palavras, nunca saberíamos que sua alma havia sofrido. No capítulo 53 de Isaías, o profeta diz que sua alma se tornou uma oferta pelo pecado, que ela "trabalhou" e que ele derramou sua alma na morte (vv. 10-12). Jesus levou sobre si a maldição e a vergonha da cruz. Por isso todo aquele que nele crê não mais será amaldiçoado, nem envergonhado.

Seu espírito também sofreu em extremo. É pelo espírito que temos comunhão com Deus. O Filho de Deus era santo, irrepreensível, imaculado, separado dos pecadores. Seu espírito achava-se ligado ao Espírito Santo, existindo entre eles perfeita unidade. Em seu espírito, jamais ocorreu nem um momento sequer de perturbação e dúvida, pois ele gozava da presença permanente de Deus. "Não sou eu só", declarou Jesus, "porém eu e aquele que me enviou... e aquele que me enviou está comigo." (Jo 8.16,29.) Por essa razão ele podia orar assim: "Pai, graças te dou porque me ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouviste" (Jo 11.41,42). Entretanto, quando ele se encontrava pendurado na cruz - e se houve um dia em que o Filho de Deus precisou desesperadamente da presença do Pai foi esse - ele clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46). Seu espírito ficou separado de Deus. Ele sentiu a solidão, o abandono e a separação de modo extraordinariamente intenso. O Filho estava se submetendo, estava obedecendo à vontade de Deus, o Pai. No entanto, naquele momento, ele foi abandonado; não por sua causa, mas por causa de outros.

O pecado afeta profundamente o espírito. E o Filho

de Deus, apesar de sua santidade absoluta, teve de ser afastado do Pai, porque levou o pecado de outros. É verdade que, antes de vir ao mundo, na eternidade, ele viveu esta realidade: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10.30). E mesmo durante os dias da sua peregrinação terrena, ele experimentou essa união, pois nem o fato de ter se tornado homem, afastou-o de Deus. Só o pecado podia promover essa separação. Em-l>ora se tratasse do pecado de outros, Jesus teve de sofrer a separação espiritual por nós, para que nosso espírito pudesse retornar para Deus.

Diante da morte de Lázaro, Jesus deve ter pensado na própria morte, que se aproximava. Por isso "agitou-se no espírito e comoveu-se" (Jo 11.33). Quando anunciou que seria traído e morreria na cruz, ele novamente "angustiou-se Jesus em espírito" (Jo 13.21). Foi por isso que, ao receber o castigo do Calvário, clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" "Lembro-me de Deus e passo a gemer; medito, e me desfalece o espírito" (Mateus 27.46, citando Salmo 22.1; 77.3). Seu espírito se separou do Espírito de Deus, por isso ele foi privado do poderoso conforto do Espírito Santo (Ef 3.16). E também suspirou: "Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; meu coração fez-se como cera, derreteu-se dentro de mim. Secou-se o meu vigor, como um caco de barro, e a língua se me apegava ao céu da boca; assim, me deitas no pó da morte" (Sl 22.14,15).

O Espírito de Deus o abandonou. Além disso, o espírito maligno de Satanás escarneceu dele. Parece evidente que o texto seguinte refere-se a esse episódio: "Não te distancies de mim... não há quem me ajuda. Muitos touros me cercam, fortes touros de Basã me rodeiam. Contra mim abrem a boca, como faz o leão que despedaça e ruge" (Sl 22.11-13).

Seu espírito sofreu o abandono de Deus ao mesmo tempo em que resistia ao escárnio do inimigo. O espírito do homem de tal modo se separou de Deus, exaltou a si mesmo e seguiu o maligno, que precisa ser totalmente quebrado, para não resistir mais a Deus, nem permanecer aliado ao inimigo. Na cruz, o Senhor Jesus Cristo tornou-se pecado em nosso lugar. Quando Deus proferiu juízo sobre toda a humanidade ímpia, sua condição humana e santa foi completamente esmagada. Abandonado por Deus, Cristo sofreu a dor mais amarga do pecado, suportando em trevas a ira punitiva de Deus sobre o pecado, sem o sustento do amor divino e sem a luz do rosto do Senhor. Deus se afasta do homem por causa do pecado.

Nossa condição humana pecaminosa foi totalmente castigada no homem imaculado que foi o Senhor Jesus. Nele, o homem santo obteve a vitória. Todo o castigo endereçado ao corpo, à alma e ao espírito dos pecadores foi descarregado sobre ele. Jesus é o nosso representante. Pela fé, estamos unidos a ele. Sua morte é considerada como nossa morte, e seu castigo,

como nossa punição. Nosso espírito, alma e corpo foram totalmente julgados e castigados nele. É como se a punição tivesse sido aplicada diretamente à nossa pessoa. "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus." (Rm 8.1.)

Foi isso que ele fez por nós, e hoje essa é nossa situação diante de Deus. "Porquanto quem morreu está justificado do pecado." (Rm 6.7.) Essa é a nossa condição. Já morremos no Senhor Jesus. Agora apenas aguardamos que o Espírito Santo transforme esse fato em experiência. É através da morte e da ressurreição do Senhor Jesus que o Espírito Santo de Deus nos comunica a natureza divina. A cruz leva sobre si o castigo do pecador e proclama sua total falta de mérito. Ela crucifica o pecador e dela flui a vida do Senhor Jesus. A partir daí, todo aquele que aceita a cruz nasce de novo pelo Espírito Santo e recebe a vida do Senhor Jesus.

## A REGENERAÇÃO

De acordo com a Bíblia, a regeneração é o processo pelo qual passamos da morte para a vida. Antes da regeneração, o espírito do homem está longe de Deus. Desse modo, ele é considerado morto, pois a morte é um estado em que nos achamos sem vida e desligados de Deus, que é a fonte da vida. A morte, portanto, é a condição na qual nos encontramos separados de Deus. O espírito do homem está morto, e é incapaz de manter comunhão com ele. Aí, então, ou sua alma o controla, lançando-o numa vida de idéias e imaginações, ou são as cobiças e hábitos do corpo que o dominam, levando sua alma a um estado de servidão.

O espírito do homem precisa ser vivificado, pois nasce morto. O novo nascimento, acerca do qual o Senhor Jesus falou a Nicodemos, é o nascimento do espírito. Obviamente não é o nascimento do corpo físico, como supunha Nicodemos, nem tampouco da alma (\*). Devemos observar cuidadosamente que, no novo nascimento, a vida de Deus é comunicada ao *espírito* do homem. Cristo fez expiação por nossa alma e destruiu o princípio da carne. Por isso nós, que estamos unidos a ele, participamos da sua vida ressurreta. Unimo-nos a ele em sua morte. Conseqüentemente é em nosso espírito que primeiro experimentamos sua vida ressurreta. O novo nascimento é algo que ocorre totalmente no âmbito do espírito. Não tem relação nenhuma com a alma ou com o corpo.

O homem é um elemento singular da criação de Deus, não pelo fato de possuir uma alma, mas por ter um espírito que, unido à alma, constitui o seu ser. Essa união coloca o homem na condição de uni ser extraordinário no Universo. Sua alma não se relaciona diretamente com Deus. De acordo com a Bíblia, é o espírito que tem conexão com o Senhor. Deus é Espírito. Portanto todos os que o adoram devem adorá-lo em espírito. Somente o espírito pode ter comunhão

com Deus. Só um espírito pode adorar o Espírito. Daí encontrarmos na Bíblia expressões como: "Porque Deus, a quem sirvo em meu espírito" (Rm 1.9; 7.6; 12.11); "Deus no-lo revelou pelo Espírito" (1 Co 2.9-12); "adorem em espírito" (Jo 4.23,24; Fp 3.3); "fui arrebatado em espírito" (Ap 1.10; 1 Co 2.10 - ARC).

Desse modo, lembremo-nos de que Deus só trata com o homem através do seu espírito, e que é pelo espírito do homem que o Senhor realiza seus propósitos. Sendo assim, é de todo necessário que o espírito do homem continue em constante e viva união com Deus, sem ser induzido, por nem um momento sequer, a desobedecer às leis divinas seguindo os sentimentos, desejos e ideais da alma. Caso contrário, a morte se manifestará imediatamente, e o espírito não terá sua união com a vida de Deus. Isso não quer dizer que o homem deixe de ter espírito. Significa simplesmente, conforme já dissemos antes, que o espírito estaria renunciando à sua elevada posição, em favor da alma. Sempre que o homem interior obedece aos ditames do homem exterior, perde contato com Deus e se torna espiritualmente morto. "Estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora", por ter feito "a vontade da carne e dos pensamentos" (Ef 2.1-3).

O homem não-regenerado é quase que totalmente governado pela alma. Ele pode estar vivendo sob o efeito de sentimentos como o temor, a curiosidade, a alegria, o orgulho, a compaixão, o prazer, a satisfação, a admiração, a vergonha, o amor, o remorso ou o regozijo. Ou pode estar cheio de ideais, de imaginação, de superstição, dúvidas, suposições, indagações, induções, deduções, de análise e introspecção. Pode ainda ser movido pela ambição do poder, ou da riqueza, da popularidade, da liberdade, da posição, da fama, do louvor, do conhecimento, sendo levado a tomar muitas decisões ousadas, a emitir julgamentos pessoais, a exprimir opiniões obstinadas, ou, até mesmo, a sofrer com perseverança e paciência. Essas e outras atitudes semelhantes não passam de manifestação das três principais funções da alma, a saber, a emoção, a mente e a vontade. E na realidade é delas que a vida se compõe predominantemente. Contudo a regeneração jamais pode brotar delas. Nem o arrependimento, nem a tristeza pelo pecado, nem o choro, nem mesmo uma decisão tomada leva o homem à salvação. A confissão, a decisão e muitas outras atitudes religiosas não podem e não devem ser vistas como o novo nascimento. Se o espírito não tiver sido alcançado e despertado, as decisões racionais, o entendimento inteligente, a aceitação mental, a busca do bem, do belo e do verdadeiro, não passam de atividades da alma (\*). As idéias, os sentimentos e as escolhas do homem podem ser bons "servos", mas nunca senhores. Por conseguinte, seu papel na salvação é secundário. Por isso, a Bíblia jamais apresenta o novo nascimento como uma disciplina corporal rígida, ou

como sentimentos impulsivos, ou como exigências da vontade, ou como uma reforma de vida operada por um entendimento mental. O novo nascimento bíblico ocorre numa parte do ser humano que é bem mais profunda que o corpo e a alma, a saber, no espírito do homem, onde ele recebe a vida de Deus, através do Espírito Santo.

O escritor de Provérbios diz que "o espírito do homem é a lâmpada do Senhor" (20.27). Por ocasião da regeneração, o Espírito Santo entra no espírito do homem e o vivifica, como que acendendo uma lâmpada. Esse é o "novo espírito", mencionado em Ezequiel 36.26. Quando o Espírito Santo injeta no espírito velho e morto a vida não-criada de Deus, ele é despertado para a vida.

Antes da regeneração, a alma do homem controla seu espírito, enquanto o próprio "eu" governa a alma, e as paixões, o corpo. A alma tornou-se a vida do corpo. Na regeneração, o homem recebe em seu espírito a própria vida de Deus, e nasce de Deus. Com isso, o Espírito Santo passa a governar o espírito do homem, que, por sua vez, torna-se capaz de reconquistar o controle da alma e, por meio dela, governa o corpo. Quando o Espírito Santo se torna a vida do espírito do homem, passa a ser a vida de todo o ser. O espírito, a alma e o corpo de cada pessoa que nasceu de novo são restaurados ao propósito original de Deus.

O que se deve fazer, então, para que o espírito nasça «Ir novo? Sabemos que o Senhor Jesus morreu no lugar do pecador. Na cruz, ele sofreu, em seu corpo, por todos os pecados do mundo. Deus vê a morte do Senhor Jesus como a morte de todas as pessoas. Como homem santo, ele sofreu a morte pela humanidade ímpia. Contudo ainda há algo que o homem tem de fazer: precisa exercitar fé em Cristo e entregar a si - espírito, alma e corpo - para se unir com o Senhor Jesus. Isto é, deve considerar a morte e a ressurreição do Senhor Jesus como sua própria morte e ressurreição. O significado certo de João 3.16 é o seguinte: "Para que todo o que crê *para dentro* dele (literal) não pereça, mas tenha a vida eterna". O pecador deve exercitar a fé e crer *para dentro* do Senhor Jesus. Fazendo isso, une-se a ele em sua morte e ressurreição, e recebe a vida eterna (Jo 17.3), ou seja, a vida espiritual, para sua regeneração.

Precisamos ter cuidado para não vermos a morte do Senhor Jesus como nosso substituto e nossa morte com ele, como se fossem dois fatos separados. Quem enfatiza o entendimento mental vê aí dois eventos distintos. Na vida espiritual, porém, não podemos separar um do outro. Precisamos fazer distinção entre a morte substitutiva e a morte "conjunta"; separá-las, porém, jamais. Quem crê que o Senhor Jesus morreu como seu substituto, já se uniu a ele em sua morte (Rm 6.2). Para mim, crer na obra substitutiva do Se-

nhor Jesus é crer que já fomos punidos nele. O castigo que devo receber pelo meu pecado é a morte. Todavia o Senhor Jesus sofreu a morte por mim, portanto morri nele. De outro modo, não pode haver salvação. Quando digo que ele morreu por mim, estou afirmando que já fui punido e morri nele. Quem crê nesse fato experimenta a realidade dele.

Podemos dizer, então, que a fé pela qual o pecador crê na morte vicária do Senhor Jesus é uma "fé para dentro" de Cristo, logo, em união com ele. Alguém pode estar preocupado apenas em ficar livre do castigo pelo pecado, e não pensar no poder do pecado. Mesmo assim acha-se unido com o Senhor, o que é um fato comum a todos os que crêem em Cristo. Quem não está unido com o Senhor ainda não creu e, portanto, não tem parte nele.

Quando alguém crê, une-se ao Senhor. Estar unido a ele significa experimentar tudo o que ele experimentou. Em João 3, o Senhor ensina como é que nos unimos a ele: juntando-nos a ele em sua crucificação e morte (vv. 14,15). Todo crente tem condição de unir-se ao Senhor em sua morte, e, "se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição" (Rm 6.5). Portanto todo aquele que crê na morte vicária do Senhor Jesus também passa a ter a condição de alguém que ressuscita com ele. Mesmo que alguém não tenha experimentado plenamente o significado da morte do Salvador, Deus lhe dá vida juntamente com Cristo. Assim, ele obtém uma nova vida, pelo poder da ressurreição do Senhor Jesus. Isso é o novo nascimento.

Devemos ter cuidado para não afirmar que se alguém não experimentou a morte e a ressurreição com o Senhor não nasceu de novo. De acordo com as Escrituras, todo aquele que crê no Senhor Jesus é regenerado. "Mas, a todos quantos o receberam... aos que crêem no seu nome... nasceram... de Deus." (Jo 1.12,13.) Precisamos entender que a ressurreição com o Senhor não é uma experiência anterior ao novo nascimento. Nossa regeneração é nossa união com o Senhor em sua ressurreição, e também em sua morte. Sua morte terminou com nosso viver pecaminoso, e sua ressurreição nos deu nova vida, iniciando-nos na vida cristã. O apóstolo Pedro afirma que Deus "nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos (1 Pe 1.3). Ele mostra que todo cristão nascido de novo lá ressuscitou com o Senhor. E o apóstolo Paulo, na sua carta aos filipenses, nos conchama a experimentar "o poder da sua ressurreição" (3.10). Muitos cristãos nasceram de novo e ressuscitaram com o Senhor, embora o poder da ressurreição não se tenha manifestado neles.

Portanto não devemos confundir condição com experiência. Quando alguém crê no Senhor Jesus, Deus o coloca na condição de morto, resurreto e assunto

com Cristo, mesmo que se trate de uma pessoa extremamente fraca e destituída de conhecimento. Aquele que Deus aceita *em* Cristo é tão aceitável *quanto* Cristo. Isso é uma condição. E, de acordo com essa condição, tudo o que Cristo experimentou é dele. Essa condição leva-o a experimentar o novo nascimento, que não exige uma experiência profunda da morte, da ressurreição e da ascensão do Senhor Jesus, mas, sim, a fé nele. Mesmo que um crente não tenha nenhuma experiência do poder da ressurreição de Cristo (Fp 3.10), ele foi vivificado juntamente com Cristo, foi ressuscitado com ele e assentou-se juntamente com ele nos lugares celestiais (Ef 2.5,6).

No tocante à regeneração, existe ainda algo que devemos observar atentamente. Hoje nós temos muito mais do que tínhamos em Adão, antes da queda. Antes de Adão pecar, ele possuía um espírito. Entretanto esse fora criado por Deus. Não era a vida não-criada de Deus, tipificada pela árvore da vida. Não existia nenhuma relação de vida entre Adão e Deus. Ele é chamado de "filho de Deus" por ter sido criado diretamente por Deus, da mesma maneira que os anjos também são chamados assim. Nós, porém, que cremos no Senhor Jesus, somos "nascidos de Deus" (Jo 1.12,13). Conseqüentemente existe um relacionamento de vida entre nós e o Senhor. Toda criança que nasce herda a vida do seu pai. Nós somos nascidos de Deus, portanto temos a vida dele (2 Pe j 1.4). Se Adão tivesse recebido a vida que Deus colocou à sua disposição na árvore da vida, teria alcançado imediatamente a vida eterna não-criada de Deus. Seu espírito veio de Deus, por isso é eterno. O modo como esse espírito eterno vai viver dependerá de como o homem encara as ordens divinas e também da decisão que faz. A vida que nós, cristãos, adquirimos na regeneração é a mesma que Adão poderia ter tido, mas nunca teve: a vida de Deus. A regeneração, além de restaurar a ordem entre o espírito e a alma do homem, corrigindo a desordem existente, concede-nos, também, a vida sobrenatural de Deus.

Através do fortalecimento do Espírito Santo, o espírito caído e obscurecido do homem aceita a vida de Deus e passa a ter vida. A base na qual o Espírito Santo pode operar a regeneração do homem é a cruz (Jo 3.14,15). A vida eterna, mencionada em João 3.16, é a vida de Deus, que o Espírito Santo implanta no espírito do homem. Essa vida é de Deus, e nunca morre. Daí se conclui que todo o que é nascido de novo, e possui a vida dele, tem a vida eterna. A vida de Deus não pode sofrer a morte, por isso a vida eterna que o homem recebe jamais morre.

No novo nascimento, estabelecemos com Deus um relacionamento de vida. Esse tem em comum com o antigo nascimento, da carne, apenas o fato de que acontece uma vez para sempre. Depois que o homem nasce de Deus, não pode mais ser tratado pelo Senhor

como se não tivesse nascido dele. Esse relacionamento e a condição que o homem passa a ter jamais podem ser desfeitos, nem mesmo num tempo infinito, como é a eternidade. E que aquilo que o crente recebe no novo nascimento é um dom direto de Deus, algo que não depende de ele efetuar uma busca progressiva, espiritual e santa, depois de ter crido. O que Deus lhe concede é a vida eterna. Essa vida e essa condição nunca podem ser abolidas.

Receber a vida de Deus no novo nascimento é o ponto de partida da caminhada do cristão; é o mínimo que um crente pode experimentar. Aqueles que ainda não creram na morte do Senhor Jesus e não receberam a vida sobrenatural (que eles naturalmente não podem possuir), aos olhos de Deus, são como mortos, ainda que sejam religiosos, respeitáveis, instruídos ou zelosos. Aqueles que não têm a vida de Deus acham-se mortos.

Aqueles que são nascidos de novo têm a grande possibilidade de crescer espiritualmente. É óbvio que a regeneração é o primeiro passo para o desenvolvimento espiritual. A vida que recebemos é perfeita, entretanto aguarda ainda a maturação. Ela não pode ter alcançado sua plenitude já por ocasião do nascimento. E como um fruto recém-formado: sua vida é perfeita, mas ainda está verde. Desse modo, as possibilidades de crescimento são ilimitadas. O Espírito Santo pode levar-nos a ter uma vitória completa sobre o corpo e a alma.

## **DOIS TIPOS DE CRISTÃO**

Em 1 Coríntios 3.1, o apóstolo Paulo mostra que os cristãos se dividem em duas categorias: os espirituais e os carnis. O cristão espiritual é aquele em cujo espírito habita o Espírito Santo, controlando todo o seu ser. O que significa, então, ser carnal? A Bíblia emprega a palavra "carne" para descrever a vida e o valor do homem não-regenerado. Dela consta tudo aquilo que brota da alma e do corpo pecaminosos (Rm 7.19). O cristão carnal, portanto, é aquele que nasceu de novo e tem a vida de Deus, mas ao invés de vencer sua carne, é derrotado por ela. Sabemos que o espírito de um homem caído está morto, e que seu ser é dominado pela alma e corpo. O crente carnal, então, é aquele cujo espírito foi vivificado, mas que ainda segue a alma e o corpo para pecar.

Se um cristão permanece na condição de carnal muito tempo depois de experimentar o novo nascimento, está impedindo a manifestação do pleno potencial da salvação que lhe foi outorgada por Deus. Somente quando ele está crescendo na graça, constantemente guiado pelo espírito, é que a salvação se realiza de maneira completa. No Calvário, Deus providenciou uma salvação plena para o pecador, visando à sua regeneração e vitória completa sobre a sua velha criatura.

SEGUNDA PARTE

A CARNE



## A CARNE E A SALVAÇÃO

A palavra "carne", no hebraico, é *basar*, e, no grego, *sarx*. Ela é encontrada freqüentemente na Bíblia, sendo empregada de várias maneiras. Seu uso mais significativo diz respeito à pessoa não-regenerada. O apóstolo Paulo a emprega com esse sentido, deixando bem claro seu significado. Falando do seu velho "eu", em Romanos 7, ele diz: "Eu sou carnal" (v. 14 - Darby). Não é apenas sua natureza ou parte do seu ser que é carnal; seu "eu", ou seja, seu ser total, é carnal. Ele repete a mesma idéia no versículo 18, ao afirmar que "em mim, isto é, na minha carne..." Deduz-se claramente que "carne", na Bíblia, designa todo o ser de uma pessoa não-regenerada. Em relação a esse uso da palavra "carne", devemos nos lembrar de que, bem no início, o homem foi constituído de espírito, alma e corpo. Por ser a sede da personalidade e da consciência humana, a alma se relaciona com o mundo espiritual através do espírito do homem. Ela tem de decidir se obedecerá ao espírito, ficando assim unida com Deus e sua vontade, ou se sujeitará ao corpo e a todas as tentações do mundo material. Por ocasião da queda do homem, a alma resistiu à autoridade do espírito, tornando-se escrava do corpo e de suas paixões. Desse modo, o homem tornou-se carnal, e não espiritual. O espírito perdeu sua nobre posição, o que o reduziu à condição de prisioneiro. A alma se acha sujeita à carne, por isso a Bíblia considera o homem carnal ou sensual. Tudo o que é da alma (\*) tornou-se carnal.

Além de designar tudo o que uma pessoa não-regenerada é, o termo "carne", por vezes, indica o tecido muscular do corpo humano, distinto do sangue e dos ossos. Pode ser empregado, também, com o sentido de "corpo". É usado «muitas vezes referindo-se a toda a humanidade. Esses quatro significados acham-se intimamente relacionados. Façamos, portanto, uma breve análise desses três outros sentidos do termo "carne" na Bíblia.

Vejamos, primeiro, a palavra "carne" aplicada ao tecido muscular, à parte mole do corpo humano. Sabemos que este é composto de carne, ossos e sangue. A carne é a parte através da qual sentimos o mundo que nos rodeia. Portanto uma pessoa carnal é aquela que segue o mundo. Além de ter carne, também anda

segundo a carne.

Em seguida, examinemos esse termo aplicado a todo o corpo humano. De modo geral, carne significa o corpo humano, vivo ou morto. Segundo Paulo ensina na última par-le de Romanos 7, o pecado da carne encontra-se relacionado com o corpo humano: "Mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros" (v. 23). No capítulo 8, o apóstolo explica que, se quisermos vencer a carne, devemos mortificar "os feitos do Corpo" pelo Espírito (v. 13). Dessa forma, a Bíblia usa a palavra *sarx* para indicar, não somente o lado psíquico da carne, mas também o físico.

Por último, vejamos esse vocábulo aplicado a toda a humanidade. Todos os homens deste mundo são nascidos da carne; logo, todos são carnis. A Bíblia considera todos os homens, sem exceção, como carne. Todo homem é controlado pela união da alma com o corpo, que se chama "carne". Por isso, ele segue tanto os pecados do corpo como os do ego, que é parte de sua alma. Assim, sempre que a Bíblia fala de todos os homens, sua expressão característica é "toda carne". Em conseqüência, *basar*, ou *sarx*, refere-se aos seres humanos em geral.

### COMO É QUE O HOMEM SE TORNA CARNE?

"O que é nascido da carne é carne". O Senhor Jesus afirmou isso para Nicodemos (Jo 3.6). Essa declaração sucinta responde a três perguntas: O que é a carne? Como é que o homem se torna carne? Qual é a natureza dela?

1. *O que é a carne?* "O que é nascido da carne é carne." E quem é que é nascido da carne? O homem. Portanto o homem é carne, e tudo o que ele herda dos seus pais através do processo natural pertence à carne. E nesse aspecto, não faz diferença se o homem é bom, decente, inteligente, bondoso, ou então se é mau, ímpio, tolo, inútil ou cruel. O homem é carne. O homem e tudo que lhe diz respeito pertencem à carne, e se encontram nos domínios dela. Tudo aquilo com que nascemos, ou que mais tarde se desenvolve em nós,



pertence à carne.

2. *Como é que o homem se torna carne? "O que é nascido da carne é carne."* Ele não vai aprendendo a ser mau, pecando gradativamente, nem se entregando aos poucos à licenciosidade. Tampouco vai se tornando cada vez mais ávido de seguir os desejos do seu corpo e de sua mente, até finalmente ser derrotado e passar a ser controlado pelas paixões malignas do seu corpo. Não. O Senhor Jesus declarou enfaticamente que, ao nascer, o homem já é carnal. Isso não se deve à sua conduta, nem ao seu caráter. O que decide essa questão é apenas um fato: através de quem ele nasceu. Todo homem neste mundo é gerado por pais humanos. Assim, Deus o considera como sendo da carne (Gn 6.3). Como pode alguém, que nasceu da carne, não ser da carne? Conforme diz o Senhor, o homem é carne porque nasceu do sangue, da vontade da carne e da vontade do homem (Jo 1.13), e não por causa da maneira de viver dele ou de seus pais.

3. *Qual é a natureza da carne? "O que é nascido da carne é Carne."* Aí não há exceção, nem distinção. Nem instrução, nem aprimoramento, nem cultura, nem moralidade, nem religião podem fazer com que o homem deixe de ser carnal. Nenhum esforço ou capacidade humanos podem alterar esse fato. Se ele foi gerado da carne, será sempre carne. Nenhum projeto humano pode torná-lo melhor do que era quando nasceu. O Senhor Jesus disse: "é". Assim, a questão está resolvida de forma definitiva. Não é o homem quem decide sua condição de carnal; isso é determinado quando ele nasce. Se ele é nascido da carne, qualquer plano que faça para se transformar será inútil. Mesmo que passe por uma mudança exterior, seja ela repentina ou gradual, o homem sempre continua sendo carne.

## O HOMEM NÃO-REGENERADO

O Senhor Jesus declarou que qualquer pessoa não-regenerada, que nasceu só uma vez (isto é, só do homem), é carne e, portanto, está vivendo no domínio da carne. Antes da nossa regeneração, realmente andávamos "segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais" (Ef 2.3; Rm 9.8). Um homem cuja alma se submete às paixões do corpo e comete um número enorme de pecados não-mencionáveis pode estar tão morto para Deus ("mortos nos vossos delitos e pecados" (Ef 2.1), e "mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne" (Cl 2.13) que não tenha consciência de sua pecaminosidade. Pelo contrário, ele pode até se tornar orgulhoso dela, considerando-se melhor que os demais. Falando com franqueza, "quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarem para a morte", pelo simples fato de sermos carnais, vendidos "à es-

cravidão do pecado". Nós, portanto, com nossa carne, somos escravos "da lei do pecado" (Rm 7.5,14,25).

Embora a carne seja muitíssimo forte para levar-nos a pecar e seguir os desejos egoístas, é extremamente fraca em relação à vontade de Deus. O incrédulo não tem condições de cumprir a vontade divina em nada, estando enfraquecido "pela carne". Aliás, o pendor da carne é até "inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar" (Rm 8.3,7). Isso não quer dizer, porém, que a carne despreze totalmente as coisas do Senhor. Os carnais, algumas vezes, empenham-se ao máximo para observar a lei. Além do mais, a Bíblia jamais considera sinônimos os termos "carnal" e "transgressor da lei". Ela simplesmente afirma que "por obras da lei, ninguém será justificado" (Gl 2.16). Não há nada de extraordinário em o carnal transgredir a lei; isso prova somente que ele é da carne. Contudo, já que Deus determinou que o homem não será justificado pelas obras da lei, mas pela fé no Senhor Jesus (Rm 3.28), os que tentam seguir a lei apenas manifestam sua desobediência a Deus, procurando estabelecer uma justiça própria, em lugar da que vem de Deus (Rm 10.3). Isso revela, ainda mais, que eles pertencem à carne. Resumindo, "os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Rm 8.8) e esse "não podem" sela o destino dos carnais.

Deus vê a carne como sendo totalmente corrupta. Ela se acha tão intimamente ligada à concupiscência que a Bíblia, muitas vezes, faz referência às "concupiscências da carne" (2 Pe 2.18 - Darby). Deus não exercita seu grande poder para transformar a natureza da carne em algo agradável a ele. O próprio Deus declara: "Meu Espírito não lutará no homem para sempre, porque ele é carne" (Gn 6.3 - Young). A corrupção da carne é tal que nem mesmo o Espírito Santo de Deus procura torná-la não-carnal. O que é nascido da carne é carne. Infelizmente, o homem não entende a Palavra de Deus e, por isso, tenta continuamente purificar e reformar sua carne. Entretanto a Palavra de Deus permanece para sempre. Devido à extrema corrupção da carne, Deus adverte seus filhos a detestarem "até a roupa contaminada pela carne" (Jd 23).

Deus conhece a condição atual da carne, por isso declara que ela é imutável. Qualquer um que tentar remediá-la, seja pela auto-humilhação ou usando de severidade para com o corpo, fracassará por completo. O Senhor reconhece que é impossível melhorar ou aperfeiçoar a carne. Portanto, ao salvar o mundo, ele não busca alterar a carne do homem. Pelo contrário, ele nos concede uma nova vida, a fim de ajudar-nos a mortificá-la. A carne deve morrer. Isso é salvação.

## A SALVAÇÃO DE DEUS

O apóstolo afirma que "o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus envi-

ando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado" (Rm 8.3). Isso revela a real situação daquela "respeitável" classe de carnais que se empenha em guardar a lei, talvez até zelosamente. Eles podem estar observando um bom número de mandamentos "enfermos pela carne", porém, não podem guardar toda a lei<sup>1</sup>. A lei deixa bem claro que "aquele que observar os seus preceitos por eles viverá" (Gaiatas 3.12, citando Levítico 18.5). Não o fazendo, será condenado à perdição. Alguém poderá perguntar:

"Que parcela da lei devemos guardar?"

Toda; pois "qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos" (Tg 2.10). "Visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado." (Rm 3.20.) Quanto mais alguém deseja observar a lei, mais descobre o quanto está cheio de pecado e como é impossível guardá-la.

A reação de Deus para com a pecaminosidade de toda a raça humana foi assumir para si a tarefa de salvá-la. O meio que ele usou foi "o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa". O Filho não tem pecado, por isso somente ele se acha qualificado para nos salvar. A frase "em semelhança de carne pecaminosa" é referência à sua encarnação: ele recebeu um corpo humano e ligou-se à humanidade. Em outro lugar, a Bíblia fala do Filho unigênito de Deus como "o Verbo" que "se fez carne" (Jo 1.14). Sua vinda ao mundo em semelhança de carne pecaminosa é o "se fez carne" desse versículo. Portanto, no texto que citamos, Romanos 8.3, Paulo diz também de que maneira o Verbo se fez carne. A ênfase aí é que ele é o Filho de Deus e, conseqüentemente, não tem pecado. Mesmo vindo em carne, o Filho de Deus não se fez "carne pecaminosa". Ele apenas veio "em semelhança de carne pecaminosa". Mesmo quando estava na carne, ele continuou sendo Filho de Deus, permanecendo sem pecado. Todavia, por causa da semelhança de carne pecaminosa, ele se acha intimamente ligado aos pecadores do mundo, que vivem na carne.

Qual é, então, o propósito da sua encarnação? Um "sacrifício pelos pecados" é a resposta bíblica (Hb 10.12). Isso é referência à obra realizada na cruz. O Filho de Deus tem de fazer expiação pelos nossos pecados. Todos os carnais pecam contra a lei; não podem alcançar a justiça de Deus, e estão destinados à perdição e à condenação. Mas o Senhor Jesus, vindo ao mundo, toma essa semelhança de carne pecaminosa e une-se aos carnais de forma tão perfeita que, pela sua morte na cruz, eles recebem o castigo por seus pecados. Ele não precisa sofrer, pois não tem pecado. Todavia ele sofre, porque possui a semelhança de carne pecaminosa. Como o novo cabeça de toda a

raça, o Senhor Jesus agora engloba todos os pecadores em seu sofrimento. Isso explica a punição pelo pecado.

Cristo, como sacrifício pelo pecado, sofre por todos os que estão na carne. E que dizer, então, do poder do pecado que domina os carnais? "Condenou Deus, na carne, o pecado." Aquele que não tem pecado é feito pecado por nós, de modo que ele morreu pelo pecado. Ele é "morto, sim, na Carne" (1 Pe 3.18). Ao morrer na carne, ele leva à cruz o pecado na carne. Esse é o significado da frase "condenou Deus, na carne, o pecado". Condenar significa julgar, ou aplicar o castigo. O julgamento e a punição do pecado são a morte. Assim, o Senhor Jesus realmente mortificou o pecado em lua carne. Vemos, então, que, em sua morte, não apenas os nossos *pecados* são castigados, mas *o próprio pecado* é julgado.

Daqui para frente, o pecado não tem mais poder sobre aqueles que se uniram ao Senhor na morte dele, e cujo pecado, portanto, já foi condenado na carne deles.

## A REGENERAÇÃO

O livramento do castigo e do poder do pecado que Deus oferece ao homem se realiza na cruz do seu Filho. Agora ele l'«ic essa salvação diante de todos os homens, para que todo aquele que quiser aceitá-la possa ser salvo.

Deus sabe que no homem não habita nenhum bem; nenhuma carne pode lhe agradar. Ela se acha tão corrompida que já não há possibilidade de recuperação. Para a carne, não existe mais remédio. Como é então que o homem, depois de crer no Filho de Deus, poderia agradar ao Senhor, se este não lhe conceder algo novo? Graças a Deus, porém, que ele concede uma nova vida - a sua vida não-criada - àqueles que crêem na salvação do Senhor Jesus e o recebem como seu Salvador pessoal. E isso que chamamos de "regeneração", ou "novo nascimento". Deus não altera nossa carne, mas nos dá sua vida. A carne daqueles que nasceram de novo continua tão corrupta quanto a dos que não experimentaram tal nascimento. A carne do crente é igual à do pecador. Ela não passa por nenhuma transformação por causa da regeneração. O novo nascimento não exerce nenhuma influência positiva sobre a carne. Ela permanece como é. O objetivo de Deus ao comunicar-nos sua vida não é educar e instruir a carne. Não. Pelo contrário, recebemos essa vida para vencermos a carne.

Na regeneração, o homem realmente se relaciona com o Senhor pelo nascimento. Regenerar-se quer dizer nascer de Deus. Recebemos nossa vida carnal dos nossos pais. Do mesmo modo, recebemos a vida espiritual de Deus. O nascimento é uma "comunicação de vida". Quando afirmamos que nascemos de Deus, estamos querendo dizer que recebemos uma nova vida

dele. A vida que recebemos é a real.

Anteriormente vimos por que é que nós, seres humanos, somos carnis. Nosso espírito está morto e nossa alma se acha na direção de todo o nosso ser. Andamos segundo a concupiscência do corpo. Não existe nenhum bem em nós. Para Deus nos libertar, primeiro ele restaura a posição do espírito dentro de nós, para que voltemos a ter comunhão com ele. Isso acontece quando cremos no Senhor Jesus. Deus coloca sua vida em nosso espírito, levantando-o, assim, da morte. O Senhor Jesus declara que "o que é nascido do Espírito é espírito" (Jo 3.6). Nessa ocasião, a vida de Deus, que é O Espírito, entra em nosso espírito e o restaura à sua condição original. O Espírito Santo instala sua morada no espírito humano e assim o homem é transportado para a esfera espiritual. Nosso espírito é vivificado e volta a governar. O "espírito novo", mencionado em Ezequiel 36.26, é a nova vida que recebemos por ocasião da regeneração.

O homem é regenerado não por fazer algo especial, mas por crer no Senhor Jesus como seu Salvador: "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêm no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (Jo 1.12,13). Os que crêm no Senhor Jesus como Salvador são nascidos de Deus, tornando-se, portanto, filhos dele.

A regeneração é a parcela mínima de vida espiritual. E a base sobre a qual se realiza à edificação que ocorre posteriormente. Quem não é regenerado, não pode falar de vida espiritual, nem tampouco ter esperança de crescer espiritualmente, pois não possui vida em seu espírito. Da mesma forma como ninguém pode construir um castelo no ar, assim também não podemos edificar aqueles que são irregenerados. Se tentarmos ensinar uma pessoa irregenerada a fazer o bem e a adorar a Deus, estaremos simplesmente ensinando digo a uma pessoa morta. Quando tentamos melhorar e reformar a carne, estamos querendo fazer algo que Deus não faz. É essencial que cada crente saiba, sem sombra de dúvida, que já foi regenerado e que recebeu a nova vida. Ele deve compreender que o novo nascimento não é uma tentativa de melhorar a velha carne, ou de transformá-la em vida espiritual. Na verdade, é o recebimento de uma vida que ele nunca possuiu e não poderia possuir antes. Quem não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus. Nunca poderá perceber os mistérios espirituais, nem provar a celestial doçura do reino de Deus. Seu destino é apenas esperar a morte e o castigo. Não existe mais nada para ele.

Como alguém pode saber se é regenerado? João diz que o homem nasce de novo quando crê no nome do Filho de Deus e o recebe (1.12). O nome do Filho de Deus é "Jesus", que significa "ele salvará o seu

povo dos pecados deles" (Mt 1.21). Portanto crer no nome do Filho de Deus equivale a crer nele como o Salvador. Implica crer que Jesus morreu na cruz por nossos pecados, a fim de livrar-nos da culpa e do poder do pecado. Crer assim é recebê-lo como Salvador. Se alguém deseja saber se é regenerado ou não, precisa simplesmente examinar-se. Deve responder a seguinte pergunta: Já fui à cruz, vendo-me como um pecador perdido, e recebi o Senhor Jesus como Salvador? Se a resposta I for afirmativa, ele é regenerado. Todos os que crêm no I Senhor Jesus são nascidos de novo.

## O CONFLITO ENTRE O VELHO E O NOVO

É essencial que o regenerado compreenda o que foi que i obteve através do novo nascimento e o que ainda lhe resta dos seus dons naturais. Esse conhecimento lhe será de muito proveito, à medida que for avançando em sua caminhada espiritual. Neste ponto, será útil explicar o que a carne do ] homem abrange e, também, como o Senhor Jesus, em sua redenção, trata com os elementos da carne. Em outras palavras, o que é que o crente herda na regeneração?

Examinando alguns versículos de Romanos 7, vemos claramente que os componentes da carne são, principalmente, o "pecado" e o "mim": "o pecado que habita em mim... isto 1 é, na minha carne" (vv. 17,18). O "pecado", aqui, é o poder do pecado, e o "mim" é o que geralmente reconhecemos como o "ego". Se o crente quiser compreender a vida espiritual, não poderá abrigar nenhuma dúvida com respeito a esses dois elementos da carne.

Sabemos que, na cruz, o Senhor Jesus tratou com o pecado da nossa carne. E a Palavra diz que "foi crucificado com ele o nosso velho homem" (Rm 6.6). A Bíblia não ensina, em lugar nenhum, que devemos ser crucificados, uma vez que isso já aconteceu, e de modo perfeito, com Cristo. Com respeito à questão do pecado, Deus não exige que o homem faça nada. Ele só precisa considerar isso um fato consumado (Rm 6.11), e gozar da eficácia da morte de Jesus, vendo-se localmente liberto do poder do pecado (Rm 6.14).

A verdade é que a Bíblia nunca pede que sejamos crucificados para o pecado. Entretanto ela nos exorta a tomar a cruz para negar o ego. O Senhor Jesus ensinou muitas vezes que temos de negar a nós mesmos, tomar a cruz e segui-lo. A explicação para isso é que o Senhor Jesus trata com nossos pecados de um jeito, e com nós mesmos de outro. Para o crente vencer o pecado de modo definitivo, ele precisa apenas de um momento. Para negar o ego, necessita de uma vida inteira. Foi só na cruz que o Senhor levou nossos pecados. No entanto ele negou a si mesmo durante toda sua vida. Isso também deve se aplicar à nossa vida.

Na carta de Paulo aos gálatas, o apóstolo menciona o relacionamento do crente com a carne. Por um lado,

ele diz que "os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências" (5.24). Logo que alguém se identifica com o Senhor Jesus, sua carne também é crucificada. Por isso, quem não possui o discernimento do Espírito Santo poderá pensar que sua carne deixou de existir, pois foi crucificada. Mas não é assim. Nessa mesma epístola, ele diz também: "Andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne" (5.16,17). Esse texto mostra, com grande clareza, que mesmo aqueles que pertencem a Cristo Jesus e têm o Espírito Santo ainda possuem um corpo de carne. E a carne não somente existe, mas também é extremamente poderosa.

O que podemos dizer, então? Será que essas duas referências bíblicas são contraditórias? Não. No versículo 24, ele fala do pecado da carne, enquanto, no 17, ele se refere ao ego da carne. A cruz de Cristo trata com o pecado, e o Espírito Santo, por meio da cruz, trata com o ego. Cristo, através da cruz, liberta o crente por completo do poder do pecado, para que o pecado não volte a reinar. Ele nos capacita a vencer o ego diariamente, e a obedecer a Deus de modo perfeito. A libertação do pecado é um fato consumado. Negar a si mesmo deve ser uma experiência diária.

Se, por ocasião do novo nascimento, o crente pudesse compreender a implicação da cruz em toda a sua plenitude, seria completamente liberto do pecado e entraria na posse de uma nova vida. É realmente lamentável que muitos pregadores não apresentem aos pecadores essa salvação plena. Desse modo, eles crêem só na metade da salvação de Deus. Isso os deixa, por assim dizer, salvos só pela metade. Seus pecados são perdoados, mas falta-lhes a força para deixar de pecar. Além do mais, mesmo nas situações em que o pregador apresenta a salvação integralmente, os pecadores desejam apenas o perdão dos pecados, pois lá no íntimo não esperam ser libertos do poder do pecado. Assim também são "meio-salvos".

Quem crê em Jesus e recebe a salvação plena logo no início, vai experimentar menos derrotas na batalha com o pecado, e mais vitórias na luta contra o ego. Os crentes assim são raros. A maioria toma posse apenas de metade da salvação. Desse modo, tem muitos conflitos com o pecado. E alguns nem mesmo sabem o que é o ego. Nesse sentido, a condição pessoal do crente antes da regeneração desempenha um papel importante. Existem muitas pessoas que se inclinam a praticar o bem, antes mesmo de crer. E claro que elas não têm poder para isso, nem poderiam ser boas. Parece que a consciência delas foi razoavelmente iluminada, embora não tenham forças suficientes para fazer o bem. Esses indivíduos experimentam o que comumente se chama de conflito entre a razão e a cobiça. Quando ouvem falar da salvação total de Deus, rece-

bem avidamente a graça para se libertarem do pecado, e também para receber o perdão dos pecados. Outros, entretanto, antes de crer, abrigam uma consciência negra como breu. Pecam terrivelmente, e não têm a menor intenção de praticar o bem. Estes últimos, quando ouvem falar da salvação total de Deus, naturalmente se apegam à graça do perdão e negligenciam (embora não rejeitem) a graça para se libertarem do pecado. Posteriormente enfrentam muita luta contra o pecado da carne.

Por que é que isso acontece? Porque esse homem renascido possui uma nova vida, que exige que, além de obedecer a ela, ele tenha vitória sobre o domínio da carne. A vida de Deus é absoluta. Ela deve ter completo domínio sobre o homem. Tão logo essa vida entra em nosso espírito, ela passa a exigir que abandonemos nosso antigo senhor, o pecado, para nos submetermos inteiramente ao Espírito Santo. Ainda assim o pecado encontra-se profundamente enraizado no homem. Embora sua vontade esteja sendo em parte renovada através da vida regenerada, ela ainda se acha muito ligada ao pecado e ao ego, e, em muitas ocasiões, inclina-se para o pecado. Inevitavelmente surge um conflito muito grande entre a nova vida e a carne. Como são muitos os crentes nessas condições, dispensaremos uma atenção especial a esse caso. Quero lembrar ao leitor, porém, que essa prolongada luta contra o pecado (diferente da luta contra o ego), bem como as derrotas, são totalmente desnecessárias.

A carne exige plena soberania; a vida espiritual, também. A carne deseja que o homem fique ligado a ela para sempre. A vida espiritual nos quer inteiramente submissos ao Espírito Santo. A carne e a vida espiritual diferem em tudo. A natureza da primeira é a do primeiro Adão; a da segunda pertence ao último Adão. A motivação da primeira é terrena; a da segunda, celestial. A carne centraliza tudo no ego; a vida espiritual, em Cristo. A carne deseja levar o homem a pecar; a vida espiritual anseia conduzi-lo à justiça. São dois entes essencialmente contrários entre si. Como, então, o crente pode evitar o choque permanente com a carne? E o fato é que ele experimenta essa luta constante por não reconhecer a plena salvação de Cristo.

Quando um crente novo cai nesse conflito, fica confuso. Alguns perdem a esperança de crescer espiritualmente, achando que são muito pecaminosos. Outros começam a pensar que não estão realmente salvos, ignorando que é a própria regeneração que dá lugar a essa luta. Antes, quando a carne tinha o domínio total e não sofria restrições (pois o espírito estava morto), eles podiam praticar toda sorte de pecado, sem experimentar nenhum sentimento de culpa. Agora, possuem uma nova vida, e com ela vieram a natureza, o desejo, o conhecimento e o pensamento celestiais. Quando esse novo conhecimento penetra no

homem, imediatamente expõe a imundícia e a corrupção que há em seu interior. O novo desejo naturalmente fica insatisfeito por permanecer nesse estado, e anseia fazer a vontade de Deus. A carne começa a contender com a vida espiritual. Tal batalha dá ao crente a impressão de que dentro dele existem duas pessoas. Cada uma delas tem idéias e forças próprias. Cada uma delas busca a vitória. Quando a vida espiritual está em ascendência, o crente fica satisfeito. Quando a carne leva vantagem, ele fica profundamente entristecido. As experiências desse tipo confirmam que tal indivíduo é regenerado.

O propósito divino não é reformar a carne, mas destruí-la. A vida de Deus, dada ao crente na regeneração, que deve destruir o ego, na carne. A vida que Deus comunica ao homem na verdade é muito forte, mas o indivíduo regenerado ainda é um bebê recém-nascido e muito fraco. A carne esteve no controle de tudo por muito tempo, e tem um poder tremendo. Além do mais, o novo convertido ainda não aprendeu a assimilar, pela fé, a completa salvação de Deus. Apesar de salvo, nesse período inicial, ele ainda está na carne. Ser carnal quer dizer ser governado pela carne. E o mais doloroso para o crente, que, iluminado pela luz celestial, conhece a perversidade da carne e deseja de todo o coração vencê-la, é perceber-se incapaz de derrotá-la. É nesse momento que derrama muitas lágrimas de tristeza. Como poderia não estar desgostoso consigo se, embora nutrindo um novo desejo de destruir o pecado e agradar a Deus, não tem forças para subjugar o corpo do pecado? Ele experimenta poucas vitórias e muitas derrotas.

No capítulo 7 da carta aos romanos, Paulo expressa a angústia interior desse conflito:

*"Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto. Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim. Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros."* (Vv. 15-23.)

E provavelmente muitos repetirão seu grito de desespero quase total: "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" (V. 24.)

Qual o significado dessa disputa? Ela é uma das

formas pelas quais o Espírito Santo nos disciplina. A salvação que Deus providenciou para o homem é total. Aquele que não sabe que a possui não tem condições de desfrutá-la. E quem não a deseja também não poderá experimentá-la. Trata-se de uma dádiva de Deus, outorgada apenas àqueles que crêem nela, que a recebem e se apropriam dela. Portanto, quando o homem pede a Deus o perdão e a regeneração, este certamente lhe concede essas bênçãos. E é através de conflito que Deus leva o crente a buscar e a obter o triunfo total em Cristo. Aquele que antes ignorava esses fatos, agora vai buscar conhecê-los. O Espírito Santo terá então a oportunidade de revelar-lhe de que maneira Cristo tratou com seu velho homem na cruz. Assim ele poderá crer nesse triunfo e se apropriar dele. E aquele que ainda não o possuía, porque não o buscava, descobrirá, através dessa luta, que tinha apenas um conhecimento intelectual da verdade, que é destituído de qualquer eficácia. Isso vai despertar nele o desejo de experimentar essa realidade, que ele só conhecia através da mente.

Essa luta aumenta à medida que os dias passam. Aquele que perseverar fielmente, sem se entregar ao desespero, entrará num conflito ainda maior, até alcançar a libertação.



## CRENTE CARNAL

Todo crente poderia, como Paulo, ser cheio do Espírito Santo no momento em que cresse e fosse batizado (At 9.17,18). Infelizmente, porém, muitos continuam controlados pela carne, como se não tivessem morrido e ressuscitado com Cristo. Esses não creram verdadeiramente no fato real de que Cristo morreu e ressuscitou por eles. Também não atenderam plena e sinceramente ao apelo do Espírito Santo para seguirem o princípio da morte e ressurreição. De acordo com a obra consumada de Cristo, eles já morreram e ressuscitaram. De acordo com sua responsabilidade como crentes, deveriam morrer para o ego e viver para Deus. Na prática, porém, não procedem assim. Podemos dizer que esses crentes não seguem o padrão normal. E não devemos ver essa anormalidade como sendo típica de nossos dias. O apóstolo Paulo confrontou uma situação exatamente desse tipo. Os cristãos de Corinto constituem um exemplo. Vejamos o que o apóstolo disse deles:

*"Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnis, como a crianças em Cristo. Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnis. Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?" (1 Co 3.1 -3.)*

Aqui, o apóstolo divide os cristãos em duas categorias, os [ espirituais e os carnis. Os espirituais de modo nenhum são extraordinários; simplesmente são normais. Os carnis é que estão fora da regra, por isso dizemos que eles não são normais. Os irmãos de Corinto eram realmente cristãos, mas não eram espirituais, e sim carnis. Nesse capítulo, Paulo afirma três vezes que eles eram da carne. Por meio da sabedoria que o Espírito Santo concedeu ao apóstolo, este reconheceu que primeiro deveria identificá-los, para depois transmitir-lhes a mensagem de que necessitavam.

A regeneração bíblica é um novo nascimento, pelo qual a parte mais profunda do homem, o seu espírito, que se encontra no fundo do seu ser, no seu íntimo, se renova e torna-se habitação do Espírito de Deus. E

preciso algum tempo para que o poder inerente a essa nova vida alcance o exterior, isto é, chegue até a periferia. Por isso, não esperemos encontrar a força do "jovem", nem a experiência dos "pais" presentes na vida de uma "criança" em Cristo. Embora o novo crente possa agir com fidelidade, dando o melhor do seu amor ao Senhor e distinguindo-se no zelo, necessita ainda de tempo para enxergar melhor a perversidade do pecado e do ego, e conhecer mais da vontade de Deus e do caminho do espírito. Por mais que esse novo crente ame o Senhor ou a verdade, ele permanece na esfera dos sentimentos e pensamentos, e ainda não foi testado e refinado pelo fogo. O cristão recém-nascido não pode evitar de ser carnal. Embora cheio do Espírito Santo, ele ainda não identificou perfeitamente os efeitos da carne. Como alguém pode se libertar das obras da carne, se não reconhece que tais feitos provêm dela? Portanto, ao avaliar a condição dos recém-nascidos, chegamos à conclusão de que eles geralmente são carnis.

De acordo com a Bíblia, não podemos esperar que os novos cristãos se tornem espirituais imediatamente. Por outro lado, se permanecerem como bebês durante muito tempo, sua situação será bastante lamentável. Paulo mesmo declarou aos coríntios que, anteriormente, ele os havia tratado como a carnis, porque eram "crianças em Cristo", e que agora, na ocasião em que estava lhes escrevendo, já deveriam estar crescendo e atingindo a maturidade. Eles, porém, haviam se preocupado com ninharias e permanecido como bebês. Por isso, .linda eram carnis.

Contudo não é necessário muito tempo (como pensamos), para que alguém se torne espiritual. Os crentes de Corinto vinham de um contexto pagão, extremamente pecaminoso. E, no entanto, poucos anos depois, o apóstolo lhes dizia que estava passando da hora de deixarem de ser "bebês". Continuavam na carne havia muito tempo, quando, àquela altura, já deviam ter-se tornado espirituais. O propósito da redenção de Cristo é remover todos os empecilhos existentes em nossa vida para que o Espírito Santo assuma o controle total dela. Assim temos condições de nos tornar espirituais, nossa redenção não pode falhar, porque o

poder do Espírito Santo é superabundante. Assim como um pecador carnal pode tornar-se um crente regenerado, também um regenerado, porém carnal, pode transformar-se em espiritual. E uma pena encontrar cristãos hoje que, após anos, ou mesmo décadas na fé, ainda não obtiveram nenhum progresso em sua caminhada espiritual. E quando essas pessoas encontram alguém que já está vivendo no espírito poucos anos depois da regeneração, enchem-se de espanto. Acham que aquilo é anormal, sem perceber que isso é que é normal, pois se trata do crescimento regular da vida.

Meu irmão, há quanto tempo você crê no Senhor? Já é espiritual? Não devemos continuar sendo bebês, apesar de idosos. Isso entristece ao Espírito Santo e causa males a nós mesmos. Todo aquele que é regenerado deve almejar o crescimento espiritual. Assim o Espírito Santo poderá exercer o pleno controle de nossa vida. E em pouco tempo, ele nos conduzirá para o alvo que Deus tem para nós. Não devemos desperdiçar o tempo, ficando sem obter nenhum progresso.

Quais são, então, as razões para alguém não crescer? Talvez haja duas. Uma delas, provavelmente, é a negligência daqueles que cuidam da alma dos crentes mais novos, e só lhes falam da graça de Deus e da posição deles em Cristo. Não os incentivam a buscar uma experiência espiritual. (E o pior é que esses que cuidam dos outros podem ser, eles mesmos, ignorantes da vida no Espírito. Como é então que poderão conduzir outros a uma vida mais abundante?) A segunda razão pode ser a falta de diligência do próprio crente em relação às questões espirituais. Ou ele não tem apetite espiritual ou crê que lhe basta ser salvo, ou então simplesmente não deseja pagar o preço do crescimento. A consequência disso, aliás altamente deplorável, é que a igreja se acha abarrotada de "bebês" grandes.

Quais são as características dos carnisais? A principal delas é a longa permanência como bebê. A duração da infância não deveria exceder de alguns anos. Quando alguém crê que o Filho de Deus fez expiação por seus pecados na cruz, e nasce de novo/ deve, simultaneamente, crer que foi crucificado com Cristo. Desse modo o Espírito Santo poderá livrá-lo do poder da carne. Não tendo conhecimento dessa verdade, o crente naturalmente continuará na carne durante muitos anos.

A segunda característica dos carnisais é a incapacidade de absorver o ensino espiritual. "Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo." Os coríntios se gabavam do seu conhecimento e sabedoria. De todas as igrejas da época, a de Corinto provavelmente era a mais instruída. No início da carta, Paulo dá graças a Deus pelo rico conhecimento que eles possuíam (1.5). Se o apóstolo lhes dirigisse mensagens espirituais, eles com-

prenderiam todas as palavras, mas esse entendimento não passaria da mente. Embora conhecessem tudo, os coríntios não eram capazes de expressar em sua vida aquilo que conheciam.

Do mesmo modo, em nossos dias, existem cristãos carnisais que aprendem muito, e tão bem, que podem até ensinar a outros. Contudo nem por isso se tornam espirituais. O conhecimento espiritual genuíno não consiste em alimentar pensamentos cheios de maravilhas e mistérios, mas em receber a verdade, e assimilá-la em nossa experiência de vida. Para isso, a inteligência é inútil e a avidez pela verdade, insuficiente. O que realmente importa aí é viver em perfeita obediência ao Espírito Santo, pois somente ele nos ensina de fato. Tudo o mais é simples transmissão de conhecimento de uma mente para outra. Tal informação não serve para transformar um crente carnal em espiritual. Pelo contrário, seu viver carnal vai acabar transformando todo o seu conhecimento "espiritual" em carnal. Ele precisa é de um coração obediente, disposto a submeter a vida ao Espírito Santo, e não de mais ensino espiritual. Precisa palmilhar o caminho da cruz, conforme o mandamento do Espírito. Se receber mais ensino espiritual, isso servirá apenas para nutrir sua carnalidade, levando-o a enganar-se, pois ele imaginará que se tornou espiritual. Ele certamente dirá a si mesmo:

"Como eu sei tantas coisas espirituais, automaticamente devo ser espiritual."

Entretanto o que realmente deveríamos nos perguntar é:

"Quanto realmente conheço da vida?", "Será que esse conhecimento não é simplesmente produto da minha mente?"

Que Deus tenha misericórdia de nós!

Paulo escreveu ainda sobre outra evidência da atitude carnal, quando afirmou: "Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnisais e andais segundo o homem?" Ciúmes e contendas são provas evidentes de carnalidade. Na igreja em Corinto, havia freqüentes dissensões. Vemos isso em declarações tais como: "Eu sou de Paulo", "e eu, de Apoio", "e eu, de Cefas", "e eu, de Cristo" (1 Co 1.12). Até mesmo os que estavam contendendo por Cristo, dizendo "eu sou de Cristo", achavam-se incluídos entre os carnisais, pois o espírito da carne é sempre, e em todo lugar, invejoso e contencioso. Estes se levantaram como sendo de Cristo, mas nessa atitude de espírito revelaram-se de fato carnisais.

Por mais agradáveis que sejam as palavras, se forem de vanglória, não passam de tagarelice infantil. As divisões que ocorrem na igreja têm como causas a carnalidade e a falta de amor. Tais indivíduos, supostamente contendendo pela verdade, estão simples-

mente camuflando sua verdadeira personalidade. Os pecadores do mundo são homens da carne; como tais, não são regenerados e, portanto, acham-se sob o domínio da sua alma e corpo. Se um crente é carnal, isso significa que ele também está se comportando como homem natural. É perfeitamente normal que os que são do mundo sejam carnis. É compreensível até mesmo que os crentes "recém-nascidos" sejam carnis. Contudo se, pelo tempo que já cremos no Senhor, deveríamos ser espirituais, como é que continuamos nos comportando como homens naturais?

Aquele que se comporta como homem natural e peca com frequência pertence à carne. Por mais extensos que sejam nossos conhecimentos espirituais, por maior que seja o número de experiências espirituais que ele afirma ter tido, e o volume de serviço eficaz que ele tenha prestado, nada disso faz diferença. Se ele ainda não se libertou do seu temperamento peculiar, do seu mau gênio, do seu egoísmo, das suas Opiniões, da sua vangloria, da sua falta de perdão, ou do seu espírito desprovido de amor, nenhum daqueles valores o torna menos carnal.

Ser carnal significa comportar-se "como homem natural". Devemos perguntar a nós mesmos se há uma diferença radical entre nossa conduta e a dos homens naturais. Se em nossa vida ainda permanecem muitos costumes mundanos, então, sem dúvida nenhuma, ainda somos da carne. Não nos preocupemos com o fato de sermos rotulados de espirituais ou de carnis. Se alguém não é governado pelo Espírito Santo, que proveito lhe trará a mera designação de espiritual? Afinal de contas, trata-se de uma questão de vida, não de título.

## OS PECADOS DA CARNE

O que o apóstolo estava experimentando em Romanos 7 era uma guerra contra o pecado que habita no corpo. "Porque o pecado, prevalecendo-se do mandamento... me enganou... o pecado... causou-me a morte... vendido à escravidão do pecado... mas o pecado que habita em mim" (vv. 11,13,14,17,20). Enquanto o crente ainda está na carne, ele é frequentemente vencido pelo pecado que habita nele. Muitas são as batalhas e vários os pecados que comete.

As necessidades do corpo humano se encaixam em três categorias: alimento, reprodução e defesa. Antes da queda, essas exigências eram legítimas, sem mistura com o pecado. Nô depois que o homem caiu é que elas se tornaram meios para a prática do pecado.

A primeira tentação do homem foi na área do alimento. O mundo usa a comida para nos seduzir. Assim como o fruto do conhecimento do bem e do mal seduziu Eva, o beber e o banquetear-se tornaram-se um pecado da carne hoje. Não devemos considerar a questão do alimento como algo de menor importância, porque muitos cristãos carnis tropeçam nela. Os

crentes carnis de Corinto fizeram seus irmãos tropeçarem exatamente na questão do alimento. Naqueles dias, todos os candidatos a presbítero e diácono tinham de ser aprovados nesse ponto (1 Tm 3.3,8). Só o homem espiritual percebe como é sem sentido alguém ter obsessão por comida ou bebida. "Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus." (1 Co 10.31.)

A segunda área de tentação é a da reprodução. Após a queda do homem, a reprodução foi transformada em lascívia. A Bíblia estabelece uma relação especial entre a lascívia e a carne. Mesmo no jardim do Éden, o pecado de comer sob o estímulo da cobiça logo despertou luxúria e vergonha. Na primeira carta de Paulo aos coríntios (6.13,15), ele coloca juntos a lascívia e a carne, e relaciona a bebedeira e a injustiça de modo bastante claro (vv. 9,10).

Vejam agora a questão da defesa. Quando o pecado assume o controle, o corpo manifesta sua força sob a forma de autodefesa. Ele se opõe a qualquer elemento que possa interferir em seu conforto e prazer. O que se costuma chamar de "mau gênio", e alguns de seus muitos frutos, como a ira e a contenda, brotam da carne, constituindo, portanto, pecados da carne. Numerosas transgressões fluem de modo direto, ou indireto, da autoproteção, uma vez que sua motivação é o pecado. Quantos dos pecados mais graves deste mundo resultam do interesse pessoal, da autoexistência, da vangloria, da opinião própria e de tudo o mais que existe no ego.

Se analisarmos todos os pecados do mundo, veremos a relação de cada um deles com essas três categorias. O cristão carnal é aquele que se deixa dominar por algum desses tipos de pecado. Uma pessoa mundana governada pelo pecado do seu corpo não constitui nenhuma surpresa. Todavia seria anormal um cristão, nascido de novo, permanecer na carne por muito tempo, não conseguindo vencer o poder do pecado, e levando uma vida de altos e baixos. O crente deve deixar o Espírito Santo examinar seu coração e iluminá-lo, permitindo que ele lhe mostre alguns fatos. Primeiro, ele deve mostrar-lhe aquilo que tanto a lei do Espírito Santo como a da natureza proíbem. Depois, vêm os obstáculos que o impedem de obter a temperança e o domínio próprio. E, finalmente, ele verá os fatores que o dominam e o destituem de sua liberdade de espírito, impedindo-o de servir a Deus livremente. Se esses pecados não forem removidos, ele não poderá gozar das abundantes riquezas da vida espiritual.

## AS OBRAS DA CARNE

São muitas as manifestações da carne. Aprendemos que ela é hostil a Deus e não pode lhe agradar. Se o Espírito Santo não revelar ao crente ou ao pecador como Deus vê a carne, como sendo totalmente indigna, ímpia e imunda, nenhum deles poderá fazer



uma avaliação genuína dela. Somente quando o Espírito Santo nos mostra a verdadeira condição dela, é que nos decidimos a tomar uma atitude em relação a ela.

As manifestações da carne no viver do homem são bem conhecidas. Se alguém for rigoroso consigo mesmo e se recusar a seguir "a vontade da carne e dos pensamentos", como anteriormente fazia (Ef 2.3), logo descobrirá como essas manifestações são impuras. Na carta de Paulo aos gálatas, ele apresenta uma lista desses pecados, para que ninguém fique enganado. Diz ele: "Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções (literalmente 'seitas'), invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas" (5.19-21). Nessa relação, o apóstolo declara que "as obras da carne são conhecidas". Quem quiser descobri-las, poderá perfeitamente. Se alguém quiser saber se é carnal, basta apenas perguntar a si mesmo se está praticando qualquer uma dessas obras. Certamente não é necessário uma pessoa praticar todas elas para que se configure a condição de carnal. É suficiente que cometa um só desses atos pecaminosos para que fique essa condição bem caracterizada. Se ela não estivesse mais sob o domínio da carne, como poderia cometer qualquer uma dessas práticas? A presença de uma só das obras da carne prova que ela ainda está viva.

As obras da carne podem ser divididas em cinco grupos: (1) pecados que corrompem o corpo, como a prostituição, a impureza e a lascívia; (2) contatos sobrenaturais pecaminosos com as forças satânicas, como a idolatria e a feitiçaria; (3) mau gênio e suas peculiaridades, como inimizades, porfias, ciúmes e iras; (4) condutas e atitudes que provocam divisões, como discórdias, dissensões e facções; e (5) desregramentos, como bebedices e glotonaria. São pecados claramente visíveis. Aqueles que os praticam são carnais.

Costumamos fazer distinção entre os pecados mencionados nesses cinco grupos, considerando alguns deles como sendo menos pecaminosos e outros, mais graves. Contudo, seja qual for o peso que demos a eles, vendo-os como mais ou menos graves, o fato é que Deus revela que todos procedem de uma mesma fonte, da carne. Aqueles que cometem com frequência os pecados mais graves naturalmente sabem que são carnais, já os que triunfam sobre eles dificilmente vão se considerar assim. Esses geralmente se consideram superiores aos demais, como se não andassem segundo a carne. Não percebem que a carne continua sendo carne, mesmo que tenha uma aparência refinada. "Porfias, dissensões, facções e inveja" apresentam uma aparência bem melhor do que "prostituição, impureza, lascívia e glotonarias". Todos, porém, são frutos da mesma árvore. Oremos sobre esses três versículos de Gaiatas, 5.19-21, até que nossos olhos sejam

abertos para enxergarmos a nós mesmos. Humilhe-mo-nos ti través da oração. Oremos até derramar copiosas lágrimas de tristeza pelos nossos pecados, para que possamos perceber que somos cristãos apenas de nome, ou seja, "espirituais", e que nosso viver continua repleto das obras da carne. Oremos até que nosso coração seja dominado pelo desejo de remover tudo aquilo que é carnal.

O primeiro passo da obra do Espírito Santo é convencer-nos de nossos pecados. Sem a iluminação dele, o pecador jamais verá a gravidade do seu pecado e, por isso, não fugirá da ira vindoura, buscando a obediência em Cristo. Do mesmo modo, o crente precisa contemplar seu pecado novamente. O cristão deve reconhecer seu pecado. Como é que ele pode se tornar espiritual, se não for capaz de discernir que a carne é totalmente vil e ímpia, se não chegar a ponto de abominar a si mesmo? Seja qual for o nosso pecado, continuamos carnais da mesma forma. Devemos agora nos prostrar humildemente diante de Deus, desejando que o Espírito Santo renove nossa convicção de pecados.

### A NECESSIDADE DE MORTE

À medida que o Espírito Santo vai iluminando o crente para que ele enxergue um pouco da sua lamentável condição carnal, a luta contra a carne se intensifica e suas falhas se manifestam com maior frequência. As derrotas lhe mostram mais do seu pecado e da fragilidade da carne. Contudo isso lhe serve de estímulo para desenvolver uma crescente indignação contra si mesmo, e uma ardente determinação de lutar contra o pecado da sua carne. Essa reação em cadeia pode se estender por muito tempo, até que afinal, como resultado de uma operação profunda da cruz, ele obtém o livramento. O fato de que o Espírito Santo nos conduz exatamente dessa maneira é altamente significativo. Para que a cruz possa realizar sua obra mais profunda, é preciso haver uma preparação adequada. Essa preparação é um processo que consiste de tentativas e fracassos.

O cristão pode, em sua mente, concordar com a avaliação que Deus faz da carne, isto é, que ela é totalmente corrupta, não podendo ser redimida. Apesar disso, porém, ele pode carecer de uma compreensão nítida e espiritual, e não perceber com precisão o quanto ela é vil e ímpia. Ele pode admitir que o que Deus diz é verdade, mas ainda assim tentar consertar sua carne, embora nunca o confesse.

Muitos crentes, ignorando o modo como a salvação de Deus opera, tentam vencer a carne lutando contra ela. Acreditam que a vitória depende da quantidade de poder que têm. Esperam, ansiosamente, que Deus lhes conceda um intenso poder espiritual, capacitando-os a subjugar sua carne. Essa batalha normalmente se estende por um longo período, caracteri-

zado mais por derrotas do que por vitórias. Finalmente, porém, o crente entende que é impossível ter uma vitória completa sobre a carne.

Durante esse período, ele continua a batalhar contra ela e a tentar melhorá-la e discipliná-la. Para isso, ora, estuda a Bíblia, e estabelece inúmeros regulamentos ("não toques, não proves, não manuseies"), na vã esperança de subjugar e domar a carne. Inadvertidamente, cai no erro de considerar o mal da carne como resultado da falta de regras, de educação e de civilização. Pensa que, se ao menos pudesse dar algum treinamento espiritual à sua carne, seria liberto do problema. Não sabe que isso é inútil (Cl 2.21-23).

O fato de o cristão desejar destruir a carne e, ao mesmo tempo tentar melhorá-la, causa uma grande confusão. Por isso, o Espírito Santo permite que ele lute, seja derrotado, e depois sofra com auto-acusação. Só depois que o crente passa por essa experiência repetidas vezes, é que ele reconhece que não há redenção para a carne, e que suas tentativas são inúteis. Aí, vai buscar outro tipo de salvação. Desse modo, ele agora percebe, por experiência, o que antes conhecia apenas na mente.

Se alguém crê em Deus fiel e verdadeiramente, e com sinceridade suplica ao Espírito Santo que lhe revele a santidade divina, para que possa conhecer sua carne sob essa luz, o Espírito atende. Daí em diante, ele talvez possa ser poupado de muitos sofrimentos. Mas os que agem desse modo são poucos. A maioria confia nos próprios métodos, achando que, afinal de contas, eles não são assim tão maus. A fim de corrigir essa suposição incorreta, o Espírito Santo conduz os crentes, pacientemente, levando-os, pouco a pouco, a se convencer de que esses meios próprios não valem nada.

Já vimos que não podemos ceder à carne. Também não é possível consertá-la, nem regulá-la, nem reformá-la, porque nenhum dos nossos métodos pode produzir a menor alteração em sua natureza. O que se pode fazer, então? A carne tem de morrer. Essa é a solução de Deus. Nenhuma outra medida apresenta eficácia, só a morte. Nós preferiríamos domar a carne lutando, modificando-a, exercitando força de vontade, ou fazendo uso de muitos outros meios. Contudo a sentença de Deus para ela é a morte. Se a carne estiver morta, os outros problemas estarão todos automaticamente resolvidos. Não podemos subjugar a carne. Ela tem de morrer. Compreendemos isso melhor quando consideramos o modo pelo qual nos tornamos carne: "O que é nascido da carne é carne". Tornamos carne nascendo dela. Dessa maneira, a solução simplesmente deve estar de acordo com o início de tudo. A forma pela qual a possuímos é a mesma pela qual a perdemos. Uma vez que nos tornamos carne nascendo da carne, a conclusão natural é que seremos

cificação. "Porquanto quem morreu está justificado do pecado." (Rm 6.7.) Qualquer outra solução que não seja a morte é insuficiente. Ela é a única salvação.

A corrupção da carne é extrema (2 Pe 2.10-22). Rir isso. Deus não tenta mudá-la. O único meio de livramento é a mortificação dela. Nem mesmo o precioso sangue do Senhor Jesus purifica a carne. A Bíblia ensina que o sangue de Cristo lava nossos pecados, mas, não, nossa carne. Temos de crucificá-la (Gl 5.24). O Espírito Santo não a reforma; por isso ele não vai habitar em carne pecaminosa. Ele habita no crente, não com o propósito de melhorar a carne, mas de guerrear contra ela (Gl 5.17). "Não se unguirá com ele (o óleo santo da unção, que é um símbolo do Espírito Santo) o corpo do homem que não seja sacerdote" (Ex 30.32). Sendo assim, é um absurdo muito grande orarmos para que o Senhor nos torne bons e cheios de amor, para que possamos servi-lo! Como é vão esperar que um dia alcancemos uma condição de santidade que nos permita estar diariamente com o Senhor, capazes de glorificá-lo em tudo! Não deveríamos jamais tentar remodelar a carne, a fim de levá-la a cooperar com o Espírito de Deus. Ela está condenada a morrer. Só quando a entregamos à cruz é que podemos ser libertos dela permanentemente.

libertos dela pela sua morte. O único meio é a cru-



capítulo

7

## A CRUZ E O ESPÍRITO SANTO

Muitos crentes, talvez a maioria, não recebem a plenitude do Espírito Santo no momento em que crêem no Senhor. E o que é pior ainda, muitos anos depois de crer continuam a envolver-se com o pecado, permanecendo carnis. Nas páginas seguintes, pretendemos explicar como podemos ser libertos da carne, com base na experiência dos crentes em Corinto e de muitos outros. Ademais, não queremos dar a entender que o cristão deva primeiro crer na obra substitutiva da cruz, antes de crer em sua obra 4e identificação. Mas é verdade que logo no início muitos ainda não possuem uma compreensão «Iara no que diz respeito à cruz. Entendem apenas parte da verdade, por isso necessitam receber o restante numa ocasião subsequente. O que apresentamos aqui vai interessar pouco àqueles que já aceitaram a obra completa da cruz. No entanto, para quem creu apenas na metade, como é o caso da maioria dos crentes, o restante é indispensável. Não queremos, porém, que os leitores pensem que precisam aceitar os dois lados da obra da cruz separadamente. Só será necessário crer uma segunda vez se a primeira for incompleta.

### O LIVRAMENTO OPERADO PELA CRUZ

Depois de mencionar diversas obras da carne, na sua carta aos gálatas, o apóstolo Paulo diz que "os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências" (5.24). Essa é a forma de livramento. Não é estranho o crente se preocupar com algo totalmente diferente do que interessa a Deus? O crente está preocupado com "as obras da carne" (Gl 5.19), isto é, com os vários pecados da carne. Ele está mais voltado para a ira de hoje, a inveja de amanhã, e a contenda de depois de amanhã. O crente lamenta determinado pecado e anseia obter vitória sobre ele. Todos esses pecados, porém, não passam de frutos de uma mesma árvore. Enquanto se tira um fruto (na verdade não se tira nenhum), surge outro. Eles brotam um atrás do outro, não nos dando chance de vitória.

Não obstante, Deus não está preocupado com as obras da carne, mas com a própria "carne" (Gl 5.24). Se a árvore estivesse morta, haveria necessidade de temer que ela desse frutos? O crente é muito diligente para elaborar planos para acabar com os pecados, que são os frutos, mas se esquece de mortificar a própria carne, que é a raiz. Não é de estranhar, pois, que antes que possa se livrar de um pecado surja outro. Hoje, portanto, devemos resolver o problema da fonte do pecado.

Quem é bebê em Cristo precisa compreender o significado mais profundo da cruz, pois ainda é carnal. O propósito de Deus é crucificar com Cristo o velho homem do crente, para que se cumpra aquilo que está escrito, "os que são de Cristo Jesus *crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências*". Lembremo-nos de que é a carne, juntamente com suas paixões e desejos fortes, que foi crucificada. Do mesmo modo que o pecador foi regenerado e redimido dos seus pecados através da cruz, o bebê em Cristo, que é carnal, deve ser libertado do domínio da **carne** também pela cruz, a fim de poder andar segundo o Espírito, e não mais segundo a carne. A partir daí, não demorará muito para que ele se torne um cristão espiritual.

Vemos, aqui, o contraste entre a queda do homem e a operação da cruz. A salvação efetuada pela última é precisamente o remédio para a primeira. Em verdade, um é perfeitamente adequado ao outro. Em primeiro lugar, Cristo morreu na cruz pelo pecador, para perdoar seu pecado. Agora, um Deus santo pode perdoar-lhe em bases justas. Em segundo lugar, o pecador também morreu na cruz com Cristo, para deixar de ser dominado pela carne. Só isso pode capacitar o espírito do homem a reconquistar sua posição certa - a de domínio - fazendo do corpo seu servo exterior, e da alma, o intermediário. Dessa forma, o espírito, a alma e o corpo são restaurados à posição original, de

antes da queda. Se desconhecemos o significado da morte aqui descrita, jamais seremos libertos. Que o Espírito Santo possa nos revelar isso.

A frase "os que são de Cristo Jesus" refere-se a todo crente no Senhor. Todos os que creram nele e nasceram de novo pertencem a ele. O fator decisivo para todos nós é nossa ligação a Cristo em vida, e não nosso nível espiritual, nem o trabalho que realizamos para o Senhor, nem a libertação do pecado, nem a vitória sobre as paixões e desejos da carne, nem a plena santificação. Em outras palavras, a questão é apenas saber se a pessoa foi regenerada ou não. Ela creu no Senhor Jesus como seu Salvador, ou não? Se creu, não importa seu estado espiritual agora, seja ele de vitória ou de derrota, ela "crucificou a carne".

Portanto a questão que temos de estabelecer não é moral, nem tem a ver com a vida espiritual, nem com conhecimento ou trabalho. Consiste simplesmente em saber se somos do Senhor, ou não. Se somos, já crucificamos a carne na cruz. Está claro que a idéia aí não é de que vamos crucificá-la no futuro, nem de que a estamos crucificando, mas, sim, que já a crucificamos.

É conveniente ser mais explícito aqui. Vimos que a crucificação da carne não depende de experiências, por mais extraordinárias que elas sejam. Depende apenas da obra consumada por Cristo na cruz. "Os que são de Cristo Jesus", tanto os fracos como os fortes, "crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências". Uma pessoa diz que ainda peca; Deus diz que ela foi crucificada na cruz. Nós dizemos que nosso mau gênio persiste; a resposta de Deus é que fomos crucificados. Dizemos que nossa lascívia continua muito intensa; o Senhor mais uma vez replica que nossa carne foi crucificada. Nesse momento, por favor, não vamos olhar para nossa experiência, mas tentar exatamente para o que Deus nos diz. Se não ouvirmos sua Palavra, mas, em vez disso, ficarmos olhando diariamente para nossa condição, não poderemos entrar na realidade da crucificação de nossa carne. Não nos importemos com os sentimentos e a experiência. Deus diz que nossa carne *foi* crucificada; portanto ela foi crucificada. Vamos simplesmente acatar o que diz a Palavra do Senhor, e teremos a experiência. Quando Deus diz que "a carne foi crucificada", devemos responder:

"Amém, verdadeiramente minha carne foi crucificada."

Assim, agindo com base na Palavra, veremos que nossa carne realmente está morta.

Os crentes de Corinto haviam se entregado aos pecados de fornicação, inveja, contenda, espírito faccioso, litígio e muitos outros. Sem sombra de dúvida, eles eram carnais. É verdade que eram "bebês em Cristo", mas eram de Cristo. Será que podemos dizer que

a carne daqueles crentes carnais tinha realmente sido crucificada? Com certeza, sim. Até mesmo eles tinham crucificado a carne. Como assim? Precisamos saber que a Bíblia não diz para sermos crucificados; ela simplesmente afirma que "fomos crucificados". Precisamos entender que não temos de ser crucificados individualmente, mas que fomos crucificados juntamente com Cristo (Gl 2.20; Rm 6.6). Se é uma crucificação conjunta, no momento em que o próprio Senhor Jesus foi crucificado, nossa carne também foi crucificada. Além do mais, a crucificação conjunta não é imposta a cada um de nós individualmente, pois foi o Senhor Jesus quem nos levou à cruz, quando foi crucificado. Por conseguinte, Deus considera nossa carne como já tendo sido crucificada. Para ele, isso é um fato consumado. Seja qual for a nossa experiência pessoal, Deus declara que "os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne". () que temos a fazer para tomar posse dessa morte é crer na Palavra de Deus. Não temos de nos preocupar em descobrir como ela se processa. Tampouco precisamos dispensar muita atenção à nossa experiência pessoal. Nossa atitude deve ser a seguinte:

"Deus diz que minha carne foi crucificada. Então creio que ela está de fato crucificada. Reconheço que o que Deus diz é verdade."

Agindo dessa forma, logo esse fato será uma realidade para nós. Se olharmos para a verdade de Deus primeiro, a experiência virá depois.

Do ponto de vista divino, esses coríntios já tinham crucificado a carne com o Senhor Jesus. Do ponto de vista deles, porém, certamente não possuíam uma experiência pessoal de crucificação. Talvez isso se devesse ao fato de desconhecem a verdade de Deus. Por isso, o primeiro passo para o livramento é encarar a carne segundo o ponto de vista divino. E qual é ele? Não é tentar crucificar a carne, mas reconhecer que ela já foi crucificada. Não é andar conforme o que vemos, mas segundo nossa fé na Palavra de Deus. Se reconhecermos firmemente que a carne já foi crucificada, poderemos avançar na experiência de resolver o problema dela. Se vacilarmos nisso, perderemos a possibilidade de entrar na posse definitiva dessa experiência. Para experimentar a crucificação conjunta, devemos, primeiro, colocar de lado nossa situação atual, e simplesmente confiar na Palavra de Deus.

## O ESPÍRITO SANTO E A EXPERIÊNCIA

"Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas... operavam em nossos membros, a fim de frutificarem para a morte. Agora, porém... estamos mortos..." (Rm 7.5,6.) Por causa disso, a carne não tem mais domínio sobre nós.

Nós já cremos e reconhecemos que nossa carne foi crucificada. Só *agora*, então, podemos voltar nossa atenção para a questão da experiência. Embora demos

mais ênfase à experiência, agarramo-nos com firmeza à realidade de que fomos crucificados com Cristo. Aquilo que Deus fez por nós e o que experimentamos da obra completa realizada por ele, apesar de serem dois fatos distintos, são inseparáveis.

Deus fez o que deveria fazer. A pergunta agora é esta: que atitude assumimos para com a obra consumada? Ele crucificou nossa carne, não apenas de forma nominal, mas em realidade. Se crermos e exercitarmos nossa capacidade de escolha para optar pelo que Deus realizou para nós, isso se tornará nossa experiência. Deus não pede que façamos nada, pois ele já fez tudo. O Senhor não ordena que crucifiquemos nossa carne, porque ele já o fez. Você crê que isso é verdade? Deseja que se torne realidade em sua vida? Se crermos e desejarmos, então cooperaremos com o Espírito Santo para obtermos uma experiência rica. Em Colossenses 3.5, Paulo roga: "Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena (carnal)". Esse é o caminho em direção à experiência. O "pois" indica que isso é consequência daquilo que vem antes, no verso 3, a saber, "morrestes". O "morrestes" é o que Deus realizou para nós. Porque "morrestes", "fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena (carnal)". A primeira menção de morte aí é a nossa posição real em Cristo; a segunda, nossa experiência de vida. O fracasso dos crentes hoje se deve ao fato de não enxergarem a relação existente entre essas duas mortes. Alguns, que só enfatizam a experiência de morte, tentam reduzir sua carne a nada. Conseqüentemente a carne deles torna-se mais viva após cada tentativa! Outros reconhecem que a carne foi realmente crucificada com Cristo, mas não buscam o cumprimento disso em sua vida. Nenhuma dessas atitudes nos leva à crucificação da carne.

Se quisermos mortificar nossos membros, primeiro precisaremos ter uma base para isso. Caso contrário, estaremos simplesmente confiando nas próprias forças. Nosso empenho pessoal, por maior que ele seja, jamais pode nos trazer a experiência desejada. De igual modo, se nossa crucificação com Cristo ficar restrita apenas ao entendimento, isto é, se não exercitarmos a realização em nós da obra por ele consumada, esse conhecimento será inútil. Para reduzir a carne a nada, precisamos primeiro reconhecer nossa identificação com Cristo em sua morte. Depois de conhecer essa identificação, precisamos exercitar a mortificação. As duas atitudes devem caminhar juntas. Se nos contentarmos apenas em perceber a identificação, enganamos a nós mesmos, achando que agora somos espirituais, e que a carne foi destruída. Por outro lado, se, ao reduzir a nada os seus efeitos iníquos, dermos a eles uma ênfase demasiada e não tomarmos uma posição de morte para com a carne, estaremos incorrendo no mesmo engano. Se nos esquecermos de que a carne está morta, nunca poderemos fazer com que os seus feitos cessem. O "fazer morrer" depende do

"morrestes". "Fazer morrer" significa aplicar a morte do Senhor Jesus sobre todas as obras da carne. A crucificação do Senhor Jesus tem uma autoridade enorme. Consume tudo o que encontra. Como já nos unimos com ele em sua crucificação, podemos aplicar sua morte a qualquer membro que é tentado à concupiscência, reduzindo-o imediatamente a nada.

Unir-nos com Cristo em sua morte significa que esta passa a ser um fato consumado em nosso espírito. O que o crente deve fazer em seguida é trazer essa morte verdadeira para fora do seu espírito, e aplicá-la aos seus membros, cada vez que sua concupiscência despertar. Essa morte espiritual não é algo definitivo. Toda vez que o crente deixar de vigiar, ou então perder a fé, a carne certamente vai se mover de maneira impetuosa. Quem deseja se conformar plenamente à morte do Senhor, deve, incessantemente, reduzir a nada os feitos dos seus membros, a fim de que aquilo que opera no espírito possa se aplicar no corpo também.

Mas, de onde vem o poder para aplicar a crucificação do Senhor nos nossos membros? É "pelo Espírito", ensina Paulo, que mortificamos "os feitos do corpo" (Rm 8.13). Para o crente mortificar esses feitos, ele precisa contar com o Espírito Santo, a fim de traduzir a crucificação com Cristo em experiência pessoal. Precisamos crer que o Espírito Santo vai ministrar a morte a qualquer elemento que precise morrer. Nossa carne foi crucificada com Cristo, por isso não necessitamos, hoje, ser crucificados novamente. O que temos a fazer agora é aplicar, pelo Espírito Santo, a morte consumada do Senhor Jesus na cruz, em nosso benefício, a qualquer obra ímpia do corpo que tente se manifestar. Esta será, então, anulada pelo poder da morte do Senhor. As obras ímpias da carne podem surgir a qualquer momento e em qualquer lugar. Por conseguinte, se nós, pelo Espírito Santo, não nos apropriarmos continuamente do poder da morte santa do Senhor Jesus, não poderemos triunfar. Todavia, se dessa forma não dermos lugar aos feitos do corpo, o Espírito Santo, que em nós habita, finalmente realizará o propósito de Deus, deixando sem ação o corpo do pecado (Rm 6.6). Então, apropriando-se da cruz, i) bebê em Cristo será liberto do poder da carne, unindo-se ao Senhor Jesus na sua vida ressurreta.

Daí em diante, o cristão deve "andar no Espírito", para não satisfazer "à concupiscência da carne" (Gl 5.16). Devemos nos lembrar sempre de que, por mais que a cruz do Senhor Jesus tenha penetrado em nossa vida, sem uma constante vigilância, não podemos evitar novas agitações das obras iníquas dos nossos membros. Sempre que um servo de Deus deixa de seguir ao Espírito Santo, imediatamente volta a seguir a carne.

Em Romanos 7, a partir do versículo 5, Deus desvenda para nós a realidade da nossa carne, por meio

do apóstolo Paulo, que descreve o ego do cristão. No momento em que este deixa de ouvir o Espírito Santo, passa a enquadrar-se no padrão de vida carnal aí descrito. Alguns acreditam que, pelo fato de Romanos 7 estar entre os capítulos 6 e 8, a atividade da carne se torna um fato do passado, tão logo o crente passe por ela e entre na vida do Espírito, descrita em Romanos 8. Na realidade, as experiências dos capítulos 7 e 8 ocorrem simultaneamente. Toda vez que o crente deixa de andar no Espírito, conforme o padrão exposto em Romanos 8, logo filtra na experiência de Romanos 7. "De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado." (V. 25.) Podemos observar que Paulo conclui a descrição da experiência narrada .mies do verso 25, utilizando a expressão: "de maneira que". Ele fracassa totalmente até o versículo 24. No versículo 25, ele obtém a vitória: "Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor" (v. 25a). Ao alcançar vitória sobre a constante derrota, Paulo diz: "Eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus". Aqui ele diz que sua nova vida deseja o que Deus deseja. Entretanto isso não é tudo, pois logo em seguida, ele declara: "mas, segundo a carne, da lei do pecado". E isso ele diz depois da vitória mencionada no verso 25a. A dedução óbvia é que, por mais que ele sirva à lei de Deus na sua mente, sua carne sempre vai servir à lei do pecado. Por mais que ele seja libertado da carne, esta permanece imutável, e continua servindo à lei do pecado (v. 25), pois a carne é sempre carne. Nossa vida no Espírito Santo pode aprofundar-se, mas isso não vai alterar a natureza da carne, nem impedir que ela seja escrava da lei do pecado. Portanto, se desejarmos ser guiados pelo Espírito Santo (Rm 8.14), e libertos da opressão da carne, devemos mortificar as obras ímpias do corpo, andando conforme o Espírito Santo.

### A EXISTÊNCIA DA CARNE

Observemos cuidadosamente que, embora possamos mortificar a carne, tornando-a "ineficaz" (é esse o verdadeiro significado de "destruir", em Romanos 6.6), ela ainda subsiste. É um grande erro achar que a carne já foi erradicada, e J que a natureza pecaminosa está aniquilada por completo. Tal ensinamento falso leva as pessoas a se desviarem. A vida regenerada não altera a carne. O fato de estarmos crucificados com Cristo não extingue a carne. O Espírito Santo, que em nós habita, não impede que andemos segundo a carne. Esta, com sua natureza carnal, permanece perpetuamente no crente. E sempre que houver oportunidade, ela entrará em ação.

Vimos, anteriormente, que existe uma relação íntima entre o nosso corpo e a carne. Só seremos libertos da carne, de forma a impedir por completo sua atividade, depois que formos libertos deste corpo. O que é nascido da carne é carne. Ela só será erradicada

depois que este corpo corrompido de Adão for transformado. Nosso corpo não foi ainda redimido (Rm 8.23). Ele aguarda a redenção, na volta do Senhor Jesus (1 Co 15.22,23, 42-44, 51-56; Fp 3.20,21; 1 Ts 4.14-18). Portanto, enquanto estivermos no corpo, devemos estar permanentemente alerta, para que a carne não manifeste suas obras ímpias.

Nossa vida aqui na Terra pode, no máximo, ser comparada com a de Paulo, que declarou: "Embora andando na carne, não militamos segundo a carne" (2 Co 10.3). Ele ainda possuía um corpo, por isso continuava andando na carne. Entretanto, por causa da natureza corrompida da carne, não militava segundo a carne. Sim, ele andava na carne, mas não andava pela carne (Rm 8.4). Enquanto o crente não for liberto do corpo físico, não estará totalmente liberto da carne. Fisicamente falando, ele deve viver na carne (Gl 2.20). Espiritualmente falando, ele não precisa, nem deve militar segundo a carne. A conclusão óbvia, com base em 2 Coríntios 10.3, é que, estando no corpo, Paulo poderia militar segundo a carne (embora vejamos no versículo 4 que ele não agia dessa forma). Assim sendo, ninguém pode dizer que sua carne não é mais potencialmente ativa. Desse modo, a obra consumada por Cristo na cruz e sua contínua aplicação pelo Espírito Santo à nossa vida são inseparáveis.

Devemos atentar bem para esse ponto, pois ele é de tremenda importância. Se um crente achar que atingiu a santificação plena, e que já não tem a carne, cairá no erro da presunção, ou da indolência, destituída de vigilância. Precisamos ressaltar que os filhos de pais regenerados e santificados ainda são da carne. Necessitam da experiência do novo nascimento como os filhos de qualquer incrédulo. Ninguém pode dizer que não está na carne, e que não precisa nascer de novo. O Senhor Jesus afirmou que "o que é nascido da carne é carne" (Jo 3.6). Se aquele que é nascido é carne, quem o deu à luz deve ser carne também, pois só a carne pode gerar a carne. A prova concreta de que os pais não estão completamente libertos da carne está no fato de seus filhos serem carnis. Os salvos transmitem a seus filhos sua natureza caída, tão-somente porque a princípio era essa a sua natureza também. Eles não podem comunicar a natureza divina, recebida na regeneração, porque esta não era originalmente deles. Eles a receberam depois, individualmente, como um dom gratuito de Deus. O fato de os crentes comunicarem sua natureza pecaminosa a seus filhos mostra que ela está sempre presente neles.

Visto sob esse enfoque, chegamos à conclusão de que uma nova criatura em Cristo, nesta vida terrena, jamais recupera totalmente a condição de que Adão desfrutava antes da queda, pois o corpo, pelo menos, está ainda aguardando a redenção (Rm 8.23). Aquele que é uma nova criatura continua abrigo a natureza pecaminosa dentro de si. Ainda está na carne. Seus

sentimentos e desejos por vezes são imperfeitos, e são menos nobres do que os que Adão tinha antes da queda. Só depois que a carne humana for erradicada, é que ele poderá ter sentimentos, desejos ou amor perfeitos. O homem jamais pode alcançar uma condição em que esteja fora do alcance do pecado, visto que a carne subsiste. E se o crente não seguir o Espírito Santo, mas, pelo contrário, sujeitar-se à carne, certamente estará sob as rédeas dela. Todavia, a despeito dessa realidade, não devemos mutilar a salvação realizada por Cristo. A Bíblia diz, em muitos lugares, que qualquer um que tenha sido gerado de Deus, e esteja cheio do Senhor, não tem inclinação para o pecado. Contudo isso não quer dizer, de modo categórico, que não haja possibilidade de ele abrigar um desejo pecaminoso. Vamos ilustrar. Sabemos que a madeira flutua, que ela não tem tendência para afundar; mas isso não significa que ela seja insubmergível. Se ficar bastante encharcada, ela afundará. Contudo a tendência natural de um pedaço de madeira é não afundar. Semelhantemente, Deus nos salvou até o ponto de não termos tendência para pecar, mas não a ponto de sermos incapazes de pecar. Se um crente permanece totalmente inclinado para o pecado, ele é da carne, e ainda não se apropriou da salvação plena. O Senhor Jesus é capaz de nos inclinar para longe do pecado; todavia devemos também ser vigilantes. Sob a influência do mundo e a tentação de Satanás, a possibilidade de pecar permanece em nós.

É claro que o crente deve compreender que, em Cristo, ele é uma nova criatura. Nessa condição, o Espírito Santo habita em seu espírito. Esse fato, junto com a morte de Jesus operando ativamente em seu corpo, pode capacitá-lo a ter uma vida santa. Tal vida só é possível porque o Espírito Santo aplica a cruz à carne do crente, mortificando os feitos do corpo. Ela, então, deixa de ser ativa. Isso não significa, todavia, que o crente não tenha mais a carne, pois ele continua a possuir a carne pecaminosa e tem consciência de sua presença e de sua condição de corrupção. O próprio fato de a natureza pecaminosa ser transmitida aos filhos comprova, sem nenhuma sombra de dúvida, que o que possuímos agora não é a perfeição natural que Adão teve antes de pecar.

O crente deve confessar que, mesmo numa fase de grande santidade, ele pode experimentar momentos de fraqueza. Os maus pensamentos entram em sua mente sem que ele o queira. Ele deixa escapar palavras inconvenientes sem perceber. Algumas vezes sente dificuldade em submeter sua vontade ao Senhor; e, bem no fundo, ele pode até mesmo abrigar a idéia de que é auto-suficiente. Isso nada mais é que as obras da carne. Portanto é necessário que os crentes saibam que, a qualquer momento, a carne pode voltar a exercer seu domínio. Ela não foi erradicada do corpo. Contudo a presença dela no crente não significa que ele não possa se santificar. Somente quando ren-

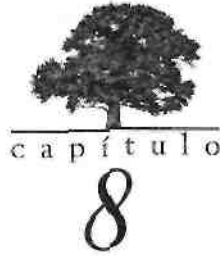
demos nosso corpo ao Senhor (Rm 6.13), é que é possível não estarmos mais sob o domínio da carne, mas sob o domínio do Senhor. Se seguirmos o Espírito Santo e mantivermos a atitude de não permitir que o pecado reine em nosso corpo (Rm 6.12), ficamos livres de tropeçar, e experimentamos uma vitória permanente. Nosso corpo, assim liberto, torna-se o templo do Espírito Santo, e acha-se livre para fazer a obra de Deus. A maneira de nos *mantermos* livres do domínio da carne deve ser exatamente a mesma pela qual adquirimos essa libertação. Trata-se daquela conjuntura de vida ou morte, em que o crente diz "sim" a Deus e "não" à carne, e que não é um acontecimento definitivo. O crente precisará manter, por toda a vida, uma atitude afirmativa para com Deus, e uma resposta negativa para com a carne. Nenhum crente hoje pode chegar a um ponto em que se encontre acima da tentação. Como é necessário vigiar e orar, e até mesmo jejuar, para que possamos aprender a andar segundo o Espírito Santo! Contudo não devemos enfraquecer nem o propósito de Deus, nem nossa própria esperança. Podemos pecar, mas não devemos. O Senhor Jesus morreu por nós e crucificou com ele a nossa carne. O Espírito Santo habita em nós, para aplicar em nós o que Jesus realizou. Temos a possibilidade absoluta de não sermos governados pela carne. A presença da carne não significa necessariamente que temos de nos entregar a ela, mas constitui um apelo para vivermos em vigilância. A cruz sacrificou a carne completamente. Se nos dispusermos a reduzir a zero as obras ímpias do corpo, pelo poder do Espírito Santo, experimentaremos realmente a obra consumada da cruz. "Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis." (Rm 8.12,13.) Como Deus já nos concedeu tal graça e salvação, se continuarmos a seguir a carne, ) culpa é toda nossa. Não somos mais devedores a ela, como éramos antes de conhecer essa salvação. Portanto se, agora, persistirmos em viver pela carne, é porque queremos viver assim, não porque somos obrigados a isso.

Muitos crentes maduros têm experimentado vitória constante sobre a carne. Embora ela permaneça neles, seu poder acha-se reduzido praticamente a zero. A vida, a natureza e as atividades dela, pela cruz do Senhor e no poder do Espírito Santo, encontram-se de tal forma inoperantes que é como se não estivesse presente. Devido à profunda e persistente operação da cruz, e à fidelidade do crente em seguir o Espírito Santo, a carne, embora existindo, perde toda a sua força. Até mesmo seu poder para estimular os cristãos parece estar anulado. Todo crente pode obter esse triunfo completo sobre a carne.

"Se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis." O relacionamento total, ex-

presso nesse versículo, depende da partícula "se". Deus fez tudo o que é necessário. Não resta mais nada para ele fazer. Cabe a nós, agora, tomar uma posição. Se negligenciarmos essa salvação perfeita, como escaparemos nós? "Se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte." Isso é um aviso. O crente que viver segundo a carne, apesar de regenerado, certamente irá se perder em seu caminhar espiritual, como se não estivesse vivo. "Se, pelo Espírito", vivemos, também morremos, mas na morte de Cristo. Essa morte é autêntica, porque reduz a nada as obras da carne. De uma maneira ou de outra, morreremos. Que morte você escolherá, meu irmão, a que provém da carne ativa, ou a que decorre do espírito ativo? Se a carne estiver viva, o Espírito Santo não poderá viver ativamente. Que vida você prefere, a da carne ou a do Espírito? A provisão de Deus para nós é que a carne, com toda a sua força e as suas atividades, esteja sob o poder da morte de Cristo na cruz. O que está faltando em nós nada mais é do que morte. Temos de ressaltar muito esse fato antes de falarmos de vida, porque não pode haver ressurreição sem primeiro haver morte. Estamos desejosos de obedecer à vontade de Deus? Somos submissos, de maneira a permitir que a cruz de Cristo se manifeste de forma prática em nossa vida? Se assim for, devemos, pelo Espírito Santo, mortificar todos os feitos ímpios do corpo.





## A OSTENTAÇÃO DA CARNE

### O OUTRO LADO DA CARNE

As obras da carne são somente as que mencionamos até agora? Ou existem ainda outras? A carne no momento se acha inativa sob o poder da cruz?

Até aqui temos dado ênfase aos pecados da carne que constituem atos de cobiça do corpo humano. Agora, nossa atenção precisa voltar-se para o outro lado da carne. Anteriormente dissemos que a carne compreende os atos de cobiça do corpo e as obras da alma. Até este ponto falamos apenas do corpo, quase sem tocar na alma. É bem verdade que o crente deve livrar-se dos pecados do corpo, que corrompem, mas deve resistir, também, às obras da alma. Aos olhos de Deus, estas não são menos corruptas do que os pecados do corpo.

De acordo com a Bíblia, as obras da "carne" são de duas espécies (embora ambas sejam da carne): as injustas e as de justiça própria. A carne não produz apenas pecados que corrompem, mas também atos de moral recomendáveis. Ela gera não apenas o que é vil e desprezível, mas também atos elevados e nobres. Não tem apenas a cobiça pecaminosa, mas a boa intenção também. Então vamos analisar agora os atos de justiça própria.

As Escrituras empregam a palavra "carne" para descrever a natureza ou a vida corrupta do homem, incluindo a alma e o corpo. No ato criativo de Deus, a alma foi colocada entre o espírito e o corpo, isto é, entre o celestial ou espiritual, e o terreno ou físico. Sua tarefa é fundir os dois, colocando cada um em seu devido lugar. Deve ainda efetuar a comunicação entre eles, para que através dessa harmonia perfeita o homem possa finalmente alcançar a plena espiritualidade. Infelizmente a alma se sujeitou à tentação proveniente dos órgãos físicos, e se emancipou da autoridade do espírito. Assim passou a estar sob o controle do corpo. Em conseqüência, a alma e o corpo se uniram para formar a carne. A carne não é apenas "destituída de espírito". Ela se opõe diretamente ao espírito. Conseqüentemente a Bíblia declara que a

"carne cobiça contra o espírito" (Gl 5.17 - literal).

A oposição que a carne faz ao espírito e ao Espírito Santo tem dois lados. Primeiro, comete pecado, rebelde-se contra Deus e transgride a lei divina. Segundo, pratica o bem, obedece ao Senhor e segue a vontade de Deus. O elemento corpóreo da carne, cheio de pecado e cobiça, naturalmente só pode se expressar através de muitos pecados, para o entristecimento do Espírito Santo. Já a parte incorpórea, a alma, não é tão impura quanto o corpo. Ela é o princípio de vida do homem, o seu próprio ego. Compreende a vontade, a mente e a emoção. Do ponto de vista humano, as obras da alma podem não ser impuras. Elas simplesmente se centralizam nos pensamentos, nas idéias, nos sentimentos, nos gostos e desgostos das pessoas. Embora todas elas estejam focalizadas no ego, não são, necessariamente, pecados. A característica básica das obras da alma é a independência, ou auto-dependência. Embora a alma não seja tão corrupta como o corpo, também é hostil ao Espírito Santo. A carne coloca o ego no centro de tudo, e a vontade própria, acima da de Deus. Ela pode servir ao Senhor, mas sempre segundo seus conceitos, e não conforme os pensamentos de Deus. Ela faz aquilo que é bom aos próprios olhos. O ego é o princípio que está por trás de cada ação. Ela pode não cometer o que o homem considera pecado. Aliás, pode até se esforçar muito para tentar observar os mandamentos de Deus. Todavia é sempre o ego que está no âmago de cada ação. E quase impossível avaliar sua vitalidade e capacidade de enganar. A carne opõe-se ao espírito, não somente no pecar contra Deus, mas também no que diz respeito a servi-lo e agradecer-lhe. Ela se opõe ao Espírito Santo e o extingue, apoiando-se na própria força. Não confia plenamente na graça de Deus, nem na possibilidade de ser guiada apenas pelo Espírito.

Podemos encontrar muitos crentes que, por natureza, são bons, pacientes e amorosos. Ora, o que o crente odeia é o pecado. Portanto, se puder livrar-se dele, bem como das obras da carne, descritas em Gaiatas 5.19-21, ficará contente. E o que ele admira é a justi-

ça. Por isso se esforça para agir de maneira justa, ansiando produzir o fruto de Gaiatas 5.22,23. Entretanto é exatamente aí que está o perigo, pois o cristão ainda não aprendeu a odiar a totalidade de sua carne. Ele simplesmente deseja livrar-se dos pecados que brotam dela. De alguma forma, ele aprendeu a resistir às obras da carne, mas não reconhece que a carne mesma, no seu todo, precisa morrer. Seu engano está em não saber que a carne não somente pode produzir o pecado, mas também, praticar o bem. Se ela estiver praticando o bem, evidentemente ainda está viva. Se tivesse morrido definitivamente, teria perecido com ela a habilidade de realizar, tanto o bem quanto o mal. Se temos a capacidade de praticar o bem, isso mostra que a carne ainda não morreu.

Sabemos que os homens originalmente pertencem à carne. A Bíblia ensina com toda clareza que não há ninguém no mundo que não seja da carne, pois todo pecador é nascido da carne. Por outro lado, reconhecemos que muitos, antes de nascerem de novo, e até mesmo pessoas que em toda sua vida nunca creram no Senhor, realizaram e continuam a realizar numerosos atos recomendáveis. Alguns parecem já nascer com bondade, paciência e benignidade. Observemos o que o Senhor Jesus diz a Nicodemos (Jo 3.6). Embora ele seja naturalmente bom, não obstante, é considerado como sendo da carne. Isso confirma que a carne pode realmente fazer o bem.

Em sua carta aos gálatas, Paulo também mostra que a carne é capaz de fazer o bem. "Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?" (3.3.) Os crentes da Galácia tinham caído no erro de fazer o bem movidos pela carne. Haviam começado pelo Espírito Santo, mas não perseveraram para serem aperfeiçoados. Pelo contrário, queriam ser aperfeiçoados por meio da justiça própria, até mesmo da justiça segundo a lei. Foi por isso que o apóstolo lhes dirigiu essa pergunta. Se os crentes da Galácia, pela carne, só pudessem fazer o mal, não haveria necessidade de levantar essa questão. Por si mesmos, eles sabiam que os pecados da carne não podem aperfeiçoar aquilo que o Espírito Santo iniciou. No entanto estavam desejando aperfeiçoar, por meio da carne, a obra que o Espírito Santo iniciara. Isso mostra que, para alcançar a perfeição, eles estavam recorrendo à capacidade inerente à carne de praticar o bem. Realmente, eles tentaram isso com todo afincamento. Contudo o apóstolo ensina aqui que os atos de justiça da carne e as obras do Espírito Santo são duas realidades distintas. O que fazemos através da carne, fazemos sozinhos. Ela não pode jamais aperfeiçoar algo que o Espírito Santo iniciou.

No capítulo anterior, o apóstolo tem outra palavra séria sobre o assunto: "Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, a mim mesmo me constituo transgressor" (Gl 2.18). Ele estava mencionando aqueles

que ainda insistiam em alcançar a justiça segundo a lei (vv. 16,17,21), por meio da própria carne, apesar de terem sido salvos e de haverem recebido o Espírito Santo. Fomos salvos por meio da fé no Senhor, e não através das nossas obras. Era a elas que Paulo se referia quando falou em coisas destruídas. Sabemos que ele sempre desprezava as obras dos pecadores, considerando-as destituídas de valor para a salvação. Ora, se por agir segundo a justiça estamos tornando a "edificar aquilo" que destruímos, então, concluí Paulo, "a mim mesmo me constituo transgressor". O apóstolo está dizendo, portanto, que, assim como os pecadores não podem ser salvos por meio dos próprios esforços, da mesma forma nós, que somos regenerados, não podemos ser aperfeiçoados por intermédio de nenhum ato de justiça da nossa carne. Como é inútil praticarmos tais obras de justiça!

No capítulo 8 de Romanos, Paulo afirma que "os que estão na carne não podem agradar a Deus" (v. 8). Isso significa que os carnais tentaram, mas sem sucesso, agradar a Deus. Com certeza ele está se referindo especificamente aos atos de justiça da carne, que são de todo inócuos quando se trata de agradar a Deus. Precisamos estar muito bem cientes acerca daquilo que a carne é capaz de fazer. Ela pode realizar obras justas, e muito bem. Em geral imaginamos a carne apenas sob o aspecto da cobiça. Por isso a consideramos extremamente corrupta, não reconhecendo que nela existe algo além da cobiça. As várias faculdades da alma produzem frutos que podem não ser tão corruptos como a cobiça. Além do mais, a palavra "cobiça" é usada algumas vezes na Bíblia sem a conotação de imundícia, como, por exemplo, em Gálatas 5.17: "a carne cobiça contra o Espírito e o Espírito contra a carne" (Darby). Vemos aí que o Espírito também cobiça - contra a carne. A cobiça, nesse caso, exprime simplesmente a idéia de um desejo intenso.

Tudo o que um homem faz, ou é capaz de fazer, antes da regeneração, é apenas esforço da carne. Desse modo, ele pode praticar tanto o bem como o mal. O erro do crente consiste exatamente em achar que apenas o mal que está na carne precisa ser destruído, sem compreender que o bem também precisa. Ele ignora que a justiça da carne pertence à carne, tanto quanto o mal. A carne sempre é carne, seja ela boa ou má. O perigo do cristão está em ignorar a necessidade de livrar-se de tudo o que é da carne, inclusive do que é bom, ou relutar em reconhecer isso. Ele precisa se convencer de que, verdadeiramente, as coisas boas da carne não são nem um pouquinho melhores do que as más, pois ambas são da carne. E se o cristão não se livrar dessas coisas boas, jamais poderá ser liberto do domínio da carne. Se permitirmos que ela faça o bem, daí a pouco a encontraremos fazendo o mal. Se não destruímos sua justiça própria, a injustiça certamente se seguirá àquela.

## A NATUREZA DAS BOAS OBRAS DA CARNE

Deus se opõe à carne de maneira radical porque conhece perfeitamente sua real condição. Ele quer que seus filhos sejam completamente libertos da velha criatura, e entrem de modo pleno na nova. A carne sempre é carne, seja ela boa ou má. A diferença entre o bem que procede da carne e o bem que flui da nova vida é que a carne sempre coloca o ego no centro. É o nosso ego que pode realizar, e realiza, o bem, sem a necessidade de confiar no Espírito Santo, e sem precisar ser humilde, esperar em Deus, ou orar a Deus. É ele que quer, pensa e faz esse bem, sem depender do Senhor. É ele ainda que avalia nosso progresso, e o modo pelo qual nos tornamos isso ou aquilo por meio dos esforços próprios. Sendo assim, não é inevitável que venhamos a atribuir glória a nós mesmos? Obviamente tais obras não nos levam a Deus; pelo contrário, incham o ego. O Senhor quer que o busquemos com espírito de total dependência, completamente submissos ao seu Santo Espírito, e esperando nele com humildade. Qualquer bem da carne, que gire em torno do ego, é abominação à vista de Deus, porque não procede do Espírito da vida do Senhor Jesus, mas do próprio ego, e glorifica o ego.

Em sua carta aos filipenses, o apóstolo declara: "Não confiamos na carne" (3.3). Ela tende à autoconfiança. Devido à grande capacidade da carne, os carnis não necessitam confiar no Espírito Santo. Cristo crucificado é a sabedoria de Deus; mas quanta confiança o crente deposita na própria sabedoria! Ele pode ler a Bíblia e pregá-la; pode ouvir a Palavra e crer nela; mas executa tudo na força do intelecto, sem experimentar o mais leve senso de que precisa depender completamente da instrução do Espírito Santo. Por isso, muitos crêem que possuem toda a verdade, embora o que têm venha somente de ouvir outros, ou do estudo pessoal das Escrituras. Aquilo que têm é mais proveniente do homem do que de Deus. Eles não possuem um coração aberto para receber instrução do Senhor, ou para esperar nele, para que ele lhes revele sua verdade em sua luz.

Cristo crucificado também é o poder de Deus. Contudo, quanta autoconfiança vemos no serviço cristão! Os crentes em geral empenham-se mais em planejar e preparar o trabalho do que em esperar no Senhor. O tempo que gastam na preparação das divisões e conclusão de um sermão é duas vezes maior do que o que passam buscando o poder do alto. Eles proclamam a verdade, apresentam a Pessoa e a obra de Cristo, e buscam a glória de Deus. Mesmo assim todas essas obras se tornam mortas diante dele, porque há muita confiança na carne. E como enfatizamos a sabedoria humana e procuramos argumentos satisfatórios em nossas mensagens! Como usamos ilustrações apropriadas e vários outros meios, para despertar

as emoções dos homens! Como empregamos exortações sábias, para persuadir os ouvintes a tomar decisões! Mas, onde estão os resultados práticos? Até que ponto confiamos no Espírito Santo e até onde confiamos na carne? Como pode a carne comunicar vida aos outros? Existe realmente algum poder na velha criatura que possa qualificar alguém para herdar algo na nova?

Como dissemos, a autoconfiança e a autodependência são atributos que caracterizam as boas obras da carne. Para a carne, é impossível apoiar-se em Deus. Ela é impaciente demais para tolerar qualquer espera. Enquanto ela se considerar forte, jamais dependerá de Deus. Mesmo em momentos de desespero, a carne continua a fazer planos e a buscar uma escapatória. Ela nunca assume uma atitude de total dependência do Senhor. Somente isso pode servir de teste para o crente saber se uma obra é da carne ou não. Tudo aquilo que não decorre de uma espera em Deus, nem da dependência do Espírito Santo, sem dúvida nenhuma, é da carne. Qualquer coisa que decidimos de acordo com nossa vontade, e não com a de Deus, emana da carne. Sempre que o coração não for totalmente confiante, haverá o esforço da carne. As obras podem não ser más ou impróprias. Na verdade, podem até ser boas e espirituais (tais como a leitura da Bíblia, a oração, a adoração, a pregação). Contudo, se não são empreendidas num espírito de dependência total do Espírito Santo, elas provêm da carne. A velha criatura deseja fazer qualquer coisa - até mesmo submeter-se a Deus - se tão-somente lhe for permitido viver e permanecer ativa! Por melhores que as obras da carne possam parecer, o ego sempre aparece majestoso no horizonte, oculto ou não. A carne nunca reconhece sua fraqueza, nem admite sua inutilidade. Mesmo que venha a ser objeto de zombaria, ela continua inabalável, crendo na sua capacidade.

"Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?" Isso mostra uma grande verdade. Podemos começar bem, no Espírito, e no entanto não continuar nele. Nossa experiência comprova a relativa facilidade com que começamos no Espírito, mas terminamos na carne. É muito comum usarmos uma verdade que o Espírito Santo nos comunica para fazer dela uma ostentação da carne. Os judeus, nos primórdios, cometeram tal erro. Isso acontece com frequência em situações em que obedecemos ao Senhor, negamos a nós mesmos e recebemos poder para ganhar almas. No início, genuinamente dependemos do Espírito Santo, mas, não muito tempo depois, mudamos a graça de Deus em nossa glória, tratanto algo que é do Senhor como se fosse possessão nossa. O mesmo princípio se aplica à nossa conduta. Através da operação do Espírito Santo, no início, ocorre uma poderosa transformação em nossa vida, levando-nos a amar algo que antes odiávamos e a detestar o que antes amáva-

mos. Gradualmente, porém, o "ego" começa a penetrar de modo inconsciente. E aí nós, pouco a pouco, vamos interpretando essas mudanças como obra nossa, algo que nós mesmos devemos admirar. Ou então vamos nos tornando mais e mais descuidados e, gradualmente, avançamos para a autoconfiança, em vez de depender do Espírito Santo. Na experiência dos cristãos, existem milhares de questões nas quais começamos bem, no Espírito, mas lamentavelmente terminamos na carne.

Por que é que muitos filhos queridos de Deus buscam ansiosamente consagrar-se ao Senhor, desejando uma vida mais abundante, e não obstante falham? Frequentemente, através das mensagens que ouvem, das conversas com outros, dos livros espirituais que lêem, ou da oração a sós, o Senhor lhes mostra que podem perfeitamente ter uma vida plena da comunhão com Deus. Esses crentes conseguem perceber a simplicidade e a beleza de tal vida, e não enxergam nenhum obstáculo para obtê-la. Eles realmente experimentam uma bênção, com poder e glória, que nunca conheceram antes. Oh, como isso é bom! Contudo, pouco depois, tudo se desvanece! Por quê? Como? Será que sua fé é imperfeita? Sua consagração não é absoluta? Certamente sua fé e consagração para com o Senhor foram totais. Por que, então, essa falha? Qual é a razão de perderem essa experiência, e como é que ela pode ser restaurada? A resposta é simples e definida. Eles passaram a confiar na carne, tentando aperfeiçoar pela carne algo que iniciaram no Espírito. Estão substituindo o Espírito pelo ego. O ego deseja assumir o controle, esperando que o Espírito Santo se coloque a seu lado para ajudá-lo. O crente substitui a posição e a obra do Espírito pelas da carne. Não dependem completamente da liderança do Espírito para viverem essa vida plena. Falta também a necessária atitude de esperar no Senhor. Tentar segui-lo sem negar o ego é a raiz de todos os fracassos.

### OS PECADOS QUE SE SEGUEM

Se o crente for auto-suficiente e procurar completar a tarefa do Espírito Santo no poder da carne, não alcançará a plena maturidade espiritual. Ele vai ficar andando errante, e os pecados, que antes ele havia vencido, retornarão, e com **muita** força. Que ninguém se espante com o que estamos afirmando. Se alguém estiver servindo a Deus na carne, e sempre que isso acontecer, ela se fortalecerá. Trata-se de uma verdade espiritual. Por que foi que os fariseus orgulhosos se tornaram escravos do pecado? Não foi por serem justos aos próprios olhos e servirem a Deus com tanto zelo? Por que foi que o apóstolo repreendeu os gálatas? Por que é que eles manifestavam as obras da carne? Não é porque buscavam estabelecer a própria justiça pelas obras, e também por quererem aperfeiçoar, na carne, a obra que o Espírito Santo havia começado?

Um perigo que os crentes novos correm é parar de mortificar a capacidade da carne para praticar o bem. Agem assim porque conhecem apenas a obra da cruz para com o lado pecaminoso da carne. Com isso, eles retrocedem aos pecados da carne. O erro mais crasso que os cristãos come-tem, após experimentar a vitória sobre o pecado, é não continuar a caminhar no Espírito. Em vez disso, tentam perpetuar a vitória por meio de obras e de determinação. Tal medida pode até dar resultado por algum tempo, mas logo estarão caindo novamente nos antigos pecados, que podem ser diferentes na forma, mas não na essência. Aí entram em desespero, concluindo que é impossível alcançar um triunfo constante e permanente. Ou então tentam camuflar seus pecados, deixando de confessar que pecaram. Agora, qual é a causa de tal falha? Da mesma forma que a carne nos dá forças para praticarmos atos de justiça, ela também nos concede poder para pecar. Todos esses atos, tanto os bons como os maus, são apenas expressões da mesma carne. Se não dermos a ela ocasião de pecar, ela deseja fazer o bem. Depois que lhe concedemos a oportunidade para fazer o bem, ela logo voltará a pecar.

E aí que Satanás engana os filhos de Deus. Se os crentes mantivessem habitualmente uma atitude de crucificação para com a carne, Satanás não teria como enganá-los, pois a oficina do diabo é a carne. Se ela estiver totalmente, e não apenas em parte, sujeita à morte de Cristo, Satanás não encontrará nada para fazer. É por isso que ele está disposto a permitir que mortifiquemos a parte pecaminosa da nossa carne, desde que possa nos enganar no tocante à retenção da parte boa. Satanás sabe que, se esta permanecer intacta, a vida da carne permanecerá ativa. Assim ele continuará, tendo uma base para operar, visando a recuperar a parte perdida. Ele sabe muito bem que a carne pode vencer, e voltar a ter vitória na esfera do pecado. Para isso, basta que ela consiga afastar o Espírito Santo do serviço que prestamos a Deus. Essa é a razão por que muitos cristãos retrocedem, voltando a servir ao pecado, depois de ter sido libertos. Se o espírito não estiver realmente controlando o processo de adoração, de modo total e contínuo, não poderá manter o domínio na vida diária. Se não negarmos a nós mesmos diante de Deus, não podemos fazer essa negação perante os homens. Desse modo, não podemos vencer o ódio, o mau gênio e o egoísmo. Uma atitude depende da outra.

Como os crentes da Galácia ignoravam essa verdade, eles começaram a morder-se e a devorar-se uns aos outros (Gl 5.15). Eles tentaram aperfeiçoar pela carne algo que haviam começado pelo Espírito Santo, pois desejavam "ostentar-se na carne", a fim de "se gloriarem na vossa (deles) carne" (Gl 6.12,13). Naturalmente eles obtiveram um sucesso bastante limitado nessa tentativa de realizar o bem através da carne. E que os fracassos na luta contra o mal foram inúmeros.

Para eles, foi difícil entender que, servindo a Deus com a força e as idéias próprias, indubitavelmente estavam servindo ao pecado na carne. Se não proibiam a carne de fazer o bem, não podiam impedi-la de praticar o mal. A melhor maneira de se guardar de pecar é não fazer nenhum bem através do ego. Inconscientes da total corrupção da carne, os crentes da Galácia, em sua insensatez, planejavam fazer bom uso dela. Não reconheciam que a corrupção da carne, que tinha orgulho em realizar o bem, era a mesma que cobiçava o pecado. Eles não podiam fazer o que Deus queria que fizessem porque, por um lado, tentavam realizar por si mesmos algo que o Espírito Santo havia começado, e por outro, buscavam inutilmente livrar-se das paixões e cobiças da carne.



## A ATITUDE DEFINITIVA DO CRENTE PARA COM A CARNE

### A CARNE, COMO DEUS A VÊ

Nós, os cristãos, devemos nos lembrar, mais uma vez, do que Deus pensa sobre a carne. O Senhor Jesus diz que "a carne para nada aproveita" (Jo 6.63). Tanto o pecado da carne, como a justiça dela, são inúteis. O que é nascido da carne, seja quem for, é carne, e jamais deixará de o ser. Tanto a carne no púlpito, nos ouvintes, na oração, na consagração, na leitura da Bíblia, no cântico de hinos, ou fazendo o bem - nada disso aproveita, diz o Senhor. Os crentes podem vangloriar-se na carne. Entretanto Deus diz que todas as suas obras são inúteis. Isso porque a carne não é útil à vida espiritual, nem pode cumprir a justiça de Deus. Vejamos algumas observações a respeito da carne, feitas pelo Senhor, por meio do apóstolo Paulo, na carta aos Romanos.

1. "O pendor da carne dá para a morte." (8.6.) De acordo com o ponto de vista de Deus, existe morte espiritual na carne. A única maneira de escapar é entregá-la à cruz. A despeito de ela ter a capacidade de praticar o bem, ou de elaborar planos visando a obter a aprovação dos homens, Deus pronunciou uma única sentença sobre a carne: morte.

2. "O pendor da carne é inimizade contra Deus." (8.7.) Ela se opõe a Deus. Não existe a menor possibilidade de uma coexistência pacífica. Isso é fato não só com relação aos pecados que brotam da carne, mas também às suas ações e pensamentos mais elevados. Os pecados que maculam o homem obviamente são hostis ao Senhor. E é importante observar que podemos praticar atos de justiça fora da dependência de Deus.

3. "Pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar." (8.7.) Quanto melhor for o trabalho da carne, mais longe de Deus ela se encontrará. Quantas das pessoas "boas" desejam crer no Senhor Jesus? Sua justiça própria não é justiça nenhuma; na verdade, é injustiça. Ninguém jamais poderá obedecer a to-

dos os ensinamentos da Bíblia. Uma pessoa pode até ser boa; uma coisa, porém, é certa: ela não se submete à lei de Deus. Se for má, ela transgride a lei. Se for boa, ela estabelece uma justiça própria, sem Cristo, anulando, assim, o propósito da lei ("pela lei vem o pleno conhecimento do pecado" [Rm 3.20]).

4. "Os que estão na carne não podem agradar a Deus." (8.8.) Esse é o veredicto final. Por mais qualidades boas que um homem tenha, nada do que ele faz, se provém dele mesmo, pode agradar ao Senhor. Deus só tem prazer em seu Filho. Fora de Cristo e de sua obra, nada pode lhe agradar. O que realizamos pela carne pode até parecer muito bom. Todavia, como procede do ego e é realizado na força natural, não satisfaz a Deus. O homem pode inventar as mais variadas maneiras de fazer o bem, de melhorar e se aperfeiçoar. Entretanto nem uma delas, por ser carnal, pode agradar ao Senhor. li isso não se aplica apenas aos incrédulos. Vale, também, para os crentes. Mesmo que nossas obras sejam recomendáveis e eficientes, se realizadas com as próprias forças, não obtêm a aprovação divina. Deus se agrada ou se desagrada de algo não pela sua natureza, isto é, se é bom ou mau, mas pela sua procedência. Uma ação pode ser em extremo correta, não obstante Deus quer saber qual a sua origem.

Dessas referências das Escrituras, podemos ver como são inúteis os esforços da carne. Depois que o crente passar a entender que a carne não tem valor diante de Deus, não mais errará com facilidade. Nós, os seres humanos, classificamos todos os atos como bons ou maus. Deus, no entanto, vai à origem deles, e os classifica de acordo com a fonte de cada um. Até os feitos mais excelentes da carne provocam o mesmo descontentamento divino que os pecados mais vis e ímpios, pois tudo é da carne. Deus abomina a justiça própria da mesma maneira que a injustiça. Para ele, as boas ações que praticamos naturalmente, sem necessidade de regeneração, de união com Cristo ou de dependência do Espírito Santo, não são menos carnis

do que a imoralidade, a impureza, a licenciosidade, e outras. Mesmo que as atividades do homem sejam excelentes, se não nasceram de uma completa confiança no Espírito Santo, são carnis e, portanto, Deus as rejeita. Ele se opõe a tudo que pertence à carne, rejeitando-o e odiando, independentemente de sua aparência exterior, ou de ter sido praticado por um crente ou um pecador. O veredicto divino é: a carne deve morrer.

## A EXPERIÊNCIA DO CRENTE

Como é que o crente pode ver esses fatos como Deus os vê? O Senhor tem uma posição irredutível contra a carne e todas as suas obras. O crente, porém, parece rejeitar apenas as características más, apegando-se com satisfação à própria carne. Ele não a rejeita categoricamente. Continua a fazer muita coisa na carne. Ele até assume uma atitude de autoconfiança e orgulho sobre ela, como se agora fosse rico da graça de Deus e qualificado para comportar-se sempre de modo justo. O crente está literalmente fazendo uso da sua carne. Por causa desse engano, o Espírito de Deus o conduz pelo caminho mais vergonhoso, a fim de levá-lo a conhecer sua carne e o julgamento de Deus para ela. Assim Deus permite que essa pessoa caia, se enfraqueça ou até mesmo peque, para que possa ver por si mesma se em sua carne reside algum bem. Isso em geral acontece com aqueles que pensam estar crescendo espiritualmente. O Senhor os prova para que possam se conhecer melhor. Muitas vezes é desse modo que Deus revela sua santidade ao crente, para que este se veja obrigado a reconhecer que sua carne é corrompida. Às vezes, o Senhor permite que Satanás o ataque para que, através do sofrimento, ele possa enxergar a si mesmo com mais clareza.

Essa lição é muito difícil, e ninguém consegue aprendê-la no período de um dia ou de uma noite. Só depois de muitos anos é que, aos poucos, vamos entendendo que a carne não merece confiança. Até mesmo em nossos melhores esforços para praticar o bem existe impureza. Por isso Deus nos deixa viver profundamente a experiência de Romanos 7 até que estejamos dispostos a dizer, como Paulo: "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum" (v. 18). Como é difícil afirmar isso com sinceridade! Se não tosem as incontáveis experiências de dolorosas derrotas que o crente sofre, ele continuaria a confiar em si mesmo e a considerar-se capaz de praticar o bem. Contudo, depois de sofrer centenas e milhares de derrotas, ele passa a admitir que toda justiça própria é completamente indigna de confiança e que em sua carne não habita bem nenhum. No entanto isso não resolve totalmente a questão. O crente precisa continuar a examinar-se. O que acontece é que ele pára de julgar a si mesmo, não trata a carne como algo inútil e totalmente detestável, e até assume uma leve atitude de exaltação própria e de

vanglória. Por isso Deus tem de fazê-lo passar novamente pelo fogo, a fim de consumir toda a escória. Como são poucos os que se humilham e reconhecem sua impureza! Se não reconhecermos tal estado, Deus não interromperá seu tratamento conosco. Como não podemos ser libertos da influência da carne nem por um momento sequer, jamais deveríamos parar de exercitar o coração no sentido de julgarmos a nós mesmos. Se pararmos, cairemos novamente nas tentações da carne.

Muitos acham que a convicção de pecados operada pelo Espírito Santo é apenas para os incrédulos. Não é para levar-nos a crer no Senhor Jesus que o Espírito nos convence dos pecados? Contudo precisamos saber que a operação do Espírito Santo é tão importante para os crentes como o é para os incrédulos. Ele tem de convencer os crentes dos seus pecados, não apenas uma ou duas vezes, mas diária e incessantemente. Possamos nós experimentar mais e mais a convicção do Espírito Santo, de modo que julguemos nossa carne todo o tempo e ela jamais possa governar. Não percamos de vista, nem por um momento, a verdadeira imagem da nossa carne e o que Deus pensa dela. Não acreditemos nunca em nós mesmos, nem voltemos a confiar em nossa carne, como se ela pudesse agradar a Deus. Confiemos sempre no Espírito Santo, jamais dando lugar ao ego.

Se já houve alguém neste mundo que poderia se gloriar da carne, foi Paulo. Ele era irrepreensível quanto à justiça que há na lei. E se alguém poderia gloriar-se da carne, depois da regeneração, certamente era ele também. Ele foi o apóstolo que viu o Senhor ressurreto com os próprios olhos, sendo grandemente usado por Deus. E no entanto Paulo não ousava se gloriar, pois conhecia sua carne. Com a experiência de Romanos 7, ele pôde reconhecer plenamente quem era. Deus abriu os olhos dele para ver, pela própria experiência, que em sua carne não habitava bem nenhum, só pecado. Agora ele sabia que a justiça própria, da qual se orgulhara antes, nada mais era que refugio e pecado. Ele aprendeu essa lição, e aprendeu-a bem. Por isso, já não ousava confiar na carne. Contudo de modo nenhum ele parou com esse aprendizado. Não. Paulo continuou a aprender. Então, o apóstolo declarou que não podia confiar na carne. "Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais." (Fp 3.4.) A despeito das muitas razões de que ele dispunha para confiar em sua carne (vv. 5,6), Paulo sabia a opinião que Deus tinha dela, e entendia muito bem que ela é extremamente incerta e indigna de confiança. Continuando a leitura de Filipenses 3, vemos que o apóstolo era muito humilde, com respeito à confiança em si mesmo - "não tendo justiça própria" (v. 9); "para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos" (v. 11); "Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para

conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus" (v. 12). O crente que deseja alcançar a maturidade espiritual deve manter para sempre a atitude que o apóstolo Paulo sustentou durante toda a sua jornada espiritual, a saber, "não que eu o tenha já recebido". Não podemos jamais acolher a mais leve confiança, satisfação ou alegria próprias, como se pudessemos confiar na carne.

Se os filhos de Deus buscarem sinceramente uma vida mais abundante, dispostos a aceitar o julgamento que o Senhor faz da carne, não considerarão a si mesmos mais fortes nem melhores do que os outros, mesmo que tenham alcançado um admirável nível espiritual. Nunca dirão:

"Eu, naturalmente, sou diferente dos outros."

Sob a orientação do Espírito, esses crentes com certeza poderão perceber sua corrupção mais rapidamente. Basta que se disponham a deixar que o Espírito Santo lhes revele a santidade de Deus e sua própria corrupção, não temendo enxergá-la com toda a clareza. A consequência talvez seja uma redução nas dolorosas experiências de derrota. No entanto, como é lamentável que mesmo quando decidimos não confiar na carne, ainda fique alguma impureza escondida abaixo da superfície! Isso acontece porque o crente julga ainda ter alguma força. Por causa disso, Deus permite que ele sofra várias derrotas, a fim de eliminar qualquer resquício de confiança própria.

### **A CRUZ E A OPERAÇÃO PROFUNDA DO ESPÍRITO SANTO**

O crente necessita da cruz e do Espírito Santo, já que a carne é ostensivamente enganosa. Depois de conhecer a visão de Deus, com relação à carne, ele deve experimentar, a cada momento, uma operação profunda da cruz, através do Espírito Santo. Assim como o crente precisa livrar-se do pecado da carne, por meio da cruz, precisa livrar-se também da justiça da carne, pela mesma cruz. Andando no Espírito Santo, o cristão estará livre de seguir a carne, tanto no pecado como na justiça própria.

A cruz, como um fato exterior ao crente, foi realizada de modo perfeito e completo; não é possível torná-la mais profunda. Contudo, como processo interior do crente, ela pode se aprofundar sempre mais e mais. O Espírito Santo ensina e aplica o princípio da cruz ao nosso coração, ponto a ponto. Ele guiará aquele que for fiel e obediente a experiências mais profundas de tudo que a cruz pode realizar em nós. Objetivamente, a cruz é um fato absoluto, consumado, ao qual nada se pode acrescentar. Subjetivamente, porém, é uma experiência contínua e progressiva, que pode ser aplicada à nossa vida de modo cada vez mais profundo.

A esta altura, o leitor precisa conhecer melhor o

caráter abrangente do fato de estar crucificado com o Senhor Jesus, pois o Espírito Santo só pode operar com base nisso. Ele não dispõe de outro instrumento além da cruz. O crente agora necessita ter um novo entendimento de Gaiatas 5.24. Não foram crucificadas apenas as "suas paixões e concupiscências". A própria carne, incluindo tudo que ela faz de justo, e sua capacidade de agir com justiça, também foi crucificada. Na cruz, foram sacrificadas tanto as paixões e concupiscências (por mais admiráveis que sejam), como a fonte delas. Se não aceitarmos isso e nos dispusermos a negar *totalmente* a carne, não só no que ela tem de mau, mas no que tem de bom, não poderemos de fato andar segundo o Espírito Santo. Se não agirmos desse modo, não agradaremos a Deus nem teremos uma vida genuinamente espiritual. Precisamos ter essa disposição. Embora a cruz, como um fato consumado, seja completa em si mesma, sua aplicação na vida de um crente é medida pela sua fé, prontidão e conhecimento.

Suponhamos que um filho de Deus se recuse a negar o bem que há na carne. Qual será o resultado? É verdade que ela pode parecer extremamente inteligente e poderosa na realização de muitas atividades. Contudo jamais poderá satisfazer as exigências do Senhor, mesmo que seja muito boa e forte. Por isso, quando Deus realmente convoca um cristão para se dispor a ir ao Calvário e sofrer, ele logo percebe que sua primeira reação é recuar e tornar-se fraco como a água. Por que os discípulos falharam de forma tão dolorosa no jardim do Getsêmani? Porque "o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41). A fraqueza dela causa o fracasso na oração. A carne só pode exibir sua força aparentemente grande nas questões que lhe agradam. Essa é a razão por que ela recua diante do chamado do Senhor. Portanto é essencial que ela morra; caso contrário, jamais poderemos fazer a vontade de Deus.

Qualquer coisa que vise a desenvolver-nos para que possamos ser vistos e admirados por outros pertence à carne. Nela existem aspectos naturalmente bons, e também outros que são por natureza maus. O apóstolo João fala da "vontade da carne" (Jo 1.13). A carne *pode* querer, decidir e planejar executar o bem, a fim de receber o favor de Deus. Mas ainda assim será algo da carne humana, e por isso deverá ir à cruz. Paulo fala em "mente da carne" (Cl 2.18 - Darby). A autoconfiança do cristão nada mais é do que confiança em sua sabedoria. Ele pensa que conhece todo o ensino das Escrituras, e que sabe servir a Deus. Em 2 Coríntios 1.12, Paulo faz menção à "sabedoria humana", ou da carne. E extremamente perigoso acolher as verdades da Bíblia com a sabedoria humana. Trata-se de um procedimento sutil que, invariavelmente, leva o crente a tentar aperfeiçoar, pela carne, a obra do Espírito Santo. Podemos guardar firmemente na memória uma verdade muito preciosa. Entretanto ela fica



apenas na mente da carne. Somente o Espírito pode nos dar vida. A carne para nada aproveita. Se o Senhor não avivar continuamente todas as verdades, elas não trarão nenhum proveito, nem para nós, nem para os outros. Aqui não estamos falando sobre o pecado, mas sobre a inevitável consequência da vida natural do homem. Não há nada natural que possa ser espiritual. Portanto não devemos negar apenas nossa justiça carnal, mas ainda a sabedoria humana. Também esta deve ser pregada na cruz.

Em Colossenses 2.23, Paulo fala em "culto de si mesmo", ou da carne. Trata-se de um "culto" prestado segundo a nossa opinião. Todo método que criamos para despertar, buscar e adquirir um sentimento de devoção implica cultuar na carne. Não é culto segundo o ensino das Escrituras, nem sob a liderança do Espírito Santo. Portanto sempre existe a possibilidade de andarmos pela carne, seja no cultuar, no serviço cristão, no conhecimento bíblico, ou na tarefa de ganhar almas.

A Bíblia menciona muitas vezes a "vida" da carne. Se o crente não levar essa vida à cruz, ela continuará vivendo nele, do mesmo modo que vive no incrédulo. A única diferença é que, no crente, ela encontra uma oposição espiritual. Contudo ainda existe a possibilidade de ele aceitar essa vida e se apegar a ela. Ele pode tentar servir a Deus, meditar na verdade e consagrar-se ao Senhor através da vida da carne. Na verdade, ela pode até motivá-lo a realizar muitos atos nobres. O cristão pode enxergar sua vida natural como sendo a verdadeira vida, chegando inclusive a pensar que está fazendo a vontade de Deus.

Precisamos entender que dentro do homem existem dois princípios de vida. Muitos de nós temos uma vida dúbia, obedecendo ora a um, ora ao outro. Algumas vezes dependemos inteiramente da energia do Espírito. Em outras, acrescentamos a ela nossa própria força. Nada parece ser firme e estável. "Acaso delibero segundo a carne, de sorte que haja em mim, simultaneamente, o sim e o não?" (2 Co 1.17.) Uma das características da carne é sua instabilidade. Ela alterna entre o sim e o não, e vice-versa. Todavia a vontade de Deus é: "Não andamos segundo a carne (nem mesmo por um momento), mas segundo o Espírito" (Rm 8.4). Devemos aceitar a vontade de Deus.

"Nele, também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo." (Cl 2.11.) Devemos estar dispostos a permitir que a cruz, como uma faca na circuncisão, corte completamente tudo o que pertence à carne. Tal incisão deve ser profunda e completa, para que nada da carne fique escondido ou possa permanecer em nós. A cruz e a maldição são inseparáveis (Gl 3.13). Quando entregamos nossa carne à cruz, nós a entregamos à maldição, reconhecendo que na carne não habita bem nenhum, e que ela

nada merece, senão a maldição de Deus. Sem essa atitude de coração, é extremamente difícil para nós aceitarmos a circuncisão da carne. Toda afeição, desejo, pensamento, conhecimento, intento, culto ou serviço da carne devem ir para a cruz.

Ser crucificado com Cristo significa aceitar a maldição que o Senhor aceitou. A crucificação no Calvário não foi um momento de glória para Cristo (Hb 12.2). Ser pendurado no madeiro significava ser amaldiçoado por Deus (Dt 21.23). Conseqüentemente crucificar a carne com o Senhor implica simplesmente tornar-nos maldição juntamente com o Senhor. Assim como devemos aceitar a obra consumada de Cristo na cruz, devemos, também, entrar na comunhão da cruz. O crente deve reconhecer que sua carne só merece a maldição da morte. Nossa comunhão prática com a cruz começa depois que vemos a carne da maneira como Deus a vê. Para que o Espírito Santo possa assumir de forma plena o encargo de nos guiar, precisamos entregar nossa carne completamente à cruz. Oremos para que possamos saber o que é exatamente a carne e como podemos crucificá-la.

Irmãos, não temos a humildade necessária para aceitarmos de forma voluntária a cruz de Cristo! Recusamo-nos a reconhecer que somos tão perdidos, inúteis e corruptos, que não merecemos nada, a não ser a morte. O que nos falta hoje não é um melhor viver, mas um melhor morrer! Precisamos buscar uma morte genuína, completa. Temos falado bastante sobre vida, poder, santidade, justiça. Agora vamos dar uma olhada na morte! Oh, que o Espírito Santo, pela cruz de Cristo, penetre profundamente em nossa carne, a fim de que a cruz se torne uma experiência real em nossa vida! Se morrermos como devemos, viveremos retamente. Se estivermos unidos com ele, numa morte como a dele, com certeza estaremos unidos com ele na sua ressurreição. Possamos nós pedir ao Senhor que nos abra os olhos para contemplarmos a absoluta necessidade de morrermos! Você está preparado para isso? Está disposto a deixar que o Senhor lhe mostre suas fraquezas? Encontra-se preparado para ser crucificado publicamente, "fora da porta"? Permite que o Espírito da cruz opere no seu interior? Oh, que possamos conhecer mais da morte de Cristo! Possamos nós morrer completamente!

Precisamos compreender que a operação da morte na cruz é contínua. Jamais poderemos alcançar um estágio de ressurreição sem que ocorra uma morte total, pois a experiência da ressurreição é medida pela da morte. Aqueles que buscam uma vida de crescimento correm o risco de se esquecerem da necessidade imperiosa de estar aniquilando a carne de modo contínuo. Eles abandonam a posição da morte e passam para a da ressurreição. Com isso, eles tratam superficialmente as obras da carne, achando que não representam nenhum perigo sério para seu crescimento es-

piritual, ou então as espiritualizam, isto é, pensam que são do espírito. E absolutamente essencial entender que a morte é o fundamento de tudo. Podemos, sim, começar a edificar, mas sem jamais destruir o fundamento. Se não exercitarmos a morte da carne, continuamente, a chama da esfera da ressurreição e ascensão será irreal. Não nos enganemos, pensando que somos tão espirituais que a carne já não tem mais poder para nos atrair. Isso é simplesmente uma tentativa do inimigo para nos afastar do fundamento, que é a cruz, a fim de nos tornar exteriormente espirituais, mas carnis por dentro. Alguém pode orar da seguinte maneira:

"Senhor, eu te dou graças, porque não sou mais assim e assim, mas agora sou assim e assim!"

Isso é simplesmente um eco da oração rejeitada, registrada em Lucas 18.11,12. Quando estamos perto de ser libertos da carne, somos muito susceptíveis de ser enganados por ela. Precisamos permanecer constantemente na morte do Senhor.

Nossa segurança está no Espírito Santo. O caminho seguro reside em nossa prontidão para acatar os ensinamentos, com temor, e não ceder nenhum terreno à carne. Devemos nos submeter de bom grado a Cristo, e confiar no Espírito Santo, para que ele aplique a morte de Jesus à nossa vida, a fim de que a vida dele possa se manifestar em nós. Assim como anteriormente estávamos cheios da carne, agora seremos cheios do Espírito Santo. Quando o Senhor estiver totalmente no controle, destruirá o poder da carne e manifestará Cristo como nossa vida. Então poderemos dizer que a vida que agora tenho "já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.20). Todavia o fundamento dessa vida é, e sempre será: "Estou crucificado com Cristo" (Gl 2.19)!

Se vivermos por fé e obediência, podemos esperar que o Espírito faça uma obra extraordinariamente santa e maravilhosa em nós. "Se vivemos no Espírito" - e vivemos pela fé, pois cremos que o Espírito Santo habita em nós - então "andemos também no Espírito" - isso é um mandamento a que devemos obedecer (Gl 5.25). Devemos crer, com simplicidade e plena certeza, que o Senhor nos deu seu Espírito, que agora habita em nós. Então, creiamos que ele nos deu o Espírito Santo e que ele habita em nós. Recebamos isso como o segredo da vida de Cristo operando em nós: o Espírito habita no fundo do nosso espírito. Meditemos nisso, creiamos nisso, e lembremo-nos disso, até que essa verdade gloriosa produza dentro de nós um santo temor e assombro. Que o Espírito Santo verdadeiramente habite em você, leitor! Aprenda, agora, a seguir a orientação dele. Essa orientação não provém da mente, nem dos pensamentos; é algo da vida. Devemos nos entregar a Deus e deixar que seu Espírito esteja no controle de tudo. Ele manifestará o Senhor Jesus em nossa vida, porque essa é a missão dele.

## PALAVRAS DE EXORTAÇÃO

Se permitirmos que o Espírito de Deus faça em nós uma obra mais profunda através da cruz, nossa "circuncisão" irá tornando-se progressivamente real. "Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne." (Fp 3.3.) E por meio da circuncisão realizada sem mãos que podemos abandonar essa confiança na carne. O apóstolo coloca o gloriar-se em Cristo Jesus no centro de tudo. Ele explica que existe perigo por um lado e segurança por outro. A confiança que depositamos na carne tende a destruir o gloriar-se em Cristo Jesus. Contudo, cultuando em espírito, passamos a gozar a bendita alegria da vida e da verdade. O Espírito Santo exalta o Senhor Jesus, mas humilha a carne. Se desejamos verdadeiramente gloriar-nos em Cristo e dar-lhe toda a glória, precisamos receber a circuncisão da cruz e aprender a cultivar a Deus no Espírito Santo.

Não sejamos impacientes, pois a impaciência é da carne. Não devemos tentar usar métodos diferentes, porque só servem para ajudar mais a carne. Devemos sempre desconfiar da carne, mesmo que ela seja muito boa e capaz. Precisamos confiar no Espírito Santo, e nos submeter somente a ele. Exercitando tal confiança e obediência, manteremos a carne em seu lugar de maldição e, conseqüentemente, ela perderá todo o poder. Seja Deus gracioso para conosco, para que não coloquemos nenhuma confiança na carne, e possamos olhar com desprezo para nós mesmos e reconhecer que nossa carne é indigna de confiança e totalmente infrutífera. Isso implica uma morte muito real, sem a qual não pode haver vida.

"Não useis da liberdade para dar ocasião à carne." (Gl 5.13.) Já alcançamos a liberdade no Senhor. Por isso não devemos dar nenhuma oportunidade à carne, pois o lugar certo dela é a morte. Tenhamos o cuidado de não interpretar, inconscientemente, a atividade do Espírito Santo como sendo nossa. Pelo contrário, estejamos sempre alertas para que nossa carne não reavive. Não usurpemos a glória do triunfo de Cristo, concedendo à carne a oportunidade de voltar a operar. E, depois de obtermos algumas vitórias, não nos tornemos confiantes demais. Se isso acontecer, nossa queda não estará longe. Mesmo quando tivermos aprendido a vencer a carne, e ela tiver perdido seu poder, não devemos pensar que daí em diante teremos pleno triunfo sobre ela. Se não confiarmos no Espírito Santo, logo passaremos por uma nova e penosa experiência.

Devemos cultivar, com santa diligência, uma atitude de dependência do Senhor. Caso contrário, seremos alvo do ataque da carne. A menor brecha que dermos ao orgulho, daremos vez à carne. Não devemos temer diante da possibilidade de sermos humilhados perante os outros. Logo depois que o apóstolo

fala sobre crucificar a carne e andar no Espírito, ele exorta: "Não nos deixemos possuir de vangloria" (Gl 5.26). Se reconhecermos humildemente que, diante de Deus, somos indignos, não seremos tentados a nos gabar perante os homens. Contudo, se escondermos a fraqueza da nossa carne perante os homens a fim de recebermos glória, inadvertidamente estaremos dando ocasião à carne para exercer sua atividade. O Espírito Santo pode nos ajudar e nos fortalecer, mas ele mesmo não vai tomar nosso lugar e realizar aquilo que é de nossa responsabilidade. Para cumpri-la, então, devemos manter a atitude de não dar nenhuma ocasião à carne e, também, pôr isso em prática sempre que tivermos de negar a carne em nosso viver diário.

Paulo exorta: "Nada disponhais para a carne" (Rm 13.14). Para a carne operar, ela necessita de um "provedor". É por isso que não devemos dispor nada para ela. Para conseguirmos confiná-la ao seu lugar certo - a maldição - precisamos ficar sempre vigilantes. Temos de examinar continuamente os nossos pensamentos, para ver se não estamos abrigando nenhuma presunção, já que essa atitude com certeza implica dar lugar à carne. Nossos pensamentos desempenham um papel muito importante nesse processo. A provisão que, secretamente, fizemos para ela por meio deles irá manifestar-se publicamente, através de palavras e atos. Não podemos dar o menor lugar à carne. Mesmo quando estivermos conversando com outros, devemos permanecer vigilantes, para que ela, valendo-se de nossas palavras, não se habilite a realizar sua obra. Se aquilo que vamos dizer não vem do Espírito Santo, é melhor ficarmos calados, ainda que contrariando nosso desejo. O mesmo se aplica às nossas obras.

A carne pode elaborar muitos planos e métodos, e estar cheia de expectativas. Ela tem a própria força, opiniões e habilidade. Para os outros, e até para nós mesmos, elas podem parecer bastante louváveis e aceitáveis. Entretanto devemos ter o cuidado de destruir todas, até mesmo a melhor delas, a fim de não violar o mandamento do Senhor. Temos de entregar à morte, sem misericórdia, até o que a carne tenha de melhor para oferecer, pela simples razão de ser carnal. A justiça da carne é tão detestável quanto seu pecado. Na mesma medida com que nos arrependermos das obras pecaminosas da carne, e com a mesma humildade, devemos nos arrepender também das suas boas ações. Devemos sempre ter em mente a avaliação que Deus faz da carne.

Se falharmos, devemos nos examinar, confessar o pecado, e receber a purificação operada pelo precioso sangue de Jesus. "Purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito." (2 Co 7.1.) Não podemos ficar apenas na obra do Espírito Santo e na do sangue precioso; nós também devemos atuar buscando a purificação. Devemos examinar toda a imundícia da carne, e entregá-la à cruz do Senhor. Deus condena

e considera impuro até mesmo o melhor que a carne pode produzir - embora não seja pecaminoso aos olhos do homem. "O que é nascido da carne é carne." Isso se aplica tanto ao homem quanto às suas obras. Deus está mais interessado em verificar a fonte de nossos atos do que a forma deles. Por isso devemos ser purificados, não apenas dos nossos pecados, mas de toda obra da carne também. "Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis." (1 Pe 2.11.)

TERCEIRA PARTE

A ALMA



# 10

## LIBERTOS DO PECADO E DA VIDA DA ALMA

### O CAMINHO PARA A LIBERTAÇÃO

No capítulo 6 da carta aos romanos, Paulo expõe as condições para o cristão livrar-se do pecado. Deus prove essa libertação para todo crente. Portanto todos podem experimentá-la. Além do mais, devemos ter a certeza plena de que podemos ser libertos do pecado no mesmo instante em que aceitamos o Senhor Jesus como Salvador, e nascemos de novo. Não é preciso ser crente há muito tempo, nem passar por várias derrotas, para depois receber o evangelho apresentado no capítulo 6 da carta aos romanos. Nós demoramos a ter essa libertação porque ouvimos um evangelho incompleto, ou então relutamos a aceitá-lo e a nos submeter completamente a ele. Contudo todos os recém-convertidos deveriam ter essa bênção.

O capítulo 6 começa com um apelo para nos lembrarmos de algo, não para antevermos. Ele dirige nossa atenção para algo ocorrido no passado, e que já é experiência nossa: "Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos" (v. 6). Só nesse versículo encontramos três elementos principais:

- 1."pecado" (no singular);
- 2."velho homem"; e
- 3."corpo" (o corpo do pecado).

Esses três elementos desempenham papéis diferentes no ato de pecar, e a natureza deles também é diversa. O pecado, aí, é o que se costuma chamar de raiz do pecado. A Bíblia ensina que, anteriormente, éramos escravos do pecado. O pecado era o senhor. Antes de tudo, portanto, precisamos reconhecer que o pecado tem poder, pois ele nos escraviza. Ele exerce esse poder incessantemente, para levar-nos a obedecer ao velho homem, que pertence a ele, a fim de pecarmos.

O velho homem representa a soma de tudo aquilo que herdamos de Adão. Para identificá-lo, basta pro-

curar conhecer o novo, pois tudo o que não é do novo homem pertence ao velho. O novo homem engloba tudo o que passa a fluir do Senhor para nós, depois que somos regenerados. Portanto o velho homem representa todas as características de nossa personalidade que se acham fora do novo - nossa velha personalidade, e tudo que pertence à velha natureza. Pecamos, porque esse velho homem gosta de pecar, e se encontra sob o poder do pecado.

A expressão "corpo do pecado" refere-se a este nosso corpo. A parte corpórea do homem tornou-se um fantoche em todo o nosso pecar. Ela é rotulada de "corpo do pecado" porque também se acha sujeita ao poder do pecado, completamente carregada de paixões e desejos. E é por meio desse corpo que o pecado consegue manifestar-se; caso contrário, ele seria apenas um poder invisível.

Recapitulando, então, o pecado é a força que nos impulsiona a pecar. O velho homem é a parte não-corpórea daquilo que herdamos de Adão. O corpo do pecado é o elemento corpóreo que herdamos dele.

O processo de pecar segue esta ordem: primeiro, o pecado; depois, o velho homem; por último, o corpo. O pecado exerce seu poder para atrair o homem e forçá-lo a pecar. Como o velho homem se deleita em pecar, ele procura desculpas para o pecado e curva-se a ele, instigando o corpo a pecar. Por fim, o corpo age como um fantoche e pratica o pecado. É por meio da ação conjunta desses três elementos que pecamos. Estão sempre presentes a compulsão do poder do pecado, a inclinação do velho homem e a prática do corpo.

Como o homem pode libertar-se do pecado? Segundo a opinião de alguns, como o pecado é a causa inicial, devemos aniquilá-lo, se quisermos alcançar a vitória. Então, esses advogam "a erradicação do pecado". Eliminada a raiz, pensam eles, não pecaremos mais, e obviamente estaremos santificados. Outros argumentam que, para vencermos o pecado, precisamos subjugar nosso corpo, já que é este que pratica o pecado. Surge, assim, na cristandade, o grupo que

promove o ascetismo. Essas pessoas empregam inúmeras técnicas para reprimir a si mesmas, na esperança de que, não cedendo às exigências do seu corpo, elas se tornarão santas. O método de Deus, porém, não é nenhum desses. Acha-se em Romanos 6.6. Ele não erradica a raiz do pecado interiormente, nem reprime o corpo, exteriormente. Pelo contrário, Deus atua no velho homem que se encontra no meio.

### A REALIDADE DE DEUS

Quando o Senhor Jesus foi à cruz, levou com ele, não apenas os nossos pecados, mas nós também. Paulo apresenta essa realidade, proclamando que "foi crucificado com ele o nosso velho homem". No grego, a palavra "crucificado" está no tempo aoristo, indicando que o nosso velho homem foi crucificado com ele, de uma vez e para sempre. Assim como a cruz de Cristo é um fato consumado, nossa crucificação com ele também é um fato consumado. Quem seria capaz de questionar a realidade da crucificação de Cristo? Por que, então, devemos duvidar da realidade da crucificação do nosso velho homem?

Muitos crentes, quando ouvem falar dessa morte conjunta, imediatamente supõem que devem morrer, e assim tentam, da melhor maneira possível, crucificar a si mesmos. Tal atitude se baseia numa falta da revelação de Deus, ou na falta de fé. E eles não apenas fazem isso, como também ensinam outros a fazê-lo. Os resultados são por demais óbvios. A força própria não pode livrá-los do pecado, então pensam que o velho homem nunca há de morrer.

Isso é um engano lamentável. A Bíblia jamais ensina que devemos crucificar a nós mesmos. Ela diz exatamente o oposto! Afirma que, quando Cristo foi ao Calvário, ele nos levou consigo, e nos crucificou. A Bíblia não revela que temos de nos crucificar a partir de agora. Pelo contrário, ela nos assegura que nosso velho homem foi crucificado na mesma ocasião em que Cristo foi à cruz. O texto de Romanos 6.6 confirma isso. Não existe nem mesmo a mais remota idéia que exprima o desejo de crucificar-nos. Tampouco a Palavra insinua, nem de leve, que ainda temos de nos crucificar. Esse versículo não dá lugar a nenhuma dúvida, pois diz categoricamente que fomos crucificados com Cristo. Isso é um fato já consumado. Esse é verdadeiramente o sentido da mais preciosa expressão da Bíblia: "Em Cristo". Podemos dizer que, quando Cristo foi à cruz, nós fomos com ele. Quando Cristo foi crucificado, nós também fomos crucificados nele. Isso se dá porque estamos nele, e segundo, "nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas ofereceivos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça" (Rm 6.13). Isso é o fundamento da consagração. Se persistirmos em reter algo a que Deus deseja que renunciemos, o pecado terá domínio sobre nós, será

inútil nos 'considerarmos mortos. Se não apresentarmos nossos membros a Deus como instrumentos de justiça, para falar e fazer o que ele quer, e ir para onde ele nos conduzir, será que podemos ficar surpresos se não formos libertos do pecado? Sempre que nos recusarmos a renunciar a algo, ou oferecermos resistência a Deus, o pecado retomarà seu domínio. Nessas circunstâncias, nós, naturalmente, perdemos a capacidade de "nos considerar mortos ou vivos", isto é, de crer na Palavra de Deus. E será que, não exercitando a fé, nem nos considerando mortos, poderemos ainda dizer que estamos na condição daquele que está em Cristo? Sim, mas não estamos mais vivendo nele, segundo o sentido do "permanecei em mim" de João 15. Conseqüentemente estamos desqualificados para experimentar aquilo que é uma realidade em Cristo, até mesmo nossa crucificação.

Podemos concluir, então, que qualquer derrota nossa é causada por falta de fé ou por desobediência. Não existe nenhuma outra razão plausível. É fácil enxergar que uma derrota pode brotar dessas duas razões. Se não vier de ambas, pelo menos de uma delas. Devemos aprender a viver em Cristo, pela fé, nunca nos vendo, nem nos sentindo como se estivéssemos fora dele. Aprendamos a crer diariamente que estamos em Cristo, e que tudo o que é fato com relação a ele, o é em nós também. Semelhantemente, por meio do poder de Deus, a cada dia devemos aprender a manter firme a nossa consagração imaculada. Consideremos tudo como refugio, pois nada há no mundo a que não possamos renunciar pelo Senhor, e nada que devamos querer guardar para nós. Estejamos dispostos a responder afirmativamente às exigências de Deus, por mais difíceis que pareçam, ainda que isso contrarie muito nossa carne. Se é para Deus, nenhum preço é alto demais. Podemos sacrificar qualquer coisa para agradar a ele. Aprendamos a cada dia a ser filhos obedientes.

Se tivéssemos agido assim, rendendo-nos totalmente ao Senhor, estaríamos agora desfrutando da vitória que a Palavra de Deus anuncia com toda clareza: "O pecado não terá domínio sobre vós".

### A RELAÇÃO ENTRE O PECADO E O CORPO

Quando o crente chega ao conhecimento da verdade da morte conjunta com Cristo e experimenta certa libertação do pecado, ele entra num período bastante perigoso de sua vida. Se, nesse ponto, ele receber a instrução correta e permitir ao Espírito Santo aplicar a cruz de forma mais profunda em sua vida, finalmente alcançará a maturidade. Contudo, se ele se contentar em considerar sua experiência de vitória sobre o pecado como o ponto máximo da conquista, e não permitir que a cruz confronte a vida da sua alma, ele permanecerá na esfera da alma (\*), e confundirá sua experiência da alma (\*) com a do espírito. Embora te-

na resolvido o problema do velho homem, a vida da alma do crente permanece como antes, sem passar pela cruz. Assim a vontade, a mente e as emoções continuarão a agir sem nenhum obstáculo; o resultado é que sua experiência ficará confinada à esfera da alma.

Precisamos procurar ver até onde essa libertação do pecado realmente afetou nosso ser. Verifiquemos não somente o que ela tocou, mas também o que ela deveria mudar e não mudou. Temos de compreender com clareza que o pecado tem um relacionamento muito especial com nosso corpo. Diferentemente de muitos filósofos, não consideramos o corpo intrinsecamente mau, mas confessamos que ele é o espaço que o pecado domina. Vemos em Romanos 6.6 que o Espírito Santo fala de nosso corpo como "o corpo do pecado", porque antes de experimentarmos o tratamento da cruz e de sujeitarmos nossos membros a Deus como instrumentos de justiça, ele não passa disso. O pecado havia se apoderado do nosso corpo, forçando-o à escravidão. Então ele se tornou a fortaleza, o instrumento e a guarnição do pecado. Por conseguinte, esta designação, "corpo do pecado", é perfeitamente adequada.

Devemos fazer uma leitura atenta dos capítulos 6 a 8 de Romanos, que trata da libertação do pecado. Fazendo isso, veremos não somente a relação do corpo para com o pecado, mas também a perfeita salvação que Deus opera, libertando plenamente o nosso corpo, para não mais servirmos ao pecado.

No capítulo 6 de Romanos, o apóstolo faz estas declarações:

*"O corpo do pecado seja destruído"* (v. 6);

*"Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões"* (v. 12);

*"Nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade"* (v. 13);

*"Mas ofereci... vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça"* (v. 13).

Em Romanos 7, Deus usa Paulo para falar do corpo, nos seguintes termos:

*"Operavam em nossos membros"* (v. 5);

*"Mas vejo, nos meus membros, outra lei"*(v. 23);

*"Me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros"* (v.23);

*"Quem me livrará do corpo desta morte?"* (V 24.)

No capítulo 8 de Romanos, os pronunciamentos do Espírito Santo através de Paulo são bem claros:

*"O corpo, na verdade, está morto por causa do pecado"* (v. 10);

*"Vivificará também o vosso corpo mortal, por*

*meio do seu Espírito, que em vós habita"* (v. 11);

*"Se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis"* {y. 13);

*"A redenção do nosso corpo"* (v. 23).

Essas passagens mostram que Deus tem um interesse especial pelo nosso corpo. Ele está ciente de que o corpo é a esfera especial do pecado. O homem tornou-se escravo do pecado porque seu corpo é um fantoche dele. Todavia, no momento em que o corpo se desvincula do pecado, cessa a escravidão. Quem é libertado realmente constata que seu corpo se acha livre do poder e da influência do pecado.

O propósito da crucificação do velho homem é libertar o corpo do domínio do pecado. Quando o velho homem, parceiro do pecado, é crucificado, e o novo homem toma o lugar dele, rompe-se o domínio do pecado sobre o corpo, pois sem a cooperação do velho homem o pecado não pode usar diretamente o corpo.

Precisamos enfatizar que a libertação do poder do pecado simplesmente significa que o corpo é libertado. (Naturalmente a redenção perfeita, que inclui também a libertação da presença do pecado, irá realizar-se no futuro.) A vida na alma, sobre a qual nos apoiamos, ainda continua sem correção. Quem achar que a vitória sobre o pecado é o patamar mais elevado da vida cristã, está enganado. Está crendo que a "anulação" ou "destruição" do corpo é a vida suprema. Ignora que por cima e acima do corpo do pecado está a alma natural, que precisa de tratamento tanto quanto o corpo. Se o crente apenas conhece a desvinculação do corpo (embora isso seja maravilhoso), mas não experimenta a negação da vida na alma, sua odisséia espiritual será bastante superficial.

Falamos, anteriormente, sobre o envolvimento do ego, ou alma ativa, na obra de Deus. O corpo pode ser "anulado", mas a alma permanece em franca atividade. Ela pode expressar-se de diversas maneiras, mas invariavelmente acha-se centrada no ego. Os crentes que vivem pela alma inclinam-se ou para a vontade, ou para a mente, ou para a emoção. Pode até haver uma mudança de inclinação. Entretanto, apesar das diferenças na aparência externa, todas elas têm um ponto em comum, o apego à alma. Os que se inclinam para a vontade andarão conforme o próprio prazer, e recusarão a vontade de Deus. Aqueles cuja propensão é para a mente ordenarão seus caminhos segundo a própria sabedoria, deixando de acatar, de forma submissa, a direção do Espírito Santo em sua intuição. E aqueles cuja disposição natural é para as emoções vão buscar o prazer nos sentimentos. Cada um irá considerar sua tendência, seja ela qual for, como sendo a vida suprema. Não importa para onde se volte essa inclinação, um fato é comum a todas essas pessoas: claro vivem em si mesmas, segundo os dotes naturais que possuíam antes de serem no Senhor, seja o talen-

to, a habilidade, a eloquência, a inteligência, o encanto, o entusiasmo, ou qualquer outra coisa.

Em princípio, a vida da alma é a força natural, que se expressa pela insubmissão obstinada, ou pelo orgulho próprio, ou pela busca do prazer. Portanto o crente que vive pela alma, naturalmente irá recorrer ao seu reservatório de energia, exibindo uma força particular em uma ou mais dessas áreas. Se não deixarmos morrer também essa vida na alma, iremos cultivá-la, incorrendo no desagrado de Deus e perdendo o fruto do Espírito Santo.

### A ALMA É A VIDA

Quando afirmamos que a alma é a vida natural do homem, queremos dizer que é o poder que nos preserva vivos na carne. Nossa alma é nossa vida. A palavra original empregada em Gênesis 1.21,24 para "seres vivos" é "alma", porque a alma é a vida que os seres humanos e as demais criaturas vivas têm em comum. É o poder que naturalmente possuímos, e pelo qual vivemos antes da nossa regeneração. É a vida que todo homem tem. O significado da palavra grega *psyché* é "vida animal"; desse modo é a vida da alma que torna o homem uma criatura viva. Ela pertence ao natural. Embora a vida da alma do crente possa não ser necessariamente má, já que ele supera muitos pecados através da crucificação do velho homem com Cristo, ela continua sendo natural. Trata-se da vida do homem, por isso é totalmente humana. E ela que torna o homem um perfeito ser humano. Talvez seja boa, amável e humilde; não obstante, é apenas humana.

Essa vida é inteiramente distinta da nova vida que o Espírito Santo nos comunica por ocasião do novo nascimento. O que o Espírito Santo nos comunica é a vida não-criada de Deus. A outra é apenas a vida humana criada por Deus. A que o Espírito Santo nos concede é um poder sobrenatural; a outra é simplesmente o natural. A que o Espírito Santo nos dá é *zoe*; a outra é *psyché*.

A vida é o poder que há dentro do homem e dá alento a todos os seus membros. Essa força da alma (que é interior) se expressa por meio das atividades físicas (que são exteriores). Portanto estas nada mais são que o efeito da força interior. Então a força invisível que há por trás da atividade é a própria essência da vida. Tudo o que "somos", no plano natural, achase incluído nessa vida. Isso é viver na alma.

### A ALMA E O PECADO

A vida da alma fornece a energia de que precisamos para executar qualquer tarefa. Se o espírito estiver no controle de nosso ser, a alma será governada pelo espírito. Irá exercitar a vontade, decidindo ou agindo em favor do que o espírito quer. Entretanto, se o pecado estiver reinando no corpo, a alma será seduzida pelo pecado, e usará a vontade para decidir ou

agir segundo o que o pecado deseja. A alma opera de acordo com aquele que estiver no comando, pois sua função é cumprir ordens. Antes da queda do homem, a força dela se achava sob a direção do espírito. Após a queda, porém, ela passou a obedecer totalmente à coação do pecado. Assim que o homem se tornou carnal, esse pecado, que passou a reinar em seu corpo, tornou-se sua natureza. O resultado foi que ele escravizou a alma e a vida do homem, e este foi obrigado a seguir o pecado. Dessa forma, o pecado tornou-se a natureza do homem, ao passo que a alma tornou-se sua vida.

Muitas vezes enxergamos a vida e a natureza como sendo sinônimas, como tendo o mesmo significado. Estritamente falando, porém, elas são diferentes. Ao que parece, a vida é muito mais ampla do que a natureza. Cada vida possui sua natureza especial, que, sendo o princípio natural da existência, contém em si a disposição e o desejo da vida. Enquanto ainda somos pecadores, nossa vida é a alma, e nossa natureza é o pecado. Vivemos pela alma, e a disposição e o desejo de nossa vida estão de acordo com o pecado. Em outras palavras, o que decide nossos atos e atitudes é o pecado, e a fonte que supre as forças necessárias para esse viver pecaminoso é a alma. A natureza do pecado dá início, a vida da alma entra com a energia. O pecado dá origem, a alma executa. Essa é a condição do não-crente.

Quando uma pessoa aceita a graça do Senhor Jesus, crendo que ele se tornou seu substituto na cruz, recebe a vida de Deus. Seu espírito é vivificado, embora ele possa até, infelizmente, permanecer ignorante da sua crucificação com Cristo. Essa nova vida que lhe foi comunicada traz consigo uma nova natureza também. Desse modo, existem agora duas vidas e duas naturezas no crente. Ele possui a vida da alma, mas também a do espírito. Tem a natureza do pecado, mas também a de Deus.

Estas duas naturezas - a velha e a nova, a pecaminosa e a espiritual - são na sua essência diferentes, inconciliáveis e inconfundíveis. A velha e a nova contendem entre si, diariamente, buscando assumir o controle sobre o homem. Nesse estágio inicial, o cristão é um bebê em Cristo, porque ainda é carnal. Suas experiências são variáveis e bem dolorosas, pontilhadas por sucessos e fracassos. Mais tarde, ele experimenta o livramento da cruz, e aprende a exercitar a fé no fato de que o velho homem foi crucificado com Cristo. Dessa forma, ele se liberta daquele pecado que paralisara o corpo. Com o velho homem crucificado, o crente se torna capaz de vencer. Com isso passa a experimentar, na prática, a afirmação bíblica de que "o pecado não terá domínio sobre vós".

Com a vitória sobre o pecado e sobre todas as paixões e concupiscências da carne, o crente entra agora numa nova esfera. Ele pode se considerar totalmente



espiritual. Então, quando olha para aqueles que permanecem enredados no pecado, ele é levado a sentir orgulho e a admirar-se por ter alcançado o cume da vida espiritual. Mal sabe ele que está longe de ser completamente espiritual. Ainda continua sendo parcialmente carnal. Ainda é...

### UM CRISTÃO DA ALMA (\*\*\*) OU CARNAL

Por que é que isso acontece? O que se passa é que, embora a cruz tenha resolvido o problema da natureza pecaminosa do crente, a vida da alma continua. E verdade que todo pecado provém da natureza pecaminosa. A alma é simplesmente um servo disposto a obedecer. No entanto a alma, que continua conforme foi herdada de Adão, não pode impedir de ser contaminada pela queda. Ela pode não ser totalmente corrompida, porém é natural, e por isso bem diferente da vida de Deus. No crente, o velho homem corrompido morreu. Contudo sua alma continua sendo a força que determina seus atos e atitudes. É verdade que a natureza pecaminosa foi drasticamente tocada. Entretanto a vida do ego ainda persiste, não podendo, portanto, deixar de ser da alma (\*\*). Embora o velho homem possa parar de dirigir a alma, esta continua a ativar o nosso viver diário. Uma vez que a natureza de Deus tomou o lugar da sua natureza pecaminosa, todas as inclinações, intenções e desejos do homem são naturalmente bons. São bastante diferentes daqueles que ele tinha no seu estado anterior, que era de imundície. Todavia não devemos fazer vistas grossas a este fato: é o antigo poder da alma que continua executando esses novos desejos e intenções.

Se dependermos da vida da alma para realizar o desejo do espírito, estaremos usando a força natural (ou humana) para praticar a justiça sobrenatural (ou divina). Isso significa simplesmente tentar cumprir as exigências de Deus com as próprias forças. Nessas condições, o crente ainda é fraco para fazer o bem de natureza positiva, embora consiga praticar o de natureza negativa, isto é, vencer o pecado. Poucos estão dispostos a reconhecer sinceramente sua fraqueza e incapacidade, e a apoiar-se totalmente em Deus. Quem é capaz de confessar que é incapaz, sem ter se humilhado diante da graça de Deus? O homem orgulha-se de suas proezas. É por isso que dificilmente ele acolhe a idéia de confiar de forma plena no Espírito Santo para fazer o que é certo, embora consiga corrigir e melhorar sua conduta anterior pelo poder da alma. Ele corre o risco de tentar agradar a Deus com as próprias forças, em vez de aprender a fortalecer seu espírito, por meio do Espírito Santo, de maneira que possa obedecer à sua nova natureza. Na verdade, sua vida espiritual continua na infância. Ainda não atingiu aquela maturidade em que ele se torna capaz de manifestar todas as virtudes da natureza de Deus. Se o crente não esperar com humildade e não descansar totalmente em Deus, por fim irá empregar sua vitalidade

de natural, a da alma (\*), para realizar aquilo que o Senhor requer de seus filhos. Ele não compreende que por melhores que seus esforços possam parecer aos olhos dos homens, jamais poderão agradar a Deus. Agindo assim, ele mistura o que é divino com o que é humano, expressando o desejo celestial por meio de força terrena. Qual será a consequência? Lamentavelmente não conseguirá ser espiritual, e continuará a viver pela alma.

O homem não sabe o que é a vida da alma. E simplesmente aquilo que costumamos chamar de vida do ego. Não devemos confundir pecado e ego. Isso é um erro. Muitos filhos de Deus consideram os dois como sendo um só e o mesmo elemento. O que eles não sabem é que tanto o ensino bíblico como a experiência espiritual mostram que se trata de duas experiências distintas. O pecado é o que corrompe, é contra Deus, e totalmente ímpio. Já o ego não precisa necessariamente ter essas características. Pelo contrário, às vezes pode ser muito honrado, útil e amável. Consideremos, por exemplo, o comportamento da alma em relação à leitura da Bíblia, sem dúvida uma prática altamente recomendável. Contudo tentar entender a Bíblia com a própria capacidade ou com a habilidade natural inegavelmente é obra do ego, embora não constitua atitude pecaminosa. Ganhar almas, também, se realizado com métodos que simplesmente são o fruto da mente de alguém será produto do ego. E muitas vezes a busca do crescimento espiritual se origina no ego natural. Talvez queiramos o crescimento apenas porque não suportamos a idéia de ficar para trás, ou porque desejamos algum ganho pessoal. Falando mais claramente, o fazer o bem não é pecaminoso, mas à maneira, os métodos ou os motivos que nos levam a praticá-lo podem estar cheios do ego. Essa prática se origina na bondade natural do homem, e não na justiça sobrenatural, dada pelo Espírito Santo, através da regeneração. Muitas pessoas são misericordiosas, pacientes e ternas desde o berço. Ao demonstrar misericórdia, paciência ou bondade, não estão cometendo pecado. Todavia, como essas características "boas" pertencem à sua vida natural e são obra do ego, Deus não pode vê-las como sendo espirituais. Esses atos não são realizados numa dependência completa do Espírito Santo, mas na confiança da própria força.

Esses poucos exemplos ilustram a diferença entre o pecado e o ego. À medida que progredirmos em nosso "caminhar espiritual, descobriremos muitas outras situações em que o pecado pode estar ausente de nossa vida, mas o ego, plenamente presente. Parece que não conseguimos evitar que o ego entre furtivamente até nos serviços mais santos e nas atividades mais nobres.

Quando o filho de Deus é liberto do poder do pecado, depois de ter estado preso a ele por muito tem-

po, ele facilmente interpreta essa libertação como a vida por excelência. E é exatamente aí que reside o maior perigo para aquele que acredita que todos os elementos perniciosos do seu interior foram arrancados pela raiz. Ele desconhece que, embora o velho homem tenha morrido para o pecado e o corpo do pecado esteja crucificado, o "pecado" não morreu. Ele se tornou apenas um soberano sem trono e, se lhe dermos condições de exercer seus melhores esforços para reconquistá-lo, ele o retomará. Pode acontecer também de o crente permanecer liberto do pecado, mas não é nessa experiência que ele é aperfeiçoado. Ainda tem de continuar incessantemente lidando com o "ego".

Como é deplorável que um cristão se considere inteiramente santificado por ter sido liberto! Esse crente ignora que a libertação do pecado é apenas o primeiro passo de uma vida vitoriosa. E simplesmente a vitória inicial que Deus lhe concede, como garantia das muitas outras que se seguirão. O triunfo sobre o pecado é como uma porta. Damos um passo, e entramos por ela. O triunfo sobre o ego é como um caminho. Andamos nele sem cessar pelo resto da vida. Depois que derrotamos o pecado, temos a incumbência de vencer diariamente a nós mesmos, inclusive até o que há de melhor no ego, bem como o zelo e a religiosidade.

Se alguém conhece apenas a emancipação do pecado, não tendo ainda a experiência da autonegação, ou da perda da vida da alma, sem dúvida nenhuma corre o risco de recorrer à sua força natural, da alma (\*), para realizar a vontade de Deus. Essa pessoa precisa reconhecer que, além do pecado, dois outros poderes habitam nela: o poder do espírito e o da alma. O poder do espírito é o poder de Deus, que recebemos espiritualmente, quando da regeneração. O poder da alma é o nosso mesmo, que recebemos naturalmente por ocasião do nascimento.

A maneira como lidarmos com essas duas forças que existem dentro de nós vai determinar, em grande parte, se seremos espirituais ou não. O crente entra nas fileiras espirituais utilizando o poder espiritual e anulando o da alma. Se ele se servir do poder da alma, ou então dos dois, o resultado inevitável é que ele vai se tornar um cristão da alma (\*\*), ou carnal. O método de Deus é claro. Devemos renunciar a tudo que se origine em nós mesmos - o que somos, o que temos, o que podemos fazer - e atuar inteiramente por meio dele, absorvendo a cada dia a vida de Cristo, por meio; do Espírito Santo. Se não compreendermos isso, ou não o seguirmos, não nos resta outra alternativa senão viver pelo poder da alma. Portanto o cristão espiritual é aquele cujo espírito é guiado pelo Espírito de Deus. É da vida dada pelo Espírito Santo, que habita em seu espírito, que ele extrai o poder para o seu viver diário. Ele não está aqui na Terra buscando fazer a própria vontade, mas a de Deus. Ele não confia

em sua inteligência para planejar e realizar as obras para o Senhor. A norma básica do seu viver é habitar sossegadamente no espírito, não vivendo mais influenciado ou controlado pelo homem exterior.

O cristão da alma (\*\*\*) é bem diferente. Embora tenha a posse do poder do espírito, não tira proveito dele para sua vida. Em sua experiência diária, ele persiste em viver pela alma, e continua a depender das próprias forças. Segue os ditames do seu prazer e gosto, porque não aprendeu a obedecer a Deus. Emprega sua sabedoria natural na obra do Senhor, planejando muitos esquemas engenhosos. Sua existência de cada dia é governada e influenciada pelo homem exterior.

Recapitulando o que dissemos, o problema das duas naturezas foi resolvido, mas o das duas vidas continua sem solução. A vida do espírito e a vida da alma continuam existindo dentro de nós. Enquanto a primeira é excessivamente forte em si, a segunda procura controlar todo o ser, porque se acha profundamente arraigada no homem. Se não nos dispusermos a negar a vida da alma e a permitir que a vida do espírito tome as rédeas, esta última tem pouca chance de desenvolver-se. Isso é abominável para o Pai, pois o filho de Deus se priva do crescimento espiritual. Ele deve tomar conhecimento de que vencer o pecado - o que sem dúvida é uma bênção - é apenas o mínimo indispensável na experiência do crente. Não existe nada de extraordinário nisso. O que nos deve surpreender é não vencer o pecado. É com muita propriedade que as Escrituras perguntam: "Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?" (Rm 6.2.) A verdade é que crer que o Senhor Jesus morreu por nós, como nosso substituto, é inseparável de crer que morremos com ele (Rm 6.6). O que nos deve deixar admirados não é o fato de que aqueles que morreram para o pecado deixem de pecar, mas o de que esses mesmos continuem pecando como se estivessem vivos para ele. A primeira condição é inteiramente normal; a segunda, é de todo anormal.

Quando olhamos a tarefa de livrar-nos do pecado à luz da salvação consumada, perfeita e completa de Deus, reconhecemos que ela não é difícil. O crente deve seguir em frente e aprender a lição mais avançada, que talvez seja também a mais grandiosa e profunda, que é abominar sua vida. Não só devemos odiar a natureza pecaminosa que vem de Adão, mas também a vitalidade natural com a qual agora contamos para nosso viver. Devemos estar dispostos a renunciar ao bem produzido pela carne, assim como renunciamos ao mal que vem dela. Não devemos nos limitar a abandonar todos os pecados. Entreguemos à morte também essa vida de pecado. Viver no Espírito Santo não é apenas não cometer pecado, mas também não permitir que o ego continue prevalecendo. O Espírito Santo manifesta seu poder somente naqueles que vivem por ele. Quem vive por sua força natural

não deve pensar que vai testemunhar as poderosas realidades do Espírito Santo, pois não vai. Precisamos ser libertos de tudo que é natural, assim como somos libertos de tudo que é pecaminoso. Se insistirmos em viver segundo o homem - não apenas segundo o pecaminoso, mas segundo o natural, que abrange tudo - estaremos rejeitando o governo do Espírito Santo em nossa vida. Como podemos manifestar o poder dele, se somos libertos do pecado, mas ainda continuamos a pensar como "os homens" pensam, a ter os desejos "dos homens", e a viver e a trabalhar como "os homens"? A verdade é que não estamos dependendo inteiramente do Espírito Santo de Deus para operar em nós. Se sinceramente desejamos a plenitude dele, precisamos primeiro romper a influência da alma, que afeta todo o nosso ser.

### **A EXPERIÊNCIA DE ALMA E ESPÍRITO MESCLADOS**

Não queremos dizer que o crente da alma (\*\*) só experimenta o que pertence à alma (e são inúmeros os desse tipo). Esses crentes da alma (\*\*) desfrutaram de algumas experiências espirituais. Contudo elas se apresentam bastante mescladas, havendo confusão entre o que é da alma (\*) e o que é espiritual. Tais crentes estão familiarizados com o perfil de um viver espiritual, porque o Espírito Santo lhes ensinou isso. Contudo enfrentam um grande número de empecilhos, o que faz com que eles recorram com frequência à energia natural, buscando forças para seu viver, esperando cumprir as santas exigências de Deus por meio da carne. Seguem suas idéias e desejos, buscam prazer sensual e sabedoria mental. Embora possam ser espirituais no plano do conhecimento, na realidade são da alma (\*\*). O Espírito Santo habita de fato no seu espírito, e lhes tem concedido a experiência de vencer o pecado através da operação da cruz. Contudo eles ainda não lhe deram permissão para conduzir a vida deles. Embora seja verdade que alguns ignorem a lei do Espírito, muitos outros talvez a conheçam, mas amam demais a vida da alma e não querem abrir mão dela.

É fácil distinguir, na prática, o espírito da alma. Temos a vida espiritual quando seguimos a orientação do espírito, através da intuição. O crente, que anda segundo o Espírito de Deus, não inicia nem modifica coisa nenhuma. Pelo contrário, espera tranqüilamente ouvir a voz do Espírito Santo em seu espírito, pela intuição, e assume a posição de subordinado. Depois de ouvir a voz interior, ele parte para o trabalho, obedecendo à intuição. Vivendo assim, o crente permanece firme como discípulo de Cristo. Somente o Espírito Santo toma iniciativas. Além do mais, ele não é auto-dependente. Não usa sua força para realizar a vontade de Deus. Sempre que uma ação é necessária, ele busca o Senhor de todo o coração, plenamente consciente da sua fraqueza, e solicita a Deus que lhe dê uma

promessa. Depois de recebê-la, ele então age, considerando o poder do Espírito Santo como seu. Diante dessa atitude, o Senhor certamente lhe concederá seu poder, de acordo com sua Palavra.

A vida da alma (\*\*) é exatamente o oposto. Aí o centro é o ego. Quando se diz que um cristão é da alma (\*\*), é porque ele está andando segundo o ego. Tudo se origina nele mesmo. Ele não é governado pela voz do Espírito Santo no homem interior, mas pelos pensamentos, decisões e desejos do homem exterior. Até mesmo seus sentimentos de alegria surgem da satisfação dos próprios desejos. Lembremo-nos do que já dissemos, que o corpo é a "casca" da alma, que, por sua vez, constitui a "bainha" do espírito. Assim como o Lugar Santo acha-se do lado de fora do Santo dos Santos, a alma está do lado de fora do espírito. Estando os dois tão próximos, é muito fácil o espírito ser influenciado pela alma! Esta realmente foi liberta da tirania do corpo, e já não é controlada pelas paixões da carne. Todavia o cristão regido pela alma (\*\*) ainda não experimentou uma separação semelhante, entre o espírito e a alma, de modo que o primeiro escape do controle dela. Antes de o crente vencer suas paixões carnis, a alma fora companheira inseparável do corpo. Juntos constituíam uma vida gigantesca, a outra natureza. A relação que havia entre a alma e o corpo existe agora entre o espírito e a alma. O espírito acha-se intimamente unido à alma. O primeiro prove o poder, enquanto a última produz as idéias. O resultado é que frequentemente a alma influencia o espírito.

Como o espírito está cercado pela alma (e até mesmo imerso nela), ele é facilmente estimulado pela mente. Uma pessoa nascida de novo deveria experimentar uma paz indescritível de espírito. Infelizmente essa tranqüilidade é perturbada pela forte concupiscência da alma, com seus desejos e pensamentos, que são numerosos e independentes. Algumas vezes a alegria que inunda a alma transborda para o espírito, levando o crente a pensar que ele é a pessoa mais feliz no mundo. Outras vezes a tristeza difunde-se, e ele se torna muito infeliz. O cristão da alma (\*\*) frequentemente vive tais experiências. Isso acontece porque o espírito e a alma permanecem unidos. Eles precisam separar-se.

Quando esse crente ouve falar acerca da divisão entre o espírito e a alma, seu desejo é saber onde está seu espírito. Ele pode investigar com toda diligência, sem, contudo, identificar a presença dele. Sem nenhuma experiência real nessa área, ele naturalmente fica confuso, sem saber como distinguir o espírito da alma. Os dois se acham tão intimamente ligados que muitas vezes ele considera as experiências da alma (\*\*) (alegria, visão, amor, etc.) como experiências espirituais do mais elevado nível.

Antes de os crentes chegarem ao estágio da espi-

ritualidade, certamente se acham numa condição ambígua. Descontentes com a quietude que percebem em seu espírito, partem para a busca de um sentimento alegre. No viver diário, esses crentes, algumas vezes, se orientam **pelo** conhecimento intuitivo; em outras, por seus pensamentos, sensações ou desejos. Esse misto de espírito e alma revela que nele residem duas fontes opostas: uma pertence a Deus; a outra, ao homem. Uma é do Espírito; a outra, dele mesmo. Uma é intuitiva; a outra, racional. Uma é sobrenatural; a outra, natural. Uma pertence ao espírito; a outra, à alma. Se o filho de Deus se examinar cuidadosamente, à luz da Palavra, perceberá esses dois poderes no seu interior. Reconhecerá, também, que algumas vezes vive por uma vida, e outras, pela outra. Por um lado, ele sabe que deve viver pela fé, confiando no Espírito Santo. Por outro, ele volta a viver por si, com base em impressões que ele qualifica de sentimentos espirituais. Ele vive muito mais na alma do que no espírito. O grau em que ele é governado pela alma (\*\*\*) varia de acordo com seu entendimento da vida do espírito e seu princípio de cooperação com Deus, e com sua real submissão à vida da alma. Ele pode viver num mundo totalmente emocional, idealístico ou ativista, e pode até mesmo viver ora pela alma, ora pelo espírito. Se Deus não o instruir, através da revelação do Espírito Santo em seu espírito, ele não vai conseguir abominar a vida da alma (\*\*), nem amar a vida do espírito. A vida que ele escolher vai determinar o caminho que ele seguirá.



## A EXPERIÊNCIA DOS CRENTES DA ALMA

### A VIDA DOS CRENTES DA ALMA (\*\*)

A alma varia inevitavelmente de uma pessoa para outra. Ela não pode ser estereotipada. Cada um de nós tem sua individualidade - uma singularidade que continua na eternidade. Ela não é destruída por ocasião de nossa regeneração. Se fosse, a vida na eternidade seria realmente muito monótona! Já que existe essa diferença na alma de todos os homens, conclui-se naturalmente que a vida dos cristãos da alma (\*\*) também varia de uma pessoa para outra. Conseqüentemente só poderemos falar dela aqui em termos gerais. Então apresentaremos apenas as características mais destacadas, pelas quais os filhos de Deus possam avaliar suas experiências.

Os crentes da alma (\*\*) são excessivamente curiosos. Pelo simples desejo de saber o que o futuro encerra, por exemplo, são capazes de fazer um estudo completo das profecias da Bíblia, só para satisfazer sua curiosidade.

Os cristãos carnis tendem a exibir suas diferenças e sua superioridade no vestir, no falar e no agir. Desejam chocar as pessoas para que elas reconheçam suas realizações. Naturalmente já apresentavam essa tendência antes da conversão e, mesmo depois de crentes, acham difícil superá-la.

Ao contrário dos cristãos espirituais, que não se preocupam muito com explicações, mas buscam ser um com Deus, esses crentes procuram diligentemente compreender tudo através da mente. Gostam de argumentar e raciocinar. Eles não se preocupam com o fato de não terem alcançado seu ideal. Contudo se perturbam com sua incapacidade de entender essa falta de experiência espiritual. Presumem que o saber intelectual significa experiência. Isso é um tremendo engano.

A maioria dos crentes da alma (\*\*) assume uma atitude de justiça própria, que muitas vezes é difícil de ser detectada. Apegam-se tenazmente a minúcias. Sem dúvida nenhuma, devemos defender as doutrinas essenciais da Bíblia, mas nas questões secundárias,

podemos conceder certa liberdade aos outros. Podemos ter a convicção de que o que cremos é absolutamente certo, mas engolir um camelo e coar um mosquito não agrada em nada ao Senhor. Devemos colocar de lado as pequenas diferenças e buscar alcançar o objetivo comum.

Às vezes, a mente dos cristãos da alma (\*\*) é tomada de assalto por espíritos malignos. Por isso, seu pensamento se torna confuso, mesclado, e algumas vezes impuro. Nas conversas, costumam responder algo que não se perguntou. A mente foge ao seu controle. Com muita freqüência, mudam de assunto, o que demonstra que seus pensamentos se acham dispersos. Até mesmo quando oram e lêem a Bíblia, sua mente vagueia bastante. Embora esses cristãos freqüentemente ajam sem antes pensar no que estão fazendo, afirmam que agem sempre com base em princípios. Dizem que analisam cuidadosamente cada ação praticada. Citam até exemplos da própria vida, para corroborar suas alegações. O mais estranho é que às vezes, realmente, pensam três, ou até dez vezes, antes de tomar uma decisão. Suas atitudes são realmente imprevisíveis.

Os cristãos carnis vivem muito pela emoção. Algumas vezes podem, estar extremamente entusiasmados e felizes; outras, desanimados e tristes. Quando estão felizes, consideram o mundo pequeno demais para contê-los, e assim elevam-se até os céus. Nos momentos de tristeza, porém, concluem que o mundo não os aceita mais, e parece querer livrar-se deles. Vivem momentos de entusiasmo, quando o coração é despertado, como se um fogo estivesse ardendo por dentro, ou se, de repente, tivessem achado um tesouro. E também passam instantes de depressão, quando o coração, em vez de despertado, é dominado por um sentimento de perda que produz desalento. A alegria e a tristeza desses crentes se baseia, em grande parte, nos sentimentos. A vida deles está sujeita a constantes mudanças, porque é governada pelas emoções.

Outra característica que geralmente distingue os que são da alma (\* \*) é uma hipersensibilidade. Para

eles, a convivência com outros crentes é muito difícil, pois interpretam tudo que se passa ao redor como algo dirigido a eles. Se não recebem atenção, ficam aborrecidos. Se suspeitam que alguém mudou de atitude para com eles, sentem-se feridos. Tornam-se íntimos de outros com muita facilidade, porque literalmente se nutrem dessa afeição. Manifestam o sentimento de inseparabilidade. Uma leve mudança nesses relacionamentos causa profundas dores na alma. E eles se enganam, pensando que estão sofrendo por amor ao Senhor.

Deus conhece a fraqueza dos que são da alma (\*\*), que fazem do ego o centro de tudo, e consideram a si mesmos especiais, por terem alcançado um ligeiro progresso na esfera espiritual. Ele lhes concede dons especiais e experiências sobrenaturais que os capacitam a desfrutar momentos de felicidade tão intensa, e de tamanha comunhão com o Senhor, que é como se realmente o houvessem visto ou tivessem tocado nele. Todavia ele usa essa graça especial para torná-los humildes e conduzi-los ao Deus de toda a graça. Infelizmente, porém, os crentes não entendem a intenção do Senhor. Em vez de o glorificarem e chegarem mais perto dele, agarram-se à graça divina para se gabarem dela. Consideram-se mais fortes do que os outros, pois ficam achando que ninguém pode ser mais espiritual do que eles, que tiveram tais encontros. Além do mais, os crentes da alma (\*\*) têm numerosas experiências emocionais, que os levam a se julgarem mais espirituais que outros. Não reconhecem que elas, na verdade, constituem evidências de que eles são carnis. Os espirituais não vivem pelo sentimento, mas pela fé.

O cristão carnal costuma perturbar-se com os problemas externos. As pessoas, os negócios, ou as coisas que os cercam facilmente invadem seu interior e perturbam sua paz de espírito. Se um crente da alma (\*\*) estiver num ambiente alegre, ele se sentirá alegre. Se estiver numa situação de tristeza, ficará triste. Falta-lhe poder criativo. Como não cria, assume o aspecto peculiar à coisa ou pessoa com quem está se relacionando.

Os crentes da alma (\*\*) geralmente valorizam muito as sensações. O Senhor lhes concede que sintam sua presença antes de alcançarem a espiritualidade. Consideram tal sensação como sua alegria suprema. Quando ele lhes concede esse sentimento, imaginam estar dando passos largos em direção ao cume da maturidade espiritual. Todavia o Senhor lhes concede esse toque, e depois o retira, alternando essas experiências, para treiná-los gradualmente a se afastarem da sensação, e passarem a andar pela fé. Esses crentes não entendem o modo como o Senhor opera, e concluem que sua condição espiritual é mais elevada quando podem sentir sua presença, e inferior, quando não a sentem.

Os cristãos carnis apresentam uma característica em comum, a tagarelice. Sabem que devem falar pouco, mas as emoções agitadas os levam a discussões intermináveis. Falta-lhes o domínio próprio no falar. Quando abrem a boca, sua mente parece perder todo o controle. As palavras fluem como uma torrente. Os cristãos da alma (\*\*) reconhecem que não devem ser prolixos. Contudo, depois que a conversação ganha impulso, têm dificuldade de parar. Aí, sobrevêm-lhes pensamentos de todos os tipos e ficam constantemente passando de um assunto para outro, num inextinguível fluxo de palavras. E "no muito falar não falta transgressão" diz Provérbios 10.19. De fato, o resultado será, ou que perderão o controle, por falarem demais, ou a paz, por causa da discussão, ou então ferirão a lei do amor, pela crítica. E que, secreta e hipocritamente, eles passam a julgar os "faladores", considerando tal atitude muito inconveniente. Apesar de o crente carnal estar perfeitamente cômico de que a frivolidade não convém ao salvo, ele gosta de conversas frívolas, e aprecia contar e ouvir gracejos indecorosos. Ademais procura participar de conversas animadas e alegres, que ele simplesmente não admite perder, seja qual for o conteúdo delas. Embora às vezes ele abomine as conversas ímpias e sem proveito, essa atitude é passageira, pois quando a emoção é outra vez despertada, ele retorna automaticamente ao seu passatempo predileto.

Os crentes da alma (\*\*) também são indulgentes para com a "concupiscência dos olhos". Muitas vezes, o que determina suas atitudes é a tendência artística ou estética atualmente em voga. Eles ainda não assumiram uma atitude de morte para com os conceitos artísticos humanos. Pelo contrário, orgulham-se de possuir a percepção de um artista. Já aqueles que não são ardentes admiradores da arte podem ir para o extremo oposto, que é a indiferença total à beleza. São capazes de vestir-se de trapos, como sinal de que estão sofrendo por amor ao Senhor.

Os intelectuais, dentre aqueles que vivem pela alma, tendem a considerar-se "boêmios". Numa manhã de vento, ou numa noite de luar, por exemplo, podem derramar a alma em cânticos sentimentais. Frequentemente lamentam da vida, derramando copiosas lágrimas de autopiedade. Esses gostam de literatura e simplesmente ficam extasiados com sua beleza. Gostam também de cantarolar poemas líricos, porque isso lhes dá uma sensação transcendental. Passeiam pelas montanhas, lagos e regatos, para ficar em contato com a natureza. Quando percebem que o curso deste mundo é de declínio, começam a nutrir o desejo de levar uma existência desligada dele. Como são elevados e puros! Não são como os outros crentes, que parecem materialistas, vulgares e emaranhados em valores materiais. Esses cristãos consideram-se muito espirituais, não reconhecendo que de fato vivem no plano da alma (\*\*), num grau incrivelmente elevado. Tal carna-

lidade constitui o maior obstáculo para que entrem numa esfera totalmente espiritual, pois são de todo governados por suas emoções. Seu maior perigo reside na falta de consciência da posição de risco em que se encontram e na sua completa auto-satisfação.

Os crentes carnisais podem possuir muito do chamado "conhecimento espiritual", mas sua experiência nessa esfera geralmente é pequena. Por isso condenam os outros, mas não corrigem a si mesmos. Quando ouvem alguém falar sobre a divisão entre a alma e o espírito, sua mente natural facilmente o assimila. Entretanto o que acontece depois? Põem-se a dissecar e a procurar discernir os atos e pensamentos da alma (\*\*), mas não os próprios, e sim os dos outros. Os conhecimentos adquiridos simplesmente os impulsionam a julgar os demais, mas não a corrigir a si mesmos. Essa tendência de criticar é muito comum entre os crentes da alma (\*\*). Apesar de possuírem a capacidade da alma (\*) que lhes permite receber o conhecimento, carecem da capacidade espiritual de serem humildes. No relacionamento com outros, dão a impressão de serem frios e ásperos. Tratam-nos com certa severidade. Ao contrário dos crentes espirituais, seu homem exterior não foi "quebrado" e, portanto, não é fácil se aproximar deles, nem acompanhá-los.

Os cristãos que desenvolvem a vida da alma são muito orgulhosos, porque fazem do ego o centro. Por mais que os crentes carnisais tentem dar glória a Deus e reconhecer qualquer mérito seu como sendo fruto da graça divina, a mente deles está voltada para o ego. Quer pensem que levam uma vida certa, ou quer a considerem errada, o fato é que seus pensamentos giram em torno de si mesmos. Ainda não se entregaram completamente a Deus. Sentem-se grandemente magoados quando são postos de lado, seja no trabalho, seja na opinião dos outros. Não suportam ser mal entendidos, nem criticados, porque eles - ao contrário dos espirituais - ainda não aprenderam a aceitar com alegria os desígnios de Deus, que podem resultar tanto em exaltação para eles, como em rejeição. Não querem absolutamente parecer inferiores, sentindo-se desprezados. Mesmo depois de terem recebido a graça de reconhecer a verdadeira condição de sua vida natural - que é muitíssimo corrompida - e até mesmo depois de se terem humilhado diante de Deus - considerando sua vida como sendo a pior do mundo - ironicamente acabam considerando a si mesmos mais humildes do que os outros. Eles se orgulham de ser humildes! O orgulho está plantado no fundo do seu ser.

### **AS OBRAS DOS CRENTES DA ALMA (\*\*)**

Em matéria de obras, os que são da alma (\*\*) não perdem para ninguém. São muito ativos, zelosos e bem dispostos, mas não trabalham por terem recebido uma ordem de Deus nesse sentido. Pelo contrário, trabalham porque têm zelo e capacidade. Acreditam

que lhes basta realizar a obra do Senhor. Desconhecem que só é certo realizar o trabalho *determinado* por Deus. Essas pessoas não têm fé para confiar em Deus, nem a paciência para esperar nele. Nunca buscam sinceramente saber a vontade do Senhor. Pelo contrário, trabalham conforme as próprias idéias. A mente fervilha de esquemas e planos. Por trabalharem diligentemente, esses cristãos caem no erro de se considerarem mais consagrados que seus irmãos vagarosos. Não se pode negar, porém, que, com a graça de Deus, os últimos facilmente poderão ser mais espirituais do que os primeiros.

Para trabalhar, os crentes da alma (\*\*) dependem principalmente dos sentimentos. Só se entregam ao trabalho se se sentirem dispostos. Se os sentimentos agradáveis desaparecerem enquanto estão trabalhando, eles automaticamente param. Se experimentarem no coração um sentimento de alegria ardente e indescritível, são capazes de testemunhar de Cristo horas seguidas, sem o menor cansaço. Todavia, se por dentro experimentarem frieza ou secura, falarão pouco, ou talvez nada. Isso acontece mesmo que se achem diante de uma necessidade extrema - como, por exemplo, junto a alguém no leito de morte. Sentindo o calor da emoção, eles podem correr mil quilômetros. Sem ela, não conseguem dar nem um passinho sequer. Não conseguem colocar os sentimentos em segundo plano, a ponto de falar com uma mulher samaritana, se estiverem com o estômago vazio, ou conversar com um Nicodemos, quando estão sonolentos.

Os cristãos carnisais anseiam realizar obras. Todavia, quando têm muitos trabalhos, não conseguem manter a calma no espírito. Não dão conta de cumprir as ordens de Deus com quietude, como fazem os crentes espirituais. Muito trabalho os perturba. A confusão exterior provoca inquietação interior. O coração deles é governado pelas questões exteriores. Estar "ocupada em muitos serviços" (Lc 10.40) é uma característica da obra de todo crente da alma (\*\*).

Os cristãos carnisais logo ficam desanimados em seus esforços. Falta-lhes aquela confiança tranqüila, de contar com Deus para realizar a obra dele. Regidos por suas sensações internas e pelo ambiente externo, eles não podem apreciar a "lei da fé". Se acharem que falharam, embora isso não seja necessariamente verdade, eles desistem. Desanimam quando as circunstâncias lhes parecem difíceis e adversas. Ainda não entraram no descanso de Deus.

Destituídos da capacidade de ver ao longe, os crentes que confiam na alma facilmente se desanimam. Só podem ver o que está diante dos olhos. A vitória momentânea lhes traz alegria. O fracasso temporário deixa-os tristes. Ainda não aprenderam a enxergar o fim de uma dificuldade através dos olhos da fé. Anseiam obter sucesso imediato, como conforto para o coração. Se não o alcançam, são incapazes de per-

sistir na luta, e de confiar em Deus, em meio a trevas prolongadas.

Os cristãos da alma (\*\*) são especialistas em apontar os erros dos outros, embora eles mesmos não sejam necessariamente melhores. São rápidos para criticar, e lentos em perdoar. Quando descobrem defeitos nos outros e os repreendem, demonstram uma atitude de superioridade e auto-suficiência. Algumas vezes a sua maneira de ajudar alguém é con-eta e legítima, mas sua motivação nem sempre o é.

Os que seguem a alma freqüentemente apresentam a tendência de se tornarem apressados. Não conseguem esperar em Deus. Fazem tudo de maneira apressada, precipitada e impetuosa. Atuam por impulso, mais do que por princípios. Até mesmo na obra de Deus esses cristãos são tão impulsionados por seu zelo e emoção, que, simplesmente, não podem esperar que o Senhor revele sua vontade e seu método.

A mente dos carnais só se ocupa com seus projetos. Eles ponderam e planejam, programam e fazem projeções. As vezes, prevêm um futuro brilhante, e a partir daí ficam descontroladamente alegres. Outras vezes prevêm trevas e tornam-se imediatamente perseguidos por indescritível tristeza. Será que, aí então, pensam no Senhor? Não; pensam mais nos seus labores. Para eles, trabalhar para Deus é de suprema importância, e com freqüência se esquecem do Senhor que lhes dá o trabalho. A obra do Senhor torna-se o centro de tudo, e o Senhor da obra passa para um plano secundário.

Os cristãos da alma (\*\*), carentes de percepção espiritual, são guiados por pensamentos repentinos que cintilam em sua mente. Por causa disso, suas palavras e obras muitas vezes são impróprias. Eles falam não com base numa necessidade real, mas simplesmente por acharem que deve haver tal necessidade. E assim, podem reprovar alguém quando seria necessário agir com compaixão. Podem confortar outrem quando o mais indicado seria uma palavra de advertência. Isso se deve à sua falta de discernimento espiritual. Eles confiam muito em seus pensamentos, que são limitados e delimitadores. E, mesmo depois de ficar comprovado que suas palavras são inúteis, eles ainda se recusam a aceitar o veredicto.

Como o cristão carnal possui inúmeros planos e opiniões, é extremamente difícil trabalhar com ele. Ele quer que os outros considerem bom tudo o que ele acha bom. Para se trabalhar com ele, é preciso concordar totalmente com *suas* idéias e interpretações. Eles vêem a mais leve interpretação de um texto como uma profunda visão daquilo que ele considera ser a fé entregue aos crentes. Ele não tolera que alguém manifeste qualquer opinião diferente da sua. Embora o crente da alma (\*\*) saiba que não deva *se aforar* às opiniões, de uma coisa ele se assegura: se uma opini-

ão precisa ser sacrificada, certamente não há de ser a sua! Admite que o sectarismo não é bíblico, mas nunca será a seita *dele* que deverá morrer. Tudo aquilo que ele não aceita, taxa de heresia. (Será que devemos nos espantar de ver que outros cristãos - da alma (\*\*), como ele mesmo - ajam assim também, negando a autenticidade da fé dele?) Ele se acha profundamente ligado à *sua* obra. Ele é muito apegado ao seu "círculo íntimo", e é incapaz de trabalhar junto com outros filhos de Deus. E ele insiste em "rotular" os filhos de Deus segundo a sua filiação.

Na hora da pregação, os que são da alma (\*\*) não conseguem confiar unicamente em Deus. Depositam sua confiança em ilustrações e palavras espirituosas, ou na própria personalidade. Talvez alguns pregadores famosos até confiem totalmente em si mesmos:

"Fui *eu* quem disse isso, portanto eles vão escutar." Eles podem confiar em Deus, mas se apóiam também no ego. Daí toda a sua preparação cuidadosa. Passam mais tempo estudando, coletando dados e meditando do que orando, buscando saber o que Deus quer dizer, ou esperando o poder do alto. Decoram as mensagens e depois as entregam textualmente. Os pensamentos *deles* ocupam o lugar principal nesse trabalho. Utilizando tal abordagem, os crentes naturalmente depositarão mais confiança na mensagem do que no Senhor. Em vez de confiar no Espírito Santo para que este lhes revele as necessidades dos ouvintes e a provisão de Deus para eles, apóiam-se exclusivamente nas palavras que pregam, confiando em que elas vão mover o coração humano. Esses crentes carnais enfatizam apenas as próprias palavras e só confiam nelas. Talvez em seu discurso transmitam a verdade, mas, sem a vivificação do Espírito Santo, a própria verdade é de pouco proveito. Quando alguém depende mais das próprias palavras do que do Espírito Santo, há pouquíssimo fruto espiritual. Por melhores que sejam esses expedientes, eles apenas alcançam a mente dos ouvintes, não o coração deles.

Os crentes da alma (\*\*) gostam de usar palavras e frases espetaculares e de efeito. Pelo menos nesse aspecto tentam imitar os genuinamente espirituais. Estes, por terem tido experiências profundas, são capazes de ensinar com uma clareza jamais imaginada por seus predecessores. Os carnais acham isso muito atraente. Daí têm prazer em usar concepções maravilhosas em suas mensagens. Toda vez que lhes ocorre um pensamento magistral, estejam eles andando, conversando, comendo ou dormindo, logo o anotam para usar futuramente. Jamais procuram averiguar se tal pensamento foi revelado em seu espírito pelo Espírito Santo, ou se é apenas uma idéia repentina que estalou em sua mente.

Alguns cristãos que são realmente da alma (\*\*) encontram um grande prazer em ajudar os outros. Como ainda não alcançaram a maturidade, não sabem



ministrar o alimento no tempo próprio. Não quero dizer com isso que eles não tenham conhecimento nenhum. Na verdade têm, e até demais. Quando ficam sabendo de alguma situação imprópria, ou de alguma dificuldade, imediatamente assumem a postura de crente experiente, ansiosos para ajudar, apesar de possuírem um discernimento limitado. Então apresentam ensinamentos bíblicos e experiências de outros crentes em profusa abundância. Dizem tudo que sabem, talvez mais do que sabem, passando até à esfera da suposição. Esses crentes "experientes" exibem todos os conhecimentos armazenados em sua mente, sem procurar, de forma nenhuma, saber se a necessidade de quem os ouve é essa mesmo, e se essa pessoa consegue absorver tanto ensinamento de uma vez só. São como o Rei Ezequias, que abriu todos os seus depósitos e exibiu todos os seus tesouros. Às vezes, sem ninguém lhes perguntar nada, mas simplesmente levados por uma emoção interior, eles "despejam" sobre os outros alguns ensinamentos espirituais, muitos dos quais não passam de teorias. É que desejam exibir conhecimento.

Contudo a característica acima não ocorre da mesma forma em todos os crentes da alma (\*\*). Varia de uma pessoa para outra. Algumas se mantêm caladas, sem proferir nem uma palavra sequer. Mesmo diante de um problema grave, quando deveriam falar, elas ficam de boca fechada. Ainda não se libertaram da timidez e do medo naturais. Podem estar ao lado de um desses que falam muito, e criticá-lo interiormente, mas o fato de estarem em silêncio não significa que se acham em posição de vantagem em relação ao outro. Continuam sendo crentes da alma (\*\*).

Por não estarem arraigados em Deus, e não terem aprendido a se "refugiar" nele, os carnis anseiam ser vistos. Buscam uma posição importante na obra espiritual. Se vão a uma reunião, querem ser ouvidos, e não ouvir. Experimentam uma alegria indescritível sempre que são reconhecidos e respeitados.

Os crentes da alma (\*\*) gostam de usar uma linguagem espiritual. Decoram um extenso vocabulário espiritual, que invariavelmente usam, sempre que lhes convém. Utilizam-no tanto na pregação como na oração, mas as palavras não procedem do coração.

Aqueles que vivem na esfera da alma se caracterizam por uma ambição vaidosa. O desejo deles é sempre ocupar o primeiro lugar. Vangloriam-se da obra de Deus. Aspiram a ser obreiros poderosos, grandemente usados pelo Senhor. Por quê? Para conquistar um lugar de destaque e receber glória. Gostam de comparar-se aos outros; provavelmente não tanto àqueles que não conhecem, mas àqueles com quem trabalham. Por vezes essa disputa, essa luta disfarçada, pode ser muito intensa. Tais crentes desprezam aqueles que são menos desenvolvidos espiritualmente, considerando-os por demais vagarosos. Rebaixam

os mais espirituais, imaginando-se quase iguais a eles. O que os crentes da alma (\*\*) buscam incessantemente é a grandeza, é serem "cabeça". Esperam que seu trabalho prospere, a fim de que se fale bem deles. É claro que esses desejos se acham profundamente ocultos em seu coração. Dificilmente os outros os percebem. Apesar disso, e embora tenham também outras motivações mais puras, esses desejos mesquinhos, sem dúvida nenhuma, se acham presentes neles.

Os crentes da alma (\*\*) são terrivelmente vaidosos. Se o Senhor os usa para ganhar uma alma para Cristo, eles explodem de alegria e se consideram espiritualmente bem-sucedidos. Um único sucesso é o bastante para se sentirem orgulhosos. Um pouco de conhecimento, de experiência, ou de sucesso, logo os leva a sentirem como se tivessem realizado uma grande façanha. Podemos comparar essa característica, comum aos crentes da alma (\*\*), a um balde pequeno, que se enche rapidamente. Não observam como é vasto e profundo o oceano de águas que sobra. Se seu balde estiver transbordando, eles estão satisfeitos. A questão é que não se entregaram totalmente a Deus. Se o tivessem feito, iriam enxergar todas essas coisas com naturalidade, vendo-as **como** sendo nada. Seus olhos se fixam em seu ego mesquinho. Por causa disso, ficam grandemente impressionados com um pequeno ganho, ou uma pequena perda. É devido a essa limitação em sua capacidade que Deus não pode usá-los de forma mais efetiva. Se revelam tal jactância ao ganharem apenas dez almas para o Senhor, que acontecerá se ganharem mil?

Depois que os crentes da alma (\*\*) experimentam algum sucesso na pregação, um pensamento os domina: foram realmente maravilhosos! Gozam de grande alegria em meditar em sua superioridade. Como são diferentes dos demais, até mesmo "maiores que o maior "dos apóstolos"! E se os outros não os vêem assim, sentem-se profundamente feridos. Lamentam a cegueira daqueles que não reconhecem que ali está um profeta de Nazaré. Por vezes, quando esses crentes da alma (\*\*) acham que suas mensagens contêm pensamentos inéditos e o auditório não soube apreciá-los, eles ficam perturbados. Depois de cada sucesso, eles passam várias horas, e até um ou dois dias, parabenizando a si mesmos. Vivendo com tal engano, não é de estranhar que pensem que a igreja de Deus em breve verá neles um grande evangelista, um grande avivalista, ou um grande escritor. E como se sentem angustiados, se outros não conseguem enxergar isso!

Os crentes carnis não observam princípios. Suas palavras e ações não seguem normas fixas. Eles vivem de acordo com sua mente e suas emoções. Agem da maneira como estão sentindo ou pensando, que, algumas vezes, é o contrário do seu padrão normal. Vemos essa mudança mais distintamente após a pregação. Passam a aplicar aquilo sobre que pregaram

recentemente. Se falam sobre paciência, por exemplo, durante um ou dois dias, mostram-se extraordinariamente pacientes. Se exortam os ouvintes a louvar a Deus, começam então a louvar incessantemente. Isso, porém, não dura muito tempo. Por estarem agindo de acordo com seus sentimentos, suas palavras ativam suas emoções para se conduzirem dessa ou daquela forma. Entretanto, passada a emoção, essa conduta acaba também.

Outra característica especial dos cristãos da alma (\*\*\*) são os extraordinários dons que possuem. Nem os crentes que vivem em pecado, nem os espirituais são tão dotados quanto eles. Parece que Deus concede dons abundantes aos crentes da alma (\*\*\*) para que estes possam entregá-los voluntariamente à morte, e depois recebê-los de volta, renovados e glorificados pela ressurreição. Todavia esses crentes relutam em entregar tais dons à morte. Pelo contrário, tentam usá-los ao máximo. Só Deus pode usar as habilidades que ele nos concede para sua glória. Entretanto os crentes carnis frequentemente as consideram suas. Enquanto servirem a Deus com essa mentalidade, continuarão a usá-las segundo seu pensamento, sem permitir que o Espírito Santo os oriente. E quando conseguem êxito, reivindicam toda a glória para si mesmos. Obviamente essa autoglorificação e auto-admiração são bastante veladas. Contudo, por mais que possam tentar humilhar a si mesmos e dar glória ao Senhor, não podem evitar o egocentrismo. Glória seja dada a Deus, sim; mas seja dada a Deus - e a mim também!

Os carnis são muitíssimo talentosos. São vigorosos no pensamento e ricos em emoções. Por isso, estimulam rapidamente o interesse de outros e despertam o coração deles. Então, os cristãos da alma (\*\*\*) geralmente possuem uma personalidade magnética. Rapidamente conquistam a admiração das pessoas em geral. Contudo o fato é que não possuem poder espiritual. Não experimentam o vivo fluir do poder do Espírito Santo. O que têm é deles mesmos. Os outros percebem que eles possuem algo. Contudo trata-se de algo que não comunica vitalidade espiritual. Parecem muito ricos; na realidade, porém, são muito pobres.

Concluindo, um crente pode ter qualquer das experiências anteriormente citadas, ou todas elas, sem ser completamente liberto do jugo do pecado. Tanto a Bíblia como a experiência real comprovam que muitos crentes são, ao mesmo tempo, controlados pelo corpo, para o pecado, e influenciados pela alma, para viverem de acordo com eles mesmos. Na Bíblia, ambos são classificados como "carnis". Algumas vezes, eles seguem o pecado do corpo; outras, a vontade da alma. O cristão pode resistir a muitos dos prazeres da alma, e ao mesmo tempo tolerar inúmeras concupiscências do corpo. Sendo assim, será que ele não pode, também, experimentar grandes sensações na alma (\*\*\*), juntamente com inúmeras experiências do espí-

rito? (Naturalmente temos de levar em conta que alguns concluem uma etapa antes de entrar nas outras.) Portanto a experiência do crente é bastante complexa. Precisamos nos examinar para ver se já fomos libertos de tudo que é vil e desprezível. O fato de termos experiências espirituais não nos torna espirituais. Só depois que nos libertarmos do pecado e do ego é que poderemos ser considerados espirituais.



## 12

# OS PERIGOS DA VIDA DA ALMA

### AS MANIFESTAÇÕES DA VIDA DA ALMA

Geralmente as manifestações da vida da alma pertencem a uma das quatro categorias seguintes: força natural; presunção diante de Deus, inflexível e insubmissa; pretensa sabedoria, com inúmeros planos e opiniões; e sensações emocionais, que se buscam nas experiências espirituais. São duas as razões de ser da existência dessas categorias. A primeira é que a vida da alma é o ego, que por sua vez é força natural. A outra é a multiplicidade das funções da alma: vontade, mente e emoções. Devido à existência dessas várias faculdades, as experiências de muitos cristãos da alma (\*\*\*) diferem bastante. Alguns se inclinam mais para a mente, outros, para a emoção, ou para a vontade. Embora a vida de cada um seja bastante diferente da dos outros, são todas vida da alma (\*\*). Os que se voltam para a mente sabem discernir claramente a carnalidade daqueles que estão sujeitos à emoção, e vice-versa. Entretanto ambos são da alma. O que é absolutamente essencial é que os crentes enxerguem sua verdadeira condição, exposta pela luz de Deus, a fim de serem libertos pela verdade, em vez de ficarem avaliando os outros com novos conhecimentos. Se os filhos de Deus estivessem desejosos de usar a luz do Senhor para iluminar a si mesmos, o nível do seu estado espiritual hoje não seria tão baixo.

O maior indício de que alguém é da alma (\*\*\*) é o fato de que busca, aceita e propaga a verdade com a mente. Para os cristãos desse tipo, a experiência espiritual mais elevada e a verdade mais profunda servem apenas para o cultivo da mente. Isso não quer dizer que a vida espiritual de alguém não seja necessariamente influenciada de forma positiva. Entretanto mostra que sua principal motivação é a satisfação da mente. Embora os crentes dominados pelas faculdades mentais tenham realmente grande apetite por assuntos espirituais, procuram satisfazer essa fome mais através dos pensamentos do que da revelação de Deus. Empregam mais tempo e energias em cálculos do que na oração.

O que os crentes mais confundem com espirituali-

dade é a emoção. Os cristãos carnis de tendência emocional habitualmente anseiam ter sensações. Desejam sentir a presença de Deus no coração e nos órgãos dos sentidos. Ane-lam experimentar um ardente fogo de amor. Querem se j sentir jubilosos, edificados espiritualmente e prósperos no trabalho. E verdade que os crentes espirituais, às vezes, experimentam tais sensações. Todavia sua alegria e crescimento espiritual não dependem delas. Nesse aspecto, os da alma (\*\*\*) são bem diferentes. Com tais sensações, podem servir ao Senhor; sem elas, mal conseguem dar um passo.

É muito comum essa vida na alma (\*\*\*) se manifestar através da vontade, do poder de auto-afirmação. Por meio dela, os crentes que vivem na alma fazem do ego o centro de todo pensamento, palavra e ação. Querem ter conhecimentos para *sua* satisfação própria, sentir para *seu* prazer, e trabalhar conforme *seus* planos. O centro de sua vida é o ego, e o propósito final de tudo é a glorificação de si mesmos.

Já mencionamos que o termo "alma", na Bíblia, também é traduzido como "ser vivente" ou "animal". Sua conotação é simplesmente "a vida animal". Certamente isso nos ajuda a entender de que modo o poder da alma se expressa. A frase mais adequada para descrever a vida e a obra dos crentes da alma (\*\*\*) é "atividade animal", ou "vitalidade animal". Caracteriza-se por muito planejamento, atividades numerosas, pensamento confuso, e emoções contraditórias. Todo o ser, tanto o interior como o exterior, encontra-se em agitação e turbulência. Ativada a emoção, o resto do ser, naturalmente, a acompanha. Se, porém, as emoções estiverem deprimidas, ou as sensações tiverem de alguma maneira se esfriado, a mente permanecerá agitada por conta própria. O viver de um cristão carnal é caracterizado por um movimento perpétuo - ou da atividade física, ou da mental, ou então da vitalidade emocional. Essa vida é carregada de "vitalidade animal", e absolutamente não comunica a vida do espírito.

Podemos resumir dizendo que a tendência da alma

caída é levar o crente a viver por sua força natural, a servir a Deus com a própria força e de acordo com suas idéias. Ela influencia a buscar sensações físicas na experiência de conhecer o Senhor ou de sentir a presença dele, e a entender a Palavra de Deus pelo poder de sua mente.

Se o cristão não buscar de Deus uma visão do seu ego natural, sem sombra de dúvida servirá ao Senhor com a energia de sua vida criada. Isso traz grande prejuízo para sua vida espiritual, resultando em pouco ou nenhum fruto verdadeiro. Os crentes precisam deixar que o Espírito Santo lhes mostre como é vergonhoso realizar a obra espiritual com o poder humano. Assim como consideramos feio uma criança cheia de anseios promover-se desse modo, também Deus considera vergonhosa nossa "atividade animal" no serviço espiritual. Possamos nós nos arrepender profundamente, no pó e na cinza, em vez de lutarmos pelo primeiro lugar diante dos homens!

### A INSENSATEZ DOS CRENTES

São incontáveis os crentes que estão cegos para com os perigos inerentes às experiências da alma (\*\*). Acham que devem resistir às obras da carne que são obviamente pecaminosas, e rejeitá-las, pois profanam o espírito. Entretanto será que eles não estão, ao mesmo tempo, tentando se justificar por viverem na energia da alma, comum a todos os homens e animais? O que há de errado no fato de nós, humanos, vivermos pelo nosso poder natural, desde que não cometamos pecado? Enquanto o homem não entender, de coração, o ensinamento da Bíblia concernente à vida da alma, ele não será capaz de enxergar nenhuma razão para renunciar a ela.

Quando um crente transgredir a lei de Deus, por exemplo, reconhece, de modo inequívoco, que está cometendo um pecado. Se, porém, esse mesmo crente faz o melhor que pode para praticar o bem e para despertar suas virtudes inatas, que inconveniente pode haver nisso? perguntará ele. Ele não pode realizar a obra de Deus com zelo, nem depender da sua força, mas, pelo menos, o que está fazendo é a obra de Deus! argumentará ele. Talvez muitos desses esforços não sejam determinados por Deus. Contudo essas atividades não são pecaminosas. Pelo contrário, são excelentes! afirmará ele. Que ofensa pode haver nesse tipo de trabalho? Se Deus nos concedeu dons e talentos em abundância, por que não podemos exercitá-los? Será que não devemos usar nossos talentos? Quem não possui habilidades, não pode fazer nada. Contudo quem possui deve empregá-las sempre que tiver oportunidade!

E o raciocínio desses crentes continua em outra direção. Nós estaríamos errados se negligenciássemos a Palavra de Deus, dizem. Será que constitui erro pesquisar com diligência o significado das Escrituras,

com o auxílio da mente? Será pecado ler a Bíblia? Existem muitas verdades que atualmente ignoramos. Quanto tempo ainda teríamos de esperar para entendê-las, se não usássemos o cérebro? Não foi para usarmos a mente que Deus a criou? Desde que a empreguemos para o Senhor, e não para fins pecaminosos, por que, então, não podemos exercitá-la para planejar e organizar a obra de Deus?

E vão mais longe. Nossa busca pela consciência da presença de Deus, insistem, nasce de um coração honesto e sincero. Não é verdade que, quando nos sentimos secos e abatidos, em nossa vida e no trabalho, Deus muitas vezes nos levanta, tornando-nos conscientes do amor do Senhor Jesus? E como se ele acendesse um fogo em nosso coração, dando-nos tal alegria e tal sentimento da sua presença, que quase podemos tocar nele! Pode alguém negar que isso é o clímax da espiritualidade? Por que, então, devemos julgar errado o fato de buscarmos avidamente, em oração, a restauração de um sentimento, que perdemos tornando nossa vida fria e sem graça?

Muitos crentes abrigam pensamentos assim no coração. Não distinguem o que é espiritual daquilo que é da alma (\*\*). Não receberam ainda a revelação pessoal do Espírito Santo, que lhes mostra o mal dessa vida natural. Eles precisam estar desejosos de receber a instrução que vem de Deus, suplicando ao Espírito Santo que lhes revele a grande quantidade de males de um viver natural justo. Deve-se fazer isso com sinceridade e humildade, e também com a disposição de abandonar tudo aquilo que o Espírito Santo vier a apontar. No momento apropriado, ele lhes mostrará como sua vida natural é totalmente corrupta.

O Espírito Santo os capacitará a reconhecer que todo o trabalho e conduta deles estão centralizados no ego, e não no Senhor. Praticam boas ações não somente por esforço próprio, mas também e principalmente para sua glória. Não buscaram a vontade de Deus para realizar nada. Não estão dispostos a obedecer ao Senhor, nem a empreender tudo sob a direção de Deus e pelo poder dele. Simplesmente fazem o que querem e da maneira que gostam. Todas as suas orações e toda sua luta em busca da vontade do Senhor não passam de exibições exteriores. São totalmente falsas.

Embora esses crentes usem os dons que Deus lhes concede, pensam apenas em como são talentosos, esquecendo-se inteiramente do Doador desses dons. Admiram avidamente a Palavra de Deus, mas buscam conhecimento somente para satisfazer um anseio de sua mente. Relutam em esperar a revelação divina, na hora certa. Buscam a presença de Deus, a consciência de sua misericórdia e de sua proximidade, mas não por amor ao Senhor, e sim para a felicidade própria. Agindo assim, não estão amando o Senhor. Pelo contrário, estão amando o sentimento que os revigora, e

lhes proporciona as glórias do terceiro céu. No geral, com sua vida e seu trabalho, colocam o ego no centro de tudo. Almejam satisfazer a si mesmos.

Somente depois que o Espírito Santo revela aos filhos de Deus o quanto o caráter dessa vida é repugnante é que eles enxergam a insensatez de se apegarem à vida da alma. Esse esclarecimento não ocorre de súbito, mas avança gradualmente. Não acontece de uma vez por todas, mas se dá em muitas ocasiões. Assim que o Espírito Santo ilumina os crentes, diante desse esclarecimento, eles se arrependem e voluntariamente entregam à morte sua vida egocêntrica. Entretanto o coração humano é por demais enganoso. Depois de algum tempo, talvez alguns dias mais tarde, a autoconfiança, o egoísmo e a auto-satisfação voltam a reinar. Por isso, é preciso que o Espírito repita periodicamente essa revelação, para que os crentes possam dispor-se a negar sua vida natural. O que nos causa muita tristeza é ver como é pequeno o número de crentes que possuem a mente do Senhor a ponto de se tornarem dóceis e se submeterem voluntariamente a ele nessas questões. É preciso que o crente sofra derrotas múltiplas e passe muita vergonha para se tornar desejoso de abandonar suas tendências naturais, e se disponha a isso. Como nossa voluntariedade é imperfeita e nossa condição, inconstante!

Os cristãos precisam abandonar a insensatez. Devem adotar o ponto de vista de Deus. Devem reconhecer que é totalmente impossível agradá-lo com seu viver natural. Devem ter coragem de permitir que o Espírito Santo lhes revele toda a corrupção da vida da alma. Devem exercitar fé para crer no que Deus diz acerca da vida natural, e esperar pacientemente que o Espírito Santo lhes revele o que a Bíblia fala a respeito deles. Só dessa forma encontrarão o caminho do livramento.

### **OS PERIGOS DE VIVER PELA ALMA (\*\*)**

Os crentes que relutam em fazer, ou não fazem, o que o Senhor determinou, estão sujeitos a certos perigos. O propósito de Deus é que seus filhos vivam pelo espírito, e não pela alma, ou pelo corpo. Quem não viver no espírito sofrerá perdas. Existem pelo menos três perigos.

1. *Reprimir o espírito.* A ordem perfeita e completa da operação de Deus no homem é, primeiro, mover-se no espírito humano, em seguida iluminar-lhe a mente da alma e, finalmente, executar, por meio do corpo. Essa ordem é de grande importância.

O crente, que é nascido do Espírito Santo, deve agora viver por seu espírito. Só assim se tornará capaz de conhecer a vontade de Deus e de cooperar com o Espírito Santo, para vencer todos os ardis do inimigo. O espírito do crente deve estar bem atento ao mover do Espírito Santo, a fim de não extingui-lo, mas se-

gui-lo, para que o Espírito possa executar seu propósito por meio do espírito humano. O Espírito de Deus precisa da cooperação do nosso espírito para conduzir o crente ao triunfo em seu viver diário, e para prepará-lo para as boas obras que o Senhor designou para ele. (Mais adiante, voltaremos a falar sobre esse aspecto do espírito.)

Muitos dos filhos de Deus, porém, não percebem o mover do Espírito Santo. Não são capazes de distinguir entre o que é espiritual e o que é da alma (\*). Muitas vezes consideram o que é da alma (\*) como espiritual, e vice-versa. Por causa disso, usam bastante da energia da alma para o seu viver e para o seu trabalho, reprimindo o espírito de forma prejudicial. Imaginam estar vivendo pelo espírito, quando, na verdade, estão andando segundo a alma. Essa falta de discernimento dificulta a cooperação entre seu espírito e o Espírito de Deus, interrompendo, assim, o propósito divino para sua vida.

Enquanto os cristãos viverem pela alma, irão mover-se conforme os pensamentos, as imaginações, os planos e as visões de sua mente. Nesse estado, almejam sensações jubilosas, e são dominados pelos sentimentos. Quando têm experiências sensoriais, ficam exultantes; privados delas, porém, mal conseguem levantar um dedo. Desse modo, não se acham aptos para viver na esfera do espírito. Seus sentimentos passam a ser a própria vida. Quando estes mudam, sua vida muda também. Isso significa que esses crentes estão andando conforme as sensações provenientes dos elementos exteriores, alma e corpo, e não pelo que está no íntimo, que é o espírito. Sua percepção espiritual, subjugada pelo corpo e pela alma, fica entorpecida. Eles podem sentir as coisas apenas na alma ou no corpo, pois perderam a percepção espiritual. Seu espírito perdeu a capacidade de cooperar com Deus, o que interrompe seu crescimento espiritual. Ele não é capaz, também, de transmitir-lhe o poder e a orientação necessários para a batalha e a adoração. Quem negar ao espírito total ascendência sobre seu ser, ou não conseguir extrair dele o poder para viver, jamais amadurecerá. A percepção espiritual é muito delicada. Não é fácil discerni-la. Mesmo aqueles que já aprenderam a identificá-la e a segui-la têm dificuldade nisso. Então, mais difícil ainda será discernir a consciência espiritual que se acha sujeita às constantes perturbações das fortes sensações da alma (\*), provenientes do exterior! As sensações da alma (\*) não apenas confundem a percepção espiritual, mas podem sufocá-la também.

2. *Recair sob o domínio do corpo.* Muitas das obras da carne, enumeradas no capítulo 5 da epístola aos gálatas, têm sua origem nas paixões do corpo. Várias outras revelam atividades da alma também. "Discórdias, dissensões, facções", sem dúvida nenhuma, brotam do ego, ou personalidade do homem. São con-

seqüência dos numerosos pensamentos e opiniões divergentes esposados pelos cristãos. O que é importante notar aqui é que tais esforços da alma são enumerados juntamente com pecados do corpo, tais como: "prostituição, impureza, lascívia, bebedices, glotonarias". Isso nos lembra da união íntima que existe entre a alma e o corpo. Na realidade, os dois são inseparáveis, pois o corpo, no qual agora estamos, é um "corpo natural" (da alma (\*) - 1 Co 15.44). Se o crente se limitar a subjugar sua natureza pecaminosa, e não fizer o mesmo com a vida natural, logo se verá caindo novamente sob o domínio do corpo do pecado, após um curto período de vitória sobre ele. E verdade que pode não retornar àquelas formas horrendas de pecado, contudo permanece dominado por ele.

Precisamos entender que é na cruz que Deus trata com a "velha criatura". E não existe tratamento parcial. A cruz só resolve o problema em sua totalidade. Por isso não podemos nos aproximar da cruz buscando apenas a salvação pela substituição, sem aceitar também o livramento por meio da identificação. Depois que, pela fé, recebemos o Senhor como nosso Salvador pessoal, o Espírito Santo, que habita em nós, nos levará a desejar a experiência da morte conjunta com Cristo, seja qual for o nível de nossa compreensão dessa identificação. Se insistirmos em resistir ao anelo interior pela nova vida, embora não venhamos a perder nossa nova vida, deixaremos de desfrutar da sua bênção, e até mesmo da alegria da salvação. A cruz nunca deixa de fazer aquilo que é necessário. Ela irá operar cada vez mais profundamente em nós, até que a velha criatura experimente a crucificação completa. Seu alvo é a anulação total de tudo quanto diz respeito a Adão.

Se, porém, depois que os filhos de Deus experimentarem a vitória sobre o pecado, eles continuarem a habitar no domínio da alma, e por causa disso não se empenharem em vencer a vida natural, perceberão uma união gradativa da alma com o corpo. Isso os levará de volta aos pecados que antes abandonaram. Podemos comparar essa experiência com um barco que navega contra a correnteza. Ele não avança, o que significa, por certo, que está recuando. Se a cruz não realizar sua obra completa em nós, tudo que conseguimos logo será desfeito. Isso explica por que muitos retrocedem à antiga condição, depois de experimentarem o triunfo sobre o pecado por algum tempo. Se dermos permissão à vida da velha criatura (da alma) para prosseguir, rapidamente ela se reconciliará com sua velha natureza (pecado).

3. *O poder das trevas pode tirar proveito.* A carta de Tiago, escrita aos crentes, esboça claramente a relação existente entre a vida da alma e a obra satânica:

*"Quem entre vós é sábio e inteligente? Mostre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras. Se, pelo contrário, tendes em vosso*

*coração inveja amargurada e sentimento faccioso, nem vos glorieis disso, nem mintais contra a verdade. Esta não é a sabedoria que desce lá do alto; antes, é terrena, animal (literalmente, da alma [\*]) e demoníaca."* (3.13-15.)

Existe uma sabedoria que vem de Satanás, e é a mesma que, às vezes, pode brotar da alma humana. A "carne" é a fábrica de Satanás. Sua atuação, na parte incorpórea, a alma (\*), é tão ativa quanto na parte corpórea. Esses versículos explicam como a inveja amargurada surge quando buscamos a sabedoria da alma (\*\*): pela operação do diabo na alma humana. Os cristãos têm ciência de que o adversário pode seduzir as pessoas, levando-as a pecar. Será que reconhecem, também, que ele pode, de igual modo, introduzir pensamentos na mente humana? A causa da queda do homem foi o amor ao conhecimento e à sabedoria. Satanás emprega a mesma tática hoje, a fim de que a alma do crente continue sendo seu palco de operação.

O propósito de Satanás é preservar para si o máximo que puder da velha criatura. Se ele não conseguir nos enredar no pecado, procurará tirar proveito do nosso desconhecimento dos seus ardis, ou da nossa relutância em nos submetemos ao Espírito, para conservar a vida natural. Ele age assim porque, se não obtiver sucesso, muito em breve todos os exércitos do inferno estarão completamente desempregados. Quanto mais os crentes se unirem ao Senhor em espírito, tanto mais a vida do Espírito Santo fluirá para dentro do seu espírito, permitindo que a cruz opere neles ainda mais, todos os dias. Desse modo, eles serão progressivamente libertos da velha criatura, concedendo a Satanás menos terreno para sua operação. Precisamos saber que todas as tentativas que Satanás faz para nos atingir, seja pelo engano, seja pelo ataque, são dirigidas à nossa velha criatura. Ele não tem coragem de desperdiçar suas energias com nossa "nova", que é a própria vida de Deus. Por isso, ele tenta incessantemente persuadir os filhos de Deus a reterem algo da velha criatura, seja o pecado, ou a vida natural "correta", a fim de poder continuar operando neles. Como ele conspira contra os crentes, levando-os a amar a vida do ego, a despeito de odiarem o pecado!

Quando nós, cristãos, ainda éramos pecadores, andávamos "segundo as inclinações da nossa carne (referência aos pecados particularmente relacionados com o corpo), fazendo a vontade da carne e dos pensamentos (referência à vida da alma)" (Ef 2.3). O versículo anterior diz que ambos são forjados pelos espíritos malignos. Nosso propósito nesse estudo é ajudar os filhos de Deus a entenderem que o corpo não é a única esfera da ação perniciosa de Satanás. A alma também é alvo do adversário. Desejamos reiterar que os crentes precisam ser libertos, não somente do pecado, mas também da esfera do natural. Que o Espírito

to Santo abra nossos olhos para vermos a seriedade desse passo! Se os cristãos fossem libertos, passo a passo, tanto da vida da alma como do poder do pecado, Satanás sofreria grande derrota.

Uma vez que os crentes, por serem carnaís, não sabem guardar sua mente, os espíritos malignos podem, com facilidade, utilizar a sabedoria natural do homem para realizar seus planos. Fácil e sutilmente, eles podem introduzir mal-entendidos e preconceitos na mente humana, com o fim de suscitar dúvidas quanto à verdade de Deus, e também quanto à sinceridade dos outros. É impossível calcular até que ponto a mente obcecada impede a operação do Espírito Santo no homem. Ele pode até ter boas intenções, mas sua mente obcecada engana a vontade. Os ideais nobres, da mesma forma que a insensatez humana, também impedem a ação do Espírito Santo. Os espíritos malignos podem comunicar aos crentes até mesmo visões e pensamentos elevados, levando-os a pensar que, por serem sobrenaturais, eles vêm de Deus. E assim o crente descamba para enganos cada vez mais profundos. Enquanto não entregarmos à morte a vida do ego, nossa mente se inclinará para a curiosidade, buscando pesquisar, descobrir e dominar. Tudo isso dá oportunidade à atuação dos espíritos malignos.

O adversário pode estimular facilmente também a parte emocional da alma. Muitos crentes têm o desejo de experimentar sentimentos alegres, bem como a sensação de ter o Espírito Santo, a beleza do Senhor Jesus, e a presença de Deus. Por isso os espíritos malignos atendem a esses desejos dando-lhes muitas experiências estranhas. Ele faz isso para estimular as habilidades naturais do homem e reprimir a voz mansa e suave do Espírito Santo, que o crente reconhece somente pela intuição do seu espírito que é muito delicada. Se o Senhor permitir, mais adiante analisaremos esses problemas com detalhes.

Se os crentes não resolverem o problema do ego, sofrerão grandes perdas na batalha espiritual. Em Apocalipse 12.11, encontramos uma das condições vitais para vencermos o diabo. Não devemos amar a vida da alma, ainda que o preço seja a morte. Aquele que não entregar à cruz o seu amor próprio, ou sua autopiedade, certamente será vencido pelo adversário. O soldado de Cristo que ama a própria vida não alcançará a vitória. O adversário triunfará sobre todo aquele cujo coração estiver cheio de auto-estima.

Se tivermos qualquer apego a coisas, revelamos ao inimigo que temos fraquezas. A única maneira de vencê-lo é entregar à morte nossa vida natural. Satanás pode operar em almas indisciplinadas. Pode, também, atacar diretamente aqueles que nada sabem da cruz. A vida da alma constitui o traidor que pode existir dentro de nós. Ela concede terreno ao inimigo. Por mais que conheçamos a verdade, e lutemos ardentemente por ela, a alma sempre será nosso ponto vul-

nerável. O que representa motivo de dolorosa preocupação para nós é o fato de que, à medida que os crentes vão se tornando espirituais, fica mais difícil identificar a vida da alma (\*\*). Quanto menor for o elemento da alma (\*\*), maior será a dificuldade que encontraremos para resolver a questão. A vida espiritual pode estar entremeada de pequenas partículas de carnalidade, mas é isso mesmo que torna extremamente difícil fazer distinção entre o que é da alma (\*\*) e o que é espiritual. Se não nos pusermos diligentemente em posição de alerta para resistir ao diabo, a vida do ego nos causará grande derrota.

O crente em geral não entende que o diabo pode enganar a vida da alma do cristão, e usá-la para seus fins. É por isso que fazemos soar esse alarme. O desejo de Deus é que repudiemos tudo aquilo que herdamos de Adão, até mesmo nossa vida e natureza. Desobedecendo ao Senhor com relação a essa verdade, invariavelmente significa correremos sério perigo.



capítulo

13

## A CRUZ E A ALMA

### A CHAMADA DA CRUZ

Em pelo menos quatro ocasiões, registradas nos Evangelhos, o Senhor Jesus conclamou os discípulos a negarem a vida da alma, entregá-la à morte, e depois segui-lo. Se alguém deseja seguir a Jesus e ser perfeito como ele, tanto no serviço aos homens como na obediência a Deus, tem de satisfazer essa condição. Isso é um ensinamento claro do Mestre. Em todas essas ocasiões, o Senhor Jesus menciona a vida da alma. Em cada uma delas, porém, ele coloca uma ênfase diferente. A vida da alma pode expressar-se de várias formas, por isso, a cada vez, o Senhor enfatiza um aspecto diferente. Quem quiser ser discípulo do Senhor, deve prestar bastante atenção ao que ele diz. Nesses textos, ele está nos conclamando a entregar a vida natural à cruz.

### A CRUZ E AS AFEIÇÕES DA ALMA (\*)

"E quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida (da alma) perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida (da alma) por minha causa achá-la-á." (Mt 10.38,39.)

Nesses versículos, Jesus convida a abandonar a vida da alma, entregando-a à cruz, por amor ao Senhor. O Mestre ensina que os inimigos do homem são os da sua própria família. Diz que o filho, por amor ao Senhor, vai se separar do seu pai; a filha, da sua mãe; a nora, da sogra. Essa separação constitui uma cruz, e cruz lembra crucificação. Nossa inclinação natural é estimar nossos entes queridos. Ficamos felizes em ouvi-los e desejosos de atender seus pedidos. Entretanto o Senhor Jesus nos conclama a não nos rebelarmos contra Deus, por causa dos nossos entes queridos. Quando o desejo de Deus e o desejo do homem estiverem em conflito, devemos, por amor ao Senhor, tomar nossa cruz, entregando à morte as afeições da alma (\*). Devemos agir assim mesmo que se trate de uma pessoa muito querida, tão querida que, em circunstâncias normais, relutaríamos em magoá-la. Desse modo, o Senhor nos conclama a nos purificarmos do nosso amor natural. E por essa razão que ele diz que "quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a

mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim" (v. 37).

"Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo" (Lc 14.26,27). Com respeito à afeição natural, Mateus ensina que os crentes devem escolher amar o Senhor primeiro, em vez da própria família. Já Lucas diz qual a atitude que devemos ter em relação ao amor que brota da vida da alma - devemos aborrecê-lo. Estritamente falando, ele ensina que não devemos amar simplesmente porque os objetos da nossa afeição são aqueles que amaríamos naturalmente. Embora eles nos sejam queridos e íntimos, como nossos pais, irmãos, irmãs, esposa e filhos, eles se acham entre os proibidos. Esse amor humano brota da vida da alma, que se apega aos desejos do coração, exigindo retribuição. O Senhor afirma que essa vida da alma precisa ser entregue à morte. Embora não vejamos a Cristo agora, ele quer que o amemos. Quer que neguemos nosso amor natural. Seu propósito é libertar-nos dessa afeição natural a outros, a fim de não os amarmos com nosso próprio amor. Certamente ele quer que amemos nosso próximo, mas não com nossa afeição natural, da alma (\*\*). Se amamos a outros, que seja por amor ao Senhor, e não por amor a eles. No Senhor, temos um novo relacionamento. Devemos receber dele o seu amor, para que possamos amar os outros. Em suma, nosso amor deve ser governado pelo Senhor. E se ele deseja que amemos até mesmo os nossos inimigos, temos de amá-los. E se ele não ordenasse que amássemos os mais chegados de nossa família, não poderíamos amá-los. A questão é que ele não quer que nosso coração fique preso a nada, pois deseja que o sirvamos livremente.

Para vivermos esse novo tipo de relacionamento de amor, temos de renunciar à vida da alma. Isso é uma cruz. Obedecendo a Cristo desse modo, a ponto de negar as afeições naturais, o amor natural do cristão sofre intensamente. Essa dor e sofrimento tornam-se uma cruz para ele. Quando alguém tem de perder alguém a quem ama, sofre profundamente e verte lágrimas.



mas abundantes. Tais situações nos trazem intenso sofrimento. Como a alma detesta abrir mão de seus amados por amor ao Senhor! Contudo é através dessa entrega que ela se entrega à morte. Sim, ela até se dispõe a morrer Assim o crente se liberta do domínio da alma. Depois de perder sua afeição natural na cruz, o crente cede terreno ao Espírito Santo, a fim de que ele possa derramar o amor do Senhor no seu coração, capacitando-o a amar em Deus, e com o amor de Deus.

Devemos observar que, humanamente falando, essa expressão da alma é bastante legítima. Além de natural, ela não é impura como o pecado. O amor que mencionamos não é comum a todos os homens? Que ilegitimidade pode haver no amor de alguém pelos seus familiares? Por isso, sabemos que o Senhor está nos conclamando a vencer o natural, até mesmo a negar algo que é direito legal do homem, por amor a Deus. O Senhor quer que o amemos mais do que ao nosso "Isaque". É verdade que foi o Criador que nos concedeu a vida da alma. Todavia ele não deseja que esse princípio de vida nos controle. As pessoas do mundo não podem entender isso. Somente o salvo, que está gradualmente integrando a si mesmo na vida de Deus, pode compreender o significado desse ato. Quem pode compreender o fato de Deus haver pedido a Abraão para sacrificar a Isaque, que o próprio Senhor lhe dera? Quem compreende o coração de Deus não esboça nenhuma tentativa para se apegar às dádivas que ele lhe concede. Pelo contrário, essa pessoa deseja descansar em Deus, o Doador de todas as dádivas. O Senhor não deseja que nos apeguemos a nada, a não ser a ele mesmo, quer seja uma pessoa ou coisa, ou até mesmo algo que ele nos concedeu.

Muitos cristãos estão dispostos a deixar Ur dos caldeus. Poucos, porém, são os que conseguem enxergar a necessidade de sacrificar aquilo que Deus lhes deu sobre o monte Moriá. Essa é uma das mais profundas lições de fé, e se relaciona à nossa união com Deus. Ele exige que seus filhos abandonem tudo, para que possam ser totalmente dele. Devemos não somente nos livrar de qualquer coisa que saibamos ser prejudicial, mas também entregar à cruz tudo aquilo que for humanamente legítimo - tal como a afeição - a fim de que possamos estar inteiramente sob a autoridade do Espírito Santo.

A exigência do Senhor é muito importante, pois as afeições humanas são extremamente difíceis de controlar. Se não as entregarmos à cruz e não perdê-las, elas podem se tornar um terrível obstáculo para a vida espiritual. Os sentimentos humanos mudam como o mundo. Como se agitam facilmente, podem levar o crente a perder o equilíbrio espiritual. Pelo fato de se perturbarem constantemente, podem afetar a paz no espírito do crente. As tristezas, lamentações, suspiros e lágrimas, na maioria das vezes, resultam de senti-

mentos feridos. Se Deus não tiver o primeiro lugar em nossas afeições, dificilmente será Senhor de outras áreas. Isso é um teste para nossa espiritualidade, a afeição de sua intensidade. Por conseguinte, devemos aborrecer a vida da alma, e não deixar que suas afeições escapem ao controle.

A exigência do Senhor difere totalmente do nosso desejo natural. O que antes amávamos, agora devemos odiar. Temos de aborrecer até mesmo aquilo que gera o amor, a saber, a vida da alma. Esse é o viver espiritual. Se verdadeiramente tomarmos nossa cruz, as afeições da alma (\*\*\*) não nos controlarão, nem nos influenciarão; antes, receberemos a capacidade de amar no poder do Espírito Santo. Foi assim que o Senhor Jesus amou sua família, enquanto esteve na Terra.

### A CRUZ E O EGO

"Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á." (Mt 16.24,25.) Aqui também o Senhor está convidando seus discípulos a tomarem a cruz, entregando à morte a vida da alma. Enquanto no capítulo 10 de Mateus a ênfase são as afeições da alma, no capítulo 16, o que se tem em vista é o ego da alma. Pelos versículos precedentes sabemos que, naquela ocasião, o Senhor Jesus estava revelando aos seus discípulos o fato de que brevemente iria para a cruz. Por causa de um intenso amor pelo Senhor, Pedro disse: "Tem compaixão de ti, Senhor". Ele estava sendo zeloso, como homem, aconselhando seu Mestre a poupar-se das dores da cruz na carne. Pedro não compreendeu que o homem deve ser zeloso para com as coisas de Deus, mesmo quando se trata de morrer na cruz. Ele não entendeu que a preocupação com a vontade do Senhor deve exceder em muito nossa preocupação com o ego. Sua atitude foi mais ou menos a seguinte:

"É verdade que, ao morrer na cruz, o homem obedece à vontade de Deus, cumprindo os propósitos dele. Entretanto será que ele não deveria também pensar em si mesmo? Não deveria estar consciente da dor que teria de suportar? Tem compaixão de ti, Senhor!"

Qual foi a resposta do Senhor a Pedro? Jesus reprimiu-o severamente, e declarou que pensamentos assim, como a autopiedade, só podiam ter-se originado em Satanás. Depois, continuou dizendo aos seus discípulos:

"Não sou eu somente quem vai para a cruz. Todos vocês que me seguem, e desejam ser meus discípulos, devem ir também. Como é o meu caminho, assim será o de vocês. Não se enganem, pensando que somente eu devo fazer a vontade de Deus. Todos vocês deverão fazê-la, também. Da mesma forma que eu não o-

lho por mim mesmo, antes obedeço incondicionalmente à vontade de Deus, até à morte de cruz, assim também vocês devem negar sua vida egocêntrica, e desejar perdê-la, em obediência a Deus."

Pedro disse ao Senhor:

"Tu deves ter *compaixão de ti mesmo!*"

E o Senhor respondeu:

"Você deve *negar a si mesmo.*"

Existe um preço a ser pago para seguirmos a vontade de Deus. A carne treme à vista disso. Enquanto a vida da alma reinar suprema dentro de nós, estaremos incapacitados de aceitar as ordens do Senhor. É que o desejo da alma é fazer a própria vontade, e não a de Deus. Quando ele nos conclama a negar a nós mesmos, por meio da cruz, e a renunciar a tudo por amor a ele, nossa vida natural instintivamente reage com autopiedade. Isso afasta de nós o desejo de pagar qualquer preço por amor a Deus. Por isso, sempre que escolhermos o caminho estreito da cruz, e sofreremos com paciência por amor a Cristo, a vida da alma sofrerá perdas. É assim que perdemos essa vida. Só dessa forma é que a vida espiritual de Cristo pode ser entronizada, pura e suprema dentro de nós, realizando tudo aquilo que é agradável a Deus e benéfico aos homens.

Se analisarmos esse incidente entre Jesus e Pedro, poderemos enxergar claramente o grau de impiedade a que a vida da alma pode chegar. Pedro pronunciou essas palavras carnis *pouco depois* de Deus lhe ter revelado um mistério até então desconhecido dos homens. Ele entendeu que Jesus, aquele homem solitário, a quem eles estavam seguindo, era verdadeiramente o Cristo do Deus vivo. Logo depois dessa assombrosa revelação, Pedro, dominado pela vida do ego, foi levado a tentar persuadir seu Mestre a ter compaixão de si mesmo. Um fato deve nos impressionar: nenhuma revelação espiritual, por maior que seja, e nenhum conhecimento sublime jamais podem garantir que estamos libertos do domínio da alma. Pelo contrário, quanto mais elevado nosso conhecimento e mais profunda a nossa experiência, mais oculta a vida da alma estará em nós e, por conseguinte, mais difícil será detectá-la e expeli-la. Se não deixarmos a cruz tratar de forma drástica a esfera natural, esta permanecerá dentro do homem.

Outra lição que podemos aprender com Pedro nesse exemplo é a total inutilidade da vida natural. Naquela ocasião em particular, a vida da alma de Pedro foi ativada, não por si, mas pelo Senhor Jesus. Ele amava o Senhor e teve compaixão dele. Desejava que Jesus fosse feliz. Sentia-se profundamente avesso à idéia de o Senhor sofrer assim. Seu coração era reto e sua intenção era boa, mas estava fundada na consideração humana derivada da vida da alma. Conside-

rações como essas o Senhor tem de rejeitar. Se são provenientes da carne, ainda que demonstrem anseio pelo Senhor, não podemos permiti-las. Isso não constitui demonstração inequívoca de que podemos realmente ser da alma (\*\*), mesmo quando servimos ao Senhor e o almejamos? Se o próprio Senhor Jesus nega sua alma para servir a Deus, ele certamente não quer que o sirvamos com a vida da alma. O Mestre conclama os crentes a entregarem à morte o seu eu natural, não simplesmente porque esse eu ama o mundo, mas porque ele pode até desejar o Senhor. Deus não quer saber o quanto fazemos por ele. Ele só quer saber a origem daquilo que fazemos.

Ao mesmo tempo em que Pedro expressa sua afeição pelo Senhor, revela também, inconscientemente, sua atitude para consigo mesmo. Ele leva mais em conta o corpo do Senhor Jesus do que a vontade de Deus, e tenta persuadi-lo a preservar a si mesmo. Desse modo, a personalidade de Pedro se manifesta plenamente. É verdade que o ego opera sempre de modo independente da vontade de Deus, pois gosta de servi-lo de acordo com o que ele mesmo considera bom. Seguir o desejo de Deus significa despojar a alma. Sempre que obedecemos à vontade divina, anulamos o pensamento da alma.

No capítulo 16 de Mateus, Pedro falou o que vinha de sua alma, por isso o Senhor Jesus conclamou seus discípulos a abandonarem a vida natural. Além disso, o Senhor mostra, também, que o pronunciamento de Pedro veio de Satanás. Nisso podemos perceber que Satanás pode usar a vida do ego do homem. Enquanto essa vida não for entregue à morte, Satanás possui um instrumento de operação. Pedro falou aquilo porque amava o Senhor. Todavia, ao mesmo tempo, estava sendo manipulado por Satanás. Ele rogou ao Senhor para ter pena de si mesmo, sem saber que essa oração era inspirada pelo inimigo. Satanás pode incitar as pessoas a amarem o Senhor, ou até mesmo ensiná-lhes a orar. Ele não fica apreensivo ao ver que alguém ora ou ama o Senhor. O que ele teme é que as pessoas não amem o Senhor, nem orem a ele, movidas por sua energia natural. Enquanto estivermos vivendo na vida da alma, ele fica satisfeito. Possa Deus mostrar-nos como essa vida é perigosa. O crente pode concluir, apressadamente, que é espiritual, simplesmente porque ama o Senhor, ou admira as coisas celestiais. Contudo Deus não poderá realizar seu propósito enquanto Satanás continuar encontrando oportunidade de operar através da vida da alma, que ainda não se entregou à cruz.

A autopiedade, o amor próprio, e o medo do sofrimento nos afastam da cruz. São algumas das manifestações da vida da alma, pois sua motivação principal é a autopreservação. Essa vida reluta muito em sofrer qualquer perda. É precisamente por isso que o Senhor nos convoca a negar a nós mesmos e a tomar

## A CRUZ E O AMOR DA ALMA PELO MUNDO

E o Senhor também nos adverte do seguinte: "Lembrai-vos da mulher de Ló. Quem quiser preservar a sua vida perdê-la-á; e quem a perder de fato a salvará" (Lc 17.32,33). Embora o leitor já conheça bem essas palavras, é bom observar que o Senhor está enfatizando aí a autonegação para com as coisas deste mundo. Como parece penoso para o crente tirar do coração as possessões terrenas! Entretanto precisamos atentar para a advertência do Senhor e lembrar-nos da mulher de Ló. E que ela não se desligou de suas poses, mesmo numa ocasião de grande perigo. E observemos que ela não deu nem um passo sequer para voltar a Sodoma. Ela apenas olhou para trás. Mas, como esse olhar foi revelador! Será que isso não revela plenamente o estado do coração dela?

Um cristão pode, exteriormente, desprezar o mundo, largar tudo e mesmo assim, no seu interior, apegar-se àquilo que abandonou por amor a Cristo. Não é preciso que um crente consagrado retorne ao mundo, nem volte a possuir o que nele deixou, para mostrar que a vida da alma ainda está ativa. Basta que dê um olhar saudoso para demonstrar que ele realmente não entende qual é a posição do mundo em relação à cruz.

Depois que a vida da alma é verdadeiramente esmagada, nada neste mundo pode mover outra vez o coração do crente. A vida da alma é mundana, por isso apegar-se aos valores do mundo. Só estaremos capacitados a seguir o "Sermão do Monte", sem hesitação, se tivermos o sincero desejo de entregar à morte a vida da alma. É verdade que nesse "sermão", o Senhor não se referiu à obra da cruz. No entanto podemos estar certos de que, se não nos identificarmos com Cristo na morte, será em vão que tentaremos obedecer aos ensinamentos que o Senhor apresentou ali. Não bastará simplesmente morrer para o pecado, será necessário morrer para a vida do ego também. Um cristão pode aparentemente estar seguindo as instruções do Mestre, sem que seu coração esteja em sintonia com a aparência. Só aquele que entregou à morte a vida da alma pode, espontânea e despretensiosamente, dar a capa, quando lhe exigirem a túnica. Só depois que a vida do ego foi sacrificada é que o crente se liberta das coisas do mundo.

Para obtermos a vida espiritual, necessariamente temos de sofrer perdas. Não podemos avaliar nossa vida em termos de "ganhos", mas de "perdas". Nossa verdadeira capacidade não se mede por aquilo que retemos, mas por aquilo de que abrimos mão. Aqueles que mais se permitem perder são os que mais têm para dar. O poder do amor é atestado pelos sacrifícios que ele faz. Se nosso coração não estiver afastado do amor pelo mundo, isso significa que a vida da alma ainda tem de passar pela cruz.

a cruz, a fim de anular nossa vida natural. Cada vez que a cruz passa diante de nós, ela nos convida a negar nosso eu. Não devemos abrigar nenhum amor próprio, mas, sim, pelo poder de Deus, abrir mão de nossa vida. O Senhor diz que essa cruz é nossa, pois cada um de nós recebe de Deus a própria cruz. É ela que devemos carregar. Embora seja nossa, acha-se intimamente ligada à do Senhor. Se estivermos dispostos a tomar nossa cruz com a mesma disposição com que Cristo tomou a dele, veremos que o poder da sua cruz estará em nós, capacitando-nos a abrir mão de nossa vida natural. Cada vez que tomamos a cruz, a vida da alma sofre uma perda. Cada vez que fugimos dela, alimentamos e preservamos a vida da alma.

O Senhor Jesus ensinou que essa crucificação de nossas inclinações naturais não é algo que ocorre de uma vez por todas. Lucas acrescenta a expressão "cada dia" ao chamado de Cristo para tomarmos a cruz. Então o ato de tomar a cruz é constante. É claro que a cruz que condenou o pecado à morte é um fato consumado. O que nos cabe fazer é reconhecê-lo e recebê-lo. Já a cruz por meio da qual perdemos a vida da alma é diferente. A autonegação não é algo inteiramente consumado. Temos de experimentá-la diariamente. Isso não significa, porém, que a vida da alma não venha a desaparecer, ou que só desapareça bem devagar. Simplesmente revela que a cruz aplicada à vida da alma opera de forma diferente da que se aplica ao pecado. Qual a razão disso? É que para nós a morte para com o pecado é um fato consumado por Cristo. Quando ele morreu, nós morremos com ele. Já a negação da vida da alma não é algo consumado. Precisamos tomar cada dia a nossa cruz, pelo poder da cruz de Cristo, juntamente com a determinação diária de negar o ego - até que este desapareça.

Renunciar à vida natural não é um ato que praticamos de uma vez para sempre. Quanto ao pecado, precisamos apenas aceitar o fundamento da cruz (Rm 6.6), para sermos imediatamente libertos do poder dele e do domínio que ele exerce sobre nós. É algo que podemos experimentar num momento, alcançando uma vitória completa. Já a vida do ego, temos de vencê-la passo a passo. Quanto mais a Palavra de Deus penetra em nosso ser (Hb 4.12), mais profundamente a cruz opera, e maior é a obra que o Espírito Santo realiza, no sentido de unir a vida do nosso espírito ao Senhor Jesus. Como os crentes podem negar o ego, se ainda não o conhecem? Eles podem negar apenas a parte da vida da alma que conseguem reconhecer. A Palavra de Deus deve pôr a descoberto mais e mais da nossa vida natural, a fim de que a obra da cruz vá cada vez mais fundo em nosso ser. É por isso que devemos carregar a cruz diariamente. Quando conhecemos mais da vontade de Deus e do ego, a cruz tem uma base de operação maior.

"Também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens." (Hb 10.34.) Os crentes mencionados nessa passagem não apenas suportaram a espoliação dos seus bens, mas o fizeram jubilosamente. Isso é obra da cruz. A atitude dos crentes para com suas posses certamente mostra se eles continuam a preservar a vida do ego ou se já a entregaram à morte.

Se desejamos palmilhar um caminho puramente espiritual, devemos permitir que Deus opere em nós dessa maneira, para que nosso coração possa desligar-se de tudo aquilo que pertence ao mundo. Assim poderemos ser totalmente libertos da mentalidade demonstrada pela esposa de Ló. Isso é o pré-requisito para experimentarmos uma vida perfeita em Cristo. Só conseguiremos desprezar todas as coisas deste mundo depois que o Espírito Santo nos tiver mostrado a realidade do céu com sua vida perfeita. Não há comparação entre as coisas da Terra com as que são do alto. Na experiência do apóstolo, citada em Filipenses 3, ele começa considerando tudo como perda, e em seguida passa a sofrer a perda de todas as coisas. Dessa maneira, o apóstolo vem a conhecer a Cristo e o poder da sua ressurreição. Esse é o caminho perfeito. Muitas vezes só temos consciência, de como nosso ego é forte, depois que somos provados no tocante às questões materiais. Às vezes parece que necessitamos mais da graça divina para perder nossa riqueza do que para perder a vida! Os valores terrenos de fato representam uma prova real para a vida da alma.

Os filhos de Deus que se entregam ao comer e ao beber, às facilidades e ao conforto, precisam que a cruz efetue um corte mais profundo neles, para libertar seu espírito da escravidão e influência da alma. Assim se tornarão livres para viverem em Deus. Quem deseja as coisas do mundo ainda não aprendeu a perder a vida da alma, que ocorre por meio da cruz.

### A CRUZ E O PODER DA ALMA

No Evangelho de João, o Senhor Jesus outra vez faz menção à vida da alma. "Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna." (12.24,25.) Em seguida, ele dá a explicação com estas palavras: "E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo" (v. 32). O capítulo 12 de João registra a fase de maior triunfo da vida do Senhor. Ele havia ressuscitado Lázaro, e muitos judeus tinham crido nele. Ele entrou em Jerusalém, de forma triunfante, e foi aclamado pelo povo. Até os gentios procuravam vê-lo. Do ponto de vista humano, o Calvário poderia parecer inteiramente desnecessário, pois ele conseguia atrair todos os homens para si com facilidade, sem ir à cruz. Mas os pensamentos dele eram mais elevados. Embora sua obra parecesse vitoriosa, ele sabia que, sem passar pela morte, não poderia

conceder vida aos homens. O Calvário era o único meio de salvação. Se ele morresse, atrairia todos a si mesmo, e poderia verdadeiramente dar vida a todos.

No capítulo 12 de João, o Senhor descreve explicitamente a operação da cruz. Ele compara ele mesmo a um grão de trigo. Se ele caísse na terra, mas não morresse, ficaria só. Contudo, se fosse crucificado e morresse, comunicaria vida a muitos. A única condição é a morte. Sem morte, não há fruto. Não existe outro caminho para se dar fruto, a não ser morrendo.

Nosso propósito, contudo, não é apenas aprender sobre o Senhor Jesus. Queremos chamar atenção também para o seu relacionamento com a *nossa* vida da alma. No versículo 24, o Senhor se compara a um grão de trigo. No 25, ele diz que cada um dos seus discípulos deve seguir suas pegadas. Ele apresenta o grão como um símbolo da vida do ego daqueles seus seguidores. Do mesmo modo que o grão, se não morrer, não pode produzir fruto, assim também nós não poderemos produzir fruto espiritual enquanto nossa vida natural não for quebrada por meio da morte. Ele enfatiza aí a questão da frutificação. Embora a vida da alma possua uma força tremenda, não pode realizar a obra de dar fruto. Todas as energias geradas na alma, inclusive os talentos, os dons, o conhecimento e a sabedoria, são incapazes de levar o crente a produzir fruto espiritual. Se o Senhor Jesus teve de morrer para produzir fruto, seus discípulos também têm de morrer, a fim de frutificar. O Senhor considera o poder da alma (\*\*\*) como sendo de nenhum valor para Deus, no que diz respeito à produção de frutos.

O maior perigo que corremos, no serviço cristão, é depender de nós mesmos. É operar com a força da nossa alma: dos dons, talentos, conhecimento, magnetismo, eloquência ou inteligência. A experiência de inúmeros crentes espirituais confirma que, se as manifestações de nossa alma (\*\*\*) não forem definitivamente entregues à morte, e se não estivermos constantemente impedindo que a vida dela opere, ela será bastante ativa no serviço. Se isso acontece com cristãos espirituais, como então aqueles que não desejam entregar-se, ou que não têm o cuidado de renunciar à vida de sua alma, podem evitar a intromissão dessa vida? Temos de entregar à morte tudo o que diz respeito à nossa vida natural para que jamais possamos nos apoiar nela. Pelo contrário, precisamos estar dispostos a passar pelas sombras da morte, sem nenhum apoio, sensação, visão ou entendimento. Temos de esperar pacientemente que Deus mesmo opere, até emergirmos do outro lado da ressurreição, para possuir uma vida mais gloriosa. "Aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna." Nossa alma não é aniquilada; pelo contrário, entregando-a à morte, oferecemos a Deus<sup>1</sup> uma oportunidade de nos comunicar a vida dele. O crente que não perder a vida da alma na morte incorre em grande

perda. Se a perder, porém, ele a salvará para a eternidade.

Não interpretemos erradamente esse versículo, achando que implica inatividade da nossa mente e talentos. O Senhor afirma com clareza que, ao perder a vida da alma, nós a ganhamos para a vida eterna. Do mesmo modo que não interpretamos a expressão "o corpo do pecado seja destruído" (Rm 6.6) como sendo a destruição dos nossos olhos, ouvidos, pés e mãos, assim também não devemos interpretar o ato de entregar a vida da alma à morte como a negação ou destruição de qualquer das suas faculdades. Embora o corpo do pecado tenha sido destruído, nós ainda temos de apresentar nossos "membros, a Deus, como instrumentos de justiça" (Rm 6.13). Da mesma forma, quando sacrificamos a vida natural, todas as funções da nossa alma são renovadas, avivadas e controladas pelo Espírito Santo. Entretanto isso não significa que, por não devermos nem podermos usar quaisquer das faculdades da alma, daí por diante nos tornemos pau e pedra, sem sentimentos, pensamentos ou vontade. Todas as partes do corpo, bem como todas as funções da alma, continuam existindo. Então devemos empregá-las plenamente, só que, agora, renovadas, avivadas e controladas pelo Espírito Santo. O ponto a verificar é se as faculdades da alma estão sendo regidas por nossa vida natural ou pela vida sobrenatural, que habita em nosso espírito. Essas faculdades permanecem como sempre. A diferença agora é que a força que anteriormente as ativava foi entregue à morte. A vida delas agora é o poder sobrenatural de Deus operado pelo Espírito Santo.

Aprofundemo-nos um pouco mais nesse assunto. As várias funções da nossa alma continuam a existir, mesmo depois de a vida natural ter sido entregue à morte. O ato de crucificar a vida da alma não significa, de modo nenhum, que daí por diante estejamos completamente desprovidos de pensamentos, emoções e vontade. A Bíblia fala claramente sobre o pensamento, o propósito, o desejo, a satisfação, o amor e a alegria *de Deus*. Além disso, as Escrituras frequentemente mencionam que o Senhor Jesus "amava", se "regozijava", e se "entristecia". Ali diz até que "Jesus chorou". Revela que no Jardim do Getsêmani, ele ofereceu "com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas" (Hb 5.7). Será que as faculdades de sua alma tinham sido aniquiladas? E nós, tornamo-nos pessoas frias e mortas? A alma do homem é o seu eu; é onde reside a sua personalidade, e pela qual ele se expressa. Se a alma não acolher o poder que vem da vida do espírito, buscará poder na própria vida natural (\*). Embora a alma, como conjunto de funções, continue existindo, devemos renunciar a ela, como princípio de vida. Temos de entregar esse poder à morte, a fim de que só o poder do Espírito Santo possa dirigir todas as suas funções, sem interferência da vida natural.

E aí, então, temos a vida de ressurreição. Sem a vida sobrenatural de Deus, não pode haver ressurreição depois da morte. O Senhor Jesus pôde ressuscitar após a morte porque nele habitava a vida não-criada de Deus. Essa vida jamais pode ser destruída. Ela sempre emerge na glória e plenitude da ressurreição. Jesus derramou sua alma na morte e entregou seu espírito (no qual havia vida de Deus) nas mãos do Senhor. Pela morte, ele foi liberto da vida da alma, e a vida espiritual de Deus se manifestou nele em maior esplendor.

É realmente difícil compreender por que Deus, depois de nos transmitir sua vida, exige que morramos com Cristo, de modo que sua vida possa ressuscitar em nós. Todavia essa é a lei da vida, estabelecida pelo Senhor. E, depois que possuímos a vida de Deus, ele nos capacita a periodicamente passar pela morte, e continuar ressuscitando. Se continuamente perdermos, pela morte, a vida da alma, poderemos, também, pela ressurreição, estar sempre ganhando a vida de Deus, de modo mais abundante e glorioso.

O propósito de Deus é tirar a vida de nossa alma, pela morte, convivendo com a própria vida dele em nós. Sempre que a vida dele, que está em nós, ressuscita no nosso viver diário, nossa alma também ressuscita com ele, e produz fruto para a eternidade. Essa é uma das lições mais profundas na vida espiritual. Somente o Espírito Santo pode revelar-nos a necessidade da morte, bem como da ressurreição. Que o Espírito de revelação possa fazer-nos entender o quanto perderemos espiritualmente, se não odiarmos nossa vida natural, entregando-a à morte. Só poderemos produzir fruto espiritual e guardá-lo para a vida eterna, quando nossa alma, acompanhada da vida de Deus, que está em nós, passar pela morte e ressurreição.



capítulo

14

## OS CRENTES ESPIRITUAIS E A ALMA

### A DIVISÃO ENTRE O ESPÍRITO E A ALMA

Nosso extenso estudo da diferença entre o espírito e a alma, e a operação de cada um deles, nos traz agora a este ponto. O que deve causar apreensão ao crente que aspira por Deus é a atividade desordenada da alma que ultrapassar a medida estabelecida pelo Criador. O problema é que a alma dominou por tanto tempo, que até se atreve a assumir o encargo de realizar a consagração, buscando com isso agradar a Deus.

Muitos crentes não sabem como a operação da cruz deve ser drástica. Não entendem que precisam renunciar definitivamente ao seu poder vital natural. Não conhecem por experiência a atuação do Espírito Santo que neles habita. Não sabem que a autoridade dele deve se ampliar até que todos os pensamentos, desejos e sentimentos de todo o nosso ser se achem sob seu controle. Se o crente não tiver uma compreensão profunda disso, o Espírito Santo ficará sem condições de realizar tudo o que deseja. A maior tentação do crente diligente e zeloso é empregar a própria força no serviço de Deus, em vez de esperar humildemente o querer e realizar do Espírito Santo.

A cruz do Senhor Jesus nos conclama a odiar nossa vida natural, procurando oportunidades de perdê-la, e não de conservá-la. O Senhor quer que sacrificuemos o eu e nos rendamos totalmente à operação do seu Espírito. Para experimentarmos constantemente sua verdadeira vida, no poder do Espírito Santo e sob a liderança dele, devemos estar dispostos a entregar à morte as opiniões, esforços e pensamentos da vida da alma. O próprio Senhor Jesus menciona a questão de odiar ou amar a vida do ego. A alma, invariavelmente, "ama a si mesma". Se não abominarmos nossa vida natural, do fundo do coração, não poderemos viver realmente de acordo com a direção do Espírito Santo. Será que não entendemos que a condição básica para termos uma vida espiritual é temer nosso ego e a sabedoria que vem dele, e vivermos na dependência absoluta do Espírito?

Essa guerra entre a alma e o espírito é travada em secreto, no interior dos filhos de Deus, e não tem fim. A alma procura manter sua autoridade e agir independentemente, enquanto o espírito luta para possuir e dominar tudo, no sentido de manter a autoridade de Deus em nossa vida. A alma sempre tende a assumir a liderança em tudo, antes de o espírito conquistar essa ascendência. Se um crente permitir que o ego tenha o domínio, ao mesmo tempo em que espera que o Espírito Santo o ajude e o abençoe em seu trabalho, certamente não produzirá fruto espiritual. Os cristãos não podem esperar ter um viver e um trabalho que agrade a Deus, se não aniquilarem a vida da alma, negando-lhe sempre o controle de tudo, deixando-a incondicionalmente no pó. Se não entregarmos à cruz todo o poder, impaciência e atividade da vida natural, um de cada vez, e se não mantivermos uma vigilância constante, ela lançará mão de tudo ao seu alcance para voltar à existência. A razão de sofrermos tantas derrotas na esfera espiritual é que não aniquilamos totalmente esse setor da alma. Se os crentes não se despojarem da vida da alma entregando-a à morte, mas permitindo que ela se misture com o espírito, continuarão em derrota. Se nosso viver não manifesta exclusivamente o poder de Deus, logo será dominado pela sabedoria e opinião humanas.

Nossa vida natural é um tremendo obstáculo à espiritual. Não se satisfazendo nunca só com o que vem do Senhor, ela, invariavelmente, procura acrescentar algo para Deus. Por isso nunca está em paz. Enquanto o ego não é tocado, os filhos de Deus vivem guiados por estímulos e sensações que variam bastante. É por isso que sua existência é inconstante, cheia de altos e baixos. Por permitirem que a energia da alma (\*) se misture com as experiências espirituais, seus atos e atitudes são sempre instáveis. Conseqüentemente não se acham capacitados a liderar outros. Como não aniquilaram o poder da alma, este continuamente os impede de deixar que o espírito domine. Devido ao entusiasmo da emoção da alma (\*), o espírito perde bas-

tante em liberdade e sensação. A alegria e a tristeza podem ameaçar o autocontrole do crente, colocando a autoconsciência em alvoroço. Se a mente estiver excessivamente ativa, pode influenciar e perturbar a tranquilidade do espírito.

É bom admirar o conhecimento espiritual, mas, se ultrapassarmos os limites espirituais, o resultado será simplesmente "letra", e não "espírito". Isso explica por que vários obreiros, embora preguem a pura verdade bíblica, são tão frios e mortos. Muitos crentes, que buscam um viver espiritual, vivem uma experiência comum - lamentam que sua alma e espírito não sejam um. O pensamento, a vontade e as emoções de sua alma freqüentemente se rebelam contra o espírito, recusando-se a serem dirigidos por ele, e praticam ações independentes, contrárias ao espírito. Em situações desse tipo, a vida no espírito se acha fadada a sofrer perdas.

Admitindo-se essa condição no crente, o ensinamento de Hebreus 4.12 assume um significado extraordinário. Nesse texto, o Espírito Santo ensina como dividir o espírito e a alma, experimentalmente. Essa divisão não é mera doutrina. Antes de tudo, é uma vida, uma necessidade no viver cristão. O que significa isso? Significa, em primeiro lugar, que por sua Palavra, e através do Espírito que em nós habita, Deus capacita o cristão a distinguir, na prática, a operação e as expressões do espírito daquelas que são da alma. Assim o crente pode perceber o que é do espírito e o que é da alma.

Ademais, fazendo distinção entre esses dois elementos, o filho de Deus, com uma atitude voluntária, pode ter uma vida puramente espiritual, não obstruída pela alma. Em Hebreus 4, o Espírito Santo apresenta o ministério sumo sacerdotal do Senhor Jesus, mostrando o que essa função tem a ver conosco. No versículo 12, ele declara que "a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração". E no versículo 13, ele diz que "não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas". Desse modo, esses versículos mostram como o Senhor Jesus realiza sua função de sumo sacerdote no que se refere à nossa alma e espírito.

O Espírito Santo compara o crente a um holocausto depositado no altar. Nos tempos do Antigo Testamento, quando alguém apresentava uma oferta, amarrava o sacrifício ao altar. Em seguida, o sacerdote vinha e o imolava com uma faca afiada, partindo-o em dois, e penetrando até à divisão de juntas e medulas. Assim expunha, à vista, tudo o que antes estivera oculto. Posteriormente queimava-se o sacrifício, como

oferta a Deus. O Espírito Santo menciona esse cerimonial para ilustrar a obra que o Senhor Jesus realiza na vida dos crentes, bem como a experiência destes no Senhor. Assim como, no passado, o sacerdote cortava o sacrifício em pedaços, para expor e separar as juntas e medulas, da mesma forma, hoje, a Palavra de Deus, usada pelo nosso sumo sacerdote, o Senhor Jesus, divide a alma e o espírito do crente. O objetivo disso é que a alma não possa mais influenciar o espírito, nem o espírito estar sob a autoridade da alma. Assim, cada um ocupará o lugar que lhe é devido, sem nenhuma confusão.

Da mesma maneira que, por ocasião da criação, a Palavra de Deus operou para separar a luz das trevas, agora ela opera dentro de nós, como espada do Espírito, penetrando até à divisão do espírito e da alma. Assim, a mais sublime habitação de Deus - o nosso espírito - fica completamente separada dos vis desejos da alma. Por conseguinte passamos a entender melhor como nosso espírito é o lugar da habitação de Deus Espírito Santo. Vemos, também, que nossa alma, com toda sua energia, realmente deve realizar a vontade de Deus, revelada ao espírito humano pelo Espírito Santo. Portanto não pode haver nenhuma ação independente de nossa parte.

Assim como, no passado, o sacerdote dividia o sacrifício, da mesma forma, o nosso sumo sacerdote hoje separa nossa alma do espírito. A faca sacerdotal era extremamente aguçada, para poder cortar o sacrifício em dois, penetrando até ao ponto de separar partes tão unidas como juntas e medulas. Do mesmo modo, a Palavra de Deus, que o Senhor Jesus atualmente usa, é mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e é capaz de dividir completamente o espírito e a alma, por mais intimamente ligados que estejam.

A Palavra de Deus é "viva", pois tem um poder vivo. É "eficaz", porque sabe como operar. É "mais cortante do que qualquer espada de dois gumes", pois pode peneirar até o espírito. O ponto em que ela penetra é muito mais profundo do que a alma; alcança o interior do espírito. A Palavra de Deus conduz os crentes a uma esfera mais profunda do que a simplesmente sensorial. Ela o conduz ao plano do espírito eterno. Aqueles que desejam se firmar em Deus precisam experimentar esse "entrar" no espírito. Só o Espírito Santo pode nos ensinar o que é a vida da alma e o que é a do espírito. Somente depois que aprendermos a distinguir experimentalmente esses dois tipos de vida, e chegarmos a compreender seus respectivos valores, é que seremos libertos de um viver superficial, frouxo e baseado em sensações. Aí entraremos no que é profundo, firme e espiritual. Só então chegamos ao descanso. A vida da alma jamais pode nos conceder descanso. Estejamos, porém, atentos a um fato. Isso é algo para ser experimentado. Se meramente o compreendermos com a mente, nos torna-

remos ainda mais dependentes da alma (\*\*).

Precisamos analisar bem esse "penetrar" e "dividir". A Palavra de Deus mergulha, tanto na alma como no espírito, a fim de separar um do outro. Quando o Senhor Jesus foi crucificado, perfuraram-lhe as mãos, o lado e os pés. Será que estamos dispostos a deixar a cruz operar em nossa alma e espírito? Uma espada atravessou a alma de Maria (Lc 2.35). Embora o "Filho" dela lhe tivesse sido dado por Deus, o Senhor exigiu que ela o deixasse e renunciasse a toda autoridade e domínio sobre ele. Embora sua alma almejasse apegar-se tenazmente a Jesus, Maria teve de dizer "não" à sua afeição natural.

A divisão da alma e espírito não significa apenas separação, mas também a abertura de uma fenda na própria alma. Como o espírito se acha envolvido pela alma, a Palavra da vida só poderá chegar até ele fazendo-se uma rachadura na casca. A Palavra da cruz penetra em nós abrindo um caminho na alma, a fim de que a vida de Deus possa chegar ao espírito lá dentro, libertando-o da prisão em que se encontra, isto é, dentro da casca da alma (\*\*). Ao receber a marca da cruz, a alma agora pode assumir sua posição correta: de sujeição ao espírito. Se, porém, ela não se tornar uma "estrada" para o espírito, certamente acabará sendo uma prisão para ele. Os dois jamais estarão de acordo em nenhum assunto. Se o espírito não assumir seu lugar certo, que é de preeminência, a alma lhe resistirá constantemente. Enquanto ele estiver lutando para obter a liberdade e a posição de domínio, o forte poder da alma empregará o máximo de sua força para sufocá-lo. Só depois que a cruz realizar sua obra na vida da alma (\*\*) é que o espírito se libertará. Se permanecermos ignorantes do prejuízo que essa discórdia entre espírito e alma pode nos trazer, ou se continuarmos relutantes em abandonar o prazer de uma vida sensual, dificilmente obteremos crescimento espiritual. Se a cerca constituída pela alma não for derrubada, o espírito não poderá ser liberto.

Depois de estudar cuidadosamente o ensino desse texto das Escrituras, podemos concluir que a divisão entre o espírito e a alma gira em torno de dois fatores: a cruz e a Palavra de Deus. Para que o sacerdote pudesse imolar o sacrifício, a pessoa tinha de colocá-lo sobre o altar. No Antigo Testamento, o altar simboliza a cruz do Novo Testamento. Os crentes não podem esperar que seu sumo sacerdote maneje a afiada espada de Deus, a sua Palavra, que penetra até à divisão da alma e espírito, a não ser que primeiro estejam dispostos a ir à cruz e a aceitar a própria morte. Para que ele crave a espada, é preciso antes estar no altar. Portanto todos os que desejam experimentar a separação da alma e do espírito devem atender ao chamado do Senhor para ir ao Calvário e prostrar-se incondicionalmente sobre o altar. Assim poderá ter certeza de que o sumo sacerdote usará sua espada afiada para

separar seu espírito da alma. Colocar-nos sobre o altar é fazer uma oferta voluntária e agradável de nossa vida a Deus. Usar a espada para dividir, é atribuição do sacerdote. Devemos cumprir nossa parte com toda a fidelidade, deixando o resto com nosso misericordioso e fiel sumo sacerdote. E no tempo apropriado, ele nos conduzirá a uma completa experiência espiritual.

Precisamos seguir o exemplo do Senhor. Quando Jesus estava na cruz, ele derramou sua alma na morte (Is 53.12), mas entregou seu espírito a Deus (Lc 23.46). Hoje nós também devemos fazer o que ele já fez. Se derrarmos a vida da alma na morte e entregarmos nosso espírito a Deus, também nós conheceremos o poder da ressurreição, e desfrutaremos de um perfeito viver espiritual, na glória da ressurreição.

## A PRÁTICA

Acabamos de ver como o sumo sacerdote opera, se aceitarmos a cruz. Agora então, vamos considerar o aspecto prático, isto é, como poderemos obter a experiência de ver nossa alma separada do espírito, pelo Senhor Jesus.

1. *Saber que é preciso separar o espírito da alma.* Sem saber isso, ninguém vai fazer um pedido desse. Os cristãos devem suplicar ao Senhor para lhes mostrar como é odiosa uma vida em que a alma se acha misturada ao espírito, é revelar-lhes também a realidade de um viver mais profundo em Deus, que é totalmente do espírito, sem a intervenção da alma. Precisam entender que a vida mesclada é cheia de frustrações.

2. *Pedir que a alma seja separada do espírito.* Depois de saber, o crente precisa ter um desejo sincero no coração, e pedir que essa alma e espírito que se acham unidos sejam separados. A questão aí depende da vontade humana. Se os crentes preferirem desfrutar daquilo que eles mesmos consideram uma vida melhor, e não desejarem que a alma se separe do espírito, Deus respeitará sua liberdade pessoal, sem forçá-los a experimentar essa realidade.

3. *Render-se especificamente.* Se os crentes desejarem de fato a separação entre a alma e o espírito, devem colocar-se no altar da cruz, de forma específica. Precisam estar dispostos a aceitar completamente todas as conseqüências da operação da cruz, e conformar-se à morte do Senhor. Para que a alma se separe do espírito, os crentes precisam sujeitar sua vontade, contínua e incessantemente, a Deus, e tomar a decisão de que ele opere essa separação. E, enquanto o sumo sacerdote a estiver realizando, o desejo de seu coração deve ser que ele vá até ao fim, e não pare.

4. *Permanecer fiel ao mandamento de Romanos 6.11.* Os filhos de Deus precisam vigiar para que, ao buscar a separação entre a alma e o espírito, não voltem ao pecado. Lembremo-nos de que essa separação



ocorre depois que morremos para o pecado. Por isso devemos manter diariamente a atitude de Romanos 6.11, considerando-nos verdadeiramente mortos para ele. Além disso, precisamos obedecer firmemente à recomendação de Romanos 6.12, não permitindo que o pecado reine em nosso corpo mortal. Com essa atitude, removeremos de nossa vida natural as oportunidades para pecarmos através do corpo.

5. *Orar e estudar a Bíblia.* Os crentes devem examinar a Bíblia com oração e meditação. Devem permitir que a Palavra de Deus penetre completamente em sua alma, a fim de purificar sua vida natural. Se eles de fato fizerem o que Deus diz, a vida de sua alma não poderá prosseguir livremente com sua atividade. Esse é o significado de 1 Pedro 1.22: "Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade".

6. *Tomar a cruz diariamente.* Como o Senhor deseja separar nosso espírito da alma, ele coloca cruzes em nosso viver diário, para que possamos carregá-las. Ter uma vida espiritual é tomar a cruz a cada dia, negar o ego o tempo todo, não dispor nada para a carne (Rm 13.14), nem mesmo por um momento, e poder identificar pelo Espírito Santo, constantemente, quais são as atividades da alma. Por meio de uma fiel obediência, o Senhor operará a divisão entre a alma e o espírito, para podermos experimentar um viver espiritual puro.

7. *Viver segundo o espírito.* Isso é condição, não apenas para nos preservarmos, mas também para obtermos uma completa separação entre espírito e alma. Devemos procurar andar por nosso espírito em todos os sentidos, distinguindo o que é do espírito daquilo que é da alma. Temos ainda de tomar a resolução de seguir o primeiro e rejeitar o último. Aprendamos a reconhecer a operação do espírito e a segui-lo.

São essas as condições que nos cabe cumprir. O Espírito Santo requer nossa cooperação. Se não fizermos nossa parte, o Senhor não poderá fazer a dele. Se, porém, cumprirmos nossa responsabilidade, nosso sumo sacerdote separará nosso espírito de nossa alma, com a espada cortante do seu Espírito, pelo poder da sua cruz. Tudo aquilo que pertence às emoções, às sensações, à mente e à energia natural deve ser separado do espírito, uma coisa de cada vez, a fim de não ficar nenhum vestígio de união. Nossa parte é colocar-nos sobre o altar. A do sumo sacerdote é separar a alma do espírito, com a faca bem afiada. Se realmente nos entregarmos à cruz, nosso sumo sacerdote executará seu ministério, separando nosso espírito de nossa alma. E nós não precisamos nos preocupar com a parte dele. A partir do momento em que cumprirmos os requisitos para que o Senhor opere, na hora certa ele separará nosso espírito de nossa alma.

Aqueles que já compreenderam os perigos ineren-

tes à união indevida desses dois elementos, certamente buscarão o livramento. O caminho está aberto, o que não significa, porém, que ele não apresente certas dificuldades. Os crentes devem perseverar em oração. Devem pedir a Deus que eles possam ver claramente seu estado lamentável e compreender como o Espírito habita neles, bem como a forma como ele opera e quais são suas exigências. Precisam conhecer o mistério e a realidade de que o Espírito Santo habita neles. Possam eles honrar essa santa presença em seu ser. Possam eles ter cuidado para não entristecê-lo. Que eles possam entender que, além do pecado, o que mais o entristece, e também o que mais profundamente nos prejudica, é andarmos e agirmos segundo nossa vida. O pecado inicial e básico do homem foi buscar o que é bom, sábio e intelectual, segundo o seu entendimento. E os filhos de Deus, hoje, cometem o mesmo erro.

A verdade é que precisamos reconhecer que, desde que cremos no Senhor e o Espírito Santo passou a habitar em nós, devemos dar-lhe completa autoridade sobre nossa alma. Ou será que pensamos que, por termos orado e pedido ao Espírito Santo que nos revele sua mente e opere em nós, isso ocorrerá exatamente conforme pedimos? Tal suposição é falsa. Se quisermos que o Espírito Santo realize a obra, precisamos atender a dois requisitos. Temos de entregar à morte, específica e diariamente, a nossa vida natural, bem como seu ego, seu poder, sabedoria e sensações. E temos, também, de desejar sinceramente, com nossa mente e vontade, obedecer ao Espírito Santo e depender só dele.

O povo de Deus precisa entender que é a Palavra do Senhor que separa a alma do espírito. O Senhor Jesus é, ele mesmo, a Palavra Viva de Deus. Por isso é ele quem efetua essa divisão. Será que estamos dispostos a deixar que sua vida e sua obra consumada separem nossa alma de nosso espírito? Iremos deixar que sua vida encha nosso espírito, de tal modo que a vida da alma seja anulada? A Bíblia é a Palavra de Deus escrita. O Senhor Jesus usa os ensinamentos dela para separar nossa alma do nosso espírito. Estamos desejosos de seguir a verdade? Estamos prontos a fazer o que as Escrituras ensinam? Podemos obedecer ao Senhor, de acordo com o ensino das Escrituras, sem também introduzir nossa opinião? Consideramos a autoridade da Bíblia suficiente em si, não precisando de ajuda humana em nossa obediência? Se desejarmos ter uma verdadeira vida espiritual, devemos obedecer ao Senhor em tudo que ele nos ensina em sua Palavra. Ela é a espada eficaz que pode separar nossa alma do espírito.

## A ALMA SOB O CONTROLE DO ESPÍRITO

Bem no início deste volume comparamos o nosso ser total - espírito, alma e corpo - ao antigo templo judaico em que Deus habitava. O Senhor habita no

Santo dos Santos. Entre este e o Santo Lugar, há um véu. Esse véu parece ocultar a glória e a presença de Deus dentro do Santo dos Santos, impedindo-as de chegar ao Santo Lugar. Naquela época, os homens podiam conhecer apenas o que havia do lado de fora do véu, isto é, no Santo Lugar. Somente pela fé é que eles podiam sentir a presença de Deus em sua vida exterior.

Entretanto esse véu teve existência temporária. No tempo designado, quando a carne do Senhor (que é a realidade do véu, conforme Hebreus 10.20) foi sacrificada na cruz, o véu se rasgou de alto a baixo. Então a separação existente entre o Santo dos Santos e o Santo Lugar foi removida. O propósito de Deus não era habitar permanentemente só no Santo dos Santos. Pelo contrário, ele desejava estender sua presença ao Santo Lugar também. Ele estava esperando apenas que a obra da cruz se completasse, pois só a cruz pode rasgar o véu e permitir que a glória de Deus resplandeça fora do Santo dos Santos.

Deus quer que seus filhos hoje provem, em seu espírito e alma, algo semelhante a essa experiência ocorrida no templo. Para isso, é necessário que a cruz tenha permissão para aperfeiçoar sua obra neles. Quando os crentes obedecem de boa vontade ao Espírito Santo, a comunhão entre o Santo Lugar e o Santo dos Santos torna-se cada vez mais profunda, ao ponto de eles experimentarem uma grande mudança. E a cruz que rasga o véu. Ela opera na vida do crente de forma a rasgar o véu existente entre seu espírito e sua alma. Assim a vida natural renuncia à sua independência, e passa a depender do espírito, do qual recebe orientação e suprimentos.

O véu foi rasgado, "em duas partes, de *alto* a baixo" (Mc 15.38). Essa ação deve ser de Deus, e não do homem. Quando a obra da cruz é consumada, o Senhor rasga o véu. Isso é algo que não se consegue por esforço, nem por força, nem por súplica. No momento em que a cruz realiza sua tarefa, aí então o véu é rasgado. Portanto renovemos nossa consagração a Deus, oferecendo-nos a ele sem reservas. Estejamos dispostos a entregar à morte a vida da nossa alma, para que o Senhor, que habita no Santo dos Santos, possa concluir sua obra. Se ele constatar que a cruz operou suficientemente em nossa vida, por certo unirá o Santo dos Santos e o Santo Lugar dentro de nós, da mesma forma como fez séculos atrás, rasgando o véu pelo seu poder, para que seu Santo Espírito pudesse brotar do seu corpo glorioso.

Assim, a glória existente no esconderijo do Altíssimo suplantar a vida dos sentidos, que experimentamos todo dia. Todo o nosso viver e a nossa obra no Santo Lugar serão santificados pela glória do Santo dos Santos. E nossa alma será como nosso espírito: a habitação do Espírito Santo de Deus, por ele governada. Ele encherá nossa mente, emoções e vontade.

Assim passamos a conhecer e a experimentar também na alma, sem nada faltar nem perder, algo que antes possuíamos no espírito, pela fé. E que vida abençoada essa! "E a glória do Senhor encheu a casa. Os sacerdotes não podiam entrar na Casa do Senhor, porque a glória do Senhor tinha enchido a Casa do Senhor." (2 Cr 7.1,2.) Por mais agradáveis que nossas atividades no serviço sacerdotal, do Santo Lugar, possam parecer, todas elas cessarão diante da gloriosa luz de Deus. Daí em diante, a glória dele passa a governar tudo. Não mais adoramos a atividade carnal.

E com isso chegamos a outro aspecto da separação entre o espírito e a alma, igualmente importante. No tocante ao grau de influência da alma sobre o espírito, bem como do controle que ela exerce sobre este, a obra da cruz tem por objetivo separar os dois. Já no tocante ao fato de o espírito governar, a cruz opera no sentido de obter a rendição da alma. Esta tem de abrir mão de sua independência para que possa se harmonizar completamente com o espírito. Nesse aspecto, os crentes devem buscar a experiência em que o espírito e a alma se tornem um. Se permitíssemos que a cruz e o Espírito Santo operassem em nós de maneira completa, descobriríamos que os "bens" aos quais a alma renunciou constituem apenas uma fração do que ela ganha no final. Aquilo que morreu passa a dar fruto; o que perdeu agora está guardado para a vida eterna.

Quando a alma fica submetida ao controle do espírito, sofre uma grande mudança. Antes, ela parecia inútil e perdida para Deus, pois se achava a serviço do ego, e sempre agia de forma independente. Agora, Deus tem a posse dela, embora ao homem pareça que ela foi esmagada. Tornamo-nos como aqueles que são "da fé, para a conservação da alma" (Hb 10.39). Essa condição é bem mais profunda do que a que em geral chamamos de "salvo", porque aponta principalmente para uma vida. Como já aprendemos a não andar pela vista, nem pelos sentidos, podemos salvar nossa vida pela fé, servindo e glorificando a Deus. "Acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma." (Tg 1.21.) Quando a Palavra de Deus é implantada, recebemos a nova natureza dela, tornando-nos, assim, capacitados a produzir fruto. Obtemos a vida da Palavra que vem da Palavra da vida. Embora as funções da alma ainda permaneçam, já não funcionam por meio de sua força, mas pelo poder da Palavra de Deus. E nisso que consiste "a salvação da vossa alma" (1 Pe 1.9).

Os nervos humanos são por demais sensíveis, sendo facilmente influenciados por estímulos exteriores. Palavras, atos, circunstâncias e sentimentos nos afetam grandemente. Nossa mente se ocupa com tantos pensamentos, tantos planos e tanta imaginação, que se torna um mundo confuso. Nossa vontade se agita para praticar inúmeras ações, segundo nossos vários delei-

tes. Nenhuma das funções da alma pode nos conduzir à paz. Individualmente ou em conjunto, elas nos perturbam, nos confundem, e nos levam de um lado para outro. Quando, porém, nossa alma passa a ser dirigida pelo espírito, podemos libertar-nos dessas perturbações. O Senhor Jesus roga: "Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma" (Mt 11.29). Quando estamos inclinados a submeter-nos ao Senhor, a tomar seu jugo e a segui-lo, nossa alma não se agita desordenadamente. Se aprendermos dele, e agirmos como ele, que mesmo desprezado pelos homens, continuava a fazer a vontade de Deus e não a sua, nossa alma retornará à tranqüilidade. A causa do nosso sofrimento interior está no fato de não sermos dóceis ao ser tratados por Deus, como Jesus o foi. Nosso problema é que detestamos nos submeter à vontade e à ordenação divina. Se entregássemos nossas energias naturais à morte, se nos rendêssemos inteiramente ao Senhor, nossa alma, embora sendo muito sensível, descansaria em Deus e não interpretaria de forma errada os atos dele.

A alma que se coloca sob a autoridade do Espírito Santo descansa. Antes, fazíamos planos febrilmente. Hoje, calmamente, esperamos no Senhor. Antes, transbordávamos de ansiedade. Hoje, somos como uma criança que repousa no colo da mãe. Antes, nutríamos muitas idéias e ambições. Hoje, entendemos que a vontade de Deus é o melhor para nós, por isso descansamos nele. Quando obedecemos ao Senhor de modo pleno, regozijamo-nos de todo o coração. A consagração completa resulta em perfeita paz. "Como servos de Cristo, fazendo, da alma, a vontade de Deus." (Ef. 6.6 - Darby.) Não precisamos depender da alma para fazermos a vontade de Deus, mas a realizamos com a alma, isto é, de todo o coração. A alma que antes se rebelara contra o desejo do Senhor, agora, por meio da operação da cruz, acha-se inteiramente rendida a ele. Anteriormente ela fazia o próprio querer, ou então tentava realizar a vontade de Deus de acordo com seu entendimento, agora é um só coração com o Senhor, em tudo.

A alma que se encontra sob o controle do Espírito Santo nunca se preocupa consigo mesma. "Não andeis ansiosos pela vossa vida" (no original, "alma", Mt. 6.25). Hoje, buscamos em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, porque cremos que ele suprirá nossas necessidades diárias. Assim, a alma que é tocada pela cruz, por meio do Espírito Santo, não pode mais estar ansiosa consigo mesma. A autoconsciência é a principal expressão da alma. Os crentes, porém, unem seu ego com Deus, e por isso podem confiar totalmente nele. Todos os aspectos e obras da alma, inclusive o amor-próprio, o egoísmo e o orgulho, foram de tal forma eliminados, que esse crente deixou de ser egocêntrico.

Depois que a cruz efetua sua obra em nós, deixamos de fazer planos para nós mesmos. Em vez de ficarmos ansiosos, buscamos, com serenidade, o reino de Deus e a sua justiça. Sabemos que, se cuidarmos dos interesses do Senhor, ele cuidará dos nossos. Antes, nos maravilhávamos diante dos milagres de Deus. Agora, vivemos pelo Deus dos milagres, e sabemos, por experiência, como ele supre cada necessidade. Tudo isso flui naturalmente, já que o poder do Senhor nos está sustentando. Os cuidados desta vida surgem como fatos realmente insignificantes ao longo do nosso viver diário.

"Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao fiel Criador." (1 Pe 4.19.) Muitos conhecem a Deus como Criador, mas, não, como Pai. Os crentes, porém, devem conhecê-lo não apenas como Pai, mas também como Criador. Como Criador, Deus revela seu poder. Desse modo, entendemos e reconhecemos que todo o Universo está de fato em suas mãos. Anteriormente, era muito difícil crermos que os elementos do mundo só se moviam de acordo com a vontade divina. Agora, porém, sabemos com certeza que todos os elementos do Universo - sejam eles humanos, naturais ou sobrenaturais - acham-se debaixo de seu olhar atento e de sua ordenação inteligente. Agora reconhecemos que tudo chega até nós através de sua ordem ou de sua permissão. A alma controlada pelo Espírito Santo é uma alma que confia.

Nossa alma deve desejar o Senhor, e também confiar nele. "A minha alma apega-se a ti." (SI 63.8.) Já não ousamos ser independentes de Deus. Tampouco nos atrevemos a servir ao Senhor segundo os desígnios de nossa alma. Pelo contrário, hoje o seguimos com temor e tremor, e o seguimos bem de perto. Nossa alma apega-se genuinamente ao Senhor. Já não há ação independente, mas uma entrega total a ele. E não é por compulsão que fazemos isso. É uma atitude que tomamos com alegria. Daqui por diante, é a nossa vida que odiamos, e é ao Senhor que amamos de todo o coração.

Tais crentes são levados a expressar o clamor de Maria: "A minha alma engrandece ao Senhor" (Lc 1.46). Já não se consideram importantes, seja em público, seja em particular. Eles reconhecem e admitem sua incapacidade, e só desejam exaltar ao Senhor com humildade de coração. Não mais furtarão a glória de Deus, antes o engrandecerão em sua alma. E que, se não engrandecermos o Senhor em nossa alma, não o engrandeceremos de nenhum outro modo.

Esses são os únicos que não consideram sua vida (no original, alma) preciosa para si mesmo (At 20.24) e podem dar a vida (no original, alma) pelos irmãos (1 Jo 3.16). Se o crente não abandonar o amor-próprio, toda vez que for chamado a tomar a cruz por amor a Cristo, ele se retrairá. Aquele que tem uma

vida de mártir e está disposto a pregar seu ego na cruz, também será capaz de morrer como mártir, caso surja a necessidade. Esse crente pode dar a vida por um irmão, porque, no viver diário, ele costuma praticar a autonegação constante, sem buscar seus direitos ou seu conforto. Ele já abre mão de sua alma pelos irmãos. O verdadeiro amor para com o Senhor e para com os irmãos nasce quando não temos amor pelo ego. Ele "me amou" e "se entregou por mim" (Gl 2.20). O amor flui quando renunciamos à vida do ego. O derramamento de sangue é a fonte de bênção.

Em verdade, essa é uma vida próspera, conforme está escrito: "tua alma prospera" (3 Jo 2 - Darby). Essa prosperidade se baseia não naquilo que o ego conquistou, mas naquilo a que ele renunciou. "Perder" a alma não significa ter uma vida perdida, pois perdemos nossa alma em Deus. A vida da alma é egoísta, por isso ela nos prende. Contudo a alma que renuncia à sua vida habita na imensidão da vida de Deus. Isso é liberdade, é prosperidade. Quanto mais perdermos, tanto mais ganharemos. Nossas possessões não se medem pelo muito que recebemos, mas pela quantidade daquilo que damos. E que vida frutífera é essa!

Entretanto abandonar a vida da alma não é tão fácil quanto nos livrar do pecado. Ela é a *nossa vida*. Por isso, trata-se de fazermos uma decisão diária de não viver por *ela*, mas pela vida de Deus. Precisamos tomar a cruz fielmente, e cada vez de forma mais profunda. Contemplemos o Senhor Jesus, o qual "suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia". "Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição... para que não vos fatigueis, desmaiando em vossa alma" (Hb 12.2,3). Então a carreira que está posta diante de nós é esta: não fazer caso da ignomínia e suportar a cruz de Cristo.

"Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome." (Sl 103.1.)